

Amazônia de Euclides da Cunha e Mário de Andrade:
Perspectivas ecológicas “*Beyond Fordlândia*”

By

Marcos A. Colón

Doctor of Philosophy

(Portuguese)

At the

UNIVERSITY OF WISCONSIN-MADISON

2019

Date of the final oral examination: 05/07/19

The dissertation is approved by the following members of the Final Oral Committee:

Professor Ellen Sapega, Professor, Portuguese

Professor Kathryn Sánchez, Professor, Portuguese

Professor Alberto Vargas, Associate Director, LACIS

Professor James Sweet, Professor, History

Professor Leopoldo Bernucci, Professor, Spanish and Portuguese (UC Davis)

© Copyright by Marcos A. Colón, 2019

All Rights Reserved

Para Ambrosina Paulina da Silva,
nordestina, piauiense, quebradeira de coco, contadora de histórias e minha avó.

In memoriam

Se não houver frutos / Valeu a beleza das flores
Se não houver flores / Valeu a sombra das folhas
Se não houver folhas / Valeu a intenção da semente.

—Mauricio Francisco Ceolin

“Mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento;
permanecem soterradas, petrificadas, em estado latente, para depois,
em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens
que o tempo dissipou. E o tempo, que nos faz esquecer, também é cúmplice delas.
Só o tempo transforma nossos sentimentos em palavras mais verdadeiras.

—Milton Hatoum, *Dois irmãos*

Sumário	
Agradecimentos	iii
Abstract	vi
Introdução: Amazônia em tempos modernos	1
Take i – Novos roteiros	1
Take ii – Mapeando o território das ideias	7
Take iii – Vetores ecocríticos	10
Take iv – Natureza&Cultura	15
Take v – Elucubrações Teóricas - Bruno Latour	22
Take vi – Perspectivismo ameríndio – Eduardo Viveiros de Castro	28
Take vii – <i>Slow Violence</i> – Rob Nixon	31
Take viii – Capítulos reviews	33
Chapter 1	37
“Tropi-ecologia” de Euclides da Cunha	37
Genético & ecológico	43
Crítica e releitura	47
Lampejos ambientais	52
<i>Tropi-ecologia</i> euclidiana	56
Chapter 2	68
“Rapsódia ecológica” de Mário de Andrade	68
Ecocrítica e sua abordagem	69
Processo criativo mariodeandradiano	74
Aproximações com o discurso científico	76
Da imaginação científica à imaginação literária	77
<i>Macunaima</i> : natureza sem caráter	83
Chapter 3	94
Slow violence e slow seeing: conexões e sentido em Beyond Fordlândia	94
Conceitos e categorias: percepção do olhar	97
Estradas imaginárias e literais	101
Impressões de viagem	105
Olhar lentamente	110
Take final: Conclusão	119
Obras citadas	144
Anexos	155

Agradecimentos

Graças ao empenho, apoio e vontade dos membros do meu comitê: professores Ellen Sapega, Kathryn Sanchez, Alberto Vargas, James Sweet e Leopoldo Bernucci, esta tese se concretiza. Obrigado Ellen, pelo incentivo, pelas palavras de apoio, por sua leitura apurada e *feedback* valioso para o progresso da minha narrativa; e simplesmente sua disponibilidade em me ouvir. Kathryn, obrigado por ter acreditado no projeto, pelo seu rigor crítico na leitura do meu trabalho, suas dicas perspicazes e certeiras e por se lembrar de trazer o delicioso bombom de cupuaçu de Santarém para mim. Alberto, obrigado pelo seu auxílio quando este projeto ainda não tinha forma, mas era apenas um rabisco. Sou grato pelo seu sorriso de incentivo e conforto a cada momento de agrura pelo qual tive de passar, e foram muitos; obrigado por seus conselhos, encorajamentos e recomendações ao longo da urdidura da tese. Professor Sweet, obrigado por fazer parte da minha história em UW-Madison. Lembro que o primeiro curso que tomei em Madison (um curso sobre a revolução haitiana) foi com você, e agora encerro esta caminhada também com você; um agradecimento todo especial pelo apoio na reta final deste projeto. Leopoldo, obrigado por sua perspicácia de leitura nas muitas conversas que mantivemos pessoalmente em Madison, Davis, nos e-mails ou pelo telefone, e por sempre me desafiar a pensar com mais rigor, mostrando-me maneiras de ver aquilo que nunca me ocorrera antes. Sou profundamente grato a todos vocês, não apenas por fazerem parte do meu comitê de dissertação, mas por serem mestres em suas respectivas áreas de especialidade que forjaram e moldaram a maneira como estudo o meu próprio campo disciplinar. Acima de tudo, agradeço por acreditarem neste projeto e em mim.

Agradeço a Deus, pois Ele é o Alfa e Ômega e durante este árduo trabalho me mostrou que a vida vale muito mais que a letra morta. Gostaria de agradecer à minha família pelo apoio e

incentivo: à Chabela, minha amada esposa, pelo calor do seu amor em momentos de muito “frio” em Madison; aos meus pais, Mariana e Edelmiro Colón; minha tia, Maria Lina, meus sogros, Máximo e Magda; meus mestres de sempre Paulo César e Edison pelo carinho e encorajamento que me sustentam. A todos *los hermanos* da igreja em Madison pelo suporte físico e espiritual.

Também gostaria de agradecer a todos os professores da Universidade de Wisconsin-Madison que me inspiraram e ajudaram ao longo do caminho e compartilharam suas áreas de conhecimento e interesse comigo em suas aulas ou ao trabalhar com eles, especialmente Severino Albuquerque, Mary Lou Daniel, Rob Nixon, Willian Cronon, Elizabeth Hennessy e a David Hildner, a quem serei sempre grato pela primorosa narração no documentário *Beyond Fordlândia*.

Este trabalho é devedor de muitas conversas, troca de afetos, viagens e encontros que atribuíram sentido ao labor solitário da escrita e da pesquisa. Sem o apoio emocional, acompanhado de críticas e aguçadas leituras desde seus primeiros esboços, essa travessia não teria sido feita. Minha experiência em Madison foi singular pela presença de amigos que me ajudaram a percorrer essa maratona com a doçura intelectual de suas amizades. Gostaria de agradecer especialmente a Alec e Marian Schumacher, Chenxi Fu, Jared Hendrickson, Thomas Noel, Joe Patteson, Daniel Ares López, Belen Llorens, Brian Hamilton, Kate Wersan, Rachel Gross, Spring Greeney, Peter Boger, Anthony Medrano e Alexandre Cardoso por sempre estarem prontos a ouvir um amigo *in times of need*.

Minha jornada intelectual na Amazônia foi enriquecida pela companhia de amigos e mentores que fizeram minha experiência na floresta menos dolorosa e mais reveladora da riqueza cultural e humana da região. Gostaria de agradecer especialmente ao departamento Sociedade e Cultura da Universidade Federal Amazonas (UFAM), aos professores da Universidade Federal do Pará (UFPA). À equipe do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), em especial à professora

Telê Ancona Lopez, Marcos Antônio Moraes e Flávio Camargo Toni, por toda acolhida e acesso que me foram facilitados na pauliceia. Aos amigos do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas IGHA, em especial aos professores Marcus Barros, Marilene Correa e Ednea Mascarenhas, assim como a todos os alunos do programa Sociedade e Cultura que me acolheram nos cursos que ali ministrei e de quem guardo indelévels memórias. Um obrigadão especial a professora Camila do Valle e Vinicius Carvalho por compartilharem no entrecruzar de amizades sua dedicação e paixão intelectual aos povos da floresta.

Deixo registrada minha enorme gratidão aos 305 remanescentes da etnia Zoé, por terem me permitido enxergar outra forma de relacionamento do homem com a floresta: a todos vocês minha eterna dívida de gratidão. À Erik Jennings e família (Cris, Leo, Bê e Pinha) nossas vidas estão entrelaçadas pelo amor à floresta e seus povos. Dona Dercy Godinho, *Beyond Fordlândia* não seria possível sem a força da sua voz. Sua partida não apaga os laços de afetos que nos uniram e seguirão me impulsionando a lutar como você fez até a última hora. Para você dedico cada palavra deste trabalho. Um imprescindível agradecimento a Joaquim Rodrigues de Melo pelos itens bibliográficos facilitados. Fernando Monte-Serrat, Jonab Gama, Edward Layland, Joe Jackson, Cassia Borges, Leonor Farias e Ana Amado serei sempre grato pela dedicação e suporte *beyond* linguístico de cada um de vocês. Um *thank you very much* mais que especial a Bernie Weisblum, David e Betsy Worstell, Salvador e Sara Franco, Simon Silver pelo apoio imensurável que me outorgaram.

Sou muito grato ao Departamento de Espanhol e Português, ao Center for Culture, History and Environment (CHE), ao LACIS e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo suporte financeiro seja na forma de TA, bolsas de estudos ou fundos de viagens. O apoio financeiro provido me sustentou durante minha permanência na pós-graduação e foi indispensável para que eu concluísse este projeto.

Abstract

A tese “Amazônia de Euclides da Cunha e Mário de Andrade: perspectivas ecológicas ‘*Beyond Fordlândia*,’” reposiciona os escritos amazônicos desses autores, ampliando a discussão ambiental pela perspectiva ecocrítica e apresenta o documento fílmico *Beyond Fordlândia* (2017), repensando a relações atuais que compõem a Amazônia brasileira. Conclui-se que reconsiderar o par conceitual natureza/cultura permite-nos interpretar o Brasil pela Amazônia, estabelecendo conexões entre projetos predatórios e impactos ambientais do hoje e do ontem. Permite-nos também examinar narrativas sobre a Amazônia fora do senso comum e perceber perspectivas atravessadas por figuras retóricas caducas. Esses são os objetivos que confirmam a hipótese da presença de um pensamento ecológico nas narrativas de Euclides da Cunha e Mário de Andrade. Tais figuras documentam, informam e registram para arquivar, perpetuar e obstaculizar novas epistemologias sobre a região. A ecocrítica guia a discussão, trazendo à superfície das narrativas analisadas preocupações, temas e questões amazônicas que revelam pluralidade de sujeitos afetados pela violência lenta no cenário da *Antropocene*. O conceito *slow violence* e as categorias analíticas de *slow seeing*, *tropi-ecologia* e *rapsódia ecológica* são chaves interpretativas que fomentam a compreensão dessa abordagem, buscando estabelecer conexões entre projetos predatórios e impactos ambientais do ontem na Amazônia com a tecnologia industrial e o agronegócio de hoje, implantados ali.

A leitura fílmica em *Beyond Fordlândia* faz essas conexões, recuperando a voz local invisibilizada ou esquecida pela história ao debater memórias presentes nas ruínas ambientais e humanas que não viraram lição. *Beyond Fordlândia* pauta o momento atual (2019) da floresta, que assiste a propostas de modernização conservadora incapazes de compreender que a Amazônia—em toda a sua diversidade social, cultural e biológica—possui linguagem, caminhos e sonhos próprios. Observa-se que a dinâmica ecológica da Amazônia não pode ser separada da história humana e cultural que a forjou. Antes, deveria ser símbolo de respeito e valorização das culturas, saberes e modos de vida dos povos tradicionais, e referência para conservação e restauração dos recursos naturais, dada sua importância regional e global. Os artefatos literários e científicos dos autores estudados almejam dar conta da representação/configuração de Brasil que retrate a geografia amazônica sem se esquecer dos agentes humanos (índios, caucheiros, seringueiros, ribeirinhos e quilombolas) e não-humanos que a ocupam.

Introdução: Amazônia em tempos modernos

Bom Jardim, 15 de janeiro.

“Tenho tentado obter aqui algumas informações sobre a empreitada de Ford na Amazônia, porém consegui, mas é quase nada. De fato, a repercussão desse mais que perigoso sintoma do imperialismo ianque foi quase nula aqui no Norte. As empresas industriais são aqui as norte-americanas, pois Antônio Bento de Araújo Lima considera que ‘a vinda da Empresa Ford para as terras do Pará vem marcar o começo duma nova época para o norte do Brasil’. Os nortistas achavam isso também, mas parece que já estão um bocado desiludidos. Pelo menos foi o que me falou um capitalista paraense a bordo de Manaus. Achava que o procedimento de Ford não passara duma ‘fita’ prá quebrar os planos ingleses e baixar o preço da borracha indiana. Esta baixou de fato, e Ford se abastecera por três anos. E ainda acusava o ricaço de já estar torcendo o contrato pois, em vez de principiari o hospital a que se obrigara, tinha se limitado a enviar para possessão norte-americana que conquistara no Brasil um navio hospital... Mas, por mim, acho cedo pro paraense se desiludir... Ele que se prepare *pra ter junto com todos os brasileiros uma desilusão mais vasta*. E sem presumíveis Sandinos...”
[grifo nosso]

—Mário de Andrade, *O turista aprendiz* (324)

É que a terra moça desentranhando-se nos minérios apetecidos não era um lar, senão um campo de exploração destinado a próximo abandono quando as grupiaras fartas se transmudassem em restingas safaras entregues aos faiscadores pobres e fossem avultando maiores, mais amplas, mais solenes e dominantes sobre a pequenez dos povoados deprimidos as catas silenciosas e vastas, montões de argila revolvidos e tumultuando nos ermos à maneira de ruínas babilônicas...

—Euclides da Cunha, “Com o que contava Tiradentes” (128-129)

(...) viram um corpo desnudo e atrozmente mutilado, lançado à margem esquerda do rio, num claro entre as frecheiras. Era o cadáver de uma amahuaca. Fora morta por vingança, explicou-se vagamente depois. E não se tratou mais do incidente – coisa de nonada e trivialíssima na paragem revolvida pelas gentes que a atravessam e não povoam, e passam deixando-a ainda mais triste com os escombros das estâncias abandonadas...”

—Euclides da Cunha, “Os Caucheiros” (169)

TAKE I – NOVOS ROTEIROS

Esta tese aborda questões, temas e problemas contemporâneos relacionados à Amazônia e a seus agentes humanos e não humanos no plano do ensaísmo científico, da ficção literária e do documento filmico (produto desta tese). Este procedimento de compreensão e interpretação debruça-se sobre as obras de Euclides da Cunha (1866-1909) e Mário de Andrade (1893-1945), enfatizando a contribuição que ambos fomentam para iluminar e repensar temáticas amazônicas que não foram ainda devidamente exploradas e valorizadas pela perspectiva ecocrítica. Esta

pesquisa também se constitui na conexão da Amazônia do antes e do agora, na realização e produção do documentário *Beyond Fordlândia* (2017, 75min). Os vinte dias que passamos em escavações no *National Archives Record and Administration* (NARA) foram importantes na leitura crítica e na construção do que aqui chamamos de um *olhar lento* de “esquemas interpretativos” (Alfredo Wagner B. de Almeida, 8), hegemônicos sobre a Amazônia, que precisam ser reconhecidos para serem desconstruídos. É o que buscamos fazer nos capítulos que compõem a tese.

A pesquisa e decupagem de imagens, buscas por prateleiras, licença a dados restritos, além de sucessivas viagens pela floresta amazônica, constituem *Beyond Fordlândia*. Revelam-se, no documentário, narrativas e processos predatórios invisíveis, agruras humanas e ambientais da Amazônia contemporânea, as quais ganham maior relevo na perspectiva política e econômica nacional do atual presidente, Jair Bolsonaro. *Beyond Fordlândia* visa sensibilizar diferentes audiências sobre a questão de como podemos “to act ethically toward human and biotic communities that lie beyond our sensory ken,” como indica Rob Nixon ao indagar, “how do we both make slow violence visible yet also challenge the privileging of the visible?” (3), para se pensar a situação atual da *slow violence* acumulada nos territórios amazônicos. Busca transformar o olhar indiferente em um *olhar lento*, em uma percepção crítica de processos e métodos de atuação sobre a região que não estão aparentes, seja por estarem recobertos pelas árvores, seja pela desertificação, mas igualmente esquecidos pela história. Nosso objetivo é multifacetado: examinar narrativas sobre a Amazônia fora do senso comum de interpretação da região; perceber perspectivas atravessadas por figuras retóricas caducas que documentam, informam e registram para arquivar, perpetuar e obstaculizar outras epistemologias sobre a região. Em contraste, privilegamos a “construção de um inconsciente coletivo” (B. de Almeida, 7), ultrapassando as usuais conotações sedimentadas sobre o território amazônico, seus povos e

suas culturas. O uso da linguagem cinematográfica, o visto e o não visto, o dito e o não dito em *Beyond Fordlândia*, narra e elabora imagens-símbolos que indagam e tornam visíveis a violência ambiental em trajetória e suas implicações para povos e biomas amazônicos; violência que Rob Nixon adequadamente interpreta como *slow violence*. Nossa abordagem não se pretende exclusiva nesse campo; é apenas uma interpretação entre as muitas interpretações da Amazônia. No entanto, tenta superar o senso comum e caminhar com o que de melhor se tem construído e escrito cientificamente sobre a região, do ponto de vista ambiental.

O conceito de *slow violence* e as categorias analíticas de *slow seeing*, *tropi-ecologia*, e *rapsódia ecológica*, aqui empregados, são chaves interpretativas na costura que buscamos nos três primeiros capítulos e fomentam um todo na compreensão de nossa abordagem. As categorias nos servem de instrumento de análise ao possibilitarem emoldurar, pensar e questionar os arquivos¹ simbólicos de textos e classificações canônicas produzidos sobre a região amazônica. Tecemos nossos argumentos por uma virada epistemológica direcionada para outra leitura das relações *Natureza&Cultura*² sobre a Amazônia e aclaramos que categoria analítica põe em discussão dimensões do conceito ou a totalidade do conceito. Isso, porque conceito não é algo rígido, fixo, mas algo que dialoga, implicando num procedimento de discussão. Nesta tese, levamos em conta que fazemos uso do conceito num processo de transição entre a ficção e a ciência e, com isso, produzimos um ensaio que ratifica o conceito de *slow violence*, ainda que faça dele aplicação distinta. Na nossa leitura, portanto, valorizamos o conceito de *slow violence*—doravante traduzido como ‘*violência lenta*’—posto que ele nos permite tanto analisar o passado no pensamento de Euclides da Cunha e o cânone literário inovador de Mário de Andrade, quanto ressignificar a nossa produção fílmica, linguagem e interpretação da Amazônia. Pomos o conceito em reflexão sem negá-lo, mas para ampliá-lo, validá-lo e para que ele sirva de modelo e paradigma.

Em nossa análise, explicar criticamente a Amazônia, pelas categorias analíticas, implica romper com o automatismo das definições burocráticas e apressadas que reproduzem e incentivam o modelo dual de separação das relações Natureza&Cultura. Procuramos demonstrar que as narrativas de “progresso,” “racionalismo econômico” ou “desenvolvimento” podem encobrir—e o fazem muitas vezes—confrontos culturais e ambientais trágicos, e que tais modelos de disjunção ignoram as realidades localizadas e os processos reais de violência lenta aos quais os povos, biomas e cultura são submetidos. Daí a urgência em oferecer narrações alternativas para repensar processos visíveis e invisíveis de destruição sistêmica reproduzidos na literatura dos viajantes, naturalistas e cronistas e arquivadas dentro de um senso comum escolástico desde suas primeiras incursões no século XVI. A leitura crítica que realizamos neste trabalho questiona—seja pela leitura da rapsódia ecológica em Mário de Andrade, da tropicologia em Euclides da Cunha ou da perspectiva filmica em *Beyond Fordlândia* analisada pelas categorias de *slow violence* e *slow seeing*—o privilégio de definições superior a outras que forjam e reproduzem modelos de leitura e interpretação que não correspondem com os processos de violência lenta experimentados pela região.

A teoria ecocrítica, desde seu surgimento, deixou de ser uma análise apenas literária da chamada “natureza,” dando protagonismo às intrincadas relações entre Natureza&Cultura. Isto posto, se faz urgente interpretar a região de forma autônoma, revelando sua diversidade de sujeitos sociais, reposicionando sua biodiversidade humana, cultural e natural por outros modelos de relação Natureza&Cultura.

Esta tese, bem como o documentário *Beyond Fordlândia* dela resultante, emergem da leitura de uma nota de rodapé deixada por Mário de Andrade no seu diário de viagem *O turista aprendiz*. Nela, o modernista sinaliza reações à chegada e ao estabelecimento da companhia

americana *Ford* na região do Pará, nas proximidades do Rio Tapajós. Mário de Andrade, na ocasião, por razões protocolares da “viagem etnográfica” que realizava, como acompanhante de Dona Olívia Guedes Penteado, dama paulista e mecenas dos modernistas, não visitou Fordlândia³, cidade que à época, Henry Ford erguia a 1400Km de Belém. Contudo, os rumores da incursão americana na região não passaram incólumes ao registro e percepção do autor de *Macunaima*.

Durante nossa pesquisa de campo em 2016, visitamos a cidade. O convite indireto deixado por Mário de Andrade nos levou à Amazônia, chamada por muitos dos seus intérpretes de “paraíso/inferno verde,” “eldorado,” “ouro negro/verde,” “pulmão do mundo” (Euclides da Cunha, Alberto Rangel, Sérgio Buarque de Holanda). Constatamos—para além das preocupações de Euclides da Cunha expressas em seus ensaios remanescentes, ou mesmo da “desilusão mais vasta” a que Mário aludira em seu diário (sem, contudo, chegar a contemplar a olho nu),—uma preocupação e desilusão muito maiores do que as supostas pelo poeta modernista ou pelo escritor fluminense. Verificamos a destruição secular da floresta, atualizada em formas contemporâneas de exploração vivenciadas pelo homem amazônico. Por isso, ao refletirmos sobre a noção de “inferno verde” caracterizada por Alberto Rangel, discípulo de Euclides, e a constelação de metáforas que surgem a partir dela, observamos que tais metáforas reforçam procedimentos interpretativos que reduzem a compreensão da região e seus povos. A Amazônia é uma região cheia de seduções, magia e mistério. Porém, nota-se que o exotismo e paisagismo da floresta, em nossos dias, despertam maiores preocupações que as agruras enfrentadas pelo homem da floresta, que Euclides defendia em seu conjunto de ensaios amazônicos em *À margem da história*. Estes indivíduos (índios, seringueiros, ribeirinhos, cearenses e quilombolas), desassistidos pelo Estado quanto à formulação de defesas às suas

identidades étnicas, são forçados à dispersão e ao isolamento, sendo muitas vezes incapazes de vencer as imposições das políticas do Estado em acordo com interesses econômicos privados, nem tampouco a intrusão de interesses particulares sobre seu território físico, cultural, simbólico e político. Metáforas como “inferno” ou “paraíso” não deixam de ser esquemas interpretativos, atribuídos por narradores, naturalistas-viajantes e intelectuais, que ainda hoje ecoam, caracterizando falsamente a região como um espaço desconhecido e sem história própria.

Euclides da Cunha e Mário de Andrade apresentam, em seus escritos, preocupações discursivas sobre a *Hileia* do antes que se atualizam no agora de 2019. Seguindo os roteiros deixados por ambos, buscamos repensar território, sociodiversidade e biodiversidade da Amazônia sob uma nova ótica de relacionamento em que não faz mais sentido a disjunção Natureza&Cultura.

Como exemplo dessa construção científica, consideramos, à luz da ecocrítica, a atualidade das questões que Euclides da Cunha e Mário de Andrade dirigem à Amazônia e à construção do projeto nacional do Brasil. Os autores são reposicionados, pela leitura ecocrítica, na estrutura da história literária canônica brasileira, pondo em relevo não apenas a importância da Amazônia, mas também dessas obras no debate contemporâneo. Suas narrativas e ensaios, portanto, deixam de ser arquivos cristalizados, com significados petrificados, classificados como clássicos da literatura brasileira e ganham atualidade por tratarem da questão de maior relevância, hoje, que é a Amazônia. Daí indagarmos: por que a Amazônia se torna tema central tanto nas obras desses autores quanto na atualidade? De que maneira as obras dos autores se reposicionam na história canônica da literatura brasileira? Como, a partir das obras dos autores, podemos evidenciar a pertinência e a necessidade de se repensar a conexão entre ciência e cultura, rompendo com o par conceitual Natureza&Cultura? Posto de outra forma, se superarmos

a dicotomia natureza/cultura, não estaremos também ultrapassando o polarismo entre ciência e cultura? Como cultura e ciência se conectam a partir das obras de Mário e Euclides?

TAKE II – MAPEANDO O TERRITÓRIO DAS IDEIAS

Nesta tese, entendemos por ambiente as relações dinâmicas entre sujeitos, e, não, quadros estáticos de referências no processo de apropriação dos territórios das ideias. Em diálogo com a premissa de Tim Ingold em *The Perception of the Environment* onde o autor “argued that human beings must simultaneously be constituted both as organisms within systems of ecological relations, and as persons within systems of social relations, to understand the reciprocal interplay between the two kinds of system, social and ecological” (3), percebemos aqui um ligeiro equívoco de nossa compreensão em relação àquela proposta por Ingold: sobre relações ecológicas e sociais estarem separadas, pois essa formulação parece prescindir do sujeito ao falar em “relações ecológicas” em contraposição a “relações sociais.” Ambiente, neste trabalho, é reconhecível por partes que o envolvem e o constituem a partir da ação humana. Assim sendo, a floresta é uma construção ancestral dos povos que lá vivem e têm sofrido a ação de sujeitos externos a ela que causam efeitos de devastação sobre humanos e não-humanos.

O que se observa ao lidar com a Amazônia é uma relação recíproca onde o ambiente opera como um campo generativo ininterrupto em que cada elemento atua com os demais, reproduzindo a si mesmo e aos outros. Essa relação aqui descrita, demonstra a precariedade da ideia de dicotomia Natureza&Cultura. Nesse sentido, é preciso conhecer o “ambiente” brasileiro para conhecer o Brasil, assim como é preciso conhecer o “ambiente amazônico” para conhecer a Amazônia. Transpondo fronteiras disciplinares, Mário de Andrade se propunha a conhecer o Brasil culturalmente, o que significou, para ele, também etnograficamente como uma extensão de suas propostas literárias modernistas. Euclides da Cunha, por sua vez, procurava na Amazônia

repetir o papel vingador que desempenhou na cobertura da guerra de Canudos. Tal como se dera lá, ele pensava em revelar um Brasil para o Brasil. *Beyond Fordlândia* documenta a Amazônia brasileira, passados 90 anos da chegada da companhia *Ford* e seu utópico projeto de cultivo de seringueiras, e conecta o passado e o presente da floresta com a percepção de que a soja constitui uma espécie de atualização da perspectiva fordista. Nessas três experiências, desarticula-se a dicotomia Natureza&Cultura.

Esta tese, portanto, estuda, no primeiro momento, as dimensões da relação Natureza&Cultura nas produções de Euclides da Cunha e Mário de Andrade resultantes de suas incursões na região amazônica. Logo, sua hipótese central é a antecipação da presença de um pensamento ecológico na produção de Euclides da Cunha e Mário de Andrade, que amplia, à luz do pensamento ecocrítico, os marcos interpretativos de uma teoria da cultura brasileira sobre a região amazônica. Nosso argumento identifica, com o auxílio teórico da ecocrítica, as nuances ecológicas presentes em *Macunaíma* e *À margem da história*, com o objetivo de demonstrar uma produção ficcional e ensaística em movimento e atualizada pelos vetores ecocríticos. Num segundo momento, evoca-se o pensamento ecocrítico para realçar o conceito de violência lenta, de Rob Nixon e a interpretação dada nesta tese de olhar lento para se pensar a Amazônia. Destacam-se conexões e sentidos por meio da imaginação fílmica produzida em *Beyond Fordlândia* (2017, 75 min). Nesta tese, violência lenta é um conceito central e operatório que permite relacionar o pensamento ecocrítico e a Amazônia por meio das situações etnográficas provocadas durante a produção do filme. O conceito de violência lenta inspira o exercício da categoria olhar lento, a partir do qual se articulam modos de percepção, leitura e interrogação do passado e presente e as relações Natureza&Cultura no âmbito da região amazônica.

É importante destacar que, na hipótese apresentada, desdobra-se a busca de nuances que indiquem vetores ecocríticos demonstráveis na produção ficcional e ensaística de Euclides da Cunha e Mário de Andrade. Como bem aponta o crítico Niall Binns em *¿Callejón sin salida?: La crisis ecológica en la poesía hispanoamericana*, ao sublinhar a interdisciplinaridade dos estudos ecocríticos, é impossível desvincular a qualidade estética de uma obra do seu contexto socioeconômico e político, bem como de seu contexto ecológico (10-12). Ressaltamos, entre os procedimentos de demonstração em nossa hipótese, que a produção intelectual dos autores realiza uma amálgama de leituras e experiências de viagens que revelam o traço moderno do pensamento de ambos na direção de uma leitura social e ambiental inovadora sobre o Brasil e a Amazônia. Revela também novas leituras do par conceitual Natureza&Cultura, ao demonstrar que a produção de ambos não é só criação artística ou ensaística, mas profundamente integrada a uma percepção científica. No foco central desta tese, articula-se, portanto, sob o formato de uma teoria social, um pensamento ecológico sobre o Brasil e a Amazônia na produção de um outro marco estético e ético (político). Nesse processo, emergem compromissos e um claro posicionamento de debate em relação à formação do país, à entidade nacional e ao reconhecimento de territórios e culturas brasileiras.

Para Euclides da Cunha e Mário de Andrade, a Amazônia e o Brasil são preocupações que os motivam em suas imersões nas ciências da natureza e nas ciências da sociedade. É a temática da relação Natureza&Cultura que conduz leituras, registros, percepções que ambos apresentam respectivamente em *À margem da história* e *Macunaima*. São as informações científicas e o registro pictórico ou narrativo de suas experiências com os povos da floresta e populações não humanas, que rastreamos e descrevemos com o objetivo de afirmar e ilustrar uma leitura do pensamento ecológico que detectamos nos autores a partir de seus registros,

viagens e pesquisas *in loco*. A orientação heurística e o argumento documental levam em conta: fotografias, leituras, diários e correspondências que registram a elevada percepção das relações sociais travadas pelos autores durante suas viagens.

Em *Beyond Fordlândia*, refletimos sobre os processos sociais, as intervenções coloniais, os modos de apropriação econômica, as relações de dominação com territórios e povos, os impactos de destruição sobre os recursos naturais e sobre as formas de uso tradicionais, e as manipulações física e simbólica de realização desses processos no presente sobre as estruturas constituídas no passado, e não removidas ao longo do desenvolvimento regional da região amazônica. Há mais de nove décadas, vastas extensões de floresta deram lugar a estranhos equipamentos, idiomas e sonhos. Motivados por novas demandas do mercado da borracha, o projeto de Henry Ford para a Amazônia buscava domar o dito “inferno verde” para garantir a produção de látex para sua indústria automobilística e ressuscitar a bonança do exaurido ciclo gomífero na região do Tapajós. Discute-se aqui o fato de tanto o *Ford* do passado quanto os “novos *Fords*”—da soja, por exemplo—do presente não levarem em conta que a Amazônia, em toda a sua diversidade social, cultural e biológica, possui projetos, linguagem, caminhos e sonhos próprios.

TAKE III – VETORES ECOCRÍTICOS

As preocupações dos estudos ecocríticos centram-se em desconstruir “falsas dicotomias” e sublinhar como os sistemas, seja do colonialismo, do capitalismo e do patrimonialismo impactaram e forjaram suas próprias idealizações de natureza, refletindo, em última análise, em modelos de produções socioambientais e culturais e seus impactos pós-coloniais⁴. Lawrence Buell, Ursula K. Heise, e Karen Thornber em seu artigo “Literature and Environment” afirmam que:

Ecocriticism or environmental criticism—comprise an eclectic, pluriform, and cross-disciplinary initiative that aims to explore the environmental dimensions of literature and other creative media in a spirit of environmental concern not limited to any one method or commitment. Ecocriticism begins from the conviction that the arts of imagination and the study thereof—by virtue of their grasp of the power of word, story, and image to reinforce, enliven, and direct environmental concern—can contribute significantly to the understanding of environmental problems: the multiple forms of ecodegradation that afflict planet Earth today. (418)

A citação acima ratifica a abordagem ecocrítica que reivindicamos nesta tese. Esta se faz necessária pela inquestionável inevitabilidade de reconhecer uma crise do meio ambiente, tanto em nível global como regional—grandes queimadas que destroem a camada de ozônio, a crescente demanda da indústria agropecuária e da soja por grandes áreas da floresta amazônica para saciar o apetite do mercado, sem esquecer do lixo químico que polui os mananciais e o solo—que nos suscita razoar novas relações humanas menos agressoras para agentes bióticos e abióticos da Amazônia.

Os vetores ecocríticos abrem outras possibilidades para analisar a produção literária nacional brasileira, explorando as experiências entre o homem e a natureza registradas desde o seu descobrimento. Isso possibilita novos debates e desafios para a relação entre os agentes vivos e não-vivos do território amazônico. Por isso, pensamos que as produções de Euclides da Cunha e Mário de Andrade podem, sobre esse viés ecocrítico, não só nos revelar outros caminhos de leitura do espaço amazônico, mas também trazer para a superfície do debate acadêmico atributos do pensamento ecológico latentes na produção literária brasileira sobre a *Hileia*. Como nos informa Laura Barbas-Rhodes, “Ecocritics believe that literature can offer communities of readers a deeper understanding of the world of nonhuman nature and the human place in it” (50).

Observamos que a ecocrítica centra sua preocupação na materialidade física e científica do espaço documentado, deslocando-se do abstrato, passivo e simbólico ao tangível e concreto,

sem perder de vista suas motivações ecológicas. A leitura ecocrítica que realizamos neste trabalho rastreia as diversas formas de como se dão as relações com o ambiente, seja desconstruindo “falsas oposições” (natureza/cultura, rural/urbano, animal/humano, masculino/feminino e etc.) e, portanto, negando uma dependência recíproca com o ambiente, seja estabelecendo inter-relações entre humanos e não humanos. Patrick Murphy, em *Literature, Nature and Other*, ratifica nossa observação ao apontar que será a natureza dessas relações com nosso entorno-ambiente o que contribuirá para a construção de nossa identidade, seja ela em nível local (geográfico), histórico (cultural) ou particular (individual). Para Murphy, nossas atitudes culturais estão diretamente vinculadas ao tipo de identidade construída das relações com nosso meio ambiente. Tal relação socioambiental fomentará uma outra percepção e pode explicar e direcionar nossa atitude de ação e compreensão dos fenômenos ecológicos (xiv).

Na leitura que empreendemos da Amazônia brasileira registrada pelos autores em suas viagens e pesquisas, buscamos destacar que os escritores, cada um em sua maneira singular, retratam a geografia amazônica sem esquecer dos agentes humanos (índios, caucheiros, seringueiros, ribeirinhos e etc.) e não humanos que a ocupam. O registro feito nos textos analisados, alegóricos ou factuais, parecem demonstrar que a dinâmica ecológica da Amazônia é uma dinâmica de não separação entre história humana e cultural, que forjou a região e criou, portanto, a floresta. Justamente por essa inseparabilidade, a via ecológica é aqui propugnada.

É importante realçar o modo pelo qual o pensamento ecocrítico redimensiona e reposiciona os estudos literários. Como reitera Cheryll Glotfelty, a ecocrítica estabelece a “relationship between literature and the physical environment” (xviii). O pensamento ecocrítico permite uma releitura exigente das obras pesquisadas, da perspectiva ambiental apreendida no processo de criação e da atividade intelectual dos autores. Analisando a ecocrítica no contexto da

América Latina, Laura Barbas-Rhoden explica, em *Ecological Imaginations in Latin American Fiction* (2011), a emergência dos estudos ecocríticos nas recentes décadas, e ressalta que muitos críticos e autores latino americanos têm usado abordagens de conteúdo ecocrítico em suas criações sem necessariamente pertencerem ao ambiente intelectual do pensamento ecocrítico.

Pensamos que tal seja o caso dos autores aqui em análise, embora seja um caso *avant la lettre*. Portanto, enxergamos em Euclides da Cunha e Mário de Andrade, na polivalência que lhes atribuímos, uma dimensão de interferência singular nas políticas públicas culturais e científicas que se refaz e se reconfigura no panorama nacional. Assim sendo, assumimos que os vetores da ecocrítica nos permitem fazer uma releitura e sugerir outras perspectivas possíveis no pensamento euclidiano e mariodeandradiano. Em contraste com a incursão em Canudos, na Amazônia, a experiência de Euclides é, no mínimo, distinta, indo além do registro da paisagem, retratando a floresta e seus habitantes como agentes e não apenas como objetos e sujeitos de circunstância. Mário de Andrade, por sua parte, em 1926, já refletia o isolamento cultural dos povos amazônicos e a influência do seringalismo nessas regiões quando ele fala de Manaus e Belém n’*O turista aprendiz*. E, especialmente, quando ele inclui esses povos e comunidades no processo de uma política cultural brasileira.

Diante disso, consideramos que o pensamento ecocrítico tanto comporta a inserção de elementos da pesquisa científica que Euclides da Cunha e Mário de Andrade realizaram, seja como engenheiro ou poeta, etnógrafo, antropólogo, quanto permite que seus intérpretes pensem nas modulações da teoria da cultura que eles desenvolveram. Além disso, faz com que o projeto ficcional e ensaístico dos autores, em conjunto com a elaboração fílmica em *Beyond Fordlândia*, na dimensão ideológica ou estética, se integre a esse momento de esclarecimento via pensamento ecocrítico sobre a região amazônica. Retomando as palavras de Buell, Heise, e Thornber, quando

estes afirmam que a leitura ecocrítica “concur[s] with other branches of the environmental humanities—ethics, history, religious studies, anthropology, humanistic geography—in holding that environmental phenomena must be comprehended, and that today’s burgeoning array of environmental concerns must be addressed” (418). Fazemos notar, portanto, pelo recorte ecocrítico, as várias formas e ramificações de como o conceito de natureza foi instrumentalizado por discursos diversos, entre eles: o mitológico, o lendário, o pastoril, o lírico e as narrativas modernas; onde muitas vezes a natureza é acionada por interesses políticos e sociais que se disfarçam em verdadeiras preocupações ambientais e humanas.

Isto posto, uma das razões que tornam o pensamento ecocrítico sensível e passível de ser incorporado pela análise da literatura é o fato de que esta pode se tornar um meio condutor de sua investigação, pelo simples fato de que a invenção artística e científica tem uma mesma proveniência no esforço imaginativo em direção ao novo, à superação de um determinado estado de coisas, seja pela via da criação, seja pela via da invenção ou descoberta científica.

Os pressupostos ecocríticos como eles se apresentam hoje contêm essa preocupação ambiental, pós-colonial e estruturado com a noção de violência lenta contínua. Eles nos permitem reler Mário de Andrade nesse processo de ampliação de sua presença ressignificada junto aos cânones tradicionais; assim como esse mesmo pressuposto nos auxilia a pensar as preocupações ambientais e a literatura sobre o espaço amazônico a partir do viés relacional. É assim que esta tese faz aproximações, não exclusivas, com as abordagens do pensamento ecocrítico em Rob Nixon, com a antropologia simétrica de Bruno Latour e o perspectivismo ameríndio em Eduardo Viveiros de Castro. São aproximações ensaísticas que permitem novas interpretações da obra de Mário de Andrade e Euclides da Cunha para um projeto de intervenção cultural na sociedade brasileira, um projeto simultaneamente estético e ideológico de valorização

de constituintes (humanos e não humanos) alijados do *ethos* cultural do Brasil. Vislumbramos, entre essas contribuições teóricas aparentemente díspares, núcleos de diálogo e de sentido que permitem tanto observar o exercício da imaginação científica e da imaginação artística no que concerne à transposição da realidade à ficção de Mário de Andrade, quanto sinalizar as denúncias e preocupações em Euclides da Cunha, que expõem as misérias dos seringais e o modo de exploração de mão de obra e da natureza na produção extrativista da *Hevea brasiliensis*. Tais contribuições permitem reflexões inovadoras acerca da relação entre Natureza&Cultura e constituem inflexão fundamental na interpretação ecológica que aqui realizamos.

TAKE IV – NATUREZA & CULTURA

Nesta tese, considera-se que as percepções históricas da relação Natureza&Cultura, caracterizadas como fenômeno de relações sociais a partir do final do século XVIII e XIX, indicam um processo de transformação cultural de longa duração⁵ inscrito dentro de uma tradição ambiental no Ocidente que remonta à modernidade. O crítico alemão Hans-Georg Gadamer afirma que “o horizonte do passado, do qual vive toda vida humana e que está aí sob a forma de tradição, põe em movimento um horizonte abrangente” (455). Tal inflexão nos leva a considerar a relação Natureza&Cultura remetendo-a à tradição, para entendê-la como fenômeno conjugado num horizonte histórico e móvel sugerido pelo autor.

As percepções históricas da relação Natureza&Cultura que rastreamos têm seu lugar já no século XVII, articuladas, reimaginadas e sedimentadas ao longo da história moderna pelas percepções idílicas do naturalismo inglês e pelas *novas sensibilidades*⁶ burguesas românticas do século XVIII e XIX. Mas é no fim do século XIX que essas transformações culturais do romantismo europeu que tiveram início no século XVIII se apresentam como um novo modo de imaginar o binômio natureza e cultura na sociedade moderna contemporânea, agora com seus

holofotes nas preocupações e impactos de uma sociedade pós-industrial. Cabe, portanto, à experiência contemporânea da relação Natureza&Cultura do presente, que emerge do diálogo com a tradição romântica e seu *ethos*⁷, buscar repensar caminhos alternativos à separação moderna estabelecida desde antes entre Natureza&Cultura.

Serão, portanto, os processos emergentes dessa tradição, conforme sugere Gadamer em seu “horizonte abrangente,” o que realça, na contemporaneidade, o conhecimento de uma história ambiental e suas transformações de longa duração. William Cronon afirma que “The great strength of ecological analysis in writing history is its ability to uncover processes and long-term changes which might otherwise remain invisible” (xv). Em diálogo com Cronon, Rob Nixon, em um momento posterior, mostra preocupações semelhantes em seu estudo sobre *Slow Violence*: como converter e representar narrativas e desastres ambientais invisíveis em histórias suficientemente dramáticas que despertam reações coletivas e justificam intervenções políticas de visibilidade desses desastres nas relações Natureza&Cultura? Na tentativa de apresentar respostas aos questionamentos sugeridos pelos autores, é que, também, se realiza *Beyond Fordlândia*. Esse mergulho no tempo histórico, rastreando na tradição suas mudanças históricas no modo de produção, nos movimentos culturais e sociais, revela “an archaic and stable past” (10), como aponta Bruno Latour, o que nos leva à “modernidade” amarrados ao par conceitual Natureza&Cultura; par que põe em marcha os mesmos vetores da tradição histórica sobre as relações entre humanos e não humanos do antes e do agora. O amálgama de valores e as sensibilidades artísticas e científicas da tradição ambiental ocidental de representações da natureza—o que denomino de “falsas dicotomias”—oscilam entre idealizações positivas/negativas, rural/urbano, primitivo/civilizado, razão/ignorância, belo/feio, progresso/atraso, indivíduo/coletivo, animal/humano, domesticação/selvagem,

substância/espírito, domínio/independência, máquina/homem, natureza/cultura, forjados por um conjunto de experiências históricas, iluministas, renascentistas, pastoral idílicas, românticas e do imaginário edênico sobre o novo mundo, como “raízes”—pensamos raízes aqui via Édouard Glissant, em sua *Poetics of Relation*, quando afirma que “Root is not important. Movement is” (14)—de longa duração do fenômeno cultural e ambiental do presente das relações Natureza&Cultura.

Será, portanto, na contraposição à violência social e ambiental do mundo urbano que se afirma a nostalgia da natureza intocada. As paisagens naturais e a natureza de um modo geral passam a ser um valor desejado pela sociedade. É nesse contexto de valorização de paisagens detentoras de recursos naturais que floresceram, no passado, as práticas e as viagens de pesquisa de naturalistas, cientistas, artistas e biólogos buscando conhecer o Novo Mundo natural.

No apagar das luzes do século XIX, e ainda sob o raio de influência romântica, surgem novas sensibilidades fomentando outras percepções estéticas de olhar o meio ambiente, seus agentes bióticos e abióticos, não submetidos à ordem e à intervenção humanas. Esta nova sensibilidade imagina a natureza como um grande reservatório da humanidade a ser preservado, algo envolto em um ideal estético e moral. Essa nova percepção estética tem como moto uma aguda crítica ao modo de vida industrial e suas intervenções sobre os espaços e recursos naturais utilizados pelo modo de produção capitalista por uma violência lenta, que, para Rob Nixon, atinge humanos e não humanos.

Consideramos que experiências históricas, iluministas, renascentistas, pastoral idílicas, assim como o Romantismo, compartilham, portanto, de um ambiente histórico comum àquele de onde emergem as chamadas novas sensibilidades com relação à natureza, sendo este o amálgama que confere maior força e protagonismo à relação Natureza&Cultura. Esse processo de

composição e rupturas de várias nuances teóricas e de uma diversidade de sensibilidades indicam momentos fundamentais do que pode ser considerado um movimento de transformação no pensamento e nas percepções humanas da relação Natureza&Cultura.

As percepções e as novas sensibilidades podem, perfeitamente, estar integradas ao pensamento contemporâneo da história ambiental, pois estabelecem conexões de sentido com a compreensão dos fenômenos naturais produtores da vida, em longa evolução, que não são produzidos pela intervenção da história humana, e também pelas alterações na natureza que são de inteira responsabilidade do *Homo sapiens*. A história ambiental introduz em pé de equidade a importância da Natureza como categoria compreensiva da cultura, a dimensão ecológica da história passa a integrar os planos material, simbólico e civilizacional dos seres vivos, humanos e não humanos, e das forças que as antecedem que não dependem do homem, o que produz novos desenvolvimentos à análise dessas relações. A história ambiental, portanto, vai recepcionar de modo especial a relação Natureza&Cultura como pontua Donald Worster que, “So, for good reason, environmental history must include in its program the study of aspects of esthetics and ethics, myth and folklore, literature and landscape gardening, science and religion – must go wherever the human mind has grappled with meaning of nature” (11).


Portanto, é no encontro entre a relação Natureza&Cultura, tanto no ambiente intelectual da história ambiental, quanto nos contornos teóricos da antropologia cultural que a integra, que se incluem as aproximações entre esses campos disciplinares na esfera simbólica, o que permite também aproximar as percepções artísticas e como estas se justapõem na produção da cultura. A história ambiental também se debruça sobre a história das ideias, sobre os campos científico e artístico, e, sobretudo, pesquisa como o ambiente se revela no domínio estético. Pois parece ser nas expressões artísticas que essas interações produzem efeitos, sentidos, significados marcantes

nas transformações culturais. A arte, uma expressão cultural, pode vir a ser um valioso objeto de análise sobre a percepção da natureza em uma dada época. Ana França, ao analisar a relação entre meio ambiente e arte, a diversidade de representações da natureza a partir da história da arte ocidental e a partir das leituras realizadas pela História Ambiental, tem o intuito de demonstrar como o nosso olhar sobre o universo natural permanece em constante modificação:

E exatamente por ser o meio biofísico constantemente interpretado por nós, seres humanos, faz-se necessário, para uma adequada compreensão histórica, avaliar as diferentes esferas de uma mesma sociedade, para que assim possamos alcançar a relação desta com o meio. Isso porque pensar a natureza é pensar a interação do ser humano com o ambiente natural, sendo então as pinturas de paisagem ao mesmo tempo uma resultante e uma via de elaboração e de expressão dessa interação. É através da arte e da liberdade que ela traz consigo, que a mais íntima relação ser humano/natureza torna-se visível, por ser intermediada pela imaginação, essa que é uma dimensão grandiosa e que estrutura a nossa compreensão tão complexa e inquieta de mundo. (18)

Entre as novas sensibilidades que se consolidam no século XIX, o lugar da Antropologia cultural na reflexão da relação Natureza&Cultura tem tido destaque especial no pensamento científico e artístico. No século XX, a Antropologia reinventou-se nesse processo de mudança cultural. Seguindo as leis da época, e por uma série intrincada de relações institucionais, que envolvia o fato de estar numa instituição com recursos financeiros disponíveis e vontade política para tanto, Mário de Andrade acaba sendo a pessoa que nomeia o antropólogo brasileiro Luiz de Castro Faria—ainda que tenha ouvido outras pessoas ligadas à área antropológica para melhor se aconselhar, muito provavelmente a então diretora do Museu Nacional, Heloisa Alberto Torres—para acompanhar a expedição à Serra do Norte, viagem de campo com duração de oito meses que deu sustentação a todo o desenvolvimento posterior da antropologia praticada por Lévi-Strauss.

705 CFE.1.2.054



Prefeitura do Município de S. Paulo

DEPARTAMENTO DE CULTURA

GABINETE DO DIRETOR S. Paulo, 22 de Março de 1938

N.º _____

Illm. Snr. Dr. P. Campos Porto
Presidente do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil.

a Prof. Heloisa - Trues
P. Campos Porto
25/3/38

Como Diretor do Departamento de Cultura, da Municipalidade de S. Paulo, tenho a honra de comunicar a esse Conselho que a expedição etnográfica francesa, á Serra do Norte, chefiada pelo Prof. Claudio Lévi-Strauss, transformou-se em expedição dirigida integralmente por êste Departamento de Cultura, e composta de membros brasileiros e franceses.

Das bases desta nova orientação da "Expedição Etnográfica á Serra do Norte" ficou estatuido que:

- 1) - O Departamento de Cultura dirigiria a expedição;
- 2) - Os trabalhos científicos dos membros franceses incorporados á expedição seriam publicados simultaneamente na França e no Brasil, aqui pelo Departamento de Cultura e na lingua nacional;
- 3) - As coleções etnográficas recolhidas pela expedição seriam repartidas por igual entre o Departamento de Cultura e os expedicionarios franceses.

Venho pois, como Diretor do Departamento de Cultura solicitar desse Conselho a necessária licença para que esta Expedição Etnográfica á Serra do Norte se realize; bem como a designação de um membro para fiscalizá-la.

Sem mais, aproveito-me desta oportunidade para expressar a V. S. e a êsse digno Conselho o justo acatamento e saudações cordeais de

Mário de Andrade

Mário de Andrade
Director do Departamento de Cultura

CONSELHO DE FISCALISAÇÃO
DAS
EXPEIÇÕES 17/38
ARTISTICAS E SCIENTIFICAS
DO
BRASIL 25-III-38

17

Mário de Andrade, diretor do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, comunica ao CFE que o Departamento de Cultura financiará a expedição à Serra do Norte. *Um outro olhar: diário de expedição à Serra do Norte*, 16.

A leitura do diário de campo de Luiz de Castro Faria, publicado muitos anos depois sob o título *Um outro olhar*, demonstra as diferentes interpretações da experiência dessa viagem

acompanhando Lévi-Strauss. O documento assinado por Mário de Andrade é afim com a proposição de se pensar este escritor com um papel intelectual mais amplo que não se circunscrevia somente à literatura, reforçando a abordagem ecocrítica aqui proposta. A nomeação de Castro Faria por Mário de Andrade se constitui em um acerto muito relevante e longo que acaba tendo ressonância até os dias de hoje, sobretudo no desenvolvimento da Antropologia praticada no Brasil, a partir da atuação desse antropólogo no Museu Nacional, tanto em pesquisas quanto como professor e orientador que formou antropólogos muito atuantes hoje junto aos povos e comunidades tradicionais no Brasil. Não só no campo antropológico este acerto se revelou: em várias áreas das políticas de patrimônio cultural praticadas no Brasil, Castro Faria deixou significativa contribuição. A tal ponto que existe hoje, no Brasil, um prêmio outorgado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que leva o nome desse antropólogo que fundou o programa de pós-graduação em Antropologia no Museu Nacional e deu aulas e orientou até o último ano de sua vida, tendo falecido com mais de noventa anos, em 2004.

Quanto a Lévi-Strauss, o questionamento do par conceitual Natureza&Cultura atravessa toda a sua obra e constitui-se em importante eixo de interpretação de seu pensamento, que se prolonga em perspectivas antropológicas contemporâneas. O próprio Lévi-Strauss avalia que é diante do estatuto de oposição na relação Natureza&Cultura que o seu pensamento sofre maior modificação⁸. A uma oposição natural, de início, segue-se uma oposição cultural e universal, que, posteriormente, se clarifica como uma oposição racionalista, uma ilusão da razão metodologicamente necessária. Observa-se que tais mudanças e reposicionamentos permitem que a reflexão antropológica avance em suposições plenas de possibilidades interpretativas como

as de que nem todas as sociedades opõem Natureza&Cultura; e, quando estas categorias são opostas em dadas sociedades, nem sempre é da mesma maneira.

O que é inspirador em Lévi-Strauss desde o *Pensamento selvagem*, as *Estruturas elementares do parentesco* e em suas *Mitológicas*, é que sua abordagem antropológica abre um vasto campo para a imaginação artística e científica, conectando mito e ciência, em um quadro teórico do imaginário moderno reencantado pelas narrativas míticas ameríndias.

No *Pensamento selvagem*, ao narrar sobre as partes consumíveis dos animais pelo homem, Lévi-Strauss, na verdade, logra desestabilizar o par conceitual Natureza&Cultura, tirando a importância de sua compreensão, por assim dizer, “naturalizante,” e estabelecendo, com clareza e evidências, como a epistemologia contemporânea fomenta e opera a dita dicotomia⁹. Tal como nesta tese, a abordagem aqui realizada da relação Natureza&Cultura tem como pressuposto desarticular as “falsas dicotomias” e “narrativas de progresso” que sustentam a contínua violência lenta sobre povos, culturas e biomas no contexto amazônico. O resumo da classificação dessas manifestações de Natureza&Cultura e do pensamento ecológico aqui apresentado é oportuno para acompanhar o itinerário de ideias por elas percorrido e o resultado que as mantém no presente.

TAKE V: ELUCUBRAÇÕES TEÓRICAS - BRUNO LATOUR

A construção teórica desta tese se constitui em uma abordagem híbrida do pensamento ecocrítico. Uma composição híbrida porque se apoia em pressupostos teóricos de distintos pontos de vista, que nos ajudaram a rastrear algumas pistas de leituras deixadas por Euclides da Cunha e Mário de Andrade nas entrelinhas de seus textos, permitindo-nos reler suas narrativas através de discursos pertencentes à preocupação com o meio ambiente e os fenômenos

ecológicos no antropoceno. Viveiros de Castro se inspira na antropologia simétrica de Bruno Latour, mas a preocupação de ambos os autores é convergente: elas têm por objetivo repensar os conceitos de Natureza&Cultura. Não obstante, a proposta de trabalho de cada autor é distinta das dos outros.

A antropologia simétrica prescritiva de Bruno Latour articula a exposição da visão do mundo ocidental e seu intrincado jogo entre a produção intelectual e o pensamento moderno para repensar a dicotomia Natureza&Cultura. Em *We Have Never Been Modern*¹⁰, Latour afirma:

Modern' is thus doubly asymmetrical: it designates a break in the regular passage of time, and it designates a combat in which there are victors and vanquished. In the countless quarrels between Ancients and Moderns, the former come out winners as often as the latter now, and nothing allows us to say whether revolutions finish off the old regimes or bring them to fruition. Hence, the scepticism that is oddly called 'post'modern, even though it does not know whether or not it is capable of taking over from the Moderns. (16)

As análises de Latour se circunscrevem ao decifrar o axioma moderno por meio do par teórico Natureza&Cultura. Para o autor, o termo “moderno” traz em sua essência duas assimetrias, uma com relação ao tempo e outra com relação aos Outros. Latour considera que ambas as assimetrias têm como origem uma única assimetria: a relação Natureza&Cultura.

A simetria não é um procedimento de eliminação das diferenças nem das desigualdades. A simetria coloca em relevo elementos que são importantes para análise de um fenômeno ou de um processo. Por exemplo, ao analisar o folclore dos pobres e a tradição da colonização, esta não é mais importante que aquele. Tal não significa dizer que não se reconhece que o folclore dos pobres esteja subalternizado no processo social da sociedade brasileira. Este procedimento pode simultaneamente compreender um processo científico e artístico sem hierarquizar a importância de cada um, mas, ao mesmo tempo, reconhecendo que são lógicas de organização do

conhecimento diferentes. Na antropologia simétrica de Bruno Latour, tanto a organização dos fatos científicos como a organização das apreensões artísticas podem estar simetricamente no mesmo plano, e, não obstante, reconhecer diferenças entre si. Mário de Andrade, por exemplo, coloca no mesmo plano o discurso literário, o mítico e o científico, embora reconheça que são diferentes e assimétricos. É, precisamente, o princípio da simetria que permite que se identifique as qualidades assimétricas, suas oposições e como elas são pensadas e acionadas pelos distintos atores. Ser moderno, sublinha Latour, implica dois conjuntos de práticas que, para serem eficazes, devem manter-se distintas.

Ao pensar na construção narrativa de *Macunaíma*, reconhecemos que essa dualidade entre Natureza&Cultura se manifesta através da perspectiva narrativa que escolhe o ponto de vista do protagonista para narrar as aventuras do mesmo. O narrador de *Macunaíma* se solidariza com a sorte do herói. E, no final, ele lamenta a extinção da cultura da qual esse personagem era seu maior representante ou símbolo. Dessa forma, a escolha do narrador favorece que a narrativa esteja sempre moldada por um olhar que se incomoda com a invasão e a consequente destruição de um grupo cultural que não agredia a floresta. É um observador, uma testemunha que toma a responsabilidade de contar algo que não existe mais, de tal modo que esse narrador ouve de um papagaio a história sobre Macunaíma e seu povo. Um elemento da floresta ensina ao homem uma verdade perdida. Esse narrador incorpora de tal forma a preocupação com a natureza que o seu discurso “sem caráter” é semelhante ao herói sem caráter. Assim, a tensão entre cultura e natureza que elucidamos no tecido narrativo de *Macunaíma* se coaduna com o que queremos expor, embora seja necessário ressaltar que, para Latour, na modernidade, os únicos seres considerados reais são a natureza e a sociedade (79). Latour argumenta em *We Have Never Been Modern e Politics of Nature*: a natureza é um resultado (não a causa) de ideias produzidas por

sistemas simétricos de atores humanos e não humanos. Latour esclarece que a construção da Constituição¹¹ “permite tudo sem estar limitando nada” (38). Contudo, o autor defende que não se pode negar aos intermediários, cuja função é fomentar um enlace entre as duas assimetrias que poderia dar ensejo a uma “dignidade ontológica” da realidade. Essa tensão entre natureza e cultura pode ser observada na narrativa rapsódica de Mário de Andrade.

De igual maneira, é possível observar na leitura de Euclides da Cunha o sujeito híbrido tipificado na figura do “cearense” e do caucheiro. O “cearense,” ao deixar seu habitat e encontrar-se com uma natureza diversa, via-se obrigado a assumir uma nova forma de lidar com ela. Desse contato, surgiu um novo indivíduo que mantinha práticas de sua cultura anterior associadas com novas necessidades culturais e sociais, do mesmo modo que o caucheiro representa o índio que assume a cultura do homem branco para sobreviver dentro de um sistema capitalista que extrai o látex da floresta. Este mesmo caucheiro que, ao assumir a cultura do branco, fugia da escravidão, passa agora a escravizar outras comunidades indígenas.

Segundo Latour, para que os modernos compreendam a si mesmos é necessário que levem mais a sério o trabalho desses intermediários ou híbridos. Híbridos, são mistos de Natureza&Cultura, agora separados artificialmente, que fabricam coletivos, agenciamentos, laços sociais e quase-objetos. O híbrido não é só um conceito ou uma personagem, é um atributo de um fenômeno ou de um ser: é um processo de transformação da realidade que só se alcança mediante a reunião de atributos e significados que foram arbitrariamente separados pelo processo de purificação da realidade. E como argumenta Latour, é necessário dar o estatuto de sujeito aos híbridos e perceber como a natureza está intrinsicamente ligada à construção da sociedade (47). Os híbridos estão contidos na condição humana que se constitui nas relações entre o homem e o ambiente da Amazônia, tanto de Euclides da Cunha quanto de Mário de Andrade.

Por essa razão, em *À margem da história*, como o título já denuncia, Euclides da Cunha pretende inserir, dentro de um registro histórico, essas comunidades desprovidas de representatividade social e direitos cívicos básicos. Dessa forma, deixaríamos de historicizar apenas o homem e passaríamos a incluir a história das coisas naturais (81), levando em conta tanto os humanos como os não humanos e a maneira como eles estão interligados na construção do coletivo ocidental, assim como nos outros coletivos. Por isso, quando Euclides da Cunha pretende revelar uma sociedade perdida na floresta, ele acaba inscrevendo no discurso histórico a exploração do meio ambiente amazônico. No registro feito por Euclides da Cunha, a relação homem/natureza ganha outro protagonismo, pois a sociedade formada por imigrantes constituiu-se em torno da utilização e exploração da floresta. A floresta tornou-se a nova terra e, ao mesmo tempo, também prisão para brasileiros fugidos da seca, passando a ser vítima desses mesmos indivíduos, subservientes ao sistema capitalista da borracha e imersos na precariedade. Por último, Latour advoga que Natureza&Cultura não sejam vistas como termos explicativos, mas, sim, como aquilo que agencia uma explicação conjunta (80). A antropologia simétrica estabelece o princípio de que tanto a natureza como a sociedade precisam ser explicadas; e essa explicação, segundo Latour, parte do centro, dos quase-objetos; dos híbridos de humano e não humanos.

Para Bruno Latour, o “Império do Meio” rege todos os coletivos, criam misturas de seres humanos e não humanos. É o próprio autor que questiona: “How are we to conceptualize the Middle Kingdom?,” para mais à frente explicar, “As I have said, we have to trace both the modern dimension and the nonmodern dimension, we have to deploy the latitude and longitude that will allow us to draw maps adapted both to the work of mediation and to the work of purification” (127). Para Latour, Natureza&Cultura são dois domínios que existem apenas na concepção ocidental; sendo uma classificação ocidental e não universal. A solução seria pensar,

ao mesmo tempo, a hibridização e a dicotomia, para evitar a separação de objetos que em essência estão unidos na base, que são produzidos em conjunto e em inter-relação uns com os outros.

A noção de híbrido em Bruno Latour, nos permite, simultaneamente, estabelecer algumas comparações e, ao mesmo tempo, aprofundar abordagens científicas e ensaístas acerca da produção ficcional em Mário de Andrade. O conceito de híbrido em Latour vai ser auxiliar no modo pelo qual se percebe a reunião de dados e fatos científicos realizados por Mário de Andrade, para executar a transposição dessas informações na informação artística.

A disposição intelectual de reconhecer as qualidades do híbrido também na realidade, corresponde à aceitação do princípio da simetria nas relações fenomênicas. Por esse dispositivo, analisa-se a simetria e a diferença ao mesmo tempo. Mário de Andrade apreende tudo o que é diferente e desigual e torna simétrico. Colocar no plano da simetria é dar relevo à não naturalização; é não tornar verdade antes de examinar as partes; é não aceitar o fato acriticamente como verdade, sendo esse, também, um procedimento de hibridização que contraria o processo de purificação.

O processo de hibridização e de purificação entram na composição estética de Mário de Andrade à medida que ele não abre mão em relação ao processo de purificação de ordens de saberes de outros campos disciplinares que são auxiliares na compreensão do Brasil, das regiões, do folclore e das políticas culturais. No entanto, essas informações, que são auxiliares, não são verdades absolutas para Mário de Andrade porque ele subverte todas ao seu projeto estético. No momento que executa esse processo de submissão ao projeto estético, Mário de Andrade torna essas informações ou dimensões da realidade em constituintes híbridos (são simultaneamente realidade e ficção). Mário de Andrade admite, dessa forma, que elas podem ter outras

composições relacionais, que não são exclusivas da ciência, da ideologia ou da política, mas que, no plano artístico, elas podem ser tratadas e encaminhadas e resolvidas de outra forma, e que podem assumir outros estatutos de inteligibilidade.

TAKE VI: PERSPECTIVISMO AMERÍNDIO – EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO

Em Eduardo Viveiros de Castro, julgamos construir uma nova perspectiva de leitura que reposiciona os escritos de Euclides da Cunha e Mário de Andrade, trazendo a discussão sugerida pelos autores ao plano do perspectivismo ameríndio-relacional do autor de *A inconstância da alma selvagem*. O antropólogo centra sua teoria relacional no modo de operação da relação Natureza&Cultura feita pelos povos indígenas; sua metodologia tem como princípio “levar a sério o pensamento ameríndio” (*A inconstância da alma*, 375).

Segundo Viveiros de Castro, a distinção Natureza&Cultura existe tanto no nosso pensamento quanto no pensamento ameríndio. Não obstante, esse par teórico, para Viveiros de Castro, deve ser questionado e problematizado, a fim de se chegar a outra subjetividade que permita perspectivar nossos contrastes, em cotejo com as distinções efetivamente operantes nas cosmologias ameríndias. Tomamos o auxílio teórico do multinaturalismo (ameríndio) de Viveiros de Castro como outra possibilidade de leitura ao multiculturalismo (cosmologias modernas). No modo de pensar ameríndio, as categorias Natureza&Cultura “não só não subsomem os mesmos conteúdos, como também não possuem os mesmos estatutos de seus análogos acidentais; elas não assinalam regiões do ser, mas, antes, configurações relacionais, perspectivas móveis, em suma—pontos de vista” (349). Tal ponto de vista realiza-se na abordagem que desenvolvemos da rapsódia ecológica de Mário de Andrade.

Em seu argumento, Viveiros de Castro considera que, para os ocidentais, os rótulos Natureza&Cultura remetem a outras dicotomias—como universal/particular, corpo/espírito,

físico/moral, fato/valor, dado/construído, animalidade/humanidade—daí que, ao tornar a problematizar os conceitos de Natureza&Cultura, necessitamos, segundo Viveiros de Castro, separar e redefinir os predicados subsumidos (348). Consideramos que Macunaíma realiza esse reembaralhamento das cartas conceituais que Viveiros de Castros sugere ao termo “multinaturalismo” para realçar os traços contrastivos do pensamento ameríndio em relação às cosmologias “multiculturalistas” modernas presente na separação Natureza&Cultura. O “multiculturalismo,” segundo Viveiros de Castro, se apoia na unicidade da natureza e multiplicidade das culturas, enquanto que o “multinaturalismo,” ao contrário, defende uma unidade do espírito [cultura] e uma diversidade do corpo [natureza] (349). Em síntese, no perspectivismo ameríndio se confirma uma diferença de mundo, não de pensamento. No mundo ameríndio existe, sim, uma dualidade entre Natureza&Cultura, porém, há uma inversão de significado do que isso representa para nós. Se para nós, a natureza é o polo dado e a cultura é o instituído, para os ameríndios ocorre o oposto, a cultura é o polo dado, e a natureza, o instituído. O que fica evidente no pensamento de Viveiros de Castro, é que Natureza&Cultura são categorias universais. O que nos permite dizer que o que se entende por Natureza&Cultura varia nas diferentes sociedades: a forma é universal; o conteúdo, variável. Ao fim e ao cabo, Viveiros de Castro sugere que todas as culturas separam Natureza&Cultura; porém, ao fazerem isso, não estão separando a mesma coisa e do mesmo modo ocidental.

Ao observar os escritos euclidianos pelas lentes desse autor do perspectivismo ameríndio, nota-se a aparente ausência do tema indígena nos ensaios amazônicos euclidianos. Percebe-se, na verdade, que tal carência diz respeito ao tipo de indígena que Euclides rejeitava, aquele que assumiu de tal forma a cultura do homem branco (são portanto: mestizos de índio com branco, *cholos*, serigalistas, colonos que escravizam e matam os diferentes grupos étnicos) que passava a

destruir a floresta e outras populações indígenas, como vemos no ensaio *Os caucheros*: “E os *caucheros* aparecem como os mais avantajados batedores da sinistra catequese a ferro e fogo, que vai exterminando naqueles sertões remotíssimos os mais interessantes aborígenes sul-americanos” (65).

Euclides, como se denota no ensaio *Os caucheros*, durante sua viagem pelo rio Purus, não manteve qualquer contato com comunidades indígenas. Pelo menos com nenhuma que preservasse seu território e sua cultura, pois a ação dos seringueiros e dos caucheiros anulava a coexistência de uma cultura sustentável com a dinâmica de exploração vigente naquele momento republicano brasileiro. Ainda em *Os caucheros*, podemos observar de forma pungente a violência contra os índios:

[...] viram um corpo desnudo e atrozmente mutilado, lançado à margem esquerda do rio, num claro entre as frecheiras. Era o cadáver de uma amahuaca. Fora morta por vingança, explicou-se vagamente depois. E não se tratou mais do incidente – coisa de nonada e trivialíssima na paragem revolvida pelas gentes que a atravessam e não povoam, e passam deixando-a ainda mais triste com os escombros das estâncias abandonadas. (74)

A violência aqui explicitada contra o indígena é um traço vestigial que nos outros ensaios amazônicos de Euclides da Cunha manifesta-se por subtração: o índio, ou aparece morto ou aculturado. Por isso, ao relacionar a denúncia percebida nos ensaios euclidianos com o multinaturalismo (ameríndio) defendido por Viveiros de Castros, e ignorado pela cultura da borracha, percebemos como essa valorização do antropólogo brasileiro ao perspectivismo indígena poderia, talvez, oferecer uma resposta à cultura disseminada de desrespeito aos direitos indígenas e seu meio ambiente.

Seguindo as pegadas de Viveiros de Castro, seu perspectivismo nos leva a verificar que o ponto de vista relacional indígena, quando desrespeitado, favorece a agressão de ambos os

agentes: meio ambiente e comunidades ameríndias. Nessa perspectiva, podemos pensar a produção marioandradiana e euclidiana sobre a Amazônia em uma nova abordagem que nos leve a questionar todo um processo histórico e cultural da sistemática violência aos povos e à floresta.

TAKE VII: SLOW VIOLENCE – ROB NIXON

O pensamento ecocrítico de Rob Nixon (2011) articula categorias analíticas importantes para a leitura que realizamos: “slow violence” (2) e “the environmentalism of the poor” (4). Nesta tese, o conceito de *slow violence* permite uma leitura filmica crítica da Amazônia por ser definidora de fenômenos ecológicos em curso da região. Trata-se, segundo Nixon, de uma “violence that occurs gradually and out of sight, a violence of delayed destruction that is dispersed across time and space, an attritional violence that is typically not viewed as violence at all.” Nixon enfatiza a incidência de processos de “unseen poverty” que são “compounded by the invisibility of the slow violence that permeates so many” (5). *Beyond Fordlândia* procura desvelar essa violência lenta gradual, invisível e não contemplada nas políticas públicas, sejam regionais ou nacionais, que incidem sobre a Amazônia. Entre os muitos exemplos tratados na narrativa do filme, Dercy Gondinho ganha destaque pela força narrativa de sua denúncia. Gondinho, moradora da região do baixo Amazonas, exemplifica, ao relatar o impacto da chegada do agronegócio e seus destrutivos efeitos econômicos sobre a região, o que Nixon define como “environmentalism of the poor.” Na verdade, a violência lenta opera um fenômeno às avessas, transforma povos e biomas tradicionais em pobreza e devastação como explica a protagonista:

Boa Esperança era o polo da farinha de tapioca. (Em) 2003, eles foram chegando, os primeiros compradores das áreas, e as pessoas, elas foram vendendo as terras. A gente nunca viu 30, 50 mil, se embelezou por aquele valor, e vendeu, muitos, quando chegaram ali na cabeça da serra, que eu costumo dizer, o dinheiro não tinha mais, mas a terra já estava nas mãos dos plantadores, então com isso diminuiu tanto a produção da farinha de tapioca, quanto o ganho para as pessoas,

que vinham em busca de trabalho aqui na vila. Porque como um polo, como uma micro empresa, ela dava serviço para muita gente, muita gente aqui que não era produtor da mandioca, ele prestava serviço, digamos, ela tinha a casa de farinha, ela tinha a roça, então ela dava trabalho pra mim e minha família, para a gente ganhar o sustento, porque a gente fazia o serviço de arrancar, de raspar, de lavar, de embolar, e até de torrar a farinha, então era o nosso ganha-pão, era assim que a gente ganhava aqui em Boa Esperança. (Dercy Gondinho, *Beyond Fordlândia*, 2017)

Nos desdobramentos das análises de Rob Nixon que efetuamos na transposição filmica de *Beyond Fordlândia*, salta à nossa vista a caracterização realizada por Nixon dos termos “development” e “progress” (144) e suas múltiplas designações: “progress narratives” (86, 190), “glorious progress”(92, 100), “Partners in Progress”(112), “self-declared standard-bearers of progress” (120), “act of progress” (136) “triumphal national progress” (161), “progress discourse” (186), “colonial progress narratives” (198), em conexão com o conceito de *slow violence*. Nixon argumenta que essas “progress narratives” estão no centro das questões relacionadas aos danos ambientais de longa duração que se abatem sobre “the environmentalism of the poor” (4). Ele explica que “Inside this progress narratives, the cults of speed, novelty, and spectacle can seem to generate their own innate morality” (207). Discutimos em *Beyond Fordlândia* essas “progress narratives” em curso na Amazônia para avaliar a relação Natureza&Cultura em jogo nessas narrativas. Na transposição da realidade ao documento filmico, como poderá ser lido no capítulo dedicado a esse tópico, busca-se sublinhar por um olhar lento, que este processo de *slow violence* sobre a natureza, os povos, as culturas, altera o modo de vida, a organização do espaço e biomas da Amazônia, assim como altera também suas próprias formas e estratégias de sobrevivência, como espaços de autenticidade. No advento da implantação da soja na região, um olhar lento e minucioso encontra repetições das mesmas práticas discursivas que sustentam “progress narratives,” já velhas conhecidas por terem sido experimentadas por Henry Ford, na década de 20 do século passado.

As discussões apresentadas pelos três autores nos servem de motivações teóricas. Contudo, fica a ressalva de que não almejamos comprovar uma teoria, em detrimento de outra. Ao contrário, trataremos de articular os autores e, dessa forma, contribuir para a discussão até aqui exposta, aplicando-a nos objetos estudados.

TAKE VIII: CAPÍTULO REVIEWS

Abordamos, ao longo desta tese, o modo como a ecocrítica, por sua transversalidade, lê a realidade localizada e os produtos que aqui categorizamos como “ambiente,” abarcando variados campos disciplinares e, assim, permitindo uma releitura ecológica tanto em Euclides da Cunha, quanto em Mário de Andrade. Seguindo a dos capítulos do presente trabalho iniciamos com o engenheiro Euclides da Cunha.

Em Euclides da Cunha, sublinhamos a existência em seu pensamento de uma *trópi-ecologia* sobre a Amazônia. A noção *trópi-ecologia*, neste trabalho, será uma chave oportuna de leitura na qual se destaca o compromisso do escritor-cientista na construção de processos de conhecimento à inteligibilidade da região. O trópico examinado à luz do método genético-ecológico gera a possibilidade de outra interpretação da relação Natureza&Cultura. O reexame dessa interpretação permite simultaneamente nossa aproximação com a linha de pensamento ecocrítico e com a formulação de uma *trópi-ecologia*, pela qual se sustenta a originalidade da compreensão da região em Euclides. Nela, aproximam-se condições e interdições naturais e civilizatórias. A natureza é descrita em imagens científicas, artísticas e éticas em Euclides da Cunha. Barbárie e perplexidade testemunham a relação Natureza & Cultura em *À Margem da História*. Colonização e novas colonialidades estão explícitas e implícitas no desamparo dos grupos humanos nos seringais, nas margens dos rios, na civilização ocidental, que é intrusa no

trópico úmido, na ocupação predatória da Amazônia. A imposição de formas de reprodução cultural pelo Estado Nacional sobre os povos do Brasil incide violentamente sobre territórios e povos da Amazônia, que têm suas autodefinições étnicas e suas formas próprias de reprodução, sejam biológicas ou culturais. A gestão do território sem diálogo com o campo científico é sublinhada por Euclides quando descreve a região. Imagens e representações da Amazônia como resultado da *trópi-ecologia* são imprescindíveis na contemporaneidade para releitura crítica dessa relação natureza cultura que se quer nova na experiência humana. A começar pela Amazônia.

No segundo capítulo, com auxílio teórico desta teoria, realçamos em Mário de Andrade as nuances ecológicas presentes em *Macunaima*, tendo o objetivo de demonstrar a produção ficcional atualizada pelos vetores ecocríticos. O repertório intelectual mariodeandradiano não é apenas criação artística, mas, sobretudo, um amálgama de leituras e experiências que revelam o moderno pensamento do autor de *Macunaima* na produção de outro marco estético e ético no âmbito da relação Natureza&Cultura. Mário propõe, em *Macunaima*, “desgeografizar” para fomentar um novo estatuto ontológico dos agentes humanos e não humanos e outra teoria do Brasil, tentando incluir, no imaginário que coloca em movimento, sua vivência como “turista aprendiz” na Amazônia. O espaço desgeografizado de *Macunaima* responde a um projeto literário simultaneamente estético, linguístico, ideológico e social. Vamos encontrar essa preocupação em outros pontos de sua trajetória intelectual, seja em documentos vinculados às políticas públicas—um deles aqui reproduzido, como exemplar—, seja em poemas, tal qual este de *Clã do jabuti*:

Abancado à escrivaninha em São Paulo
 Na minha casa da rua Lopes Chaves
 De sopetão senti um friúme por dentro.
 Fiquei trêmulo, muito comovido
 Com o livro palerma olhando pra mim.
 Não vê que me lembrei que lá no Norte, meu Deus!

Muito longe de mim,
 Na escuridão ativa da noite que caiu,
 Um homem pálido, magro de cabelos escorrendo nos olhos
 Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
 Faz pouco se deitou, está dormindo.
 Esse homem é brasileiro que nem eu...

(*Poesia completa*, 203)

A “rapsódia ecológica” em *Macunaima*, é uma harmonia aberta e relacional que “reúne e integra” uma polifonia de culturas, ambientes dissonantes e regiões distantes que expressam uma entidade brasileira plural. A esta “rapsódia ecológica” corresponde uma geografia imaginária que subverte as fronteiras imaginárias do Brasil. De acordo com a imaginação de Mário, que era “trezentos e cinquenta,” *Macunaima*, o elemento híbrido da floresta e manifesto vivo, é a fusão de todos os sujeitos na ficção, possíveis através dessa realidade assim postulada.

No capítulo três, evocamos o pensamento ecocrítico para realçar o conceito de violência lenta, de Rob Nixon, e a interpretação dada nesta tese de olhar lento para se pensar a Amazônia. Destacam-se conexões e sentidos por meio da imaginação fílmica em *Beyond Fordlândia*. A categoria violência lenta inspira o exercício de outra, a de olhar lento, que articula modos de percepção, leitura e interrogação do passado e do presente da região e as relações Natureza&Cultura. Isto significa que o conceito de violência lenta permite a operacionalidade da categoria de olhar lento. Esse conceito revela que a produção gomífera e da soja, do ontem e de hoje, oculta e invisibiliza as vulnerabilidades da região e a contínua prática de violência lenta, física e cultural. E de irreversíveis impactos sobre povos, culturas e ambientes. Os conceitos e categorias abordados sugerem uma nova ética de percepção crítica e métodos de observar e atuar sobre a região. Em discussão está a forma de como os sujeitos, agentes e processos são vistos, como suas ações se moldam e determinam resultados pontuais, tantas vezes deletérios e

recorrentes. Defende-se que, se vistos e expostos adequadamente, esses textos e documentos filmicos, sob a ótica da leitura aqui praticada, podem produzir diferentes reações condutoras de sentidos e interpretações da exploração lenta e nociva sobre humanos e não humanos na Amazônia. E acredita-se que podem servir de instrumento de resistência, pelo esclarecimento que impulsiona à ação.

Chapter 1

“Tropi-Ecologia” de Euclides da Cunha

A problemática ambiental e ecológica atual do Brasil e da Amazônia já estava de modo embrionário nos registros literários e ensaísticos sobre a região do passado. Essa literatura de paisagens e do imaginário descreveu biomas, ecossistemas, modos de adaptabilidade, usos e costumes que exploram as experiências entre o homem e a natureza, registradas desde o descobrimento do país. É essa mesma literatura que possibilita novos debates e desafios para a relação entre os agentes humanos e não humanos, natureza e cultura, geografia e história do território amazônico.

Demandas da sociedade e do desenvolvimento científico produzem abordagens inovadoras diante do debate ambiental. O pensamento ecocrítico se inscreve entre elas. Seus vetores associados ao reexame do pensamento de Euclides da Cunha (1866-1909), no âmbito de uma aproximação que denomino de *tropi-ecologia*, exploram a sugestão de Gilberto Freyre em seu ensaio *Perfil de Euclides da Cunha e Outros Perfis* (1944). Freyre sugere ser Euclides o primeiro tropicalista e atenta que o autor fluminense “esplende de tropicalismo; arde de brasileirismo” (70), o que implica uma caracterização da consciência ecológica no pensamento de Euclides da Cunha sobre a Amazônia. A natureza ganha estatuto e agência; e a relação homem e natureza é submetida ao olhar crítico. Gilberto Freyre ressalta que a contribuição de Euclides é “de sensibilidade e de compreensão da natureza e do homem tropical” (49).

Atualmente, a discussão literário-científico-ecológica da floresta amazônica propõe um direcionamento teórico que ultrapasse os métodos discursivos tradicionais. Com isso, abrem-se outras possibilidades de intervenção nos vigentes problemas dos ecossistemas da região. Uma dessas possibilidades consiste em tomar a floresta como uma personalidade capaz de impedir as vontades da exploração e penetração populacionais em grande escala no território; impedimentos

estes favorecidos tanto pela inacessibilidade quanto pela natureza inóspita do *Trópico Úmido*. O conhecimento técnico-científico da floresta tropical impõe-se sobre o desbravamento e apropriação do território. A imaginação científica e a imaginação literária, em oposição ou convergência, reclamam mais tempo para alcançar um conhecimento satisfatório da região. O pensamento ecocrítico, diferente do colonizador, indica uma atitude intelectual que privilegia o reconhecimento da alteridade da vida natural, social e cultural como constituinte da inteligência sobre a floresta.

Ao imaginário da região amazônica, construído no decorrer de seu processo sócio-histórico, foram incorporados os discursos imagético de *paraíso edênico* inacabado e o de *inferno verde* de “incontáveis aspectos parcelados” (Alberto Rangel, *Inferno Verde*, 21). Essas representações foram encenadas ao longo dos séculos por viajantes, cronistas e cientistas. Não deixa de ser, no mínimo, um “paraíso suspeito” (15), como define Leopoldo Bernucci, um bioma-esfinge que pelos liames da prosa ou da ciência revela novas cartografias literárias de humanos e não humanos da região. Ou mesmo um “metadiscorso da poética das ruínas” (21), como infere Francisco Foot Hardman. Pedro Maligo (1998), advoga que essa visão dicotômica disseminada pelos conquistadores colonialistas e imperialistas será a estrutura retórica que examina toda uma forma de ler, escrever e pensar o espaço amazônico nos séculos XVIII, XIX e XX. Mark Anderson analisa os “tropes of paradise” na virada do século XX na literatura brasileira e destaca um modo de representação que se solidifica após a proclamação da República, e que o autor define como sendo “Ecologies of abjections:”

(...) environmental theories depicting uninhabitable geographies characterized by an unbearable climate and hostile nature, including monstrous and/or parasitical flora and fauna, and physical topographies that defy the “natural” order and Western aesthetics, which contribute to the evolution of lazy, immoral, irrational, deformed, and dark-skinned humans who have undergone pernicious

adaptation to the adverse environment – only became the dominant mode of representation following the proclamation of the Republic. (121)

Não obstante, fugindo de dicotomias e modos de representação, observa-se que os ensaios amazônicos de Euclides da Cunha em *À margem da história* revelam, sob o viés ecocrítico, outros caminhos de leitura de interpretação do Brasil profundo. Isso se dá ao trazer à superfície do debate acadêmico atributos ecológicos latentes na produção literária do autor sobre a região amazônica. O discurso ecocrítico amplia a discussão para além da dicotomia “paraíso/inferno” ao desenvolver uma abordagem teórica sobre os trópicos brasileiros por meio do método genético-ecológico.

Euclides da Cunha procurava, na Amazônia, repetir o papel vingador que desempenhou na cobertura da Guerra de Canudos; tal como lá, ele pensava revelar um Brasil para o Brasil. O “discurso vingador” de Euclides da Cunha, faz referência ao que ele considera ser sua missão crítica como escritor e homem de ciências. Ao escrever *Os Sertões* (1902), Euclides considerava ter feito um grande favor ao Brasil, trazendo para o debate das regiões litorâneas as tragédias do interior. Para Euclides, os brasileiros “sentiam-se fora do Brasil. A separação social completa dilatava a distância geográfica; criava a sensação de nostalgia de um longo afastamento da pátria” (*Os sertões*, 496). Um sentimento semelhante fica exposto em sua relação com a região amazônica. Em várias cartas enviadas a seus amigos, o autor reitera que sua viagem à Amazônia lhe daria oportunidade para repetir semelhante “vingança” em favor dos desamparados do Estado brasileiro na região Norte do país. Euclides almejava na Amazônia, como em *Os sertões*, interpretar o Brasil com um forte apelo de justiça social. “O Euclides da Cunha preocupado com o futuro brasileiro da Amazônia era o mesmo Euclides da Cunha em quem o drama de Canudos despertara o mais intenso dos brasileirismos, (...) sem que

ao ‘espírito caboclo’ [se juntasse] a formação de engenheiro e a preocupação do sociólogo. Ou do ecologista social” (24), é o que afirma Gilberto Freyre. Seus ensaios sobre a Amazônia em *À margem da história* denunciam e expõem as agruras dos seringais do Acre, o entorno natural e cultural do homem, o modo agressivo da exploração de mão de obra e da natureza na produção extrativista da *Hevea brasiliensis*, e o caráter predatório da produção gomífera.

Comparando sua incursão no acampamento militar de Canudos¹² e sua experiência na Amazônia, esta foi, no mínimo, diferente. Não somente pelo período de tempo em que ficou na região (aproximadamente sete meses) e a extensão do território que percorreu, mas sobretudo porque sua experiência na Amazônia foi mais profunda. Ali, Euclides foi além do registro da paisagem, vendo a natureza e o próprio homem como agentes e não apenas como objetos e sujeitos de circunstâncias. Registra em seus escritos um outro patamar de apreensão do Trópico Úmido,¹³ validando a qualidade de “actância” da floresta. Euclides da Cunha em sua viagem pelo Acre e a região dos rios Juruá e Purus, retrata a geografia amazônica sem se esquecer dos agentes humanos (índios, *caucheros*, seringueiros, ribeirinhos, fazendeiros etc.), e não humanos que a ocupam. O registro feito pelo autor, alegórico ou factual, parece demonstrar que a dinâmica ecológica da Amazônia não pode ser separada da história natural, humana e cultural que forjou a região.

O discurso científico na perspectiva euclidiana orienta o olhar empírico sobre o território, retrata a morfologia social e as características geográficas, assim como os limites da institucionalidade precária do Estado e o desconhecimento que o Brasil tem da floresta tropical. A representação da Amazônia aos brasileiros, fundada pelos relatos de naturalistas e viajantes, influencia na composição de um valor arbitrário sobre a zona. Aquelas representações eram muitas vezes feitas por opiniões externas, mas reiterados, pelos

naturalistas e chegavam ao poder republicano nascente, estabelecendo um contraponto com a constatação científica do cenário intelectual euclidiano. A imaginação ensaística euclidiana concilia as relações de causa e efeito do relato positivista com a interpretação de sentido que apreende a região como um sujeito natural, único em sua singularidade, e constrói outro relato dela como artefato cultural servindo-se de uma imaginação simultaneamente artística e científica. É sob esse prisma que Euclides busca inventariar a região na sua complexidade concomitantemente social e ecológica. Os atributos ecológicos do espaço geográfico percorrido por Euclides da Cunha sempre fizeram parte da literatura escrita na Amazônia ou sobre ela, porém a falta de um aparato crítico que desse conta de problematizar e historicizar as relações humanas com o meio ambiente não existia na sua época.

Uma leitura em perspectiva ecocrítica de Euclides da Cunha, pensando-o como ecocrítico, nos permite investigar como certas produções literárias do autor utilizaram o espaço amazônico como tema de suas narrativas, sem que, ao longo da história crítica brasileira, esse fundo paisagístico-ecológico tivesse recebido atenção exclusiva em termos de sua centralidade e não como universo periférico das relações Natureza&Cultura. Podemos identificar nas bases morfológicas de seu modelo: 1) a tentativa de descolonizar as interpretações da Amazônia, e igual intenção de valorizar a natureza como um bem da organização política e territorial, ideias manifestas de proteção e preservação do seu estado natural; 2) o compromisso com as gentes originárias e grupos humanos desprotegidos pelos governos que desbravavam economicamente a região, ora forçados pelo isolamento ora pela “solução” da questão agrária brasileira; e 3) os impactos recíprocos na relação Natureza&Cultura no Trópico Úmido.

Fazer a intelligentsia brasileira entender a região Amazônica em sua representação política e científica é uma prioridade moral para Euclides da Cunha. A fim de realizar esse

compromisso, o autor lança mão de três objetos de estudo: fatos materiais (fisiografia regional; demografia; dimensão do território e volume de elementos naturais; limites e precariedades comunicacionais e tecnológicos); fatos e condições institucionais (relação política tênue entre o Estado brasileiro e a Amazônia; deslocamento desordenado e precário de grupos humanos miseráveis do Nordeste para a região amazônica; ausência de ações limitadoras da exploração extrativista ilegal pela fragilidade das fronteiras); e fatos e fenômenos ligados às representações propriamente ditas (desconhecimento científico; desconhecimento dos brasileiros sobre a região; precariedade de informações ligadas às políticas governamentais, frágeis relações diplomáticas com os países panamazônicos; e percepções equivocadas, contraditórias e díspares das elites brasileiras sobre os modos de intervenção humana na Amazônia [como a de ver a região como solução para degredo de pobres, sem terra, negros livres etc.]). Tais fatos, condições e fenômenos articulados sob a influência do raciocínio do positivismo lógico em Euclides da Cunha, o incluem em uma interpretação factualmente orientada para uma elaboração ensaística de indiscutível aproximação científica que, sob nosso ponto de vista, o pensamento ecocrítico pode aprofundar. A desastrosa importada presença humana na região, a leniência de governos, a subalternidade ao imperialismo de países centrais, a representação do desastre ambiental e as ações predatórias desde a colonização, são fatos e fenômenos que permitem pôr em diálogo Euclides da Cunha e o pensamento ecocrítico contemporâneo. Ilustram-se como exemplo as novas colonialidades de frentes pioneiras sobre o extrativismo de recursos naturais, bem como a destruição precoce da floresta e ecossistemas para fins econômicos, antes que o conhecimento científico indique a melhor forma de intervenção na relação Natureza&Cultura entre agentes humanos e não humanos, constituintes dos biomas amazônicos.

Dessa forma, pela perspectiva aludida e em reciprocidade com as palavras de Marco Lucchesi, “a prosa de Euclides não perde a densidade específica; antes, recobra o sentimento-ideia que a organiza, na tensão entre água e rocha, ou, mais precisamente, entre ciência e poesia” (8). A convergência com a aproximação entre o pensamento de Euclides da Cunha e o método genético-ecológico exercitado em Gilberto Freyre revigora a análise euclidiana sobre a Amazônia. O pensamento ecocrítico amplia o esclarecimento sobre essas conexões.

GENÉTICO & ECOLÓGICO

O par conceitual genético-ecológico assinalado na obra de Gilberto Freyre por Elide Rugai Bastos permite uma releitura da abordagem de Euclides da Cunha sobre a Amazônia quanto ao que denominamos tropi-ecologia. O trópico se apresenta na obra dos autores como um espaço onde se coadunam o tradicional, o moderno, o oriente, o ocidente, o europeu, o africano, o ameríndio, o caboclo, a natureza e a geografia. Para Freyre, o trópico é a base que reduz interpretações arbitrárias ao triângulo patriarcado, interpenetração de etnias e culturas (1968, 145). É onde o antagonismo entre as raças, culturas e ambiente tendem ao harmônico.¹⁴ O trópico é o laboratório freyriano e euclidiano de fundir métodos, não só sociológicos, mas antropológicos, ecológicos, artísticos e filosóficos para dar conta de uma situação existencial extra-europeia. Por meio dessa amálgama, os pesquisadores-cientistas chegam a uma imagem, tanto quanto possível, completa do homem situado no espaço tropical e suas tragédias sociais e humanas (Elide Rugai Bastos, 244-251). O próprio Gilberto Freyre declara que:

(...) Nenhum problema é mais profundamente ecológico – e ao mesmo tempo sociológico – que o da adaptação do homem ao *meio físico*, ao conjunto de condições de solo, de vegetação e de vida animal dentro do qual vai estabelecer sua posição, seu status, sua situação de homem social e não apenas de indivíduo biológico: de portador, transplantador, deformador ou renovador de cultura, de instituições, de formas de vida social. (448)

Em via mais freyreana que euclidiana, o meio deve ser pensado como elemento condicionante e não como agente determinante das relações ecológicas ou sociais. Ocorre um processo semelhante em Euclides, mesmo que neste a determinação geográfica fosse relativizada pela interação ecológica entre homem e ambiente. Freyre sublinha a relevância de, em estudos sociológicos, antropológicos e literários, não perdermos de vista o fator ecológico ao lado do cultural. Isso porque os espaços onde se realizam as atividades sociais, condicionam as formas de organização e os processos de interação entre os grupos humanos e não humanos, e os elementos naturais e culturais. Será no método genético-ecológico, como aponta Rugai Bastos, que se localizam os vetores encontrados nos trópicos por Gilberto Freyre para equacionar as dinâmicas da especificidade da formação nacional e de sua continuidade histórica diante das transformações modernizantes pelas quais passava o Brasil nas décadas de 20 e 30 (225-235). Assim comenta Rugai Bastos:

É através da discussão sobre o tradicional e o moderno que a análise do trópico assume, em Gilberto Freyre, a dimensão regionalista. Ao mostrar a singularidade do regional propugna a necessidade de uma específica direção política eco-sócio-cultural para o Norte e Nordeste. (237)

Seria oportuno afirmar que a sociologia genético-ecológica observada em Freyre são critérios que se aplicam em Euclides, na busca e no estudo das origens e do desenvolvimento no tempo e no espaço das instituições e dos homens no meio tropical. A metodologia genética e ecológica permite a ambos dar conta da realidade física, histórica e sócio-cultural do homem situado nos trópicos úmidos e secos. Ambos os métodos elaboram uma imagem quase que completa do homem em sua existência concreta, ambiental e social, em sua situação no espaço e no tempo. O resultado multidisciplinar dessas duas perspectivas justapõe uma visão da formação

ecológica e sócio-cultural brasileira, que se observa em equilíbrio. Visão que também compartilha o destacado intérprete de Euclides da Cunha, Leandro Tocantins:

A Amazônia é, evidentemente, (...) uma formidável ilha ao mesmo tempo ecológica e sociológica, na apreciação de Gilberto Freyre, ou ainda na maneira que este propõe, um como trópico anfíbio, a diferenciar-se dos outros trópicos brasileiros, trópicos úmidos e trópicos secos. (39)

Interpretar o esforço criador do homem na Amazônia por esse viés, requer, além do critério ecológico, a fusão de métodos, teorias e a criação de estilos narrativos como os que realiza Euclides da Cunha ao plasmar suas impressões sobre a região amazônica. É diante dessa proposta de inter-relacionar várias perspectivas que o método genético-ecológico em Euclides ganha poder de compreensão da vida social e sua base física naquilo que denominamos sua tripla dimensão: natureza, espaço e tempo, adicionada à síntese que Rugai Bastos faz de Gilberto Freyre: “O cotidiano visto historicamente deve ser apanhado em sua dupla dimensão, espaço e tempo, conexão possível a partir da utilização simultânea de dois métodos: o ecológico e o genético. (70)

Essa metodologia possibilita captar os desenvolvimentos culturais e da geografia física no tempo e no espaço que atravessam as civilizações tropicais. Ao desenvolvimento dessas civilizações tropicais, agrega-se a dimensão ecológica, nas quais estão as bases materiais dos biomas e ecossistemas, e onde se estabelecem as relações Natureza&Cultura. O desdobramento dessa hipótese nos leva a uma digressão sobre aproximações e distanciamento nas leituras que Gilberto Freyre faz da obra de Euclides da Cunha. Tais movimentos (digressão ou aproximação) os incluem em uma tradição narrativa do ensaio, que dá ênfase às interações homem e meio ambiente, para a compreensão da natureza e da sociedade. Será na recorrência ao conhecimento científico para a apreensão da realidade examinada, que a aproximação de ambos se realiza pelo

método genético-ecológico, mesmo com diferentes ênfases na generalização morfológica (Euclides) e na significância das interações (Gilberto Freyre).

A compreensão dos trópicos é um esforço desenvolvido por ambos com diferentes pontos de vista. Isso tem como fim a representação da paisagem íntima, além da paisagem física (Euclides), representando a empatia (Freyre) como atitude intelectual de ligação do escritor cientista com a realidade, e o sentimento de valorização da paisagem-mãe. Essa imagem afetiva prolongada do território do sertanejo é uma apreensão sentimental da regionalidade (a região não é apenas a fisiografia, é uma representação sentimental). Euclides da Cunha e Gilberto Freyre, qualificam ecologicamente o Trópico Úmido e o Semi-árido com o olhar da complexidade e da empatia. Deixam-se impregnar pela actância da natureza sobre os homens e sobre eles próprios com seus olhares científicos ou poéticos. Dobram-se à plenitude das interações e da diversidade de meios que sustentam as relações dos tipos humanos com o ambiente. Expõem-se como sujeitos, cujas explícitas intenções conduzem a interpretações e planos. O Norte e o Nordeste, sertões de diferentes biomas, não se deixam penetrar pelo conhecimento científico sem que a dimensão poético-ecológica integre-se aos planos da origem e da evolução.¹⁵

A preocupação ecológica propriamente dita em Euclides da Cunha, se configura, segundo Gilberto Freyre, na combinação da engenharia social, com o relato dos naturalistas citados por Euclides e com o conhecimento sociológico como base contextual da sua imaginação artística. É no ato da escrita e na caracterização do estilo que Euclides traduz ecologicamente suas preocupações. Os aportes de conhecimento referidos são traduzidos em Euclides por Gilberto Freyre com sensibilidade e empatia, sem o quê as dimensões genética e ecológica não se articulariam. Pelo método genético-ecológico pode-se afirmar que o autor-cientista logra através de uma imersão profunda não apenas sensibilidade e empatia, mas também a condição de

constituir-se na mesma realidade, confundindo-se com ela. Euclides, afirma Alfredo Ladislau, “soube arrancar, das frias concepções científicas, a beleza dos fenômenos telúricos” (43).

CRÍTICA E RELEITURA

Mesmo antes de Euclides da Cunha ser o celebrado autor de *Os sertões* (1902), suas preocupações com o tema amazônico ficam claramente manifestas, na sua resenha “*Fronteira sul do Amazonas, questão de limites*,”¹⁶ do livro de Manoel Tapajós, 1898. Nesse ensaio, podemos encontrar a semente do futuro discurso vingador euclidiano, ao denunciar “a ganância e o heroísmo selvagem de três gerações de aventureiros” (21), que revelam, na Europa, seus logros, como se notificassem a aparição de um novo mundo. Euclides ainda acrescenta que “datam desta quadra as primeiras explorações sistemáticas do vale do Amazonas, de que se podem erigir modelo às investigações preciosas, sumariadas, mais tarde, nos trabalhos brilhantes e ainda inéditos de Alexandre Rodrigues Ferreira” (22). Por isso, nosso foco de análise aborda esse primeiro texto e aqueles agrupados em *À margem da história*, compondo assim um *corpus* essencial da consciência ecológica que examinamos no autor.

Um breve roteiro dos principais críticos euclidianos nos parece necessário. Por exemplo, Francisco Venâncio Filho (1976)—texto publicado em 1931—, apresenta o conteúdo de sua obra e visão amazônica aos leitores, ressaltando que “coube a Euclides revelar a Amazônia à consciência nacional” (45). Clóvis Moura, em *Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha* (1964), busca analisar a “visão pré-amazônica” de Euclides e sua significativa mudança de conceito determinista com respeito ao homem e o ao clima, predominante em *Os sertões*. Moura sinaliza a incidência maior do autor nas questões sociais amazônicas em detrimento dos conflitos étnicos e geográficos.

Leandro Tocantins, em seu clássico trabalho *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido* (1966), ratifica o foco social observado por Moura em Euclides e aponta a lucidez de análise do autor em defender um “brasileirismo-amazônico.” Também chama atenção para o projeto de integração da região, assim como a existência de um ponto de vista pessoal do escritor nos textos amazônicos, isto é, um “encontro com sua verdadeira personalidade” (45).

Arthur César Ferreira Reis (1976) destaca que os textos amazônicos de Euclides da Cunha revelavam o descaso brasileiro com a região e o eminente perigo de sua perda. Desse modo, a leitura de Ferreira Reis parte de um recorte político para compreender as preocupações de Euclides da Cunha. Franklin Oliveira (1983) observa a compreensão euclidiana de espaço. Sua investigação aponta Euclides como fundador do que viria ser a geografia crítica moderna. Ele também salienta a carência do elemento indígena na narrativa amazônica do autor e estabelece contrastes entre a viagem e os textos amazônicos e o *Diário de uma expedição* (1939) feito em sua excursão a Canudos. Fadel David Antonio Filho (1995) confirma a importância de Euclides para os estudos geográficos do país. Lourival Holanda de Barros (1992) enfoca as ambiguidades na composição do texto amazônico de Euclides. Ele considera a influência de leituras de exploradores e colonizadores um sedimento que compromete a visão de Euclides do espaço.

Francisco Foot Hardman (1996), por seu turno, analisa a influência estética e literária do romantismo nos escritos de Euclides da Cunha. Para ele, o caráter de denúncia social se origina aí. Esse pensamento perpassa a prosa do autor, onde as imagens de ruínas, já presentes em *Os sertões*, dominam seus escritos sobre a região. Além disso, Foot Hardman dedica especial atenção aos poemas da juventude do autor, detectando em sua poética o mesmo viés de ruínas de sua prosa.

Luciana Murari (2007) faz uma leitura de Euclides apontando nos escritos do autor a falta de unidade e homogeneidade do país evidenciada pelos contrastes entre o sertão e o litoral. Esse mergulhar euclidiano nas entranhas do país (Canudos e Amazônia), segundo ela, tinha o intuito de minimizar as distâncias socioculturais entre os dois extremos do território. Murari pontua, assim, que o abandono da região amazônica pelo Estado é um dos motivos da denúncia nos escritos de Euclides, o qual sugere a incorporação da região ao conjunto da nação.

Roberto Ventura (2003), biógrafo e estudioso de Euclides, faz aguçadas conexões entre a selva e o sertão, e, para esse autor, o deserto concatena os dois eventos que narra Euclides: a floresta tropical e o arraial de Canudos. Além disso, Ventura observa um possível pensamento ecológico nos ensaios amazônicos:

Surge, em Euclides da Cunha, um discurso ecológico que poderia ser visto hoje como politicamente correto pela defesa das minorias étnicas e do meio ambiente. Mas esse discurso se afasta de uma suposta “correção” política, ao veicular a marcha inexorável do progresso e da civilização, ao pregar a absorção do indígena e do sertanejo pelas raças e culturas tidas como superiores, ao defender a integração dos vazios e desertos à escrita e à história, cujos limites e fronteiras estão em contínua expansão. (248)

A leitura de Euclides da Cunha por Roberto Ventura reafirma a presença de um pensamento ecológico em sua obra que se aproxima da perspectiva que estamos examinando em *À margem da história*. Ao mesmo tempo em que Ventura vê pistas de leituras ecológicas em Euclides, ele parece criticar a defesa que o autor fluminense faz do progresso, deixando reluzir um caráter não homogêneo do pensamento euclidiano. Mas seria essa “falta de homogeneidade” no pensamento de Euclides um problema?

Em conformidade com Roberto Ventura, notamos, por um lado, um Euclides que pensa o progresso (“as ideias recebidas de fora”) como forma de alcançar o futuro já vivenciado por

outras nações. Por outro lado, quando Euclides está *in situ*, no seio da floresta, e vê os efeitos perversos causados pelo progresso, é quando essa ideologia progressista passa a ser criticada por Euclides. Isso nos leva a questionar se, através dessa ambiguidade presente na retórica euclidiana, seria possível estabelecer uma espécie de ponte conceitual entre essa dúvida do progresso que vemos aparecer em Euclides da Cunha e uma visão ecologicamente mais pessimista que pensamos observamos em *À margem da história*.

Ressaltamos que, quando Euclides da Cunha vai para a Amazônia como Chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, em 1905, ele começa a modificar o seu ponto de vista determinista adotado em *Os sertões*. Quando confrontamos as cartas de Euclides da Cunha escritas antes de sua viagem pelo rio Purus e os ensaios posteriores a essa viagem, percebemos que seus argumentos não se baseiam unicamente na consulta ao conhecimento “cientificista” em voga. Sua perspectiva está construída em sua vivência *in loco*, em seu processo de experienciar as dificuldades e violências reais da floresta e dos homens. Já não era mais possível para Euclides olhar a região amazônica a partir dos duros pressupostos das ciências. A imersão da realidade e os modos de ocupação humana sem conhecimento científico se apresentavam a Euclides para além da verificação. O que ele assiste na Amazônia é a presença humana agredindo o meio ambiente, destruindo biomas e ecossistemas, tentando domesticar a selva de forma violenta. Essa intervenção estava a exigir uma interpretação mais realista e propositiva sobre o espaço amazônico. A combinação do conhecimento da realidade, do modelo típico do sujeito regional e a ação do Estado seriam condições para proteção da fisiografia e do território da região. Dessa forma, a questão ecológica ganha relevância nos ensaios amazônicos euclidianos.

No texto inicial de *À margem da história*, “Impressões gerais,” Euclides comenta: “A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é *ainda* um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido—quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão” (25) [O grifo é nosso]. Nota-se aí, que o tratamento dispensado por Euclides, tanto à terra quanto ao homem, é mediado por uma retórica que tem como sustento essa “verdade positiva.” São exposições carentes de ideação e grandiloquência tentando ser fidedignas àquilo que o autor denomina como verdade. Em certa medida, a estratégia de Euclides de abordar a natureza em termos científicos, geográficos, deixa escapar em muitos trechos uma de suas marcas reconhecíveis: sua linguagem artística. Na narrativa de *À margem da história*, verdade e imaginação harmonizam-se na busca de representar o positivo, de recuperar a Amazônia não apenas ecologicamente, mas também artisticamente; o que desmantela, dessa forma, discursos científicos predominantes consolidados pelos cânones tradicionais. Nesse contexto, é pontual a observação de Leopoldo Bernucci ao aludir a capacidade euclidiana de subverter fatos concretos pelo encantamento da representação artística. “Com efeito, para o leitor incauto, através da linguagem estonteante e persuasiva de Euclides, a representação da natureza chega a ser tão perfeita e detalhada, a despeito de uma factibilidade, que o que passa a adquirir importância parece já não ser propriamente o que se narra, mas como se narra” (107). Em convergência com o sublinhado, observa-se que mais do que simples descrição e mais do que mero encadeamento de dados, os textos euclidianos são “ensaios de quem se aproximou de temas brasileiros com espírito científico e com preparação técnica” (Freyre, 20). Porém, deixe-se claro que o valor de sua ensaística sobre a Amazônia fica subsumido ao seu valor literário, a sua capacidade de revelação da realidade. Se a ciência descreve e explica, a literatura revela, faz ver, coloca diante dos olhos dando a conhecer um

objeto ao desvelar as camadas que o encobriam, ao retirar-lhe o véu de opacidade que tornava obscura a observação.

LAMPEJOS AMBIENTAIS

O deserto, seja ele amazônico ou do semi-árido, opera como um fio de costura, unindo a selva e o sertão euclidiano sob o mesmo repertório de perspectivas factuais, analíticas e ecológicas. A floresta tropical e a caatinga do semi-árido são vistas como desertos, por seu isolamento geográfico e povoamento rarefeito; são territórios desconhecidos. No caso da Amazônia, os viajantes evitavam e os cartógrafos excluíaam ou contornavam seus mapas, sem adentrar na profundidade desses territórios. Paisagens fantásticas que paralisavam o observador tomado por um misto de terror e êxtase. Em carta a Artur Lemos, de 1905, Euclides observa sobre a Amazônia: “O forasteiro contempla-a sem a ver através de uma vertigem. (...) é um infinito que deve ser dosado” (268-269). A Amazônia tipificada nos escritos euclidianos é caracterizada como essa região naturalmente transnacional e de irrefutável pertinência ecológica global. Essas possíveis preocupações ambientais que se evidenciam na obra de Euclides da Cunha, no início do século XX, nos permitem colocá-las dentro do debate contemporâneo sobre o meio ambiente. Tal debate vê a Amazônia como bioma e ecossistema regulador de funções planetárias indispensáveis ao equilíbrio do globo. Como bem afirma Roberto Ventura:

Euclides formulou, em seus ensaios amazônicos, uma visão ecológica e humanista. Criticou as condições de trabalho dos seringueiros. Defendeu a preservação das matas e florestas, destruídas pelos plantadores e pelas caldeiras dos barcos e locomotivas a vapor. (10)

Essas características são suficientes para suscitar e estabelecer uma análise não apenas histórico-literária, mas sobretudo ecológica, pois uma das personagens que ganha indelével protagonismo dentro da produção de Euclides da Cunha é a floresta amazônica, seja na

perspectiva ambiental como ele a apreendia, seja no plano físico ou no ensaístico. Alfredo Ladislau, sintetiza: Euclides foi “o único que nos mostrou, fora desse ambiente científico, uma Amazônia inteiramente nova, bem outra daquela prefigurada por nossa prosaica visualidade” (43).

Quando confrontamos o legado histórico, antropológico e social presente em *À margem da história*, reconhecemos a observação de Euclides da Cunha a partir do rio Purus, em sua viagem de demarcação dos limites entre o Brasil e o Peru. Mas esse ponto de vista se vê entrecortado pelo estudo bibliográfico de outros exploradores que já haviam feito a viagem que Euclides empreendia. O contato com a Amazônia deu-se assim por estágios:¹⁷ a adaptação ao clima amazônico, o relato dessa experiência por meio de cartas, a preparação para a sua missão diplomática, o contato com o rio que lhe dá certa perspectiva da floresta, até que, finalmente, Euclides penetra as matas e conhece as comunidades que ali habitavam e o impacto que a presença humana provocava ao meio ambiente.

Tudo isso rendeu-lhe impressões que podem ser reconhecidas além dos sete ensaios publicados em *À margem da história*. Em 1906, na revista *Kosmos*, por meio do artigo “Entre os seringais,” Euclides descreve o processo de dominação da selva pelo seringueiro:

E o mateiro lança-se sem bússola no dédalo das galhadas, com a segurança de um instinto topográfico surpreendente e raro. Percorre em todos os sentidos o trecho de selva a explorar; nota-lhe os acidentes; apreende-lhe a fisiografia complexa, que vai dos igapós alagados aos firmes sobranceiros às enchentes; traça-lhe os varadores futuros; avalia-lhe, rigorosamente, as “estradas;” e vai no mesmo lance, sem que lhe seja mister traduzir complicadas cadernetas, escolhendo à beira dos igarapés todos os pontos em que deverão erigir-se as pequenas barracas dos trabalhadores. (214)

Encontramos em passagens como essa justificativa para validar a leitura ecocrítica. O enfoque tradicional da crítica brasileira considera o espaço amazônico, suas paisagens e seus

agentes como atributos meramente ornamentais, próprios da retórica grandiloquente euclidiana, desconsiderando a representatividade dessa natureza retratada como um dado que nos diz muito sobre um processo de agressão sistemática. Mesmo que Euclides não possa ser considerado um pioneiro das preocupações ecológicas atuais, seus escritos amazônicos nos oferecem material convincente para repensá-las.

A reinvenção ecológica, literária e política da região que postulamos por meio dos escritos amazônicos do autor: 1) requer novas relações entre humano e não humano, redefinindo o protagonismo do meio ambiente no discurso regional, nacional e global; 2) não abre mão da pluralidade discursiva que pense não só o espaço nacional, mas sobretudo as noções de sujeito nacional e alteridades; e, 3) fomenta um discurso que reconecta redes culturais complexas, sociais e econômicas da híbrida sociedade amazônica, não apenas em latitudes continentais, mas levando a discussão regional à esfera universal.

A leitura ecocrítica sugere que o entendimento da natureza deve derivar de uma nova relação que seja constitutiva e mutuamente recíproca entre Natureza&Cultura. Para pensar os vetores ecocríticos no contexto literário brasileiro, é preciso levar em conta a história humana e as tradições discursivas como foram desenvolvidas em locais imaginários, reais e específicos da geografia do país. Enxergamos por meio de Euclides da Cunha uma maneira singular de capturar a idiossincrasia da Amazônia, onde a experiência humana e sua relação com o meio ambiente parecem ativar outros sinais de leituras, desta vez a ecológica, do espaço e do homem que nele vive.

Os constituintes do discurso ecológico em Euclides da Cunha têm bases materiais concretas, implicações institucionais e apreensão representacional das percepções do Brasil e dos brasileiros sobre a região Amazônica. Embasamos nossa pontuação em elementos examinados

por Gilberto Freyre no Perfil de Euclides da Cunha e outros perfis. O traçado da presença dos componentes ecológicos na obra euclidiana sobre a Amazônia são identificados em alguns aspectos dos quais destacam-se:

1) Sua caracterização da paisagem brasileira dos sertões—paisagem física, paisagem cultural—como uma revelação de interpretação do Brasil profundo iluminado por um critério ecológico com base científica e humanística, ao lado de percepção existencial dos grupos humanos na Amazônia revelados sob senso dramático dos antagonismos que turvam a unidade brasileira. (Freyre, 24);

2) Uma identidade constituinte da atitude do intelectual e do ator cidadão que, além de revelar a Amazônia ao Brasil, desenha estratégia de intervenção científica de como a região devia estar integrada ao todo nacional; Gilberto Freyre bem resume essa identidade do Euclides da Cunha escritor e ativista, quando sublinha: “Nem o poeta, nem o profeta, nem o artista me parece que turvam (...) as qualidades essenciais do escritor (...) fortalecido pelo traquejo científico, enriquecido pela cultura sociológica, aguçado pela especialização geográfica” (35);

3) A actância dos sujeitos humanos e não humanos expressa no legado que acrescentam à história natural e ambiental “flagrantes de atitudes heróicas oferecidas pelos homens e até pelos animais e pelas árvores nos seus momentos de resistência, de dor, de sacrifício, de fome.” O ambiente amazônico impacta a imaginação de Euclides da Cunha que a qualifica de um estilo narrativo único de sua apreensão da região; “flagrantes surpreendidos pelo olhar arregalado do estilista mais dominado pelo sentido escultural da figura humana e da natureza selvagem que já escreveu no Brasil e talvez em língua portuguesa” (38);

4) A Amazônia demanda a integração de vários campos disciplinares para a compreensão científica ultrapassar os relatos e inventários realizados pelos naturalistas até o século XIX, em

uma visão holística da sociedade e do ambiente. “Da história, como da geografia, ele teve a visão mais larga, que é a social, a humana.” Freyre, enfatiza: “Nos documentos que estudou, que interpretou, que esclareceu foi sempre o que o interessou mais profundamente: a nota humana, a expressão social, a significação brasileira”(46);

5) A hibridez do tipo humano forjada no resultado racial da mestiçagem recebe com fator ecológico um agregado cultural indispensável à adaptabilidade e resistência ao clima hostil e a bravura necessária às tarefas do domínio humano e produtivo dos trópicos. A configuração desse tipo ideal de sujeito desbravador e sensível às leis naturais e ambientais é condição da intervenção humana na Amazônia: destituir-se de caráter destrutivo. Euclides nos põe diante de retratos de homens e de interpretações de paisagens traçados por uma técnica singularmente sua em que ao impressionismo se acrescenta por vezes um expressionismo arrojado e personalíssimo: a intensificação na realidade do que nela o escritor encontrou de mais real (71);

6) A dimensão ecológica do pensamento ensaístico em Euclides da Cunha é simultaneamente ambiental e artística no que concerne à sua interpretação da região. O resultado estético dessa narrativa literária é singularíssimo seja na tradição do ensaio seja na descrição positiva dos elementos físicos e culturais. Por isso, é fundamentalmente arte mesmo quando expressa dimensões técnicas do especialista e do cientista. É o olhar estético do artista que elege tópicos, focos e nuances a serem ressaltadas. O escritor dirigiu, em Euclides da Cunha, a colheita, a seleção e a interpretação do material além de ecológico, sociológico, por ele utilizado como combustível de suas criações literárias (92).

TROPI-ECOLOGIA EUCLIDIANA

Araripe Júnior (1848-1911) reclama ao Brasil um “estilo tropical,” e justifica que este

não pode ser *correto* se o vinculamos à contextura do espírito da terra. O autor considera que a *incorreção*, em vez de um dislate da ordem, converte-se numa eminente qualidade e marca da originalidade do território nacional. Para Araripe Junior, a *correção* é fruto da paciência e dos países frios; nos trópicos, a atenção é intermitente. Será, segundo Araripe Júnior, a noção de “trópicos” que sistematizará a história literária brasileira em oposição ao comportamento “correto” da literatura europeia (68-70). Portanto, a noção de “trópicos ou estilo tropical,” ao mesmo tempo em que aponta novas leituras de nosso espaço físico e literário, sinaliza o depauperamento histórico e cultural do continente europeu. Vale lembrar que parte da crítica e da história literária nacionais, até a primeira década do século XIX, enxergava, em sua grande maioria, a literatura brasileira, sob o binômio raça e natureza, sendo os nossos traços étnicos, culturais e climáticos os que distinguiam nossos valores, grandezas e estilos literários. É importante sublinhar que, para Araripe Júnior, fenômenos da cultura são menos importantes do que os fenômenos naturais. A natureza tem mais protagonismo do que a raça e a língua; a natureza terá maior protagonismo que o cruzamento de raça e língua que defendia Sílvio Romero (210). Isso nos leva a que o nosso “estilo tropical” seja considerado como uma “forma de pensamento, escrita e vida na civilização” (18), tal qual afirma Roberto Ventura. Portanto, a tropicalidade aciona uma “inversão nos instrumentos” (71) de leitura não só no naturalismo de Émile Zola, como aponta Araripe, mas nas relações do homem com seu ecossistema. O estilo tropical, que enxerga Araripe Junior, vai além de um realismo quente, em oposição a um realismo frio.

Em seu novo papel, o de ecologista, Euclides da Cunha reavalia a relação do homem tropical contra a natureza e como esta assimila a presença devastadora do homem. Assim,

repensa o pensamento colonial e imperial dominante sobre a região. Dessa forma, Euclides torna-se engenheiro de uma outra tropicalidade. A tropicalidade euclidiana não vê o clima sob a égide do preconceito, mas será o próprio meio ambiente o elemento que em vez de abstrair, concatenará as dissonâncias ao que nomeamos de tropi-ecologia euclidiana. A tropi-ecologia que sugerimos em Euclides da Cunha está condicionada predominantemente pelo meio físico, como defende Araripe Júnior: “Coisa alguma teve tanta força assimiladora como a deslocação do solo, os novos aspectos do país e o clima—o clima, principalmente. Era sobre esse fio que, escrevendo a história do Brasil, faria girar todos os demais elementos” (278). Do ponto de vista físico, os trópicos carregam, portanto, um caráter paradoxal: por um lado, mapeiam regiões subdesenvolvidas, onde a pobreza do homem se arrasta. Por outro, se justapõem à incrível exuberância de vida em que espécies várias coexistem em conjunto. Em nossa leitura da consciência ecológica de Euclides, o trópico terá de ser configurado, principalmente, pela vida em seu conjunto de interações e significados. A noção de *tropi-ecologia* que postulamos congrua paradoxos, almejando diluir longitudes étnicas, culturais, territoriais e ambientais. Vai em busca de um equilíbrio simultaneamente social e ecológico, de um funcionamento harmonioso de cada uma de suas partes, as quais, por sua vez, só podem existir e se desenvolver quando integradas ao todo. A sustentabilidade dos ecossistemas da região depende da integração de seus vários agentes em sincronismo com os próprios atributos tropicais da região.

Como um desenho inacabado, Euclides da Cunha vislumbra caminhos sustentáveis entre o homem e o meio que o rodeia, pois, afinal, o clima tropical não é o principal problema; “não é o clima que é mau, é o homem” (57). Lograr reverter esse enfrentamento entre natureza e homem é seu maior desafio; não apenas representar as paisagens, o homem e

suas dificuldades, mas encontrar respostas a um espaço que “tem tudo e falta-lhe tudo;” e ele conclui “porque lhe falta esse encadeamento de fenômenos desdobrados num ritmo vigoroso, de onde ressaltam, nítidas, as verdades da arte e da ciência” (26). Esta assertiva ilustra o reposicionamento da relação Natureza&Cultura no pensamento ecológico de Euclides da Cunha.

O meio ambiente que Euclides da Cunha considera para além da especificidade da natureza inclui: 1) devolver a cidadania ao “cearense;” 2) resguardar o território brasileiro; e 3) trazer a estabilidade política para uma zona de conflito: leia-se “Acre.” Como ele mesmo afirma e conclui no ensaio “Um clima caluniado,” (*À margem da história*): (...) “reconheçamos naquele clima uma função superior” (61), ele mesmo conclui “um clima admirável o que prepara as paragens novas” (62). Portanto, a junção desses três fatores faria o meio ambiente não ser explorado predatoriamente, mas, sim, reconfigurado por meio de vetores que valorizem positivamente o espaço e seus agentes humanos e não humanos.

Nos escritos de Euclides da Cunha, o discurso ecológico se opõe à destruição do meio ambiente e se torna propositivo de uma intervenção ambiental sobre a região estrategicamente orientada. Nesse aspecto, a consciência ecológica e a preocupação do uso racional da floresta ganha relevo pelo autor. Ao diferenciar *caucheros* e seringueiros e seus métodos de obtenção do látex, Euclides sinaliza e denuncia a extração predatória dos métodos peruanos em detrimento do uso sustentável de extração por parte dos seringueiros brasileiros. O autor explica que os *caucheros* são nômades dedicados “ao combate, à destruição e a uma vida errante ou tumultuária;” a clara que “a *castilloa elastica* que lhe fornece a borracha apetecida, não permite, como as *heveas* brasileiras, uma exploração estável, por renovar periodicamente o suco vital que lhe retiram” (65). Sobre aqueles a quem se refere de modo crítico como

“caçadores de árvores,” Euclides não constata apenas um fato material concreto, mas sobretudo a moldura representacional que enxerga em seus agentes, “avantajados batedores da sinistra catequese a ferro e fogo” (66). No ensaio os “*Brasileros*,” (*À margem da história*), Euclides realça ainda mais o desbravamento da região pelos usurpadores caucheiros peruanos, deixando exposto o papel ambivalente destes, que, por um lado, em nome do então considerado “progresso,” justificam o avanço em territórios abandonados e, por outro, praticamente o invalidaram ao contribuírem para a expansão da miséria e das injustiças vivenciadas à época na região amazônica, pelo uso não sustentável da floresta:

A exploração do caucho como a praticam os peruanos, derribando as árvores, e passando sempre à cata de novas “canchas” de castilhoas ainda não conhecidas, em nomadismo profissional interminável, que os leva à prática de todos os atentados nos reencontros inevitáveis com os aborígenes, acarreta a desorganização sistemática da sociedade. O caucheiro, eterno caçador de territórios, não tem pega sobre a terra. Nessa atividade primitiva apuram-se-lhe, exclusivos, os atributos da astúcia, da agilidade e da força. (88)

Sua chegada ao Acre—um ano depois de sua nomeação, em 6 de agosto de 1904, pelo Barão do Rio Branco—foi marcada de decepção e desencanto, “ao revés de admiração ou do entusiasmo, o que nos sobressalteia geralmente, diante do Amazonas, [...] é antes um desapontamento” (3). Euclides traz na sua bagagem imaginativa representações preconcebidas de uma Amazônia em preto e branco que ele não reconhece no cotejo com a realidade. O olhar cambaleante inicial de Euclides, talvez aguçado por expedições e relatos de viagens que o antecederam, dá à sua leitura uma conotação maniqueísta do espaço que ora é visto por lentes de horror, ora de deslumbres, ora de inferno, ora de paraíso terrenal. Pedro Maligo, por exemplo, observa Euclides por esse espectro: “On the other hand, Euclides saw antagonistic social forces as existing with the same intensity at the same time, and engaged,

therefore, in a constant struggle whose only solution would be the annihilation of one by the other” (34). Observa que não são essas características binominais que predominaram na narrativa euclidiana como um todo, embora um olhar parcelado leve o leitor a tais conclusões. A visão primeira de Euclides, paulatinamente, se dilui no corpo do texto, onde o espaço amazônico ganha contornos e representações que buscam reinserir os agentes natureza e homem, não “à margem da história,” mas, sim, como protagonistas da história que está a ser reescrita. Uma história possível orientada pelo fervor republicano e pela racionalidade técnico-científica. A história já está cogitada, como ele infere em carta a Coelho Neto, de 10 de março de 1905 (ele, escrevia da região do Purus, no Amazonas). Euclides diz: “Nada te direi da terra e da gente. Depois aí e num livro: um paraíso perdido, onde procurarei *vingar a Hileia maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVII*. Que tarefa e que ideal! Decididamente nasci para Jeremias destes tempos” (44). Em outro momento, a Francisco Escobar, em junho de 1906, ele acrescenta: “Se fizer, como o imagino, hei de ser (perdoa-me a incorrigível vaidade), para a posteridade um ser enigmático, *verdadeiramente incompreensível entre estes homens*” (306) [Os grifos são nossos].

Euclides deixa implícitas várias possibilidades interpretativas ao seu pensamento, e ele sabe não só os desafios históricos que há de superar, como o legado de incompreensão que seu labor despertará. A visão de Euclides da Cunha, ao repensar o espaço amazônico, é buscar retirar da “margem da história” o homem e a natureza, colocando-os como protagonistas de um processo que ainda estava sendo escrito. Euclides pensava em diminuir os impactos humanos na natureza, pois, afinal, seria impraticável considerar o espaço amazônico sem os agentes que lá viviam e a ocupavam. Na tarefa de reposicionar harmonicamente as relações do

humano e não humano dentro do território amazônico, Euclides deixa de ser o engenheiro social—como havia sido em *Os sertões* (1902)—para assumir o papel de engenheiro ecológico em *À margem da história* (1909). Em seu novo papel, o autor reavalia a postura humana contra a Natureza e como esta assimila a presença devastadora do homem. O que se percebe das ideias de Euclides em seus ensaios é que parece não haver vencedores nem perdedores nesse enfrentamento homem/natureza. Abundam distorções que precisam ser reconfiguradas, quer pela denúncia que clamorosamente ele faz em defesa do meio tropical, quer pela redefinição das relações entre ambos os agentes, como ele propõe. Dessa forma, Euclides torna-se engenheiro de outra tropicalidade. Direta e indiretamente, Euclides da Cunha vislumbra caminhos sustentáveis entre o homem e o meio ambiente que o rodeia. Afinal, para Euclides, o clima tropical não é o único a ser caluniado. Reverter esse enfrentamento homem/natureza é seu maior desafio. Euclides deseja encontrar resposta a um espaço que conserve, diante do homem errante, a estabilidade da natureza: “Diante do homem errante, a natureza é estável” (35). Euclides buscava soluções para evitar a brutalidade da exploração dos sertões amazônicos.

Podemos afirmar que, nessa façanha de reconfigurar a Amazônia desconforme, duas preocupações ou dois agentes peregrinam no discurso amazônico de Euclides: o homem e a natureza. Cada um tipifica um fenômeno em si mesmo que, segundo aponta Euclides, precisam ser concatenados às “verdades da arte e da ciência” (26), ainda que isso seja “como que a grande lógica inconsciente das cousas” (26). É Gilberto Freyre que, no perfil que faz do autor, nota que, tanto o Euclides “da história, quanto o da geografia, teve a visão mais larga, que é a social, a humana” (38). Sua preocupação se evidencia em maior rigor de detalhes nos seus ensaios: I) “Impressões Gerais” II) “Contra os caucheiros” III) “Rio em abandono” IV) “Um

clima Caluniado” V) “Os *caucheros*” VI) “Judas-Ahsverus” VII) “*Brasileros*” VIII) “A transacreana” XI) “O rio Purus” e o fragmento: “Regatão Sagrado”. Nesses textos, percebe-se que o contato *in loco* com a região e seus habitantes dá ao autor a oportunidade de experimentar, em primeira mão, as dificuldades do nordestino-acreano que se vê subjugado tanto aos senhores da borracha como aos ditames da natureza. Os recursos narrativos das descrições de Euclides, às vezes carregadas de um lirismo-hiperbólico ou adoçada de oxímoros, não escondem a brutalidade do homem e suas ações voluntárias ou involuntárias ao meio ambiente; ao contrário, fomenta a necessidade de diálogo-reparador entre as minorias étnicas que ocupam ou chegam à região e ao meio ambiente latente. O projeto euclidiano integra meio ambiente e homem ao retificar as anomalias e impactos pretéritos, e ratificar novas formas de relações sobre consciência ecológica da relação Natureza&Cultura.

Para Euclides, o fracasso da colonização da região amazônica não é derivado de consequências climáticas, porém dos efeitos culturais desta mesma colonização. A força de sua abordagem, em combater o discurso cientificista europeu e o olhar imperial estrangeiro, está sinalizada com veemência, por exemplo, na atitude dos franceses e ingleses que querem verter seu modo de vida em um ambiente ao qual eles se opõem. Ao criticar essa postura, Euclides põe em realce o malogro seguido das expedições europeias, dando visibilidade às ações epopeicas do povo nordestino, que, mesmo estigmatizado pelo “determinismo social” que lhe foi imputado, logra estabelecer-se na Amazônia.

Designa de *intruso* o homem recém-chegado e remete pelo menos a duas possibilidades de análise: 1) a ocupação e o assentamento de nordestinos fugidos da seca; 2) a alguém que chega ao seu destino e provoca desordem, destruição pela não capacidade de integração ao seu novo espaço. Essa falta de acomodação do homem com a natureza não é apenas um desvio da

ordem social ou antrópica. Euclides enxerga uma desatenção inacabada, uma volubilidade permanente dos agentes naturais e humanos. O traçado do rio faz-se e desfaz-se. Ilhas surgem e desaparecem, margens mudam de lugar. “Tal é o rio; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta” (106). A passagem do homem é igualmente efêmera. São “construtores de ruínas,” entregues ao extrativismo econômico e à devastação ambiental. Para Euclides, não há como fixar, em linhas definitivas, uma natureza submetida ao “pincel irrequieto de um sobre-humano artista incontentável.”

Como seu intérprete, o rio é barroco na volúpia vertiginosa da recriação incessante: retoca, refaz e recomeça um quadro perpetuamente indefinido. Em um “Um clima caluniado” fica evidente a impaciência do autor na busca de outra interpretação das ações do homem e outra cartografia da região amazônica. O homem, diz Euclides, “sente-se deslocado no espaço e no tempo” e conclui, “arredio da cultura humana” (53).

Por outro lado, ao clima, Euclides da Cunha dedica uma grande parte de sua narrativa em salvaguardá-lo, advertindo que “regime climatológico [não é] tão maligno e bruto como o que se fantasiou no Acre” (46). Euclides procura fugir da literatura “condenatória,” como aponta Leandro Tocantins, e, ao fazê-lo, ele vai em busca da “miscigenação dos fatores geográficos e humanos,” tal qual arremata esse intérprete. O período que Euclides passou no Acre, aproximadamente quatro meses, em contato com o homem e a terra, foi decisivo para essa virada *tropi-ecológica* que identificamos no pensamento do autor. Ela cumpre uma dupla missão: desfaz mitos e discursos da região e postula outros significados para os trópicos. Euclides comenta que o clima “arrepador e trágico” não correspondia com a realidade exposta por ele, mas, antes, “um imaginoso fabular de agruras, e, dia a dia, a natureza caluniada pelo homem vai aparecendo naquelas bandas, ante as imagens iludidas, como se lá

se demarcasse a paragem clássica da miséria e da morte...” (222). Euclides parece induzir seu leitor a pensar numa difamação intencional ao clima da região: sua essência tropical, esse “está em ser” que ele sinaliza; daí sua reticência afirmando que “o exagero é palmar” (54). O clima, para Euclides, é caluniado pelo fracasso da colonização. Não lhe cabe dúvida. Ele é contundente ao comparar a colonização realizada por ingleses (Ásia) e franceses (África) para realçar os resultados das invasões imperialistas. Euclides tem a palavra:

Comparando-se estas colonizações adstritas às cláusulas de rigorosos estatutos – e de efeitos escassos – como o povoamento tumultuário, com a colonização à gandaia do Acre – de resultados surpreendentes – , certo não se faz registrar um só elemento para o acerto de que o regime da região malsinada não é apenas superior ao da maioria dos trechos recém-abertos à expansão colonizadora, senão também ao da grande maioria dos países normalmente habitados. (58)

O que Euclides nos leva a concluir, no trecho acima, é que a lógica de dominação colonial na Amazônia está fadada ao insucesso, ainda que momentaneamente se revele exitosa. Não apenas isso, esse legado de posse não edifica apenas ruínas visíveis ao meio ambiente. Antes, sobretudo, forja escombros humanos. A inquietação de Euclides não pode ser mais notória “da terra e do homem. A tarefa é dúplice”—diz ele, ao acrescentar, “Restalhes o encargo maior de justapor os novos organismos aos novos meios” (54). Como se executará essa incumbência? O caminho alternativo que propõe Euclides vem do próprio modelo de topografia hídrica da região, que serve de espelho à *tropi-ecologia* euclidiana. O autor observa que a resposta está na cartografia natural da região e que “a história da paragem nova, antes de escrever-se, desenha-se,” ou ainda “Não se lê, vê-se” (95). Euclides vê linhas naturais de comunicação e diálogo nos tortuosos riscos dos rios Purus, Juruá e do Javari que emulam relações de paridade entre o ambiente e o homem. Os rios, seringais, igarapés, igapós expõem em suas capilaridades uma outra ordem de entranhamento. Diferentemente do que

ocorria no Tocantins, Tapajós, Madeira e rio Negro, Euclides aponta que:

(...) Ao penetrar o Purus ou o Juruá, não carecia de excepcionais recursos à empresa. Uma canoa maneira e um varejão, ou um remo aparelhavam-no às mais espantosas viagens. O rio carregava-o; guiava-o; alimentando-o; protegendo-o. Restava-lhe só o esforço de colher à ourela das matas marginais as especiarias valiosas; atestar com elas os seus barcos primitivos e volver águas abaixo – dormindo em cima da fortuna adquirida sem trabalho. A terra firme, mercê duma armazenagem milenária de riquezas, excluía a cultura. Abria-se-lhe em avenidas fluviais maravilhosas. Impôs-lhe a tarefa exclusiva das colheitas. Por fim tornou-lhe lógico o nomadismo. (*À margem da história*, “Transacrena,” 96)

Euclides expõe que a sinergia presente nos rios deve ser homóloga nas relações homem e natureza. A lógica tropical observada em Euclides segue a dos rios, pois eles não subsistem dentro de fórmulas de “exclusivas colheitas,” de monoculturas, mas privilegiam uma retroalimentação, integração e incorporação de seus atores orgânicos e não orgânicos. Reconhece-se nos ensaios amazônicos de Euclides da Cunha, um constante tear de “redes hidrográficas, entretecidas de malhas” (“Transacrena.” 97). Dessa forma, Euclides permite outras representações sociais, onde homem e terra, clima e meio ambiente são reordenados dentro de suas próprias latitudes tropicais, e onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. A isso chamamos a tropi-ecologia de Euclides da Cunha.

É importante diferenciar a visão de tropi-ecologia euclidiana sobre o homem, a natureza e a Amazônia, da estrutura romântica europeia. No período romântico, o homem europeu vai buscar redenção na natureza, justamente pela separação do contato com esse outro, que é a natureza. É uma estrutura de distanciamento da civilização, de interação e integração com o espaço. Euclides da Cunha navega tanto pelo romantismo, como poeta, quanto pelo naturalismo ao estudar com afinco a botânica, mas ele é sobretudo um tropicalista moderno. Em seus primeiros ensaios reunidos em *Um paraíso perdido*, Euclides afirma não haver

montanhas na região, não há um olhar de cima que proporcionaria a experiência do sublime que é o essencial da experiência romântica. Euclides, em terra, no contato com o seringueiro, o nordestino-acreano e os vários “Judas-Asveros” amazônicos, anula essa expectativa de que na Amazônia vamos encontrar essa experiência sublime, e seremos levados pela Natureza a uma experiência transcendental. Euclides navega contra as correntes do romantismo e do naturalismo que almeja ver a Natureza como um agente, com uma força em si que explica tudo, que explica todo o dismantelo social presente na região. É importante notar que, apesar disso, a obra de Euclides influenciou autores a exemplo de Alberto Rangel, autor do *Inferno verde* (1908), no qual a Floresta se transforma num ente vingativo, personificado. A Amazônia é parte da biodiversidade tropical, do meio ambiente, que, por antonomásia, torna-se uma representação do social em urgentes carências de reconfigurações. Euclides da Cunha questiona e procura, como engenheiro ecológico, inverter os vetores dessa representação com sua tropi-ecologia. Assim pensado, Euclides leva a cabo seu plano de redenção do homem e da *Hileia* de que tanto queria se vingar.

A tropi-ecologia de Euclides conduz o homem dos trópicos a latitudes universais, pois, como ele declara, “em todas as latitudes foi sempre gravíssima nos seus primórdios a afinidade eletiva entre a terra e o homem. Salvam-se os que melhor balanceiam os fatores do clima e os atributos pessoais” (57). As palavras de Euclides da Cunha sugerem a ideia de oposição natural entre o homem e ambiente, que é contornada pela inteligência de escolhas equilibradas e por uma adaptabilidade que é física, cultural e estratégica. A leitura euclidiana da Amazônia postula outras dinâmicas de convivências para humanos e não humanos, fomenta novas formas de pensar, ler, ver e escrever o espaço amazônico e a nossa civilização, com aproximações antropológicas inovadoras e novos prismas científicos da relação Natureza&Cultura.

Chapter 2

“Rapsódia ecológica” de Mário de Andrade

A produção teórica sobre o Brasil realizada por Mário de Andrade (1893-1945) integra, elabora e reelabora uma teoria da cultura. Isso possibilita a recepção de outra leitura: a do pensamento ecocrítico. Essa leitura vai denotar uma dimensão de sua inteligência sobre o Brasil, ilustrada na sua investigação sobre a Amazônia. A Amazônia é o *topos* mais profundo pelo qual Mário de Andrade enxergou o Brasil, e apreendeu seus elementos mais íntimos da imaginação e do ambiente. Isso se deve não apenas por ser ela o lugar onde a natureza é mais expressiva do ponto de vista da visualidade, mas também por ser local de vivência e experiência humanas. Outro motivo é o fato de o Brasil contemporâneo a Mário de Andrade não enxergar na Amazônia o seu outro lado, o lado que o complementava. Esse lado inclui artefatos, representações de uma cultura própria ao lado de mecanismos de institucionalidade de reprodução sociocultural brasileira em todas as suas dimensões. Tais dimensões englobam o reconhecimento da existência de grupos humanos originários da miscigenação, da desigualdade, da dificuldade de articulação nacional, da imposição de uma ordem nacional brasileira. O Brasil, ao não ver o outro lado da diversidade da Amazônia, construía para si uma auto-compreensão cultural precária. Mário de Andrade fomenta essa integração entre os dois lados do Brasil que não se conheciam antes, e cujos contatos, por atrito ou integração, tendiam à anulação de um sobre o outro. Ele desloca e reposiciona tudo o que constitui a composição do Brasil, procedimento por ele denominado de “desgeografização.” Ele investe e reveste os reposicionamentos pela incorporação de valores. Igualmente o faz pela inclusão de elementos e processos do imaginário de populações e culturas não predominantes antes ausentes nas análises da inteligência brasileira.

ECOCRÍTICA E SUA ABORDAGEM

Entende-se a ecocrítica¹⁸ e sua influência literária e cultural como uma disciplina humana que serve de veículo crítico para reposicionar, historicizar e interligar a natureza e a cultura humana sobre uma nova égide de relacionamento. A relevância do discurso teórico ecocrítico, quando observada pelas lentes dos estudos literários e culturais, ratifica que a natureza e as representações que se fazem dela são “cultural artifacts of language and literature” (Glotfelty, xix). A leitura ecocrítica explicita as várias formas como a natureza foi apropriada pelo discurso mítico, épico, pastoral, romântico e também pelas narrativas contemporâneas. Essas representações malfadadas servem, muitas vezes, para que a natureza seja aproveitada por interesses políticos e sociais, que mascaram as verdadeiras preocupações ambientais e humanas. A discussão ecológica que apresentamos acerca da floresta amazônica propõe um direcionamento teórico que ultrapassa os métodos discursivos tradicionais, abrindo outras possibilidades de intervenção aos vigentes problemas dos biomas e ecossistemas amazônicos. O ponto de vista do pensamento ecocrítico, a literatura em debate com os modernistas e as teorizações da cultura brasileira ampliarão os marcos interpretativos da abordagem desenvolvida por Mário de Andrade.

O pensamento ecocrítico e seus vetores permitem observar, nesta tese, a inserção de elementos da pesquisa científica que Mário de Andrade realizou, assim como possibilitam que seus intérpretes pensem nas modulações da teoria da cultura que ele desenvolveu. Além disso, faz com que seu projeto ficcional, na dimensão ideológica ou estética, se integre a esse momento de esclarecimento do pensamento ecocrítico. Uma das razões pela qual a abordagem ecocrítica elege a literatura como meio condutor da sua investigação está relacionada à convergência da invenção artística e da lógica de criação científica.

Mário de Andrade propôs-se conhecer a Amazônia cultural e etnograficamente, como uma extensão de suas propostas literárias modernas. Mais que um modernista, ele é um moderno. O moderno tem uma consciência crítica da própria modernidade, não seguindo a regra de seus ditames. O projeto moderno de Mário de Andrade é um projeto móvel que se situa na confluência da história, da ética e da estética. Os atributos ecológicos do espaço geográfico percorrido por Mário de Andrade e sua personagem Macunaíma sempre fizeram parte da literatura escrita na Amazônia ou sobre ela.¹⁹ Porém, não existia um aparato crítico que conseguisse problematizar e historicizar as relações humanas com o meio ambiente. Considera-se que, seja pelos atributos vetoriais da percepção, prática ou discurso ambientais, seja pelas perspectivas sociocultural-ambiental, os estudos ecocríticos sobre o meio-ambiente permitem trazer para o cerne dessa discussão algumas preocupações que os escritos de Mário de Andrade nos oferecem sobre a região amazônica.²⁰

Entre os diferentes modos pelos quais a Amazônia tradicionalmente é concebida e representada, em âmbito científico, literário e cinematográfico²¹ através de imaginário construído sócio-historicamente, salta à nossa vista a imagem do “paraíso terrenal,” em contraste com a imagem do “inferno verde” (imagem essa cultivada ao longo dos séculos por viajantes, cronistas e cientistas). Pedro Maligo (1998), advoga que essa visão dicotômica disseminada pela cultura colonial no Brasil será a estrutura retórica que pavimentará toda uma forma de ler, escrever e pensar o espaço amazônico nos séculos XVIII, XIX e XX. Mário de Andrade, por sua vez, rompe essa visão dicotômica recriando-a por um olhar interno de alguém que busca conhecer o país por dentro. A perspectiva ecocrítica nos permite investigar como certas produções literárias utilizaram o espaço amazônico como tema de suas narrativas. Isso se dá sem que, ao longo da história crítica brasileira, tal fundo paisagístico-ecológico tenha recebido atenção. Referimo-nos

às obras de Inglês de Sousa—*O cacaulista* (1876), *O coronel Sangrado* (1877) e *O missionário* (1888)—que, embora nascido na Amazônia, demonstra que o autor não tem uma preocupação em fazer da natureza da região o objetivo descritivo/narrativo de seu texto. Seu acesso, quase sempre panorâmico da paisagem natural, é aproximadamente circunstancial. Ele valoriza mais os costumes locais que a descrição pictórica da floresta. Euclides enfatiza aspectos históricos para sugerir a incorporação da região ao território nacional em seus quatro artigos escritos antes de sua viagem à região amazônica em 1905. São estas as publicações em jornais da época:

“Fronteira sul do Amazonas, questão de limites” (14 de novembro de 1898); “Conflito inevitável” (14 de maio de 1904); “Contra os caucheiros” (22 de maio de 1904); e “Entre o Madeira e o Javari” (29 de maio de 1904). A chamada *literatura do ciclo da borracha* (que cobre um período de quase 40 anos), além de definir a região como “inferno ou paraíso,” via apenas “aquilo que está interessada em lá ver.” Ela deixa em relevo que “a sua alusão ao real é ilusão” (Eduardo Prado Coelho, xxi). Autores como Rodolfo Teófilo, *O paroara* (1899); Alberto Rangel, *Inferno Verde* (1908); Carlos de Vasconcelos, *Deserdados* (1922); Alfredo Ladislau, *Terra imatura* (1923); Gastão Cruls, *Amazônia misteriosa* (1925); Peregrino Jr., *O drama do seringal* (1929); Raimundo Moraes, *Na planície amazônica* (1926), *Pais das pedras verdes* (1930) e *Os Igaratúnas* (1938) são alguns exemplos de um modelo de leitura parcializada da região. Tal literatura ou simplifica ou acentua um discurso dicotômico, perpetuando um olhar marginalizado e de distância que enxerga a região não como produção de um ambiente, mas como alteridade. É o que confirma Pedro Maligo:

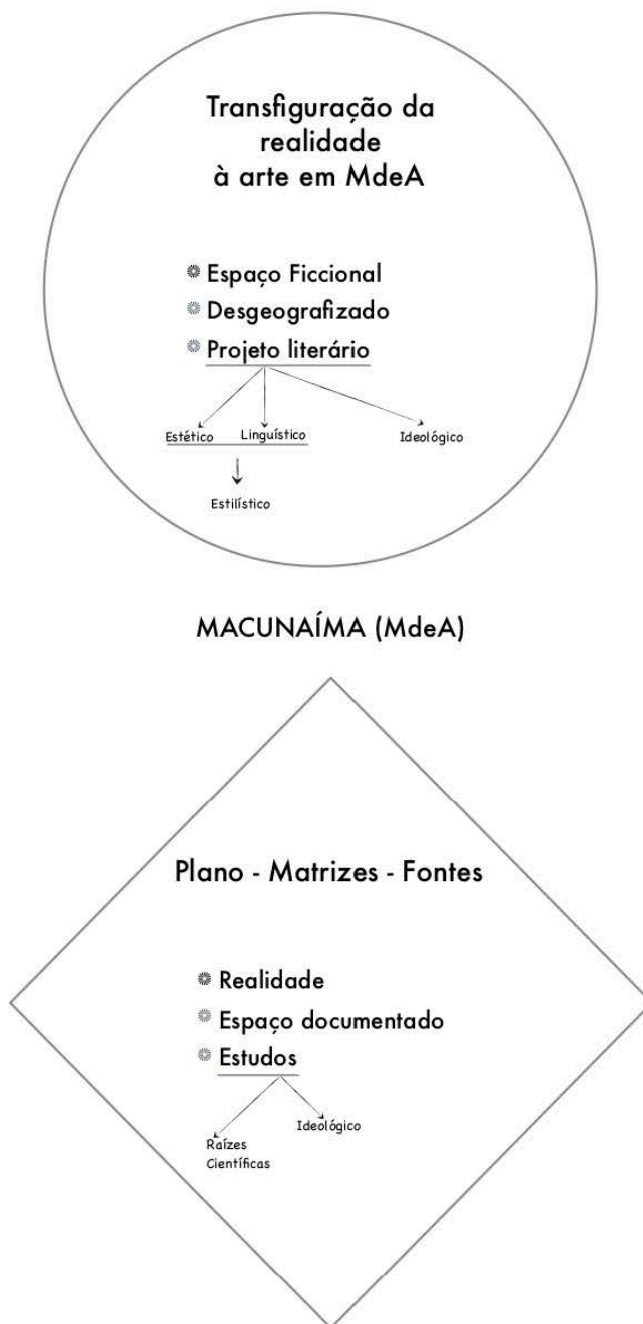
Read as a whole, the literature of this period [rubber boom] reduced Amazonia to a stereotypical series of cases and episodes which further solidified the image of the region for later generations. Initially approached from a mythical perspective intended as a counterpoint for the new, civilized order, Amazonia becomes mythicized by the very discourse of civilization, due to the writers' inability to envisage the region as anything but a land apart. (94)

A natureza, ao aparecer no discurso literário, ou era considerada um artifício de linguagem ou simplesmente um espaço próprio do texto narrativo ou poético. O “pano de fundo” que sustentava a ideia do pitoresco, a liberdade imaginativa e o contraste entre capital e província nunca toma essa natureza como representação de uma realidade ameaçada de extinção. O pensamento ecocrítico, como se apresenta hoje, contém essa preocupação ambiental, pós-colonial e estruturado com a noção de violência lenta que permite reler Mário de Andrade nesse processo de ruptura com a tradição predominante.

Consideram-se neste recorte epistemológico os processos de ruptura com a tradição literária brasileira. Essa ruptura provocada ou realizada por Mário de Andrade na transposição da realidade por ele apreendida e estudada em vários campos disciplinares, se move para a esfera da produção ficcional. Esse processo realça conteúdos inovadores dessa imaginação provenientes de sua interpretação do mosaico cultural, por ele mobilizado, de lugares, gentes e tradições populares. Mário de Andrade faz uso de conceitos e teorias não legitimadores da cultura dominante e rompe com mecanismos literários dos cânones tradicionais.

As aproximações ensaísticas permitem ampliar interpretações da obra de Mário de Andrade para um projeto de intervenção cultural da sociedade brasileira. Esse é um projeto simultaneamente estético e ideológico de valorização de constituintes humanos e não-humanos alijados do *ethos* cultural do Brasil. As aproximações, todavia, não são exclusivas com abordagens da ecocrítica, com a antropologia simétrica de Bruno Latour e o perspectivismo ameríndio em Eduardo Viveiros de Castro. São essas contribuições teóricas, aparentemente díspares, núcleos de diálogo e de sentido, que permitem o exercício da imaginação científica e a imaginação artística no que concerne a transposição da realidade à ficção de Mário de Andrade em suas obras. Ao mesmo tempo, essas contribuições permitem reflexões inovadoras da relação

Natureza&Cultura, inflexão fundamental na interpretação da cultura brasileira de Mário de Andrade.



(*) Gráfico construído a partir de diálogo que tive com a professora Telê Ancona Lopez, em 17.08.16 no IEB.

PROCESSO CRIATIVO MARIODEANDRADIANO

O pensamento ecocrítico redimensiona e reposiciona os estudos literários e conduz a uma releitura na perspectiva ambiental no processo de criação do autor. Mário de Andrade, em 1926, já refletia sobre o isolamento cultural das populações amazônicas e a influência do seringalismo nessas regiões quando ele falava de Manaus e Belém, em *O turista aprendiz* (1976). Essa reflexão se deixa perceber, especialmente, na inclusão que o autor faz dessas populações e comunidades no processo de uma política cultural brasileira. Mário de Andrade descreve sua viagem de estudos ao Norte e Nordeste brasileiros, evitando falar desses espaços a partir de seu olhar estrangeiro, de “sulista,” e assume uma posição de aprendiz, tentando conhecer as comunidades e a natureza amazônica com o interesse de registrar para preservar. Em seus registros, se manifestam o reposicionamento e integração dos elementos humanos e não humanos do Brasil profundo, ausentes na cultura nacional, para atuarem e não ficarem subsumidos nela, como subalternos, exóticos ou inferiores.

As dimensões da relação Natureza&Cultura se apresentam em Mário de Andrade por meio de percepções observáveis em dois movimentos narrativos em *O turista aprendiz*:²² 1) em suas estratégias de apreensão da Amazônia; 2) em sua proposta de desgeografizar, desregionalizar e desterritorializar para fomentar um novo estatuto ontológico dos agentes humanos e não-humanos. Mário de Andrade realizou uma enorme pesquisa científica sobre a Amazônia e o Brasil. Essa pesquisa fundamenta sua apreensão da realidade brasileira e amplia suas informações sobre o contexto de sua abordagem literária. Seu projeto intelectual passa por uma imersão profunda na relação Natureza&Cultura para abstrair outra forma de olhar seu entorno (social e natural) como processo de intervenção teórica sobre o pensamento acerca da realidade brasileira.

Mário de Andrade tece, em *O turista aprendiz*, uma espécie de laboratório montado à cada expansão representacional da relação Natureza&Cultura. Várias ideias vão sendo “purificadas” em vários níveis ou planos de disciplinamento criativo. Primeiro, um plano de interpretação racional da relação Natureza&Cultura, quando apreende o conhecimento da natureza por uma via literária especializada e amplia sua compreensão do mundo natural pelas obras de etimólogos, ornitólogos, botânicos, naturalistas, e na comparação que faz entre latinos, ibéricos e anglo saxônicos, e do que observa do registro objetivo, denso e apaixonado desse campo científico. Depois, um plano de interpretação da Natureza&Cultura a partir de um homem da literatura, um homem que reencanta a natureza com a ficção. Nesse reecantamento ele faz declarações de entusiasmos, comparações e avaliações sobre novos significantes e atributos que essa interpretação pode aduzir. Terceiro, um plano de interpretação dos amantes da natureza²³ quando Mário compara sociedade e cultura, seja pelo prisma do movimento da caminhada, do passeio, do tempo lento, seja pelas experiências que ele revive de suas viagens reais e imaginárias.

A experiência tipificada em *O turista aprendiz* é caracterizada em *Macunaíma*. Ele junta o conhecimento formal, o encantamento e reencantamento da natureza, e põe em relação tipos humanos de culturas diferentes e em oposição, reposicionando não humanos e humanos em diferentes relações assimétricas e complementares. O Macunaíma na cidade não é o mesmo da floresta. O que fica cada vez mais claro é que Mário de Andrade está passando da literatura para a compreensão da realidade brasileira, e desta para a própria tarefa literária, como homem, um híbrido (homem=natureza), como intelectual de política cultural e como escritor. O reencontro com sua inteligência é o grande motivo no qual essa experiência conecta vários sentidos e relações entre seu projeto ideológico, estético e humano. Nesse laboratório há um universo imaginário em expansão. Na menor das hipóteses, há novo campo da imaginação literária que a

partir do contato entre a lógica da criação científica e a da criação artística, será concretizada no mundo *macunaímico*, num mundo imaginário no qual natureza e cultura praticam reciprocidade de vida.

APROXIMAÇÕES COM O DISCURSO CIENTÍFICO

O itinerário intelectual interno e externo de Mário de Andrade se realiza sobre dois planos: a) o da pesquisa científica, que prepara e informa o autor para confecção narrativa; e b) o da transposição da realidade à ficção, por meio da invenção artística, por meio da arte. Centra sua atenção aos artefatos que saltam à superfície do texto, quais sejam, os conteúdos, objetos e significados culturais e os “sujeitos da ação.” Essa leitura não vê o texto como documento, mas o examina como uma bricolagem estética e ideológica. Contrariando a designação de “composição em mosaico,” utilizada por Haroldo de Campos para definir *Macunaíma*, Gilda de Mello e Souza sugere o processo de bricolagem, termo também adotado por Alfredo Bosi, como o que mais se aproxima do ato criador em Mário de Andrade. Ela acrescenta que “o *bricoleur* procura realmente a sua matéria-prima entre os destroços de velhos sistemas. [...] Este se abandona a uma triagem paciente, escolhendo ou rejeitando os elementos, conforme a cor, o formato, a luminosidade ou o arabesco de uma superfície” (11). Acrescenta-se aqui, a essa imagem compositiva de fragmentos que a bricolagem sugere, a capacidade criadora de Mário de Andrade de sintetizar elementos tão díspares, de tradições equidistantes de passados longínquos, sob uma nova amálgama que se refaz respeitando seus contornos, cores, formas e matérias para trazer à luz um elemento novo que, como a Fênix, renasce de suas próprias cinzas, ou melhor, de sua própria matéria-prima, sua própria cultura.

Há em *Macunáima* um desejo de saber, de conhecer a região amazônica. Não se trata de decodificar a região, mas de conhecê-la por caminhos mais intimistas. Para Mário de Andrade, não importa saber que onça é essa ou aquela, e a que região pertence. O que é relevante para Mário é o amontoado de onças que faz um Brasil só. Isso para ele tem importância do ponto de vista da criação literária. Sublinha-se aqui o que está por trás da criação artística, o que está em processo de transposição da realidade em arte e o resultado estético da intervenção artística. Ou seja, aquilo que antecede a transfiguração artística e não o texto como documento. O objetivo de demonstrar com dados, conteúdos e informações as representações da realidade amazônica ainda não transformadas pela intervenção da arte, revela o olhar de preocupação do autor com seu entorno. Mário de Andrade, lembra Alfredo Bosi, alcança o cerne do seu processo criativo ao “transpor os limites do descritivismo urbano e sertanejo (então ainda vivo em nossas letras), por meio de um andamento antes legendário do que naturalista, documental” (190). Assim, realiza a dimensão estética do seu projeto literário.

DA IMAGINAÇÃO CIENTÍFICA À IMAGINAÇÃO LITERÁRIA

Apesar da existência de uma crítica consolidada²⁴ e sedimentada, que em muitos aspectos valorizou e ampliou os aspectos nacionais, identitários e estruturais da compreensão da obra de Mário de Andrade, esta tese recorre a outro ambiente paradigmático teórico e metodológico. Reexaminamos a rapsódia de Mário de Andrade por uma dimensão ainda não explorada, que é a sua análise através da perspectiva ambiental, à luz do pensamento ecocrítico. Esse campo ecológico se define por intensas preocupações de Mário de Andrade no plano das políticas culturais, da reinvenção da imaginação sobre o Brasil, além da relação Natureza&Cultura exposta diretamente nos elementos de sua engenharia literária: os biomas, os ecossistemas, os sujeitos humanos e não humanos, agentes bióticos e abióticos. Todos eles passam a constituir-se

em mais do que paisagem e contexto, em personagens vivos do seu processo criativo e da ação romanesca confeccionada pelo autor da rapsódia.

Importante inflexão neste momento será feita por Mário de Andrade, que se opõe à ideia de caráter ao fazer uso dos termos *entidade* e *não identidade*. Aproxima-se de Ernest Renan, interpretado por Maurice Orlander e sublinhado por Renato Ortiz (2013), para quem a nação é uma entidade que se libertou dos constrangimentos pretéritos. Em Mário de Andrade, entidade é uma representação coletiva mais profunda que não pode ser excludente. Entidade nos remete a um *ethos*, – aquilo que os grupos humanos se auto significam e o que compreendem que são em relação aos outros. Entidade não depende, portanto, do Estado ou de uma organização política, mas de uma estrutura simbólica duradoura. Mesmo que ela se individualize em cada um de nós, ela segue sendo uma estrutura da sociedade. Mário de Andrade explica sua compreensão de entidade nacional ao afirmar no prefácio publicado postumamente:

Um dos meus interesses foi *desrespeitar lendariamente a geografia e a fauna e flora geográficas*. Assim desregionalizava o mais possível a criação ao mesmo tempo que conseguia o mérito de conceber literariamente o Brasil como *entidade homogênea* – um concerto étnico e geográfico.” (*Macunaíma*, 194) [O grifo é nosso]

Com essa acepção de “entidade,” Mário de Andrade pensa o todo nacional culturalmente reconfigurado. Uma das interpretações correntes da rapsódia é a que liga a personagem Macunaíma à representação do País, dando-lhe atributos identitários. Percebe-se o desejo do autor em conceber uma “entidade homogênea.” Mas o que significa “entidade homogênea” para Mário de Andrade? Esse talvez seja um ponto de inflexão na teoria mariodeandradiana. Uma das diferenças pontuais entre Gilberto Freyre e Mário de Andrade pode ser exemplificada na relação entre regional *verses* homogêneo. Para Mário de Andrade, “desrespeitar lendariamente a geografia e a fauna e flora geográficas” se dá sob a condição de cindir-se, fragmentar-se,

pluralizar-se numa miríade de jeitos únicos de ser. Ou na terminologia de Bruno Latour, hibridizar-se. O “desrespeitar lendariamente a geografia” de Mário de Andrade é resultado de uma multiplicidade de associações humanas e não-humanas e interações culturais que ao fim produz o que ele define como “entidade homogênea.” Se levarmos a fundo seu modelo homogêneo de pensar em contraste com o argumento do híbrido de Bruno Latour ao abordar *Natureza&Cultura*, podemos dizer que a “entidade homogênea” de Mário de Andrade propõe suprimir em suas associações e relações, as dicotomias que Latour assinala existir na modernidade. O modelo regional ou regionalista que aduz Freyre, separa sem unir, faz com que a “outridade” desapareça do nível cultural. A articulação de “entidade homogênea” de Mário de Andrade (em sintonia com o que Bruno Latour define ser o híbrido), nos leva a elucubrar o espaço amazônico que emoldura a narrativa macunaímica como um espaço híbrido que encadeia múltiplas culturas e territórios.

Ao retratar a entidade nacional brasileira como decorrente de uma topografia específica, fauna, flora, mas com a finalidade de projetar essa entidade homogênea em larga escala, avaliamos que Mário de Andrade foge de reduzir-se ao embate entre o bem e o mal, *Natureza&Cultura*, abrindo portas mais amplas, complexas e ambíguas das relações entre humanos e não humanos. Assim sendo, o uso do mundo natural para a autoafirmação nacional retrata as paisagens do país em uma dimensão ecológica profunda, em que as relações e interações entre seres humanos e não humanos apontam novas possibilidades de relacionamentos²⁵ em estatutos de equivalência. Como sublinha Antonio Cândido:

Fecundando, mas explodindo e desfigurando o regionalismo, Mário de Andrade, em rasgo precursor do que viria a ser um traço distintivo da ficção latino-americana de nossos dias, elaborou uma espécie de mundo trans-regional, que não corresponde a nenhuma realidade contínua do país, mas exprime muita coisa dele através de alguns pedaços arrumados conforme um certo ângulo. (*Macunaíma: a margem e o texto*, vii)

Nesse sentido, *Macunaíma* se enquadra perfeitamente no programa do modernismo, onde havia muito de “brasileirismo gesticulante” (Mário de Andrade, *Os filhos da Candinha*, 156). Isso formulou um nacionalismo descritivista que sistematizou o estudo científico do povo nacional (na sociologia em geral, no folclore em particular) e procurou uma reacomodação nova da linguagem escrita e falada (Cavalcanti Proença, 19). Como afirma Alfredo Bosi, “Compreender *Macunaíma* é sondar ambas as motivações: a de narrar, que é lúdica e estética; a de interpretar que é histórica e ideológica.” Ele acrescenta: “São dois projetos que se chamam e se interpenetram. (...) E a sua combinação será responsável por uma riqueza de formas e significados que ainda hoje desafia a crítica” (188).

O diálogo de Mário de Andrade com as ciências da natureza, é a parte fundamental do seu laboratório de ideias que processará a ampliação de sua imaginação científica de pensar o Brasil com legado incalculável sobre sua imaginação artística. Sua interlocução com a botânica, biologia e a zoologia fundamenta suas percepções sobre esses campos de conhecimento aplicados à sua visão do Brasil e ao próprio alicerce que ele elabora sobre a relação Natureza&Cultura. O livro de Cavalcanti M. Proença, *Roteiro de Macunaíma* (1955), escava minuciosamente as fontes de *Macunaíma* e estabelece ligações oriundas na literatura popular e do folclore feita na tessitura da rapsódia. O foco com que Mário de Andrade aplica às informações científicas restritas, nos permite supor que o projeto de estudos nesse domínio (das ciências da natureza) se integre às suas prospecções sobre as paisagens e imagens da fisiografia do Brasil. A ilustração de correspondência com Pio Lourenço Corrêa (ou Tio Pio), que segue em anexo, apresenta um Mário de Andrade em processo de disciplinamento pelo acesso às informações científicas de primeira linha, ao conferir registros de naturalistas e viajantes que

interpretaram e estudaram a geografia, a espacialidade e registraram a vida natural e social brasileira.

Mário de Andrade realiza uma apropriação do discurso científico, operacionalizando um desencantamento e reencantamento das informações desse campo. Também se observa uma fomentação dum diálogo com esses dois planos da invenção, o discurso científico e o literário. Transpõe os registros científicos transformando os dados registrados em relatos, ensaios e crônicas, reencantando-os na sua narrativa, seja por somar novos elementos não incorporados na cultura sulista do País, seja por privilegiar um campo disciplinar que realça a cultura local.

Mário de Andrade não faz apenas um movimento do estético para o ideológico ou do ideológico para o estético. Lembremos que esses movimentos foram pontuados, em Telê Ancona Lopez, como um debate pertinente ao exame do itinerário intelectual de Mário de Andrade. Esta tese acata os dois movimentos identificados por esses interlocutores (Cavalcanti Proença e Ancona Lopez), mas que são, neste trabalho, vistos como simultâneos, promovendo uma retroalimentação de ambos na sua escritura. Sublinha-se que ora é a dimensão do projeto ideológico que incita e induz Mário de Andrade a um novo momento e movimento estético; ora são as construções do estético que movimentam o autor a uma compreensão do Brasil que, por sua vez, lhe remete ao plano ideológico de sua intervenção na política cultural. Daí a importância de Mário de Andrade se declarar “turista aprendiz,” pois ele não vai reificar a imaginação que já existia sobre a região Amazônica. Antes, ele quer produzir outra imaginação; ajustada, refinada, recalibrada por outra inteligência. Mário de Andrade, no seu desejo de aprender e conhecer a região, supera as dicotomias de inferno e paraíso, e ultrapassa também o olhar que segrega e enxerga à distância a região, sem observá-la como produção de um ambiente, ou “pano de fundo” que sustentava a ideia do pitoresco, do inacabado e do exótico. Deixa para trás, atributos

de inferioridade na sua formação nacional, e revaloriza outros, reinventando a região e subvertendo a relação Natureza&Cultura.

O turista aprendiz é uma obra emblemática no olhar etnológico de Mário de Andrade. Seu destaque no *corpus* da produção mariodeandradiana ganha relevo pelo significado que ela tem no processo de reelaboração de uma síntese da relação Natureza&Cultura, para pensar o espaço nacional em um momento posterior: sua rapsódia macunaímica. Uma outra interpretação do Brasil é possível reunindo o conjunto de informação científica, a prospecção literária que Mário de Andrade realiza, em sua lógica de criação e a apreensão sobre o conhecimento de narrativas míticas: constrói outra interpretação de Brasil. Será essa “bricolage etnográfica,” que denomino, o que permite ao autor de *Macunaíma* treinar um olhar etnológico e um registro etnográfico sobre a Amazônia. Dessa forma, obtém-se um fundamento diferente daquele dominante, fomentando a construção da imaginação ficcional sobre a cultura nacional. O benefício de estudos antropológicos, sociológicos e das etnologias indígenas, realizados por Mário de Andrade, salienta as percepções de diferenças, contrastes e conflitos entre o Brasil profundo de realidades regionais distintas e o Brasil urbano formulador de um polêmico pensamento de unidade nacional.

As percepções da relação Natureza&Cultura e as estratégias da apreensão da Amazônia em *O turista aprendiz* demonstram que a gestação do projeto estético e literário do nosso autor não foi obra do acaso. A resultante maestra dessa gestação, *Macunaíma*, foi decorrência de rigoroso esforço que se ancora tanto no projeto ideológico do pensamento de Mário de Andrade sobre o Brasil, como numa vigorosa interlocução com o campo científico. O processo criativo mariodeandradiano ganha uma perspectiva intelectual de fortes traços científicos que acentuam características inovadoras nos procedimentos de transposição da realidade à ficção. Mário de

Andrade inaugura, por esse viés, um novo modo de produção ficcional; aquele que não abre mão do desenvolvimento da ciência de seu tempo como ferramenta de expansão de sua imaginação literária. A prova incontestada dessa expansão se materializa na composição que Mário de Andrade desenvolve dos personagens humanos e não humanos, no espaço narrativo desgeografizado, e na constituição da sua rapsódia ecológica. As perspectivas científicas fecundadas naquele início de século XX, assimiladas por Mário de Andrade via leituras e diálogos com seus interlocutores, que adicionarão novas facetas de compreensão da relação do meio ambiente pela produção ficcional.

Mário logra recontar a história do Brasil por meio da arte, problematizar o ideário do discurso da identidade nacional, reformular e redefinir o que é ser brasileiro, problematizar conceitos e destituir símbolos da cultura vigente. Os estudos sobre a viagem de Mário de Andrade à Amazônia sintetizados em *O turista aprendiz* ilustram o processo e a complexa composição do Brasil que esse intelectual realizou em *Macunaíma*.

MACUNAÍMA: NATUREZA SEM CARÁTER

A questão ecológica em *Macunaíma* não é facilmente observada no interior do discurso narrativo. A utilização de um vocabulário da fauna e da flora de origem indígena, juntamente com antropônimos de mesma procedência, além da apropriação de lendas, símbolos, regionalismos linguísticos e um patrimônio imagético, remontam, contudo a um ambiente distante da realidade urbana que se via registrada por meio do trabalho literário. Essas experiências apropriadas dentro de uma perspectiva narrativa em *Macunaíma* chamam a atenção para a violência que esse espaço mítico sofreu e sofria. Afinal, o que faz a personagem Macunaíma sair de sua cultura é o roubo do amuleto sagrado Muiraquitã por Venceslau Pietro

Pietra, personagem que simboliza a exploração da floresta, e que vai para São Paulo gozar dos auspícios do talismã indígena.

A forma como Mário de Andrade assume a configuração da Amazônia é extremamente significativa. Ele subverte o discurso estrangeiro sobre a região para reescrever sua própria percepção de dentro: Macunaíma é nascido, criado e vai acabar seus dias na selva, de onde, na verdade, ele começa sua jornada na busca do Muiraquitã, seu precioso amuleto. Mário de Andrade usa as viagens de seus personagens em *Macunaíma* para retratar a paisagem brasileira como um panorama da diversidade e da abundância nacional. O herói encontra artefatos indígenas, figuras históricas do período colonial, bem como a fauna, a flora e a topografia do presente, e por isso o texto muitas vezes lança um catálogo épico que enumera características da paisagem natural, plantas ou animais típicos da ecologia do Brasil. O romance é projetado para capturar elementos que estão subjacentes na cultura brasileira. Enquanto os personagens (Macunaíma e seus irmãos) viajam através do espaço nacional, podendo ser rastreados, as plantas e os animais são muitas vezes colocados em regiões onde eles de fato não pertencem, ou são combinados de maneira que borram seus lugares de origem, criando desse modo uma alegoria ecológica nacional, uma síntese de integração simbólica de todas as regiões.

Do contato que a personagem Macunaíma tem com a cultura urbana ao recuperar o artefato sagrado, ele traz para o seio da floresta elementos que simbolizam a conquista e a violência: “Estavam ali com ele o revólver Smith-Wesson, o relógio Pathek e o casal de galinha Legorne” (177). Macunaíma volta outro da metrópole paulistana: um híbrido. Agora, portanto, um habitante híbrido do Brasil profundo, da floresta, detentor de atributos ameríndios e de constituintes da sociedade urbana. *Macunaíma* absorve e externaliza outra brasilidade que desta feita é apreendida, nesta tese, como outro tipo de relação Natureza&Cultura presente no espaço

ficcional da rapsódia mariodeandradiana. Assim sendo, a sua experiência ao retornar à floresta, mesmo prevalecendo os elementos fantásticos da narrativa, fala de um espaço não reconhecível pela personagem. Esse espaço é impactado pela ação predatória, por ser agora penetrável por outras culturas que transformam o herói, destruindo-o juntamente com seu espaço e populações nativas:

Não havia mais ninguém lá. Dera tangolomângolo na tribo Tapanhumas e os filhos dela se acabaram de um em um. Não havia mais ninguém lá. Aqueles lugares aqueles campos furos puxadouros arrastadouros meios-barrancos, aqueles matos misteriosos, tudo era a solidão do deserto. Um silêncio imenso dormia à beira-rio do Uraricoera. (*Macunaíma*, 221)

Tal destruição que ganha no espaço ficcional o estatuto de significação trágica do genocídio indígena tanto em sentido restrito quanto em sentido mais amplo, de toda natureza constituída das interações entre humanos e não humanos no contexto na produção ficcional. Só restou o silêncio. A questão ecológica, portanto, manifesta-se não como um dado na superfície textual de uma tragédia física, mas por meio do encerramento fabular que afirma não haver espaço para o povo de Macunaíma e a sua própria existência enquanto um ser culturalmente diverso. A sua partida para as estrelas é um indício de seu deslocamento no mundo. Como afirma Luís Madureira, “The forest has ceased to be his homeland,” concluindo adiante que: “The forest in the novel is relegated anew to the status of a pagan outland” (94). Desse modo, não há mais um herói para defender a floresta, não há mais um povo a ser defendido. O que sobra é somente a história, a tragédia, a lenda, tão frágil como a condição atual da floresta amazônica. Sobre esse aspecto, comenta Mário de Andrade no segundo prefácio de edições póstumas de *Macunaíma*, “no clima, na flora, na fauna, no homem, na lenda, na tradição histórica até quando isso possa divertir ou concluir um dado sem repugnar pelo absurdo. Falar em ‘pagos’ e ‘querências’ em relação às terras de Uraricoera é bom” (*Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, 2015, 197).

Observa-se, nesta análise ecológica de *Macunaíma*, que o protagonista transita entre a mata virgem e a cidade “alerquinal;” entre o espaço tradicional e o espaço moderno, lidando ao mesmo tempo com a “mãe do mato” e a máquina, criando uma alegoria da tentativa de unidade entre Natureza&Cultura, impossível no mundo moderno. Mário de Andrade utiliza a personagem macunaímica para desregionalizar e desgeografizar o Brasil, dissolvendo os limites espaciais em sua fantástica viagem por vários estados brasileiros em um único espaço de tempo.

Reconhecemos nessa postura de tudo fundir e aproximar, a simbologia que afirma a instância plural e híbrida que deveria existir do contato entre Natureza&Cultura.

Não é só na personagem macunaímica que se observa uma atitude híbrida. Ela é notória nas relações dos outros personagem com espaço, ambiente, ecossistema e no constante descolamento e agrupamento que se dá na narrativa. Concatenam-se não apenas regiões, mas também seres humanos e não humanos (rios, peixes, árvores e entidades míticas) de diferentes geografias, faunas e floras nacionais. Pressupõe a reunião da diversidade cultural e de bio-regiões no território nacional da ficção. A narrativa de *Macunaíma* em sua própria constituição organizacional redimensiona a natureza como ser vivo, como um ser pensante, como sujeito da ação romanesca, como sujeito que altera os constituintes da realidade local. A natureza, portanto, nessa obra, não é só o ambiente biótico ou abiótico ou paisagem literária, é também e sobretudo um ser inteligente.

A narrativa de *Macunaíma* é composta a partir da combinação de uma infinidade de materiais: relatos de viajantes (como do avô Leite Morais), naturalistas, cronistas coloniais, textos etnográficos, mitos e lendas indígenas, cerimônias africanas, canções ibéricas, episódios históricos e da vida familiar. Trata-se na verdade de um processo de “*bricolagem*,” isto é, da união de vários elementos de diferentes origens para a formação de um novo elemento, o caráter

mais do que híbrido do livro, radicalmente inovador, mistura pesquisa sobre a criação popular e recursos estético-literários e musicais, alimentando o contexto fantasioso da aventura do herói brasileiro (Botelho, 22). Para Mário de Andrade, a natureza não é só paisagem, assim como o contexto não é apenas o espaço. Não obstante, o contexto pode se constituir no elemento da ação. Ambos, natureza e espaço, adquirem, dentro da estética andradiana, uma dinâmica especial na relação Natureza&Cultura.

O protagonista Macunaíma, nesse sentido, não é somente um híbrido-andante navegando entre o espaço da floresta e o espaço da cidade; é precisamente entre esses dois campos que o elemento híbrido é legitimado como parte intimamente ligada à natureza na construção da sociedade. Avaliamos, por isso, daí ser esse “ponto de vista relacional,” como sugere Eduardo Viveiros de Castro, uma matriz dominante não somente na personagem macunaímica mas também no espaço e nas redes de relações por onde ele se move. Um espaço híbrido que encadeia múltiplas culturas e territórios, tão plural quanto a natureza que abunda em seu ecossistema, um espaço em que o não humano desfaz as fronteiras humanas.

Não se observa aí um conjunto de linhas bem definidas, senão trajetórias imprecisas, fugidias, que abrem passagens em constante deslocamento suspendendo assim a própria noção de território nacional. É a narrativa mítica que licencia as afluências imprecisas, não porque ela seja insuficiente, estreita ou por ser anticientífica. Ela é imprecisa e fugidia pois quem outorga seu fio condutor é a imaginação. O sujeito macunaímico de Mário de Andrade, na sua vagante mobilidade, parece navegar no espaço híbrido—entre a floresta e a cidade, entre o mito e a razão, entre a ficção e a realidade. Por essa razão, cabe pensá-lo a partir dos pressupostos teóricos como uma ponte entre o pensamento mítico, científico e o literário, que é a perspectiva ecológica. Na leitura ecológica aqui realizada, entendemos que a personagem Macunaímica transita em espaços

que são transcendentais e imanentes, natureza e cultura, floresta e cidade—onde ele, como transeunte, busca reposicionar ou pelo menos evidenciar (mesmo sem a direta intencionalidade do autor) o paradoxo dessa moderna dualidade, ressaltando uma pluralidade de relações em verificáveis associações híbridas.

Eduardo Viveiros de Castro nos permite uma nova perspectiva de leitura de *Macunaíma*. O perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro nos permite perceber o mundo como sendo habitado por diferentes sujeitos ou pessoas, humanas e não humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos sem hierarquia entre os agentes naturais e sociais (347). A perspectiva ameríndia aclara a relação entre cultura e natureza em *Macunaíma* reforçando a forte associação da personagem com a natureza e também, em contrapartida, sua necessidade de usurpá-la, talvez por não se dar conta da possibilidade de seu domínio.

A personagem deambula entre o passado (natureza) e o presente (cultura), sendo também intemporal e desgeografizado, incorporando, sem ordem nem hierarquia, as características homogêneas da natureza e da cultura. O ponto de vista da personagem de *Macunaíma*, que ressaltamos como ameríndio, reembaralha dualismo Natureza&Cultura, remetendo, ainda, a outras categorias relacionais—universal/particular, corpo/espírito, físico/moral, fato/valor, dado/construído, animalidade/humanidade e tantos outros—onde o perspectivismo ameríndio, que aponta Viveiros de Castro, inverte a dualidade entre Natureza&Cultura.

Esse perspectivismo ameríndio não nega a dualidade, mas inverte o significado do que isso representa para nós e para eles. Ou, nas palavras de Viveiros de Castro, com ele (perspectivismo ameríndio) não evitaremos a separação por completo de Natureza&Cultura, mas as separaremos ao mesmo tempo em que as unirmos. Esse “perspectivismo macunaímico,” como sugerimos, procura dar conta de uma polissemia na pluralidade de pontos de vista. Mais que um ponto de

vista, a atitude ameríndia, até aqui apresentada em favor de nosso argumento, permite uma ponte entre o individual e o coletivo, sem que nessa passagem se deturpem as relações, ou um campo usurpe as prerrogativas do outro. As raízes do perspectivismo ameríndio encontram-se no substrato das relações entre humanos e não humanos, na tradição e cultura popular, deixando de lado qualquer pretensão de amarrar as relações entre Natureza&Cultura numa camisa de força conceitual.

Os conceitos de Bruno Latour adquirem feições operatórias para entender o híbrido como algo que combina aspectos que tradicionalmente pertencem aos reinos naturais e culturais. Um híbrido seria então o resultado de qualquer processo de associações e interações entre humanos e não humanos. Significa também um processo de aquisição de actância pelos “quase-objetos.” Portanto, desde que nossa sociedade é composta por seres humanos e não humanos, qualquer tentativa de purificação opondo natureza e sociedade, natural e artificial, humano e não humanos, vai paradoxalmente dar origem a mais híbridos.

O que advoga Bruno Latour é que se atribuisse aos híbridos um estatuto ontológico de actância²⁶, de sujeitos. É necessário dar o estatuto de sujeito aos híbridos e perceber como a natureza está intrinsicamente ligada à construção da sociedade (47). Macunaíma (a personagem), ao tornar-se um sujeito híbrido da floresta, desaparece ao final da narrativa, torna-se somente lenda, outro constituinte da floresta, por não lhe ser atribuído o mesmo estatuto ontológico que validaria a sua existência enquanto um ser hibridizado. O fato de Macunaíma ser um ente híbrido da floresta lhe permite deambular entre vários planos produzidos na relação Natureza&Cultura.

Esta tese aduz a reflexão objetiva de Bruno Latour para realizar uma leitura ecológica da produção ficcional, *Macunaíma*. *Macunaíma* não é um documento científico; é uma construção literária, mas é uma invenção literária que contém um componente ecológico, essencial para

compreensão do pensamento que permite repensar a relação Natureza&Cultura como entidades conceituais postas em relação. *Macunaíma* não tem sentido de documento, mas é algo estético. Não obstante, as raízes desse “brinquedo literário” (*Macunaíma: a margem e o texto*, 87), como denomina o próprio autor, chegam a um ponto importantíssimo Mário de Andrade estudando o Brasil em profundidade e, em especial, a natureza brasileira, é ele produzindo um discurso ecológico no qual se subsumem uma reinvenção política do Brasil por meio da ficção literária.

Mário de Andrade dissolve os limites regionais por caminhos estéticos, linguísticos e ideológicos. Dissolve também diferenças e desigualdades étnico-raciais, a oposição Natureza&Cultura, reposiciona as relações entre o Estado e a sociedade, as identidades regionais na construção de uma “entidade nacional ecológica.” Reimagina o nacional e o popular. O espaço ficcional de *Macunaíma* desgeografizado ou desregionalizado, responde a um projeto literário que não deixa de ser estético, linguístico e ideológico. Ao estético e ao linguístico se justapõem o estilístico. Esse espaço ficcional corresponde à transfiguração da realidade por meio da arte. A arte representa a realidade não como repetição dela mesma, mas como manifestação recriada do imaginário ficcional. A realidade, por sua vez, está no espaço documentado, nos estudos, pesquisa de campos, viagens, leituras científicas da época. Serão esses os instrumentos que darão base ao que vai ser transfigurado na obra de arte: *Macunaíma*. E como bem afirma Mário de Andrade no *Diário Nacional* do dia 20 de setembro de 1931, em resposta à resenha de *Macunaíma* feita por Raimundo Moraes:

Macunaíma era um ser apenas do extremo norte e sucedia que a minha preocupação rapsódica era um bocado mais que esses limites. Ora, coincidindo essa preocupação com conhecer intimamente um Teshauer, um Barbosa Rodrigues, um Hartt, um Roquete-Pinto e mais umas três centenas de cantadores do Brasil, de um e de outro fui tirando tudo o que me interessava. Além de juntar na ação incidentes característicos vistos por mim, modismos, locuções, tradições ainda não registradas em livro, fórmulas sintáticas, processos de pontuação oral,

etc. De falas de índio, ou já brasileiros, temidas e refugadas pelos geniais escritores brasileiros da formosíssima língua portuguesa. (53) [Grifo nosso].

É precisamente essa “preocupação rapsódica” do autor o cerne desse capítulo, que reside na conceituação do que denominamos “rapsódia ecológica,” a qual descreve e abarca um vasto conjunto de elementos humanos e não humanos com vista a reconsiderar seus posicionamentos por uma perspectiva relacional. O “processo rapsódico” que Mário de Andrade desenvolve em *Macunaíma* tem em essência a noção de uma harmonia aberta que concatena artefatos eruditos e populares além de suas reverberações melódicas. Esse argucioso diálogo interior presente na obra de Mário de Andrade consigo mesmo, com outros e seu entorno imediato, “reúne e integra” uma polifonia de culturas, ambientes dissonantes e regiões equidistantes com o objetivo de expressar uma entidade brasileira plural e concatenadora.

Mário de Andrade dedica-se inteiramente a esse experimento e processo rapsódico que denomino “rapsódia ecológica.” Penso que, através deste processo rapsódico, Mário de Andrade percebe não apenas uma rapsódia de lendas, mas uma rapsódia da relação Natureza&Cultura e que resulta no que denomino de “rapsódia ecológica” ao juntar em uma aventura todo o conhecimento enciclopédico da flora e fauna que ele estudou, apreendeu e resignificou em sua viagem à Amazônia. Com esses procedimentos, Mário de Andrade produz um discurso de preocupação ecológica, e com curiosidade para interpretar um território que ele conhecia apenas através de livros e em registros de abordagens literárias e científicas. A partir de sua passagem na região, Mário de Andrade reconstrói outra interpretação do Brasil por meio da reinvenção ficcional identificando ameaças e desafios enfrentados pela maior floresta tropical do planeta, que ele testificara pessoalmente. Em sua correspondência com seus interlocutores, Mário de Andrade compartilha suas preocupações sociais, culturais e ambientais em relação à floresta amazônica. Se as cartas e os diários que documentam as viagens do autor, por outro lado

também, revelam a “utopia amazônica” do autor de *Macunaíma*, como observa Telê Porto Ancona Lopez, e serve de guia para entender como Mário de Andrade pensa, sente e vê a relação entre a diversidade cultural e as desigualdades sociais que permeiam a região amazônica.

Macunaíma, afirma Ancona Lopez, é a “rapsódia que transcende o nacionalismo modernista de programa, sulcando profundamente a literatura do Brasil, e, dessa forma, crescendo até uma representação dos povos do terceiro mundo ou dos donos do pensamento selvagem e do próprio homem do século XX” (265). A rapsódia e o discurso ecológico fundem-se na reimaginação do Brasil profundo do qual a Amazônia era sua representação mais emblemática.

No itinerário intelectual sugerido por Mário de Andrade, a equação “Amar, verbo intransitivo + Clã do jabuti = Macunaíma” é inspiradora de uma proposta interpretativa inovadora sobre o seu processo de produção literária. As duas primeiras obras concatenam a pesquisa realizada por Mário, no primeiro caso, ao narrar as estruturas do pensamento social brasileiro, expondo a argamassa organizacional da cultura desta sociedade com vistas a reestruturar a autocompreensão do Brasil. Esse Brasil é mais genuíno e dono de uma autonomia cultural que lhe permite a alforria dos cânones tradicionais da *inteligência* nacional. No segundo, caso, ao enxergar melhor a idiosincrasia regional do país e seu complexo artefato folclórico e cultural revelando a intimidade de um Brasil profundo cuja forma mais bem acabada encontra realização em *Macunaíma*. O autor assim indica seu itinerário:

Ando sentindo já uma certa precisão de mostrar que minhas mudanças de pesquisa de livro pra livro, nem são tanta mudança assim, antes é transformação concatenada, desbastada e completada da mesma pesquisa inicial. Os que imaginarem pois que eu mudei mais uma feita com este livro me parece que se enganam bem. Pelo contrário: nada mais provável na minha obra depois de *Amar, verbo intransitivo* e *Clã do jabuti*, do que o livro de agora. Sem vontade de pandegar sinto lógica em estabelecer uma equação assim: “Amar, verbo intransitivo + Clã do jabuti = Macunaíma”
 Contar a embrulhada geográfica proposital de fauna e flora. (*Macunaíma*, 94)

Inúmeras nuances podem ser destacadas a partir desse roteiro sugerido por Mário de Andrade. Nesta tese optou-se por rastrear o itinerário sugerido, as pistas da pesquisa realizada e o procedimento de intervenção dessa investigação. Os realces do autor nos permitiram pensar em pontos de inflexões importantes em relação ao roteiro da sua imaginação literária e à fidelidade desse roteiro e processo de criação/imaginação que culminará em *Macunaíma*. Quando Mário de Andrade responde àqueles que apontam mudanças no seu rumo de pesquisa, nesse caso falando em defesa de sua rapsódia, afirma “que nem são tanta mudança assim, antes é transformação concatenada, desbastada e completada da mesma pesquisa inicial” (*Macunaíma*, 94). Ele demonstra estar sendo fiel ao roteiro anunciado por ele mesmo, desde *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917). Mário de Andrade aponta seu processo de transposição literária sem subterfúgio, ao demonstrar que o projeto inicial de sua pesquisa não sofreu mudanças. Na realidade, ele aprofunda e intensifica o plano inicial. Ao inaugurar outro cânone literário, Mário o faz mediante ruptura com as tradições literárias anteriores e reconfigura outra teoria do Brasil e da Amazônia. *Macunaíma* é a produção literária mais inovadora da produção ficcional de Mário de Andrade, feita nos contornos de um pensamento ecocrítico do qual emerge sua “rapsódia ecológica.”

Chapter 3

Slow violence e slow seeing: conexões e sentido em *Beyond Fordlândia*

As questões ambientais contemporâneas enfrentam na atualidade um desafio fundamental: como representá-las. Ainda mais urgente é como elaborar narrativas, imagens e símbolos adequados, que narrem a violência ambiental em curso e seus efeitos catastróficos daquilo que Rob Nixon define como *slow violence*. Caracteriza-se *slow violence* como sendo “uma violência que ocorre lenta, gradual e invisivelmente; uma violência de destruição adiada que se dispersa no tempo e no espaço; uma violência atípica que normalmente não é vista como violência” (Nixon, 2). *Slow violence* é um dos conceitos-chave na base de nossa formulação do documentário *Beyond Fordlândia*, por ser central em nossa reflexão e nas decisões de nossa intervenção social no uso da linguagem cinematográfica. Tal violência persiste através do tempo e é invisível aos olhos do observador comum: está intimamente ligada aos processos capitalistas econômicos vorazes e às estratégias predatórias de desenvolvimento, dependentes do uso exaustivo dos recursos naturais. Essa violência produz e reproduz procedimentos de uma renovada acumulação primitiva sobre povos e territórios, na medida em que adere ao modelo de desenvolvimento progressivo, linear e à “mercantilização” dos recursos naturais e do meio ambiente como produto do mercado (Nixon, 2011; Atilés-Osoria, 2013).

O fato de os sujeitos que vivem essa tragédia desconhecem-na em seu caráter contínuo e, não saberem como relacionar seu sofrimento, destruição e a morte de seus ambientes por condições socioculturais e políticas, afeta nosso pensamento enquanto pesquisador e documentarista. Surpreendentemente, há casos em que essa destruição nunca é revelada, acobertada por sistemas legais corruptos de violência lenta governamentais (*Paraíso suspeito*, Leopoldo Bernucci, 17). Portanto, relacionar as distintas feições que assumem a violência lenta é

o maior desafio em discussão. Daí que Rob Nixon nos lembra ao indagar, de diferentes maneiras, que o cerne da questão passa por estratégias de representação:

How can we convert into image and narrative the disasters that are slow moving and long in the making, disasters that are anonymous and that star nobody, disasters that are attritional and of indifferent interest to the sensation-driven technologies of our image-world? How can we turn the long emergencies of slow violence into stories dramatic enough to rouse public sentiment and warrant political intervention, these emergencies whose repercussions have given rise to some of the most critical challenges of our time? (3).

O autor nos incita a debater e intervir na crise ambiental e nos fatores e processos que articulam os fenômenos históricos e socioculturais da problemática relação entre meio ambiente e sociedade. Trata-se, em um primeiro momento, de repensar as bases de nossas percepções das crises ecológicas que ameaçam a vida e a violência lenta praticada contra o meio ambiente, o que demanda novo olhar sobre o impacto das informações a nós expostas. Num segundo momento, trata-se de mobilizar conteúdos disciplinares críticos e contrários aos discursos dominantes, aos cânones tradicionais, integrando dados imediatos e informações de notícias sensacionalistas ao corpus teórico, que deem conta de processos de longa duração e de escalas globais, a exemplo de abordagens pós-coloniais e do ecocriticismo,²⁷ que nos levem a reinterpretar as manifestações imediatas e estruturais sobre as crises ambientais e humanas. Finalmente, ao apresentar três conceitos-chave²⁸ de sua compreensão simultaneamente política e teórica, Rob Nixon amplia possibilidades de interlocução transdisciplinar,²⁹ científica, epistêmica e artística que permitem a interação entre distintos projetos da imaginação científica e estética.

Nixon ainda nos chama à ação pelas vias da ampliação de sujeitos epistêmicos nessa interlocução polissêmica e pelas vias de intervenção abertas à inteligência política. Essa ação de enfrentamento da violência lenta deve ser qualificada em estratégia também contínua, de longo

alcance, em todas as frentes e dimensões dos efeitos ambientais e sociais provenientes da crise ecológica. Conclama à construção de um quadro teórico inovador e herético, no sentido em que se relaciona ao conceito de uma “ecologia do pensamento,” capaz de dar conta de tarefas teóricas e práticas e de “correlacionar processos e estruturas do imperialismo, neoliberalismo, violência, degradação ambiental e lutas ambientais,” em uma disposição dialógica de proveniências disciplinares diversas, fundamentada no “abandono dos bioregionalismos, passível de ser aplicado sob novos propósitos de organizar a vida material e emergência de uma nova ética transnacional do espaço” (Nixon, 26). Portanto, a reflexão proposta por Rob Nixon é concomitantemente política e teórica. Ela nos move a repensar os fundamentos que definem nossas apreensões da crise ecológica e da violência—e suas conexões em *Beyond Fordlândia*—que se acometem sobre os biomas e ecossistemas amazônicos, percepções que tornam agudo o nosso olhar filmico e a nossa comoção sobre humanos e não humanos da região.

Beyond Fordlândia (2017, 75 min) apresenta um relato ambiental da experiência amazônica de Henry Ford décadas após seu fracasso. O empresário tinha uma ideia ambiciosa, como tudo em sua época - levar a civilização ao seio da Floresta Amazônica através do plantio de 800 mil hectares de seringueiras e uma cidade inteira para produzir borracha às margens do rio Tapajós, um dos principais afluentes do Amazonas. A história abordada pelo filme começa em 1927 e narra a transição da borracha malfadada para o cultivo bem-sucedido de soja e sua implicação e intervenção sobre o uso da terra, da floresta e do homem, pelo agronegócio, com efeitos irreversíveis sobre as formas de adaptabilidade e sociabilidade. O filme ilustra os nexos entre a exploração do passado (Fordlândia e Belterra), e do presente (Santarém, Itaituba, Miritituba e Lago Maicá), viabilizados pela violência lenta material, simbólica, contínua e inexorável. As populações rurais, urbanas e indígenas têm uma ligação cultural e histórica com a

região, e isso está gravemente ameaçado pela violência lenta prescrita por Rob Nixon.

CONCEITOS E CATEGORIAS: PERCEPÇÃO DO OLHAR

Abstraímos de Nixon que a natureza mobilizadora de um conceito está na possibilidade de transformá-lo em categoria operatória orientadora da ação. Isso significa que o conceito tem dupla função na compreensão e na interpretação da realidade. É um modelo que orienta ao esclarecimento, e, ao mesmo tempo, uma plataforma inteligente de intervenção com linguagens, imagens, estratégias e outros recursos interativos. É isto que nos permite dizer que o conceito de *slow violence* está no cerne da interpretação da Amazônia e no horizonte de nossas decisões e posições axiológicas em *Beyond Fordlândia*. Assim, o pensamento ecocrítico e o cinema nos levaram à Amazônia que ansiávamos conhecer e desvendar. Esse movimento de vida e de ideias cruzou lembranças e significados na memória de nossa infância, que induziu a revalorizar informações e percepções transmitidas no ambiente familiar. Permitiu-nos, sobretudo, valorizar o contato sensível de adequar nosso olhar ansioso ao ritmo da cultura e da adaptabilidade dos mundos biótico e abiótico amazônicos, sem perder de vista a posição estratégica do lugar que se ocupa no tempo dos acontecimentos violentos como sujeito político e como agente do conhecimento. Em momentos distintos, registraram-se, em orientação etnográfica, impressões do encontro inaugural, dir-se-ia até mesmo seminal, com a “região.” Mais do que o encontro, capturamos a escolha de terreno de imaginação, intervenção e documentação de inserção na Amazônia.

O conceito de *violência lenta* cunhado por Rob Nixon é para nós sobretudo uma categoria analítica que relaciona o pensamento ecocrítico e a Amazônia por meio do documentário *Beyond Fordlândia*. Sendo assim, o filme, aqui, é considerado um objeto alegórico-explicativo de várias

situações semelhantes ao redor do mundo, ontem e hoje, e possibilita lançar um olhar lento de suspeição sobre as formas contemporâneas que os conquistadores do presente deixaram expostas em suas ligações com o passado. *Beyond Fordlândia* transforma o olhar indiferente em uma percepção crítica de processos e métodos de atuar sobre a região, que não estão aparentes, mas recobertos por uma violência lenta que gera impactos de longa duração. Rob Nixon nos permite reposicionar os conceitos e as categorias da ecocrítica na transfiguração da produção fílmica que realizamos. Seja da realidade à ficção, do experimental ao fílmico, privilegiam-se dimensões da *violência lenta* na Amazônia. Demonstra-se que, de algum modo, este processo de degeneração lenta da natureza—dos povos, das culturas e o modo que essa violência lenta impacta a organização do espaço de regiões—altera suas próprias formas e estratégias de sobrevivência, como espaços de autenticidade, no Brasil da homogeneidade nacional, à imagem das elites. Rob Nixon, ao abordar a *violência lenta*, faz referência ao abandono pelo esquecimento: “We need a deeper understanding of the slow violence of delayed effects that structures so many of our most consequential forgettings” (8). É um determinado modo de sentir o distanciamento e articular as diferenças às desigualdades. Em nossa percepção fílmica, essas diferenças estão contidas nas condições sociais e humanas das populações amazônicas - excluídas, alienadas, pobres, isoladas e distantes do centro urbano do país. A representação fílmica, em nossa abordagem, faculta aos agentes humanos e não humanos a condição de sujeito da ação social, de actância. Na realidade, a ignorância sobre os espaços e as populações remotas é um modo de não olhar, de dar as costas, de não dar importância, de ocultar o presente e o passado. *Beyond Fordlândia* estabelece conexões entre o passado e o presente, permitindo que o espectador reflita sobre o que resta do passado e questione o que é lembrado, esquecido, negado ou arquivado no presente. É o próprio Nixon que nos lembra as palavras de Faulkner “the past is never dead. It’s not even past” (7).

Beyond Fordlândia procede de modo radicalmente oposto - confere importância a estes perfis brasileiros (índios, seringueiros, caboclos, nordestinos e outros), cuja narrativa os integra (humanos e não humanos), conferindo-lhes identidades particulares e coletivas e os transfigurando em outro plano narrativo. Em suma, *Beyond Fordlândia* os reposiciona e os recria em uma outra dimensão de visibilidade e dizibilidade.³⁰ O reposicionar seria aqui estabelecer a relação entre dois planos lógicos: 1) o da ecocrítica propriamente dito no esclarecimento das categorias já identificadas; 2) e o da produção fílmica no que diz respeito a uma inteligibilidade que desvela urgentes preocupações ecológicas. O conceito de violência lenta, portanto, se encontra ao refletir a alienação e exclusão dos elementos mais genuínos das populações locais, indígenas, agentes bióticos e abióticos que estão fora da produção da cultura nacional e cânones dominantes. É o ambientalismo do pobre, “those people lacking resources who are the principal casualties of slow violence (4), o “território” invisível de uma violência ecológica e humana, que é contínua desde a colonização e que a narrativa do filme rastreia.

Portanto, o pensamento ecocrítico em Rob Nixon permite ampliar interpretações sobre a região amazônica para um projeto de valorização de constituintes aliados do *ethos* cultural do Brasil. As contribuições teóricas aparentemente díspares, núcleos de diálogo e de sentido que permitem o exercício da imaginação fílmica, no que concerne à transposição da realidade ao documento no filme, deixam pistas de outro modo de relacionamento do homem com seu ambiente. Ao mesmo tempo em que essas contribuições permitem reflexões inovadoras sobre a relação Natureza&Cultura—inflexão fundamental na interpretação que se alcança em *Beyond Fordlândia* da região amazônica. Inspirados na produção de Rob Nixon, realçamos no filme um deslocamento contínuo entre contribuições epistêmicas, que assumem a função de categorias

operatórias, seja na produção teórica ou na intervenção sobre políticas culturais e ambientais que levamos a cabo no documentário.

Beyond Fordlândia revigora o quadro epistêmico de compreensão do espaço amazônico por meio de uma estética inovadora da imaginação artística, produzido em larga medida com *insights* provenientes de pesquisa sobre a lógica da criação científica (Euclides) e artística (Mário). Acrescenta-se a esse quadro uma abordagem intersubjetiva da ação social às conexões da vida material e simbólica da cultura dos vários brasis, assim como se pode estabelecer pontes e cortes entre dimensões do imaginário mítico, artístico, filosófico, científico e político no projeto estético e ideológico do filme. Um documentário não é a expressão da realidade, não é a captura de uma verdade. Não se trata mais de cinema-verdade³¹—o realizador cria a sua própria verdade, seja com o material filmado, seja com o que não aparece na tela. No viés da “interpretação,” lembramos da análise do discurso de Michael Foucault, onde, muitas vezes, nos vemos tentando recuperar, naquilo que é dito, um “não-dito,” a imagem dentro e fora da tela (91). Ao fim, tudo é fruto de escolhas que se consolidam no ato de edição do material. Assim, um documentário pode se aproximar da ficção tanto quanto um filme do gênero. *Beyond Fordlândia* conta a “verdade” dos arquivos de Ford e a “verdade” dos depoimentos colhidos. Com isso ele nos narra a sua verdade (Selda Vale, 29).

Ao refletir sobre esses conceitos, pretendemos esclarecer nossa posição na produção e direção da *Beyond Fordlândia*. Decidimos ver a Amazônia sua natureza e cultura lentamente, diminuindo nossa noção de tempo e espaço sobre o ambiente e as populações tradicionais, ribeirinhas, quilombolas e indígenas estigmatizadas em vários níveis dos tipos regionais. São esses indivíduos, coletividades e biomas, os nossos sujeitos epistêmicos mais recorrentes, intérpretes vivenciais da violência lenta que devora humanos e não humanos da Amazônia.

Ribeirinhos, extrativistas, posseiros, tropeiros, pantaneiros, quilombolas e indígenas carregam sua condição de seres humanos despojados de condições sociais de manutenção da vida, salvo pela força de trabalho que se aplica à sua situação objetiva de trabalhadores da terra, das águas, das florestas, dos cerrados, dos campos, das montanhas e das margens periféricas das cidades, vilas e povoados, enquanto seus ambientes decaem e são privados de apoio.

ESTRADAS IMAGINÁRIAS E LITERAIS

Fomos atraídos pela floresta amazônica pela paixão e inquietação do nosso avô.³² Suas preocupações ambientais, compartilhadas conosco, nos mostraram a importância da região amazônica com o ecossistema do mundo e nos envolveram no mesmo entusiasmo que lhe absorvera ao ler os escritos amazônicos de Euclides da Cunha. Os escritos amazônicos de Euclides da Cunha e Mário de Andrade³³ abriram as estradas e as rodovias imaginativas da Amazônia que atravessamos física e textualmente. Entramos na Amazônia brasileira através dos elementos díspares das estradas, tanto metafóricas quanto literais. Estradas e rodovias não transformam apenas nossas sensações de tempo e de espaço; elas também nos transformam, afetando o ritmo e o compasso da vida daqueles ao longo do seu curso, e, mais importante, afeta como se vive em seu entorno.

As estradas e rodovias amazônicas, com outras manifestações infraestruturais, produzem uma série de pontos inorgânicos de encontro que ignoram a vida dos humanos, das florestas e dos ecossistemas de forma mais ampla. Essas redes físicas, fabricadas em situação de poder, servem de instrumentos de posse, conquista e demarcação de lugares e passagens. Na Amazônia, as trilhas dos bandeirantes³⁴ marcaram o lugar das estradas em movimentos de reiteração colonial, em ações nacionais de territorializar o espaço do Estado Nação e das forças produtivas

que a sustentam. Desde os anos da borracha, as forças de nacionalização do Estado brasileiro conclamam o desenvolvimento econômico da região por meio da utilização de seus recursos naturais e potenciais.³⁵ Desde o século XIX o Estado brasileiro age sobre a Amazônia como dominador e acena ao capital internacional para a navegação fluvial e marítima, para as expedições econômicas, científicas e diplomáticas, para frentes provisórias de exploração e de prospecção, ou frentes e correntes migratórias que tornaram definitivas as medidas de fixação e deslocamento de populações para a região. Redes de estruturas rígidas e flexíveis conectam intenções, desejos de intervenção sobre os espaços e as culturas. Há na Amazônia uma constante construção de dinâmicas econômicas e populacionais que se impõem sobre aquelas mais próximas do ritmo da Natureza. Como W.F. Laurance declarou em “The Future of the Brazilian Amazon:” “Na Amazônia brasileira, por exemplo, 95% de todos os desmatamentos e incêndios ocorrem dentro de 50 km de rodovias ou estradas” (438). As estradas alteram os mundos físicos e bióticos através da mobilização do “trânsito” ou de frentes de ocupação de diferentes propósitos sobre as florestas, rios, biomas e ecossistemas da Amazônia. A ocupação do espaço “vazio” é uma contínua manifestação de poder sobre a região praticada pelos agentes de governos e forças econômicas. Sem uma focalização compreensiva da cultura, os resultados desses megaprojetos “desenvolvimentistas” geram impactos de longa duração, mesmo quando, em sua forma imediata, recorrem às intervenções tecnológicas e científicas. Além disso, tais empreendimentos logo se revelam anacrônicos e sem qualquer política sustentável de inclusão social na região.

Ao mesmo tempo, as estradas e rodovias amazônicas também são instrumentos que abrem um diferente senso de percepção que nos leva a caminhos de outra forma ignorados. O acesso às sociedades originárias e adaptadas em 500 anos de convivência no Trópico Úmido fazem da

Amazônia um arquivo natural e cultural, o que se alia à sua condição de sujeito vivo que exprime pulsões dos seres vivos no interior desse enorme bioma. Humanos e não humanos que o compõem são completamente interdependentes dos sistemas socioculturais da natureza e cultura. O caminho de conhecê-la é sensível e racional. Incorporamos essa compreensão como princípio interpretativo e, como um turista aprendiz,³⁶ nos acercamos pelas densas matas desse vasto território verde. Entramos em um mundo conhecido só na aparência. Tal como a *violência lenta*, há dimensões de significados na Amazônia que não se mostram, ao primeiro olhar, rápido e superficial. A floresta não se entrega facilmente aos seus desbravadores, e lhes oferece somente o entendimento superficial e incompleto de suas complexidades. Conhecê-la e reconhecê-la é um passo importante que requer uma adequação do nosso ritmo urbano ao ritmo desse gigante verde. “Não basta o aparelhamento científico,” afirma Péricles Moraes. Segundo o autor manauara, “para compreender, assimilar e exprimir a complexidade do gigantesco caos amazônico de sua natureza, o narrador precisa ser dotado de um talento verdadeiro, auxiliado por todas as forças do espírito e da vontade, além de possuir, simultaneamente, a faculdade de perceber, de um só lance, as circunstâncias particulares e sensíveis que lhe explicam as influências passadas e presentes” (19). Munido dessa intencionalidade, nos preparamos para olhá-la, apreendê-la e acrescentá-la à nossa imaginação, percorrendo rotas imaginárias ou literárias do seu bioma-território.

A rodovia Transamazônica que atravessamos não é a mesma que metaforizava a glória nacional apregoada à época. Os impactos provenientes do desmatamento e fragmentação de biomas na Transamazônica repetem o mesmo “espetáculo privilegiado da civilização capitalista na selva” (Foot Hardman, 25), vivenciados no decorrer da construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Tanto numa quanto noutra é evidente o processo de violência lenta potencializada por

intervenções devastadoras e nada agregadoras para agentes bióticos e abióticos. Os escritos amazônicos de Euclides da Cunha já indicavam a problemática relação Natureza&Cultura vista sob a perspectiva de grandes empreendimentos, a exemplo da Madeira-Mamoré. A intervenção de Ford na região sublinha uma relação centro-periferia complexa, com mediação leniente do Estado. O nexo entre o passado colonial, o seringalismo e o agronegócio indicam as redes materiais do capitalismo que sustentam a violência lenta contemporânea. As conexões de sentido que envolvem a região são de diferentes combinações de tempo e de significado. Isso tem implicações imediatas no modo como moldamos nosso olhar e registramos essa perspectiva em narrativa fílmica.

A grandeza e a diversidade da Amazônia brasileira permitem-nos configurá-la como uma nação em si mesma – uma nação cheia de consonâncias e dissonâncias, que, costuradas dentro de seu tecido, oferece-nos lições sobre como humanos e não humanos podem se entender e viver harmoniosamente dentro de um território geográfico comum com diferentes culturas. A Amazônia, mais do que qualquer definição que possamos esboçar, é um lugar de insinuações em que o senso linear de percepção se distende ao desfocar o registro do tempo. É um “paraíso suspeito” por sua capacidade de esconder ou disfarçar seus perigos, afirma Leopoldo Bernucci. A imagética que apresentamos em *Beyond Fordlândia* demonstra o inóspito espaço amazônico, com seus ritmos, ritos e cadências da infinita diversidade de dinâmicas, assim como a destrutiva trilha humana e ecológica da violência lenta que se abate sobre a região.

Ao expô-las pelo recorte do pretérito, do presente ou hipóteses futuras, sugerimos temas que parecem desconectados externamente, mas que têm sentidos e significados quando interpretados pelas redes visíveis da natureza e da sociedade e invisíveis da violência lenta das intervenções sobre a região. Como aponta John Berger (1977), “The past is never there waiting

to be discovered, to be recognized for exactly what it is. History always constitutes the relation between a present and its past.” Ele conclui afirmando que “fear of the present leads to mystification of the past. The past is not for living in; it is a well of conclusions from which we draw in order to act. Cultural mystification of the past entails a double loss. And the past offers us fewer conclusions to complete in action” (11). Os nexos dessas conexões em imagens não são apenas cronológicos nem lineares: são também construídos pela nossa disposição intelectual de relacionar dimensões lógicas e históricas da região no mundo. Tais dimensões entrelaçadas destacam as preocupações do universo regional amazônico que transcendem e se projetam além de suas “frágeis” fronteiras. Reportando-nos às palavras de Benedito Nunes, nosso objetivo é ilustrar “uma realidade que (talvez) não se pode tocar, mas nos toca: todo registro fotográfico abre a ampla rede de nossa imaginação, nos desencadeia com sua força sugestiva e nos move” (24). Em suma, os recursos, os ritmos, as imagens e o entrelaçamento desses mosaicos de aspectos da Amazônia nos sugere, nos proporcionam uma cartografia única constituída por uma infinidade de paisagens sociais, econômicas, políticas, históricas, culturais e ambientais.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Chegamos a Belém (Pará, Brasil) em 2016, durante uma noite de verão ou inverno no Brasil, por isso não conseguimos contemplar a beleza da floresta imaginada nas leituras. Esse momento, de perplexa contemplação, aconteceu no dia seguinte ao partimos num voo de Belém rumo a Santarém - chegamos às 10 horas da manhã - e nosso destino dali seria a cidade Fordlândia. O avião tinha alguns lugares com janelas desocupadas, o que nos permitiu mudar para uma observação melhor. Assim que o avião decolou, começamos a tirar fotos o mais rápido possível. Tiramos um número incontável de imagens da majestosa silhueta formada no meio do

“Inferno Verde,” como Alberto Rangel descrevera a Amazônia. Ali, na janela, perplexo pelo encanto, pudemos ver a floresta sumindo no mar infinito das nuvens que se dispersavam lentamente até que o avião desaparecesse completamente na névoa. A visão da floresta, e aquela registrada na nossa imaginação literária, marcaram um lugar de memória, esta já corporificada sensorialmente em nós, e um arquivo especial com registros do conhecimento coletivo a serem narrados em *Beyond Fordlândia*. Revendo esse momento, retemos e carregamos ainda hoje essa imagem conosco. Ao voltar para casa, continuamos a refletir sobre o sentimento que nos impactara e cativara naquele junho de 2016. Em nossas reflexões, evocamos uma passagem de Walter Benjamin em *One Way Street* que nos impressionara:

The power of a country road is different when one is walking along it from when one is flying over it by airplane. The airplane passenger sees only how the road pushes through the landscape, how it unfolds according to the same laws as the terrain surrounding it. Only he who walks the road on foot learns of the power it commands, and of how, from the very scenery that for the flier is only the unfurled plain, it calls forth distances, belvederes, clearings, prospect at each of its turns like a commander deploying soldiers at a front. (27-28)

A experiência retratada por Benjamin encapsula a essência daquilo que capturou a imaginação de viajantes, exploradores, cientistas e aventureiros durante séculos. O uso de registros dessas memórias fez-se com significados e recursos de arquivo da época em que se descobria o outro lado da humanidade e da vida natural. Portanto, uma memória mais fantástica do que racional recobria as informações de viagem e de olhares passageiros, e as taxonomias de fenômenos desconhecidos e mal interpretados. No entanto, quando vistos a partir do solo, esses mitos foram facilmente dissipados pelas realidades impostas pelo meio ambiente. Essa percepção distorcida é precisamente o que Euclides da Cunha queria chamar à nossa atenção, “Em vez de admiração e entusiasmo, o que geralmente vem sobre alguém que contempla a Amazônia no

ponto em que a vibrante confusão do Tajapuru chega no grande rio é um sentido de *desilusão*” (45). A emergência de uma preocupação do pensamento brasileiro sobre o território amazônico, sobre o modo como as populações são vistas, se traduz numa tradição de narrativa científica que faz uma ponte entre a literatura e o discurso disciplinar propriamente dito. Isto sucede na experiência de Euclides da Cunha (demonstrada no capítulo dois). Tanto a literatura como a narrativa científica apresentam conexões, portanto não há como estudar a Amazônia sem examinar outros pensadores e outros naturalistas que, de certa forma, registraram percepções em forma de um discurso científico sobre a região. Não há como descartar o passado e o presente. Essas noções pré-científicas em Euclides da Cunha, na contemporaneidade, são inspiradoras de um modo de olhar (incluimos o nosso), ou no mínimo uma leitura crítica da região, ainda que seja fragmentada. Euclides da Cunha é inspirador de uma visão sobre a Amazônia que ainda é recorrente hoje. Ele inaugura uma tradição de análise sobre a Amazônia (Leopoldo Bernucci, Francisco Foot Hardman e outros.). Euclides da Cunha continua explicando seu espanto:

O grande volume de água é incomparável e, portanto, é capaz de induzir aquele espantamento de que Wallace fala. Mas desde que, no início da vida, cada um de nós desencadeou uma Amazônia ideal em nossas mentes (...) nós experimentamos uma reação psicológica comum quando nos encontramos *cara a cara com a Amazônia real*: nós a vemos como de alguma forma com respeito à imagem subjetiva que temos mantido há muito tempo. (“Impressões gerais,” *À margem da história*, 25)

O sentido de “desilusão” e o deparar-se “cara a cara com a Amazônia real” a que Euclides aludira, ganha sentido próprio em nossa viagem rumo a Fordlândia pela BR 163 – uma extensão bem conhecida da Rodovia Transamazônica. O “quixotic Transamazon project” (202), como referiu-se Thomas E. Skidmore, permanece até hoje com trechos incompletos e parcialmente pavimentados, como símbolo dos dilemas na alternativa de gerenciamento da Amazônia. Embora

a construção da rodovia, nos anos 60, pelo governo militar, tivesse a intenção de integrar o Norte do Brasil ao resto do país, tal projeto fracassou. A partir da década de sessenta, no caso da Amazônia brasileira, a relação entre o novo e o antigo passa a se estabelecer com base na oposição entre um e o outro, e não mais na simples convivência complementar, como anteriormente. Para esse quadro, a concepção política foi fundamental. Antes, as políticas visavam preservar a Amazônia da cobiça internacional. A partir dos anos sessenta, o objetivo passou a ser o de explorá-la produtivamente, integrá-la ao contexto nacional e eliminar o seu caráter “primitivo.” Então, o ‘novo’ tenta esmagar e substituir o anterior. As relações entre ambos tornaram-se antagônicas (Paes Loureiro, 1).

Durante as oito horas seguintes, o percurso acidentado na BR-163 nos deu assentos na primeira fila ao espetáculo do desmatamento produzido pela agricultura corporativa da soja. Fomos levados ao encontro com uma rede de ecologia humana da floresta - colonos, nativos, ribeirinhos, pescadores e agricultores locais. Agentes invisíveis que cruzam nossa retina e precisam ser olhados lentamente sem a pressa imposta pela dinâmica das estradas e rodovias. Durante os três meses em que viajamos pela Amazônia, documentando, observando e registrando as vozes dos atores afetados e envolvidos na produção da violência lenta, testemunhamos, em primeira mão, uma violência que não é vista como violência (2). Nixon conceptualmente descreve o que a região amazônica experimenta atualmente como um lento e gradual processo de desmatamento, primariamente, em favor da produção de soja. A cultura da soja, plantada ilegalmente, em sua maioria, é um dos motores que impulsionam a alarmante taxa de desmatamento³⁷ no Brasil (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia—MATOPIBA³⁸). A floresta amazônica paga o preço pelo Brasil ser o maior produtor de soja no mercado mundial. Nixon nos sugere considerar esse processo de violência lenta não só imaginativa e teoricamente, mas

também sob a perspectiva política. Através de um discurso combativo, onde a premissa central é sobretudo representacional. Seu desafio nos leva, em *Beyond Fordlândia*, a desvelar as marcas da colonização predatória e os desastres ambientais e cultural trazidos por estes modelos de violência lenta até o presente das políticas nacionais para as regiões e culturas atingidas. A continuidade dessa violência lenta fora identificada no filme, cuja ilustração está na antecipação à predação da soja na região amazônica por Henry Ford. O projeto *Ford* preparou o terreno para a exploração intensiva da soja do presente. Isto ratifica os impactos deixados pela problemática da colonização sobre territórios, povos e culturas amazônicos. As conexões entre o passado e o presente, em *Beyond Fordlândia*, são interrogados e fazem pensar a Amazônia hoje, além de potencializar e ilustrar o pensamento científico permitindo releituras que revelem a invisível violência lenta na região. O pensamento social, seja na literatura ou ciências sociais, se reinventa ao interpretar o passado, ao estabelecer conexões entre o passado e o presente—e é justamente essa a contribuição do documentário *Beyond Fordlândia*. Nixon argumenta que, se a era neoliberal intensificou os assaltos aos recursos, também intensificou a resistência (ou como ressalta Michel Foucault: “Onde há violência, haverá resistência”), seja através de lutas isoladas específicas do local ou através de ativismos que atingem as fronteiras nacionais em um esforço para construir alianças translocais. A pergunta que ressoa é: resistimos apenas quando vemos, e quando não vemos não resistimos? Alfredo Bosi em “Narrativa e resistência” afirma, “Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é *in/sistir*, o antônimo familiar é *de/sistir*” (118). Para Nixon, a demanda fundamental segue sendo:

How to convert into dramatic form urgent issues that unfold too slowly to qualify as breaking news—issues like climate change and species extinction that threaten in ecologies of the aftermath slow motion. (210)

Beyond Fordlândia, em seu enredo-narrativa, se posiciona contrário à retórica neoliberal em curso no Brasil com campanhas publicitárias massivas nos principais canais de televisão, que logram tornar invisíveis as agressivas ações ambientais do agrobusiness na região Norte do Brasil. O slogan “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”³⁹ é cativante e subverte o público quanto às reais implicações da indústria da soja, em pleno seio da Amazônia legal. Ao mesmo tempo, levanta questões e provoca discussões sobre os efeitos invisíveis dessa expansão para as comunidades, indivíduos, e o meio ambiente local. Cabe, porém, indagar por que as implicações ecológicas da indústria da soja, que são tão vastas quanto o número de grãos da própria semente, seguem invisíveis na esfera pública?

OLHAR LENTAMENTE

Rob Nixon examina criticamente as palavras de Aldo Leopold quando ele afirma: “We can be ethical only toward what we can see” (16). Nixon indaga, “But what happens when we are unsighted, when what extends before us remains invisible? How, indeed, are we to act ethically toward human and biotic communities that lie beyond our sensory ken?” Sendo mais incisivo, o autor provoca: “How do we both make slow violence visible yet also challenge the privileging of the visible?” (16). Apondo as palavras de Aldo Leopold ao contexto amazônico, e considerando a distância geográfica da floresta amazônica dos grandes centros de decisões políticas nacionais, Rio de Janeiro e São Paulo, talvez se justifique tal comportamento “do ser ético apenas ao que se vê,” ao se referirem à floresta. Jane Bennett (2010), partindo de uma perspectiva da teoria política, analisa questões de sustentabilidade ambiental, direito humano e

questões políticas de justiça econômica. Atualizando a discussão, ela explica o que chama de “the ethical turn”:

The ethical turn encouraged political theorists to pay more attention to films, religious practices, news media rituals, neuroscientific experiments, and other noncanonical means of ethical will formation. In the process, “ethics” could no longer refer primarily to a set of doctrines; it had to be considered as a complex set of relays between moral contents, aesthetic-affective styles, and public moods. (xii)

Rob Nixon, ao aprofundar a discussão e questionar Leopold sobre como ser ético quando não exergamos, aclara:

We are accustomed to conceiving violence as immediate and explosive, erupting into instant, concentrated visibility. But we need to revisit our assumptions and consider the relative invisibility of slow violence. I mean a violence that is neither spectacular nor instantaneous but instead incremental, whose calamitous repercussions are postponed for years or decades or centuries. I want, then, to complicate conventional perceptions of violence as a highly visible act that is newsworthy because it is focused around an event, bounded by time, and aimed at a specific body or bodies. Emphasizing the temporal dispersion of slow violence can change the way we perceive and respond to a variety of social crises, like domestic abuse or post-traumatic stress, but it is particularly pertinent to the strategic challenges of environmental calamities. (The Chronicle of the Higher Education, 1)

Consideramos que a “invisibilidade” percebida por Nixon nasce de uma maneira particular de observação. Ponderamos que a questão não seja se os objetos—a pessoa, o fenômeno ou o processo—estão visíveis ou não, mas será a forma como são vistos que molda e determina ações que levam a resultados pontuais. Se adequadamente vistos e expostos, podem produzir diferentes reações condutoras de sentidos, tanto podem se apresentar como ideologias teóricas que alimentam processos de exploração nocivos à vida (“o agro é pop / o agro é tech”), como podem

servir a interrupção desses mesmos processos pelo esclarecimento que movimenta à ação.

Portanto, além do reconhecimento de uma violência lenta em curso faz-se necessário uma mudança em nosso modo de percepção, por meio daquilo que denominamos de olhar lento. Ao usarmos a visão lenta (seja o olhar lento do filme, o olhar lento do observador ou o olhar lento do sujeito), como categoria operatória orientadora da ação ou um *modus operandi*, as imagens e narrativas de destruição podem ser reestruturadas de modo que tornem a informação não apenas passível de ação, mas ecológica, transformacional. Mais do que construir um modo particular de percepção⁴⁰ da Amazônia—ou canibalizar a beleza visual da Floresta e sua fauna e flora—olhar lentamente busca apresentar preocupações que pensem o presente e vislumbrem outro prospecto nas relações Natureza&Cultura na região e nela. E como bem sintetiza John Berger, “although every image embodies a way of seeing, our perception or appreciation of an image/sight depends also upon our own way of seeing” (10). Em vista disso, olhar lento propõe calibrar nosso olhar lento a “pontos de vistas mais relacionais” (para usar um termo de Eduardo Viveiros de Castro), com a intenção de repensar o rótulo *Antropoceno*.

O rótulo *Antropoceno* aparece na década de 2000, desenvolvido pelo físico Paul Crutzen e pelo ecologista Eugene Stoermer. Os autores argumentam que o Holoceno já é coisa do passado e que ambos homem e Terra entraram numa nova época geológica desencadeada pelas ações humanas sem parâmetros. O homem se tornou uma força da natureza. Este, agora, pode subjugar-la e transformá-la. As consequências desse fenômeno enquanto força da natureza: o homem cria novos climas dos quais não tem nenhum controle; muda o pH dos oceanos alterando formas de vidas e ecossistemas inadvertida e intencionalmente; derrete os fluxos de gelo sem a devida precaução; cria isótopos atômicos sem precedentes e plásticos fossilizados. Em suma, produz problemas, e não tem capacidade para solucioná-los. O termo Antropoceno acabou sendo

designado para prever o que está acontecendo através de uma narrativa oficial. O problema do rótulo Antropoceno está no fato de que ele se baseia em uma perspectiva não normativa que não prescreve o que devemos fazer, mas apenas nos informa sobre nossa atual situação. Nossa perspectiva, por outro lado, leva em consideração a dimensão pedagógica de observar a Amazônia lentamente. Se deslocarmos nossa perspectiva para o que propomos – olhar lentamente – podemos observar a Amazônia com olhos novos e críticos. Ver a natureza lentamente nos permite identificar soluções embasadas no processo de mudança com vista à ação. Se olharmos o ambiente lentamente, poderemos identificar espaços e locais de oportunidade para intervenção crítica e teórica. Intervir, então, significa mudar o curso dos eventos e moldar o futuro. Olhar lentamente nos afasta das velocidades violentas das estradas e rodovias e nos envolve, em vez disso, em possibilidades de um novo método de percepção da Amazônia e de prática ecopolítica.

Olhar lentamente toma por base o ritmo da natureza e a estética de sua paisagem visual. Olhar lentamente nos permite encontrar outras abordagens e reavaliar da relação homem *versus* natureza. Possibilita-nos reconfigurar a Amazônia e as intervenções malogradas na região amazônica que se consolidaram e se reiteraram sobre os territórios, povos e biomas da região; ou mesmo indicar outros modos de convivência possíveis entre humanos e não humanos, entre natureza e cultura, entre cultura e poder. Uma diversidade de situações e de relações estão significadas em outras possibilidades de olhar e de intervir éticamente, afetivamente, esteticamente, moralmente e politicamente em outros modelos e dispositivos relacionais e públicos. Repensar o passado e o presente da história da Amazônia nos obriga a refletir sobre as estradas que levaram ao caminho da destruição e sobre o perigo que a região experimenta diariamente, motivando-nos a buscar ferramentas para melhor nos envolvermos com as histórias

que vêm sendo escritas, e alterá-las. Olhar lentamente é um meio de resistência contra a violência lenta (*slow violence*) em curso.

A questão que deveria atrair nossa atenção consiste em como representar a violência lenta quando não há culpados aparentes e bem definidos—ou sentimos que não conseguimos enxergar, onde a origem do mal parece estar a anos luz de distância no tempo, de modo que não conseguimos visualizá-la. Há pouco sucesso em representar o caos cadencial causado por esta violência. O caos, em grego e nas línguas românicas, é definido simplesmente como desordem. No entanto, a ciência moderna oferece uma visão mais ampliada. Caos, segundo o matemático Ian Stewart, “não é aleatório. É um comportamento aparentemente aleatório resultante de regras precisas. O caos é uma forma de ordem críptica” (42). O conceito de caos pode ser observado em muitos aspectos práticos da vida, incluindo as finanças e o clima. Na região amazônica do Brasil, a compreensão do caos corresponde aos esforços do pensamento na descoberta de relações que lhe atribuem sentido. É o que fazem as narrativas míticas, mágicas artísticas e científicas. Com esse fio condutor de nossa interpretação, construímos uma narrativa simultaneamente de memória e arquivo. Produzimos e recobrimos os nexos históricos e lógicos com escolhas éticas e estéticas do documentário, híbrido de realidade e imaginação racional e sensível. Observando a Amazônia lentamente, descobrimos as ferozes implicações da contínua violência lenta.

E aqui retornamos, novamente, às questões de Nixon - como podemos fazer com que as longas e lentas ocorrências de violência, cujos impactos causam alguns dos desafios mais críticos e urgentes do nosso tempo, sejam suficientemente dramáticas para despertar a opinião pública e justificar a intervenção política? Uma possível solução é repensar o papel da memória histórica e a normalização e naturalização dos discursos dominantes sobre Natureza&Cultura. Outra alternativa é reduzir as lacunas entre a natureza *versus* sociedade, através do que Bruno Latour

chama de híbridos.⁴¹ Existe uma necessidade urgente de reabrir os arquivos e repensar as ortodoxias a que Pierre Bourdieu alude criticamente para mudar a práxis atual do discurso ambiental no Brasil e mais especificamente na Amazônia.

Olhar lentamente é o nosso método de análise e narração, que pode ser definido em dois níveis de mudança. Uma de caráter interno, que nos mudou como sujeito do nosso trabalho, de como nos relacionamos com nosso próprio processo criativo; e outro relacionado ao conhecimento que produzimos sobre pessoas, coisas e ambientes que nos cercam. Ver lentamente é uma forma de inverter as prioridades de intervenção do olhar externo sobre a Amazônia. É vê-la com o cuidado que seus ecossistemas frágeis necessitam. É estabelecer as ligações profundas, contínuas e não visíveis entre a violência lenta e o impacto ambiental que a Amazônia sofre. Nas palavras de John Berger, “We only see what we look at. To look is an act of choice. As a result of this act, what we see is brought within our reach—though not necessarily within arm’s reach. To touch something is to situate oneself in relation to it” (13).

O relato do Sr. Avelino Campos é um exemplo que impactou nossa percepção de registro e mudou nosso olhar fílmico, por exemplificar o que percebemos como “olhar lentamente.” Gito, um amigo que luta contra a invasão da indústria da soja, nos levou onde mora, à Comunidade Maguary,⁴² (1) localizada a 40 minutos (de carro) de Belterra, para conhecer Sr. Avelino Campos, residente que chegou à região quando tinha 8 anos de idade. Agora, noventa anos após sua chegada, ele compartilhou conosco suas impressões quanto à mudança sobre o local e suas adjacências. O Sr. Avelino fala com desenvoltura e tem memória viva dos fatos e eventos. Fizemos o que estava ao nosso alcance para acompanhar todas as informações que ele nos transmitia, e eram muitas. Parte do tempo que passamos juntos, Sr. Avelino passou contando como ele e seu pai começaram a fornecer comida para os trabalhadores de Henry Ford, em

Belterra. Além dos numerosos relatos de suas experiências, o que levamos conosco daquela visita foram suas denúncias das transformações, que ele detectara ser nada mais que uma violência lenta que observava a céu aberto. Mostrou com orgulho seu igarapé privado (um pequeno fluxo de água que surge e atravessa a floresta e finalmente flui para um rio), que abriga diferentes espécies de peixes. Então nos disse: “Isso não é pra negócio, mas pra quando nós temos uma precisão, a gente vem aqui buscar algo pra comer.” Andou conosco por parte de sua propriedade, mostrando diferentes tipos de plantas que ele preserva, dizendo que algumas dessas ou daquelas espécies eram raras e difíceis de encontrar hoje em dia. “Isto é Andiroba, aquilo é Papunha, isto é Sapitinga, e isto é Pau-rosa,” e a lista continua. Ele nos disse, apontando para o Pau-rosa, que é o melhor fixador de perfume já encontrado. A Coco Channel usara extensivamente. Ele nos disse que o preço de mercado gira em torno de US \$25.00 por libra. Hoje em dia, há falta de Pau-rosa na região devido ao alto preço e demanda. Fizemos uma pausa por um minuto, considerando o que ele acabara de nos dizer, enquanto continuávamos a caminhar pela propriedade. Ficamos mesmerizados por sua paixão, amor e cuidado pela preservação do meio ambiente. Mas ele também nos compartilhou suas adversidades:

Desde que a indústria da soja chegou aqui [disse ele] tudo mudou. A vida selvagem desapareceu, e não podemos caçar mais. Além disso, ele acrescentou: “Algumas pessoas que compram fiado e têm dívidas com isso, acham que isso (o avanço da indústria da soja na região) está dando resultado; pra mim isso é prejuízo. Porque ninguém se utiliza de nada deles daí. Da soja, não. Tem um plantador de soja que traz quatro tratores, cada trator trabalha com duas pessoas, um ajudante e um funcionário, e só; e os outros ficam aí só olhando. Um campão a perder de vista. Quando está em certa medida eles metem o trator novamente com dois funis, jogam veneno, pra que a soja amadureça rápido e os insetos se afastem. Hoje você não acha mais um juriti mais neste mato, um pombinho daqueles. Desapareceram porque morreram envenenados. (Sr. Avelino Campos, *Beyond Fordlândia*, 2017)

O relato do Sr. Campos tem grandes implicações para ele e para seus coetâneos que não têm a mesma percepção de destruição que se abate sobre a floresta. O que o Sr. Campos observa é uma violência lenta da mudança ambiental—a perda gradual da biodiversidade, a sutil transformação dos sistemas alimentares e o aumento tectônico da agro industrialização. A voz desse sujeito epistêmico, está contida em *Beyond Fordlândia*. O filme completa a percepção individual e a compreensão intersubjetiva do modo como as intervenções violentas de ontem alimentam as intervenções violentas de hoje. Quando nos deparamos a olhar para o mundo natural, para a “Natureza,” é verdade que a natureza é dinâmica e diversificada. Ela muda contínua e aleatoriamente (tantas vezes quanto nos atrevemos a dizer), então a única maneira de tentar entender a natureza é observar e gravar (dependendo de nossas específicas limitações em poder observar), em um momento específico; e recuar, observar e gravar novamente, e depois mais tarde, e outra vez mais tarde. São as mudanças que ocorrem entre essas observações os únicos fatos que podemos comentar? A experiência do Sr. Avelino Campos captura a ação de olhar lentamente, detectando as “estradas” e “rodovias” das mudanças ambientais sofridas na região que reside. Portanto, devemos nos perguntar para o bem da Amazônia e do seu futuro: Compartilhar histórias íntimas sobre mudanças é tudo o que podemos fazer? Ou podemos usar essas histórias para intervir e mudar o futuro?

Beyond Fordlândia executou essa proposta conceitual e política. Contra a violência lenta, produziu uma metodologia de ação que, ao reaprender a olhar para a Amazônia, promove lentamente um novo encontro entre Natureza&Cultura, com novas bases epistêmicas e éticas. *Beyond Fordlândia* comunica um ponto de vista (via pensamento ecocrítico), narra uma história/aventura humana na Amazônia (do Americano Henry Ford *versus* populações amazônicas), e faz conexões entre o passado da borracha e as prospecções da soja do ontem, com

o agronegócio extensivo e intensivo da soja de hoje. As alterações enfatizadas no filme e o diálogo com o público—o modo como a voz dos sujeitos locais (índios, agricultores, sindicatos, produtor de soja, igreja e outros), denotam nossa compreensão sobre o que ocorreu e o modo como a “nossa verdade” capta essa imaginação coletiva.

Tematizar os registros históricos e de memórias coletivas é um compromisso político de ativar intersubjetiva e dialeticamente os movimentos de lembrança e de esquecimento, ambos de significações de grande impacto na Amazônia. Registros de genocídio indígena e apagamento da memória cultural têm importância equivalente a grandes catástrofes ambientais. Mesmo que ainda não exaustivamente examinadas pelo pensamento ecocrítico, estas ocorrências impactantes são mais lembradas que as ocorrências contínuas da violência lenta. É sobre essa lembrança fantasmagórica do passado que *Beyond Fordlândia* documenta, fazendo o nosso olhar lento expressar-se na voz, nas imagens e nas situações extremas que a *slow violence* produz na relação Natureza&Cultura.

Take final: Conclusão

What men see in Nature is a result of what they have been taught to see—lessons they have learned in school, doctrines they have heard in church, books they have read. They are conditioned most of all by what they mean by Nature, a word that has gathered around itself paradox and ambiguity ever since the fifth century B.C.

—Marjorie Hope Nicolson, *Mountain Gloom and Mountain Glory* (3)

Esta tese, em sua essência, expressa uma construção interdisciplinar, estabelecendo conexões entre a literatura e a problemática ambiental amazônica, nos escritos de Euclides da Cunha e de Mário de Andrade e na produção filmica *Beyond Fordlândia* pelo viés ecocrítico. A leitura ecocrítica permitiu-me observar os processos impactantes entre o passado e o presente da região e as problemáticas deixadas pelo impacto da colonização sobre territórios, povos e culturas atingidos pela violência lenta em curso na região. As marcas da colonização predatória e os desastres ambientais e culturais provocados por modelos pretéritos de colonização trazem, ao presente das políticas públicas nacionais, as conexões entre o passado e o presente da Amazônia. Nesse sentido, procurei mostrar que o pensamento ambiental presente em Euclides da Cunha, Mário de Andrade e o pensamento ecocrítico de diferentes autores encontram pontos significativos de contato.

Em *Beyond Fordlândia*, busquei mostrar que a atual predação da soja na região amazônica insere-se em um processo marcado pela violência lenta, cujos primeiros sinais remetem a Henry Ford. No documentário, apresento sugestões aos impasses que o par conceitual Natureza&Cultura fomenta na contemporaneidade. Questionamentos sobre esse par conceitual acompanharam-me nos últimos anos, suscitando inquietações que me fizeram repensar e discutir as narrativas que o apresentam de modo dicotômico no contexto da maior floresta tropical do

planeta. Considero que o pensamento ecológico sobre a Amazônia de Euclides e de Mário, quando reposicionado à luz do pensamento ecocrítico, amplia os marcos interpretativos de uma teoria da cultura brasileira sobre a região amazônica. A região amazônica, em verdade, opera como um fio de costura unindo os três capítulos da tese, que narram facetas de uma formação social naturalmente transnacional e de irrefutável pertinência ecológica global. As preocupações ecológicas que evidencio nas obras de Euclides e Mário, registradas no início do século XX, e o registro fílmico *Beyond Fordlândia* realizado no desenvolvimento da tese permitem-me analisar preocupações do passado em conexão com as do presente sobre o meio ambiente amazônico. Nos três capítulos, observo que a oposição Natureza&Cultura evidencia, no cerne de seu discurso, relações de subtração entre agentes humanos e não humanos. Em contraposição a essa invenção discursiva, minha análise suscita uma inflexão epistemológica para uma nova ética de relacionamento para território, sociodiversidade e biodiversidade da Amazônia, pautada nas relações recíprocas entre seus ambientes e nas relações dinâmicas entre a natureza e o próprio homem, e não apenas em quadros estáticos de referências.

Neste estudo, as relações ecológicas e sociais não estão em oposição, mas constituem organismos vivos onde a existência vive da diferença que a compõe. No ambiente amazônico “é a diversidade, não a unidade, que está no coração das coisas” (Gabriel Tarde, 4), é ela que conduz o compasso das relações. Na afirmação de Eduardo Viveiros de Castro, o ambiente amazônico vive da diferença, isto por que, “toda vez que uma diferença se anula, há morte” (6). Neste trabalho, ambiente é reconhecido por aquilo que o envolve e o constitui a partir da relação entre humanos e não humanos, um registro que vai além do documento da paisagem, vendo a natureza e o próprio homem como agentes, e não apenas como objetos e sujeitos das circunstâncias. Natureza é cultura. Cultura é natureza. Na sequência, gostaria de considerar

alguns pontos de destaque, não para apresentar respostas conclusivas, mas para abrir outras veredas de leituras que nos levem a considerar novas indagações quanto ao futuro da Amazônia, seus povos e biomas.

Na perspectiva de Neide Gondim, a “Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída,” mas sim inventada. Gondim afirma que na realidade, “a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários viajantes e comerciantes” (*A invenção da Amazônia*, 13). Para Gondim, o imaginário ficcional externo forja a Amazônia, sendo um discurso que se impõe de fora para dentro. A Amazônia é, na verdade, uma amálgama de mitologias indianas, greco-romanas que já existe na visão edênica e infernística desde o renascimento e dissemina-se na ficção aplicada à Amazônia e à América. Os pressupostos de Gondim realçam outra invenção moderna, a do par conceitual Natureza&Cultura, o qual surge no final do século XVI, gerando a grande separação contemporânea que advoga Bruno Latour em *We Have Never Been Modern* (2001). Isso me permitiu afirmar que a separação Natureza&Cultura que cinde a natureza amazônica em uma natureza edênica e infernística não deixa de ser uma invenção do Ocidente. Nos capítulos apresentados, sublinhei caminhos de desarticulação à incisão Natureza&Cultura, no reposicionamento de Euclides, de Mário, e na representação fílmica *Beyond Fordlândia*, o que me permitiu compreender com maior amplitude a floresta na perspectiva da construção ancestral dos povos tradicionais que lá vivem e têm sofrido a ação de sujeitos externos (fordismos e o agronegócio da soja) causadores de devastação e de contínua violência lenta sobre povos, culturas e biomas no contexto amazônico.

Sendo a Amazônia uma invenção do imaginário ficcional, observo que a região sintetiza, ao longo de sua “invenção,” um conjunto de imagens, representações e significações. Conjunto

que, por sua vez, fomenta um espaço de realização de inúmeras fabulações do pensamento científico, artístico e literário em sentido oposto à realidade localizada da Amazônia. Imagens regidas por critérios classificatórios que subsomem a região dentro de cápsulas temporais, simetrias, oposições, interseções, e acabam por subjugar-la em categorizações externas (Natureza&Cultura) de grupos étnicos, territórios, sociodiversidade e biodiversidade. De maneira homóloga ao critério de invenção do imaginário ficcional que Gondim detecta na região, observo que a relação Natureza&Cultura pode ser assim articulada, tanto do ponto de vista do modelo do pensamento ocidental, como alude Bruno Latour, quanto do ponto de vista da mitologia própria da região amazônica, como articula Eduardo Viveiros de Castro. Contudo, observo que a invenção da oposição Natureza&Cultura valoriza muito mais o trabalho intelectual do pensamento que o impacto da natureza sobre o pensamento. Em Euclides e Mário, observo que os atributos ecológicos da floresta apresentam-se como um instrumento nodal na transposição e invenção que ambos realizam em suas criações narrativas. Estes evocam, quando postos em diálogo com o pensamento ecocrítico, outras interpretações ao par conceitual Natureza&Cultura. Dessa forma, os vetores ecocríticos trazem, para a superfície da narrativa, preocupações, temas e questões da região amazônica revelando uma pluralidade de sujeitos que agora ganha actância. Essa agência reposiciona a biodiversidade humana, cultural e natural da região amazônica, estabelecendo outro modelo de relação ao par Natureza&Cultura, que denomino de “tropical-ecologia” em Euclides e “rapsódia ecológica” em Mário.

Ambos os autores narram processos de destruição dos biomas amazônicos, que se atualizam no presente (2019), e reposicionam autores e obras dentro de uma tradição que retrata problemas políticos, ecológicos e sociais da região, dando visibilidade aos valores culturais, etnográficos e ambientais da Amazônia e do Brasil. Euclides da Cunha pensa o meio ambiente

amazônico a partir de uma construção social. Por isso, a sua defesa da Amazônia requer uma sociedade que compreenda os valores que a natureza tem para o homem que ali habita. Os textos de Euclides da Cunha, todos com forte alcance pragmático,⁴³ eram destinados ao governo brasileiro e construídos na forma de ensaios que se aproveitam de uma bibliografia científica para empiricamente validar certas afirmações e ampliar seu alcance. Seria, portanto, para Euclides, a Federação a responsável por prover mecanismos de preservação ambiental.

Mário de Andrade por meio da narrativa ficcional de *Macunaíma* realiza não somente uma rapsódia de lendas, mas uma rapsódia ecológica ao reunir em uma única aventura todo o conhecimento enciclopédico da fauna e flora que ele estudou e conheceu em sua viagem à Amazônia, e que lhe permitiu repensar a relação Natureza&Cultura no panorama amazônico e brasileiro. Mário de Andrade faz no plano teórico um exercício narrativo em que organiza e reorganiza, permanentemente, suas buscas e registros no intuito de compor esteticamente sua representação/configuração de Brasil. Ele, ao mesmo tempo que constrói a totalidade ficcional pelo exame das partes, logra isso através de escolhas e recortes. Ao escolher o folclore, a cultura popular, o índio, as expressões musicais regionais, e ao narrar a fauna e flora tropical, Mário deixa uma estrutura de pensamento capaz de reestruturar um outro Brasil, que ele vê e sente mais genuíno, e que possui uma autonomia e cultura próprias. Mário de Andrade logra por essa via valorizar os elementos culturais que não estavam manifestos, que não tinham legitimidade e muito menos residiam na cultura vigente quando ele escreve, pelo simples fato de estarem excluídos. Portanto, o que fica evidente é que nas notas e anotações de viagens, colhidas e registradas em *O turista aprendiz*, mais que conceitos e categorias, o que se reconstitui é o próprio pensamento do autor de *Macunaíma*. As interpretações que ambos intelectuais realizam da sociedade amazônica e seus problemas ambientais propiciam reflexões sobre as políticas

públicas sociais e ambientais naquela época ou deslocando para os dias atuais, sobre povos, biomas e territórios. Permite, também, através de suas criações, narrativas e ensaística, demonstrar que, em suas produções literárias, estão contidas as bases de uma teoria ecológica. Nota-se que ambos os projetos intelectuais dos autores passam por uma imersão profunda na relação Natureza&Cultura para abstrair uma outra forma de olhar seu entorno (social e natural) aproximando um consórcio entre menos tenso entre ciência e arte como processo de intervenção teórica acerca da realidade brasileira.

Ao destacarmos a polivalência intelectual de Mário de Andrade e Euclides da Cunha em estabelecer pontes conceituais, sinalizamos o momento singular de cada um em traduzir sua proximidade criativa com a sociedade. Mário de Andrade, por exemplo, ao se relacionar com a ciência e com a arte, usava uma para beneficiar a outra. Lograva isso como produtor cultural, como formulador de políticas públicas e culturais. Em outros momentos, ele modificava os termos da relação, fundindo tudo no plano da arte. Ao se assumir como intelectual que não é apenas um escritor apoiado por uma fração da elite paulistana esclarecida, mas, sobretudo, um brasileiro preocupado com a inclusão dos povos e culturas invisíveis da literatura canônica, Mário integra folclore, regiões longínquas, negros, índios, os povos tradicionais e todas suas expressões de sociabilidade, arte e ciência. Euclides da Cunha dialogava com a sociedade por meio de ensaios, não havendo nenhum conflito entre a sua atividade de engenheiro, geógrafo e sua imaginação literária. Nestes, ele concatena narrativamente ciência e arte perscrutando relações mais equânimes entre o homem e a floresta. Por exemplo, ao diferenciar *caucheros* e seringueiros e seus métodos de coleta do látex, Euclides denunciou o modelo de extração predatória dos peruanos em contraste com extração sustentável por parte dos seringueiros brasileiros, refletindo sobre o modo cultural e sustentável de ambos. Intelectuais

contemporâneos, na aproximação entre ciência e arte, têm várias formas de dialogar com a sociedade. Como exemplo, destaco Rob Nixon, por ser a imagem do intelectual contemporâneo que tem um *ethos* científico distinto ao de Euclides e Mário, mas esse *ethos* científico, contudo, não deixa de ter vínculos com o compromisso social que ele outorga dentro da leitura pós-colonial que se realiza por meio do campo disciplinar do pensamento ecocrítico. Em meu caso, me aproprio da linguagem fílmica e da imagem cinematográfica por meio das quais aludo à categoria analítica de olhar lento, traduzindo-o para a Amazônia (para a natureza desprotegida e os grupos sociais que não têm voz) e, com isso, delibero como essa imagética impacta minha produção intelectual. Em ambos os casos, esse novo *ethos* promove um encontro menos tenso entre ciência e arte. Isso não quer dizer que o encontro entre ciência e a imaginação literária não tenha sofrido uma grande tensão à época de Euclides e Mário. Porém, o que salta ao nosso ponto de vista são os caminhos de mediação encontrados por ambos: seja fundindo tudo no plano da arte, da cultura, do ensaio, seja na postura intelectual assumida por eles.

Os pontos de contato que estabelecemos entre Euclides da Cunha e Mário de Andrade validam-se em razão do espaço amazônico ser retratado dentro de uma produção ensaística e romanesca da qual extraímos uma permanente ameaça à natureza. Por isso, usamos a obra de ambos como ferramenta de reivindicação para preservação ambiental. Esses autores chegaram curiosos para interpretar um território, o qual conheciam somente pelos livros e, ao escreverem sobre ele, instituíram um imaginário rico sobre uma das regiões mais ameaçadas do país. Ambos os autores em suas correspondências compartilham com seus interlocutores preocupações sociais, culturais e sobre o meio-ambiente da floresta amazônica. As cartas de Euclides dão conta do seu estado de espírito em face do que ele presencia, e nos ajudam, hoje, a compreender melhor suas denúncias e inquietações. As cartas e diários de viagens de Mário de Andrade, por outro lado,

revelam a “utopia amazônica” do autor de *Macunaima*, como bem designou Telê Porto Ancona Lopez, e nos servem de guia para entender como Mário pensa, sente e vê as relações entre diversidades culturais e desigualdades sociais que permeiam a região amazônica.

O que tudo isso indica é que tanto Euclides da Cunha quanto Mário de Andrade tinham projetos de Brasil. Euclides possuía uma visão ambígua, mas que buscava a integração da região amazônica com o resto do país, o que, segundo ele, dar-se-ia pela chegada do progresso, pela criação de rodovias, hidrovias e ferrovias. Para Mário, essa integração seria cultural. A ideia de Brasil de Mário baseava-se na necessidade de o país conhecer-se por completo.

Assumi, portanto, Euclides da Cunha e Mário de Andrade como autores que refletiram sobre a região amazônica de maneira estratégica, o que me permitiu uma reavaliação de seus escritos amazônicos, pois, segundo meu argumento, ambos, direta ou indiretamente, abordaram e refletiram sobre o espaço da floresta ecologicamente, justificando assim minha leitura ecocrítica.

Nesse contexto de entrelaçamento entre ciência, cultura e arte leio a Amazônia com enfoque na representação, uma vez que ela é mais objetiva e factual. A imagem, por sua parte, é mais seletiva, visionária e evoca no seu cerne fragmentos e memórias. Ao realizar a transposição da imagem para a representação, reelaboro, por meio do pictórico, uma outra imagética. Trata-se daquela imagética projetada no documento fílmico *Beyond Fordlândia*, e que advém da composição literária e científica, sendo transposta numa representação objetiva e factual da Amazônia atual. Minha objetividade constitui-se e ganha forma no debate e diálogo com os autores analisados e os pressupostos teóricos em discussão. Ao apropriar-me desse conhecimento e transformá-lo numa outra imagética, numa nova cartografia visual, agora reposicionada pela linguagem cinematográfica, literária e científica, coloco-me diante de outro padrão representacional para narrar a região a partir da produção fílmica de *Beyond Fordlândia*.

Em *Beyond Fordlândia*, a categoria analítica de olhar lento põe a observação da Amazônia em outra perspectiva. Ao olhar para as áreas não centrais, periféricas, ocultas e invisíveis no “meio ambiente do pobre,” como articula Rob Nixon, assumindo o olhar delas, passo a ver um conjunto de ações a partir das perspectivas desses sujeitos, e ao mesmo tempo adoto uma outra metodologia de compressão dos problemas centrais enfrentados pelos povos amazônicos. A inversão do meu olhar mostra uma dimensão mais ampla da Amazônia e nos permitiu-me compreender, através dos problemas do meio ambiente do pobre, as questões nevrálgicas que afetam a região. O olhar lento me permitiu observar a Amazônia onde a relação Natureza&Cultura não é antagônica e perceber outras possibilidades de enxergar a região, seus povos e biomas. Mais que isso, o olhar lento pôs em evidência, por exemplo, o agronegócio da soja e suas ações predatórias mais evidentes, expondo, assim, a relação de descaso do Estado-Nação com a região. É nesse plano de observação que o olhar lento permite, ainda, repensar os cânones estabelecidos em torno do tema Amazônia sob o prisma da velocidade do capitalismo. Nesse contexto de violência lenta, não são as variáveis dominantes que vão orientar as decisões e o futuro das sociedades amazônicas, mas sim as populações tradicionais e do próprio posicionamento da região diante do Brasil.

As categorias analíticas “rapsódia ecológica” e “tropi-ecologia,” que apoiam a hipótese central desta tese, ratificam a presença de um pensamento ecológico na produção de Euclides da Cunha e Mário de Andrade, assim como o olhar lento facultava outro olhar sobre a região amazônica. Essas chaves de leituras possibilitaram-me reconduzir o par conceitual Natureza&Cultura para uma discussão aberta/relacional de culturas, ambientes e da diversidade amazônica e mostraram-se atuais ao permitirem identificar as agressões ambientais de ontem, reposicionar os problemas presentes de hoje e indagar sobre os impactos futuros sobre a

Amazônia, na transfiguração da realidade por meio da arte, que Euclides e Mário logram executar. Ambas categorias têm, em essência, a noção de uma harmonia aberta que concatena artefatos científicos, literários e culturais do vasto conjunto de elementos humanos e não humanos e reconsidera seus posicionamentos por uma perspectiva relacional, minimizando as tensões entre ciência e arte.

O olhar etnológico de Mário de Andrade em *Macunaima* é um dado fundamental no processo de reelaboração de uma síntese da relação Natureza&Cultura e para se pensar o espaço nacional na sua totalidade. As informações científicas que Mário tinha disponível e o registro pictórico ou narrativo de suas experiências com as populações humanas e não humanas estão em *O turista aprendiz*, e ilustram algumas facetas ratificadas em *Macunaima*. A orientação heurística e o argumento documental de Mário de Andrade levam em conta: fotografias, leituras, diários e correspondências que registram a elevada percepção para o prosaico e o inusitado do autor. É importante aclarar que será a informação científica de Mário de Andrade que reelabora seu olhar etnológico e o seu registro etnográfico da região. Será, portanto, a atitude intelectual diante da informação científica, diante da literatura pré-existente à dele, diante da relação Natureza&Cultura e diante da Amazônia em si, o pano de fundo propriamente dito de suas motivações nesse momento, e não a ficção em si mesma. O olhar etnológico e a atitude intelectual de Mário de Andrade sobre a Amazônia, em vez de ratificarem a ideia de carácter nacional, que era o mote do pensamento à época—tanto em Oliveira Viana (*Populações Meridionais do Brasil*) quanto em Nina Rodrigues—, motivam-no a adotar o termo “entidade”⁴⁴. Mário de Andrade opõe-se ao pensamento vigente trazendo à luz a dimensão da diferença e da desigualdade das classes (econômica e política). Essa atitude intelectual leva Mário de Andrade a valorizar os mitos de forma criativa, buscando resignificar o espaço amazônico e a relação

Natureza&Cultura. A valorização mítica, na verdade, lhe permite colocar-se em distanciamento com os cânones interpretativos do pensamento brasileiro em relação às regiões remotas e às populações nativas. Descobre-se nestes, a possibilidade interpretativa de um outro Brasil, mais rico e mais genuíno. Nesse sentido, o movimento de Mário de Andrade de desgeografar, desregionalizar, desterritorializar o espaço nacional é notório no tom de registro feito pelo autor de *O turista aprendiz*. Nessa obra, Mário de Andrade parece estar reelaborando uma síntese de sua pesquisa de campo, debates de ideais e outros diálogos literários para se certificar que sua teoria era inovadora. *O turista aprendiz* será, portanto, o laboratório e o campo de reconhecimento e indeterminações de *Macunaima*, o exercício do *metier* etnológico e um emblema da relação literatura/antropologia ou de uma antropologia literária. Além disso, é numa nota de rodapé, em *O turista aprendiz*, que se dá o marco da criação fílmica *Beyond Fordlândia*, desenvolvida nesta tese.

O elemento inovador na teoria de Mário de Andrade é o o olhar etnográfico que ele lança sobre a informação acerca da Amazônia e forma como ele o combina com o conhecimento dos mitos a que tem acesso, tudo isso concertado por sua polivalente qualidade literária. Essa *bricolagem etnográfica*, como denomino aqui, permitirá a Mário de Andrade formular um pensamento diferenciado daquele que era predominantemente de carácter nacional, mas será sobretudo a narrativa mítica indígena que alterará a percepção dele sobre as populações nativas e sobre as regiões. Mário de Andrade não verá as regiões como fator de atraso, muito menos as populações nativas como destoantes e impeditivas do desenvolvimento do Brasil. Ele vê riqueza nesses elementos, revigorando e reposicionando a dicotomia Natureza&Cultura no pensamento literário e no imaginário brasileiro. Em síntese, Mário só logra desgeografizar o Brasil quando supera a dicotomia Natureza&Cultura. *Desgeografiza e regeografiza a região*; recupera os

elementos míticos refinando-os por um olhar, que amplia a natureza e as informações científicas sobre a região contidas no discurso científico e literário. O autor realiza uma apropriação do discurso científico, operacionalizando o desencantamento e reencantamento das informações desse campo, e um diálogo com esses dois planos da criação, pois todo discurso científico também é uma invenção. Para a epistemologia, a lógica da criação é presidida pela mesma lógica da descoberta científica; e ambas pertencem à mesma esfera simbólica. Em síntese, o projeto de Mário de Andrade responde a um espaço literário que é estético, linguístico e ideológico.

Ao interpretar os registros estéticos e ideológicos realizados por Mário, passamos a entender por ideológica toda e qualquer forma de manifestação de consciência social dos sujeitos em relação a si próprio e de si em relação aos outros. No sentido amplo, o ideológico compreende o conjunto de ideias, concepções ou opiniões sobre algum ponto sujeito a discussão. Tais manifestações podem simplesmente se apresentar como um sistema de ideias a ser defendido como verdadeiro, ou idealmente superiores aos demais, ou podem constituir-se em teorias de todo o tipo, sejam elas metafísicas, religiosas ou políticas, que correspondam aos interesses e representações da visão de mundo de um grupo social, seja da classe dominante ou privilegiada, seja de um segmento de casta ou grupo de privilégio ou prestígio social que marque as diferenças dessa visão em relação às outras. O ideológico manifesta-se no estético, político, filosófico, mítico e científico, e em todas representações simbólicas, sejam elas significativas e até exclusivas para um grupo de pertinência ou não. O ideológico se apresenta-se no plano das ideias como norma orientadora de ações, conduta ou visão de mundo a ser defendida, naquilo que nada mais é que um pensamento naturalizado de um grupo que pretende constituir-se em campo de força ou de convencimento para todos subjacentes na tecitura do texto. Em Mário de

Andrade, os registros ideológicos se manifestam no reposicionamento e integração dos elementos do Brasil como os realizados em *Macunaíma*.

O reposicionar, seria aqui, estabelecer a relação entre dois planos lógicos: 1) o da ecocrítica e 2) o da produção ficcional em Mário de Andrade. Demonstro que produções ficcionais em Mário de Andrade são tão científicas e significantes dessas representações quanto às categorias lógicas da ecocrítica; daí o nosso reposicionamento para dar sentido a essas conexões. O manifesto ecológico de Mário de Andrade será demonstrado na relação arte e sociedade em que o autor elabora no seu herói às avessas, a mais explícita relação entre Natureza&Cultura. Enxergamos *Macunaíma* como o manifesto vivo, um emblema, uma representação, um *ethos* vivo que precisa ser institucionalizado em uma nova natureza. Se por um lado os teóricos da unidade nacional definiram o caráter nacional de forma pejorativa com os pobres, negros, mestiços e a própria fauna e todos os elementos da natureza como recursos naturais, como valor econômico a ser explorado, por outro, o manifesto desse elemento híbrido da floresta, *Macunaíma*, permite valorizar, revalorizar e reposicionar esses sujeitos também como híbridos.

Macunaíma é reportado equivocadamente a aspectos identitários nacionais—os mesmos que definiram de forma arbitrária o processo de unificação nacional. Essa articulação intelectual que atribui a *Macunaíma* a síntese nacional é a mesma que inventa o Brasil pelo filtro dominante das oligarquias regionais, ignorando populações e povos com adaptabilidade própria. Nesse sentido, *Macunaíma* não tem e não quer ter nenhum compromisso com a definição de caráter que lhe é atribuída. Muito pelo contrário. *Macunaíma* é o oposto desse caráter, que será definido pela relação Natureza&Cultura, e não pela relação entre nação e Estado. A inteligência nacional postulava que a nação só podia existir num determinado modo de ordenamento do

carácter nacional. A ficção mariodeandradiana em *Macunaíma* atropela esses vetores e fomenta outros possíveis, outras relações. *Macunaíma*, transfigurado em arte, e não como documento, possibilita uma outra relação Natureza&Cultura; e não mais uma relação de comando/controlado entre a nação e o Estado. A “rapsódia ecológica” de Mário estilha paradigmas e olhares pretéritos de ver o *ethos* nacional pela acomodação entre elite e povo; compreende a nação como uma reunião artificialmente realizada pela “natureza sem carácter” do herói mariodeandradiano. A “natureza sem carácter” que advogamos em *Macunaíma* subverte as fronteiras imaginárias do Brasil. Portanto, o híbrido *Macunaíma* como manifesto vivo da floresta é a fusão de todos os sujeitos na ficção e também na realidade, pois a realidade também é uma ficção, uma vez que as teorias sociais são construções da imaginação científica.

Na realidade da Amazônia brasileira registrada por Mário de Andrade em suas viagens, buscamos sugerir que o autor, em sua maneira singular, retrata a geografia amazônica sem esquecer dos agentes humanos e não humanos que a ocupam. O registro feito pelo autor, alegórico ou factual, parece demonstrar que a dinâmica ecológica da Amazônia não pode ser separada da história humana e cultural que forjou a região. Privilegiando a dimensão da violência lenta, demonstro que de algum modo Mário de Andrade intuiu esse processo de degeneração lenta da natureza, dos povos, das culturas, e o modo que essa violência impactava o modo de organização do espaço de regiões, como espaços de autenticidade, no Brasil, na homogeneidade nacional. Rob Nixon ao abordar a violência lenta, faz referência ao abandono pelo esquecimento—um determinado modo de sentir o distanciamento e articular as diferenças com desigualdades. É um modo de não olhar, de dar as costas, de não dar importância, de ocultar. Mário de Andrade integra e transfigura a realidade para o plano ficcional. Em suma, ele a

reposiciona e a recria em uma outra dimensão de inteligibilidade que se realiza em seu projeto literário.

A identificação e sustentação de um discurso ecológico em Euclides da Cunha me impulsionam a colocá-lo em interlocução com Bruno Latour e Eduardo Viveiros de Castros, no que diz respeito a uma sociologia e antropologia da ciência. Seria Euclides um interlocutor da antropologia da ciência? Ainda no que concerne à relação Natureza&Cultura, pontos de contatos e categorias de análises podem ser submetidos a novos padrões de análises em seus ensaios. Identifico na leitura de Euclides da Cunha o sujeito híbrido tipificado na figura do “cearense” e do caucheiro. O “cearense” ao deixar seu habitat e encontrar-se com uma natureza diversa, via-se obrigado a assumir uma nova forma de lidar com ela. Desse contato, surgiu um novo indivíduo que mantinha práticas de sua cultura anterior associadas com novas necessidades culturais e sociais. De forma análoga, o caucheiro representa o índio que assume a cultura do homem branco para sobreviver dentro de um sistema capitalista que extrai da floresta o látex. Esse mesmo caucheiro que, ao assumir a cultura do branco, fugia da escravidão, passa agora a escravizar outras comunidades indígenas. Em *À margem da história*, como o título já denuncia, considero que Euclides da Cunha tenha pretendido inserir dentro de um registro histórico essas comunidades desprovidas de representatividade social e direitos cívicos básicos.

Assim, como defende Latour, deixamos de historicizar apenas o homem e passamos a incluir a história das coisas naturais (81), levando em conta tanto os agentes bióticos quanto os abióticos e a maneira como eles estão interligados na construção do coletivo ocidental e noutros coletivos. Pondero que quando Euclides da Cunha revela uma sociedade perdida na floresta (seringueiros, caucheiros, caboclos), ele acaba inscrevendo no discurso histórico a exploração do meio ambiente amazônico. *Beyond Fordlândia* me permite reconfigurar a Amazônia no Brasil e as

intervenções malogradas que se traduziram em formas de colonialidades que se consolidam, reiterando as problemáticas ambientais de ontem e de hoje sobre os territórios, biomas e povos. Essa condição contemporânea foi possível porque a colonização existiu. Isso nos permite afirmar que, no registro feito por Euclides da Cunha, a relação homem e natureza ganha outro protagonismo, pois a sociedade formada por imigrantes se constituiu em torno da utilização e exploração da floresta. Se a floresta passou a ser a nova terra, e também a prisão para os brasileiros fugidos da seca, da mesma forma, passou a ser também vítima desses mesmos indivíduos que, por sua precariedade humana, se tornaram escravos ao sistema capitalista da borracha. Bruno Latour me permite advogar que Natureza&Cultura não sejam vistas como termos explicativos, mas sim como aquilo que agencia uma explicação conjunta (80), e é isso que defendo ser realizado por Euclides. A antropologia simétrica de Latour estabelece o princípio de que tanto a natureza quanto a sociedade precisam ser explicadas, e de que essa explicação, segundo Latour, parte do centro, dos quase-objetos—dos híbridos de humanos e não humanos, de seringueiros, caucheiros e caboclos, enfim, todos que Euclides da Cunha reivindica em sua ensaística.

As agruras invisíveis da Amazônia que não aparecem nas mídias, nos escândalos e na imaginação científica contemporânea, escondem agudas violências contra os povos originários, a começar pelo silêncio que acoberta a vulnerabilidade dos povos tradicionais, o dismantelo sociocultural e ambiental e os modelos de predação econômica e cultural empreendidos em longas escalas temporais e espaciais sobre os territórios indígenas. Esse silenciamento corre na esteira de um projeto civilizatório que ignora e põe à sombra dimensões da existência da Amazônia que considerem suas culturas e a complexidade de seus biomas. Diante disso, questiono como se reproduzir e manter a floresta em pé—algo que os

povos amazônicos fazem há milênios—quando não se sabe o que fazer com a Amazônia do ponto de vista governamental.

A narrativa de Euclides da Cunha, continua a ecoar com força dramática sobre as questões vigentes da Amazônia, confirmando o avanço sucessivo da violência lenta e da indiferença pelo presente e futuro de seus povos originários. A indiferença submete os inocentes, subverte o que poderia ser verdadeiro e contemporaneamente nacional na política ambiental brasileira, e sabota todo e qualquer projeto autônomo de preservação da cultura, de biomas, da memória e da nossa história local.

A emergência de uma preocupação com o pensamento brasileiro sobre o território amazônico e o modo como as populações são vistas em Euclides da Cunha têm como resultado uma linhagem do pensamento científico e literário que se inspiram nas imagens e narrativas com as quais Euclides descreve a Amazônia e outros sertões brasileiros. Isso se traduz numa tradição de narrativa científica que faz uma ponte entre os saberes da ciência e da arte propriamente ditos. Esse é o caso de Euclides da Cunha, Machado de Assis, Mário de Andrade, mencionando apenas alguns exemplos. Tanto a literatura quanto a narrativa científica têm conexões. Portanto, não há como estudar a Amazônia sem estudar outros pensadores, naturalistas, a literatura de ficção, e o pensamento político contemporâneo, pois nestes estão as imagens da formação do Brasil e de suas regiões remotas. Estas abordagens registraram percepções e representações em forma de um discurso científico e literário sobre a região—não há como descartar o passado e o presente. Essas noções presentes na obra de Euclides da Cunha, na contemporaneidade, são inspiradoras de um modo de olhar e ler a região criticamente. Euclides da Cunha é inspirador de uma visão sobre a Amazônia que ainda é recorrente hoje. Ele inaugura uma tradição de análise sobre a Amazônia que tem

como contemporâneos Leopoldo Bernucci, Francisco Foot Hardman entre outros.

O pensamento social, seja da literatura ou da ciência, se reinventa quando ele reinterpreta o passado; quando o interroga estabelecendo conexões entre o passado e o presente. Estes servem de reconstrução histórica do pensamento e, também, para que a minha imaginação científica reconstrua uma imaginação, que foi inaugural numa tradição científica e literária, que chega até a mim pela vigência histórica dada, pelas novas pesquisas que analisam internamente as obras e pelo contexto histórico e intelectual que a produziu. De igual modo, a literatura demonstra Mário de Andrade preocupado em redefinir a entidade nacional brasileira a partir da cultura, do povo que era rejeitado e da releitura da relação homem *versus* natureza.

Beyond Fordlândia me permite reconfigurar a Amazônia no Brasil e intervenções econômicas desastrosas na região amazônica, que são formas de colonialidades que se consolidaram e se reiteram sobre os territórios e povos: condição contemporânea que somente foi possível porque a colonização existiu. *Beyond Fordlândia*, ao observar a Amazônia, demanda que o espectador reflita sobre o que resta do passado, o que é lembrado, esquecido, negado e arquivado. Ou, nas palavras de Susanna Hecht: “*Beyond Fordlândia* takes us into terrains that you might have thought you knew but foreshadow those more devastating than you might have imagined” (376).

O filme enfatiza os processos sociais do passado e do presente; as intervenções coloniais ontem e hoje; os modos de apropriação econômica totalitários; a relação de dominação com territórios e povos; impactos de destruição sobre os recursos naturais e sobre as formas de uso tradicionais; e a manipulação física e simbólica de realização desses processos no presente sobre as estruturas constituídas no passado e não removidas ao longo do ‘desenvolvimento regional.’ Confirmando nossa intuição fílmica, João Pacheco Oliveira (2016), explica que, “contra as autorrepresentações idealizadoras, caudatárias da crença, em uma missão civilizatória do homem

branco, o investigador atual precisa remontar de outra maneira ao passado, buscando compreender o surgimento das estruturas de geração de riqueza, desigualdade e expansão territorial daquilo que identificamos como o Brasil real” (16).

Beyond Fordlândia, ao exibir a produção da violência física e cultural e seus processos simbólicos, busca desarticular as narrativas que afetam inocentes que não apreendem nem percebem de imediato as dimensões destrutivas desses impactos nocivos. A percepção tardia constata alteração nas fontes de sobrevivência e reprodução da vida social com consequências irreversíveis sobre suas culturas, biomas e ecossistemas. Esses processos criam dinâmicas de ocupação e sociabilidade dependentes de estímulos perversos, externos, mas que podem ser interrompidos a qualquer momento por decisão arbitrária de desejos da lógica política de produção econômica. Os territórios, povos e condições naturais são, ao mesmo tempo, subvertidos, exauridos e dispensados, deixando sobre a realidade atingida a dispersão espacial, a destruição física e a desolação sócio-cultural.

A lógica do filme indica a cartografia da violência na Amazônia—a expansão geográfica da violência, os segmentos sociais atingidos (agricultores, ribeirinhos, municipalidades, índios, etc), os prejuízos aos interesses da coletividade e às políticas públicas, as ideologias da ilusão e do desencanto - e, ainda, destaca as conexões do desenvolvimento do capitalismo em suas sedes de produção com os espaços de suas conquistas coloniais e neocoloniais. Essa cartografia inclui a subversão de sistemas políticos e governos para obtenção de condições especiais por proteção de leis que aumentem abusivamente os lucros. Soma-se a isso a subtração predatória de fontes de riqueza e apropriação do poder de manipulação de coletividades que são significativamente afetadas por essas medidas e iludidas pelo ideal de progresso. *Beyond Fordlândia* lança luz sobre os impactos deixados pela exploração da borracha, exploração mineral para energia a baixo

preço e pela exploração da floresta; além de estabelecer novas e velhas conexões entre esses ciclos de exploração capitalista do passado na Amazônia—a exemplo da indústria automobilística com o extrativismo vegetal madeireiro e da borracha—com a tecnologia industrial e o agronegócio de hoje, implantado na região. O filme faz essas conexões recuperando a voz local inviabilizada ou esquecida como as árvores da região pela história; reconstituindo os discursos de desolação das pessoas atingidas e da crítica acadêmica a esses processos.

A tese de que a Amazônia é vítima e uma espécie de laboratório dessas experiências brutais se ilustra no modelo implantado por Ford na região, em Fordlândia e Belterra (região oeste do Estado do Pará, Brasil), e com os atuais empresários do agronegócio. O filme mostra a relação emblemática entre esses perfis capitalistas como tipos. “Não há limite para a ganância empresarial no discurso do ‘empreendedor’ que quer mais, não há retorno para as gerações de hoje e nem esperança de um amanhã,” relata o cacique Emanuel Munduruku ao documentário. “Não há esperança de recuperar a forma tradicional de fartura de produção de alimentos e a diversidade da agricultura tradicional,” diz a produtora rural Raimunda Souza. *Beyond Fordlândia* registra essa desolação que se apresenta em um longo processo de destruição da relação Natureza&Cultura revista criticamente no filme pelo pensamento ecocrítico.

Beyond Fordlândia permite-me interpretar o Brasil através da Amazônia; estabelecer conexões entre os projetos predatórios e os impactos ambientais da soja hoje; fazer leitura entre o agronegócio e a expansão do capital agrário na Amazônia como processo que está inserido no mundo global da economia; desenhar um cenário em que haja discussão crítica dos próprios sujeitos locais, dos agricultores, sindicatos, agricultura familiar, os pequenos produtores contra o grande capital a exemplo das empresas Cargill, Bungee e Alcoa. O olhar de *Beyond Fordlândia* é

mais pedagógico e contundente do que a própria narrativa da tese. O olhar lento permitiu concretizar um outro olhar possível sobre a relação Natureza&Cultura. Ambas são, a tese e o filme, muito próximas; pois ambas veem o Brasil, em suas contradições, fazendo pontes em diferentes conjunturas. A violência lenta existe ontem e hoje na Amazônia. Seja a Amazônia do tempo de Euclides, de Mário ou do meu presente.

Essas conexões fazem-me pensar a problemática do território, da sociodiversidade e da biodiversidade da Amazônia de hoje. Quase um século separa a construção do projeto da Ford e os executores de desertos contemporâneos da monocultura de soja, os quais hoje não apenas representam riscos para o futuro da floresta e do homem amazônico, mas também ameaçam apagar o presente e o passado da biodiversidade da região. Numa outra conexão do passado e do presente está—em como vejo a imaginação literária e filmica—uma forma de potencializar e ilustrar o pensamento científico. Tais conexões são passíveis de releituras pois as imagens incluem conceitos da imaginação literária e da imaginação científica no que concerne às relações Natureza&Cultura. Concretizei isso na minha noção de *olhar lento* sobre a Amazônia. Defendo o ponto de vista (como hipótese testada) de que o pensamento ecocrítico conecta a literatura, a problemática ambiental, a tradição de abordagem pós-colonial e a Amazônia brasileira contemporânea. Exercitei esse ponto de vista ao produzir o *Beyond Fordlândia*.

A centralidade da Amazônia na obra de Euclides da Cunha e Mário de Andrade se dá por um conjunto de fatores, internos e externos, que assumem como ponto de partida a liberdade humana de existir de maneira eticamente diversa ao Ocidente; liberdade essa que está em jogo na Amazônia desde a invasão da América pelo europeus. Isso porque, quando o Ocidente, de maneira explícita ou velada, declara que devemos viver de acordo com suas regras, é como se, na verdade, o Ocidente estivesse negando aos outros grupos seu direito de existência e de ter seus

próprios valores e parâmetros. Mário de Andrade alude ao tema ao narrar as aventuras do regatão Venceslau Pietro Pietra e o destino do povo de Macunaíma—“Não havia mais ninguém lá. Dera tangolomângolo na tribo Tapanhumas e os filhos dela se acabaram de um em um” (340). Os povos indígenas da Amazônia não vivem de acordo com os códigos e disciplinas capitalistas do Ocidente. A forma tradicional de vida desses povos é uma forma de ocupação do território que não se caracteriza pela depredação e violação de seus biomas. Nesse sentido, ser livre, do ponto de vista humano, significa ter, dentro do projeto global de meio ambiente, liberdade para organizar-se segundo suas próprias tradições culturais, suas formas de ocupação do território e sua própria autodeterminação. Essa autodeterminação encontra variabilidades entre os vários grupos étnicos que ocupam a Amazônia. Portanto, essa liberdade humana está ligada aos direitos éticos de existir. Na Amazônia atual processa-se uma guerra por territórios por causa das riquezas provenientes das *commodities*, e isso ameaça diretamente, como já denunciavam Mário e Euclides em suas narrativas, a liberdade humana de existir de uma maneira eticamente diversa ao Ocidente.

Os ensaios amazônicos de Euclides da Cunha suscitam questões que seguirão norteando meu trabalho interpretativo/revisionista: o discurso da incompletude amazônica ainda se mostra válido? Qual o impacto da cultura da borracha para a floresta ainda hoje? O silenciamento dos indígenas ainda se mostra uma prática corrente? Os grandes empreendimentos da Amazônia têm um paralelo com a ferrovia transacriana pensada por Euclides? Os rios ainda mantêm-se em “abandono”? E como são explorados? O homem amazônico ainda é vítima ou inimigo da floresta? Quem são os novos “caçadores de árvores”?

A narrativa rapsódica de Mário de Andrade, do mesmo modo, motiva uma reflexão ecológica que saia do plano simbólico para o factual: se Macunaíma, o herói de nossa gente,

morre ao final da narrativa, quem protege a floresta de hoje dos modernos “regatões”? O registro da fauna e da flora presente em *Macunaíma* nos informa sobre um ecossistema que se perdeu ou ainda existe? Como símbolo da preservação da floresta, o que Macunaíma ainda teria a nos ensinar? Quem são os híbridos na Amazônia que Macunaíma pode representar? O plano simbólico pode nos levar a uma postura objetiva do manejo da Amazônia; como isso seria feito? Qual a distância entre a viagem física e a viagem literária de Mário de Andrade?

Seja qual for o objeto ou estudo de representação cultural sobre o qual nos debruçemos, são artefatos de seu tempo, inerentes à história social, ambiental e política de seu entorno. Minha leitura não foge à regra. Ela atualiza as questões amazônicas, seja pela perspectiva ensaística, pela invenção artística-ficcional ou pelo registro fílmico. Indiscutivelmente, a maneira como interpreto meus objetos sujeitam-se à minha própria temporalidade e posição crítica. Ao eleger meu objeto de análise e construção epistêmica, fui atraído por autores que em seus registros possibilitam uma leitura alternativa ao repertório de interpretações já cristalizados da região amazônica. Logro atualizar a compreensão de suas complexidades, preocupações humanas e ecológicas, pela perspectiva ecocrítica. Ao mesmo tempo, recalibro a centralidade da Amazônia nas obras dos autores estudados, assim como o papel do meio ambiente nos discursos regionais, nacionais e globais. Identifico um discurso híbrido que reconecta redes culturais, sociais, econômicas e ambientais complexas da sociedade amazônica, compreendendo o meio ambiente como uma rede integrada de agentes vivos e não-vivos que atuam em sinergia relacional e dinâmica na Amazônia.

As questões da atualidade amazônicas do debate contemporâneo não deixam de ganhar protagonismo no debate nacional ou internacional ao discutir sua importância para o equilíbrio do planeta. Um exemplo disso é a revista *Science*, de 25 de janeiro de 2019, ter dedicado sua

edição às demandas atuais enfrentadas pela Floresta. Paulo Artaxo, no editorial “Working together for Amazonia,” destaca que, na Amazônia, a ciência e seu papel na formulação de políticas devem ser fortalecidos e não enfraquecidos, como indicam as recentes decisões governamentais: “Brazil must keep environmental conservation and sustainability as priorities if it wants solutions that benefit all of its people, as well as the greater Earth ecosystem, for future generations” (323). Em um momento posterior, Artaxo afirma, “Rather than addressing Brazil’s crises with renewed commitment to science and sustainable solutions, the Bolsonaro government is favoring agroindustry and mining interests that intensify these activities in Amazonia” (323). Portanto, o conhecimento científico, embora ignorado pelas políticas públicas atuais, torna-se uma força urgente para frear intervenções predatórias que fomentam a Amazônia apenas como suprimento de *commodity*. Além disso, na Amazônia, a ciência torna-se uma ferramenta indispensável para reconstituir a memória, codificar e decifrar os fatos, dominar conceitos e sistematizar categorias ao integrar no conjunto da imaginação científica sua incompreensível alteridade. Daí ser vital reconhecê-la em toda sua complexidade em suas múltiplas identidades, sendo, dessa forma, um modo de compreendê-la como sujeito dinâmico, entidade plural que se desdobra em problema, soluções, motivações e lugar de contradição. Mais que isso, é preciso ver na Amazônia um laboratório do conhecimento mítico, artístico, político e científico, tudo isso sem deixar de perceber que ela é local de experiência e cobiça de muitos. Há mais de nove décadas, vastas extensões de floresta deram lugar a estranhos equipamentos, idiomas e sonhos. Motivados por cobiças de novas demandas do mercado da borracha, o projeto de Henry Ford para a Amazônia buscava domar o “inferno verde” para garantir a produção de látex para sua indústria automobilística e reviver a bonança do exaurido ciclo gomífero na região do Rio Tapajós. Novos tempos implicam novas colonialidades. Ao contrário do que se espera aprender

dos fracassos, as memórias presentes nas ruínas ambientais e humanas da Amazônia não viraram lição. A Amazônia deveria ser um símbolo de respeito e valorização das culturas, saberes e modos de vidas de povos tradicionais, além de ser referência para a conservação e restauração dos recursos naturais, dada a sua importância para o Brasil e demais países Pan-Amazônicos pelos quais estendem seus ramos.

Essa é a história que precisa ser narrada continuamente, pois as situações de violência lenta ocorrem simultaneamente ao momento em que vivemos sob uma aparência de “normalidade” no presente. A floresta sobreviveu à inteligência e à fortuna de Henry Ford e a muitas outras investidas capitalistas em nome do progresso, demonstrando ser maior que o fracasso de seus pretensos conquistadores. A floresta amazônica quando observada pela perspectiva de olhar lento é maior que as agruras que a perseguem. Debati esse tema em *Beyond Fordlândia* e ele precisa ser alardeado em um Brasil que assiste a propostas de modernização conservadora incapazes de compreender que a Amazônia—em toda a sua diversidade social, cultural e biológica—possui linguagem, caminhos e sonhos próprios. Como declara, ao final do documentário, o neurocirurgião paraense Erik Jennings, responsável pela saúde do povo Zoé: “o homem amazônico de hoje está mais doente e mais ameaçado que a própria floresta e o clima, por projetos que não levam em consideração as verdadeiras aptidões e o contexto biológico, cultural e social da Amazônia” (Dr. Erik Jennings, *Beyond Fordlândia*, 2017). A Amazônia ocupa cerca de 61% do território brasileiro. Lá vivem 25 milhões de pessoas. São cerca de 300 etnias e 180 línguas. Tudo isso são formas de vivenciar, experimentar, sentir e imaginar a diversidade amazônica. Essa Amazônia demanda novas relações e um olhar lento, atento às suas necessidades e aos projetos historicamente formulados por indivíduos e sujeitos de sua própria existência na região.

Obras citadas

Albuquerque Junior, Durval M. de. *A invenção do nordeste e outras artes*. Recife: Fundação

Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1999.

Almeida, Alfredo Wagner B. de. *Antropologia dos arquivos da Amazônia*. Rio de Janeiro: Casa 8

/ Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

Amory, Frederic. *Euclides da Cunha: Uma odisseia nos trópicos*. São Paulo: Ateliê Editorial,

2009.

Anderson, Mark D. "National Nature and Ecologies of Abjections in Brazilian Literature at the

Turn of the Twentieth Century." *The Natural World in Latin American Literatures:*

Ecocritical Essays on Twentieth Century Writings, edited by Adrian Taylor

Kane. McFarland & Company, 2010.

Andrade, Carlos Drummond. *Carlos & Mário: Correspondência Completa entre Carlos*

Drummond de Andrade (Inédita) e Mário De Andrade. Org. Lélia Coelho Frota e

Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

Andrade, Mario de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976. Print.

---. *Macunaima: O herói sem nenhum caráter*. Coord. por Telê Porto Ancona Lopez. Madri;

Paris; México, Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; São José de Costa Rica;

Santiago do Chile: ALLCA XX, 1988.

---. *Táxi e crônicas do Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê

Porto Ancona Lopez. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976.

---. *Os Filhos da Candinha*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

- . *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Apresentação e estabelecimento do texto de Telê Porto Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. [Ed. Especial] Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- . *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- Andrade, Mário de, Marcos Antonio Moraes. *Correspondência Mario De Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 2000.
- Andrade, Mário de. *Unpublished preface to Macunaíma. Macunaíma: O herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte and Rio de Janeiro: Garnier, 2001.
- Antelo, Raúl. *Na ilha de Marapatá: Mário de Andrade lê os hispanos-americanos*. São Paulo: Editora HUCITEC; MinC Pró-Memória, Instituto Nacional do Livro, 1986.
- Antonio Filho, Fadel David. “Os sertões de Euclides da Cunha, 94 anos de paixão e ódio dos críticos.” *Diário do Rio Claro*, Rio Claro, p. 01, 19 nov. 1995.
- Atilas-Osoria, José M. “Book Review: *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor* by Rob Nixon.” *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 100, Maio 2013, pp. 235-240. Print.
- Artaxo, Paulo. “Working together for Amazonia.” *Science*, vol. 363, no. 6425, 25 Jan. 2019, p. 363, <http://science.sciencemag.org/content/363/6425/323>.
- Barbas-Rhoden, Laura. *Ecological Imaginations in Latin American Fiction*. Gainesville: University Press of Florida, 2011.
- Barros, Lourival Holanda. “Historiografia a tintas nada neutras.” *Revista USP*, n. 13, May 1992, pp. 44-47, doi:10.11606/issn.2316-9036.v0i13p44-47.

- Bastos, Élide Rugai. *Gilberto Freyre e a Formação da Sociedade Brasileira*. Tese de Doutorado, PUC. São Paulo: Mimeografado, 1986.
- . “Gilberto Freyre e a Questão Nacional,” in *Inteligência Brasileira*, ed. Ricardo Antunes, Vera Ferrante e Reginaldo Moraes. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- Bennett, Jane. *Vibrant Matter: a Political Ecology of Things*. Durham: Duke University Press, 2010.
- Benjamin, Walter. *One-Way Street and Other Writings*. London: Penguin, 2009.
- Berger, John. *Ways of Seeing*. London: Penguin Books, 1977.
- Bernucci, Leopoldo. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1995.
- . *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: Editoria da Universidade de São Paulo, 2008.
- . *Paráiso suspeito: a voragem amazônica*; tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2017. Print.
- Beyond Fordlândia: An Environmental Account of Henry Ford's Adventure in the Amazon*. Dir. Marcos Colón. Amazônia Latitude Films, 2017. Film.
- Binns, Niall. *¿Callejón Sin Salida? La Crisis Ecológica en la Poesía Hispanoamericana*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2004.
- Bosi, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- Botelho, André. *De olho em Mário de Andrade: uma descoberta intelectual e sentimental do Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- Buell, Lawrence, Ursula K. Heise, and Karen Thornber. “Literature and Environment.” *Annual Review of Environment and Resources* 36 (2011): 417–40.

- Buarque de Holanda, Sérgio. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- . *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- Bourdieu, Pierre. *Bosquejo de una teoría de la práctica*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2012.
- Campos, Haroldo de. *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.
- Cândido, Antonio. “Prefácio.” *Macunaíma: a margem e o texto*, por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: HUCITEC, Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, 1946, pp. vii-viii.
- Cavalvanti Proença, M. *Roteiro de Macunaíma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- Carvalho, Joaquim Francisco de. “O valor da Amazônia.” *Folha de São Paulo*, 4 Jan. 2019, <http://www.ilumina.org.br/o-valor-da-amazonia-artigo-folha-de-sp/>.
- Chamie, Mário. *Intertexto: a Escrita Rapsódica-Ensaio de Leitura Produtora*. São Paulo: Edição Praxis, 1970.
- Costa, Selda Vale da. “Beyond Fordlândia: Ai de ti, Amazônia!.” *O Jornal da Ciência é uma publicação de divulgação científica da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*, vol. 5768, 23 Out. de 2017 /, <http://www.jornaldaciencia.org.br/edicoes/?url=http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br/28-beyond-fordlandia-ai-de-ti-amazonia/>
- Cronon, William. *Changes In the Land: Indians, Colonists, and the Ecology of New England*. New York: Hill and Wang, 2003.
- Cruls, Gastão. *Amazônia Misteriosa*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1938. Print.
- Cunha, Euclides da. “Entre os Seringais.” *Kosmos – Revista Artística, Científica, Literária*, 3 (I), Jan, 1906, pp. 21-23.
- . *À margem da história*. Porto, Livraria Chardron de Lello & irmão, 1909.

- Cunha, Euclides da. *Os sertões*. Ed. Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- . *Contrastes e confrontos*. Ed. Oswaldo Galotti. São Paulo, Editora Lello Brasileira S. A., 1967
[1 ed. 1907].
- . *Obra Completa*. Vol. 1. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1966.
- . *Um paraíso perdido: reunião dos ensaios amazônicos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.
- . *Um paraíso perdido: reunião dos ensaios amazônicos*. Seleção e coordenação de Hildon Rocha; introdução de Arthur César Ferreira Reis. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.
- . *Diário de uma expedição*. [1ª ed. 1939] São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- . *The Amazon: Land without History*. Edited by Ronald W. Sousa, e Lúcia Sá. Oxford University Press, 2006.
- . *Ensaio e Inéditos*. Org. Leopoldo Bernucci e Felipe Pereira Rissato. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- Crutzen, Paul J. and Eugene F. Stoermer. The “Anthropocene.” *Global Change Newsletter*, vol. 41, pp. 17–18. 2000.
- DeLoughrey, Elizabeth, and George B. Handley. *Postcolonial Ecologies: Literatures of the Environment*. Oxford University Press, 2011.
- Faulkner, William. *Requiem For a Nun*. New York: Random House, 1951.
- Faria, Luiz de Castro. *Um Outro Olhar: Diário de Expedição à Serra do Norte*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul Editora, 2003.
- Ferreira, Alexandre Rodrigues. *Viagem filosófica pelas Capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. Memórias: Antropologia. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1974.
- Foucault, Michel. *The History of Sexuality*. Vintage Books ed. New York: Vintage Books, 1988.

- França, Ana Marcela. “Percepções da natureza a partir da arte: a diversidade do olhar sobre o universo natural.” *Revista Cantareira*, n. 19, 2013, pp. 3-17.
- Freyre, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. Coleção documentos brasileiros, 41. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944.
- . *Sociologia: Introdução ao Estudo de Seus Princípios*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1945.
- Gadamer, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Tradução Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- Galvão, Walnice Nogueira; Galotti, Oswaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1997.
- Gadelha, Regina Maria A. Fonseca. “Conquista e ocupação da Amazônia: a fronteira Norte do Brasil.” *Estudos Avançados*, vol. 16, no. 45, pp.63-80, Aug. 2002, <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142002000200005>.
- Gondim, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- Glissant, Édouard. *Poetics Of Relation*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997.
- Glotfelty, Cheryll. “Introduction: Literary Studies in an Age of Environmental Crisis.” *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Ed. Cheryll Glotfelty and Harold Fromm. Athens and London: The U of Georgia P, 1996. xv-xxxvii.
- Glotfelty, Cheryll, and Harold Fromm, eds. *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens and London: The U of Georgia Press, 1996.
- Hardman, Francisco Foot. *A vingança da Hiléia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a Literatura Moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- . “Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides.” *Estudos Avançados*, vol. 10, no. 26, Jan/April 1996, pp 293-310, <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141996000100025>.

- . *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- Hecht, Susanna B. "Beyond Fordlândia: An Environmental Account of Henry Ford's Adventure in the Amazon." Directed by Marcos Colón, *Environmental History*, vol. 24, no. 2, April 2019, pp. 376–379, <https://doi.org/10.1093/envhis/emz002>.
- Ingold, Tim. *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling & Skill*. New York: Routledge, 2000.
- Júnior, Tristão de Alencar Araripe. *Obra crítica de Araripe Júnior*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.
- Ladislau, Alfredo. *Terra Imatura*. Manaus: Editora Valer, 2008.
- Latour, Bruno. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2005.
- . *We Have Never Been Modern*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1993. Print.
- Laurance, W. F., Cochrane, M. A., Bergen, S., Feamside, P. M., Delamonica, P., Barber C., D'Angelo, S., and T. Fernandes. "The future of the Brazilian Amazon." *Science* 291:438-439, 2001.
- Leite Moraes, J. A. *Apontamentos de Viagem*. São Paulo, Brazil: Companhia das Letras, 1995.
- Leopold, Aldo. *A Sand County Almanac*. New York: Oxford University Press, 2001. Print.
- Lévi-Strauss, Claude. *O pensamento selvagem*. Paris: Plon, 1962.
- . *Tristes trópicos*. Paris: Plon, 1955.
- . *Anthropologia structurale*. Paris: Plon, 1958.
- . *Anthropologie structurale deux*. Paris: Plon, 1973.
- Lopez, Telê P. Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

- . *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- . “O Turista Aprendiz na Amazônia: a invenção no texto e na imagem.” *An. Mus. Paul. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 13, no. 2, 2005. SCIELO.
- . *Mariodeandradiando*. Editora Hucítec, 1996.
- Lucchesi, Marco. “Euclides da Cunha: uma poética do espaço brasileiro” *Catálogo da exposição realizada na fundação Biblioteca Nacional*. Agosto 2009. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.
- Madureira, Luís. *Cannibal Modernities: Postcoloniality and the Avant-Garde in Caribbean and Brazilian Literature*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2005.
- Maligo, Pedro. *Land of Metaphorical Desires: The Representation of Amazonia in Brazilian Literature*. Peter Lang Publications, 1998.
- Moura, Clóvis. *Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.
- Moraes, Péricles. *Os Intérpretes da Amazônia*. Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2011.
- Moraes, Raimundo. *Na planície amazônica*. Manaus: Clássica, 1926.
- . *Os Igaraiúnas (Romance amazônico, costumes paraenses)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.
- . *Paiz das pedras verdes*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1930.
- Murari, Luciana. “Brasil, Ficção Geográfica:” *Ciência e Nacionalidade no País d’Os sertões*. São Paulo: Annablume; FAPEMIG, 2007.

- Murphy, Patrick D.. *Literature, Nature, and Other: Ecofeminist Critiques*. Albany :State University of New York Press, 1995.
- Nicolson, Marjorie Hope. *Mountain Gloom and Mountain Glory*. New York: W.W. Norton, 1959.
- Nina Rodrigues, Raymundo. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- Nixon, Rob. *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*. Cambridge: Harvard UP, 2011.
- . "The Great Acceleration and the Great Divergence: Vulnerability in the Anthropocene." *MLA Profession* 19 (2014): Web. 6 Feb. 2017.
- . "Slow Violence: Literary and Postcolonial Studies Have Ignored the Environmentalism that Often only the Poor Can See." *The Chronicle of Higher Education*. 26 Jun. 2011, <https://www.chronicle.com/article/Slow-Violence/127968>
- Nunes, Benedito. "Amazônia reinventada." *Amazônia: o olhar sem fronteiras – Catálogo do II FOTONORTE*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1998.
- Olender, Maurice. "Entre le sublime et l'odieux: Renan," in *Les Langues du Paradis*. Paris, Gallimard/Seuil, 1989.
- Oliveira, Franklin de. *Euclides, a espada e a letra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- Ortiz, Renato. *Cultura Brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Pacheco de Oliveira, João. "O nascimento do Brasil – Força e limite de uma autorrepresentação." *O nascimento do Brasil e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016.
- Paes Loureiro, João de Jesus. "Cultura amazônica: uma diversidade diversa." *Amazônia Latitude Digital Magazine*. Madison, 10 de Abril, 2019,

<https://amazonialatitude.com/2019/04/10/cultura-amazonica-uma-diversidade-diversa/>.

Prado Coelho, Eduardo. “Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos.” *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Lisboa: Portugalia, 1967.

Rangel, Alberto. *Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas*. Edited by Marcos Frederico Krüger. Manaus: Editora Valer, 2001.

Reis, Arthur Cezar Ferreira. *Transamazônica, a Integração Brasileira*. Rio de Janeiro: Conquista, 1976.

Renan, Ernest. *What Is a Nation?: and Other Political Writings*. New York: Columbia University Press, 2018.

Romero, Silvio. “O Brasil social e os elementos que o plasmaram.” In *História da Literatura Brasileira*, vol. 1. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1960.

Souza, Gilda de Melo e. *O tupi e o alaiúde: uma interpretação de Macunaima*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

Souza, Inglês de. *O calculista (Cenas da vida do Amazonas)*. Coleção Amazônica. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

---. *O Coronel Sangrado (Cenas da vida do Amazonas)*. Coleção Amazônica. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968.

---. *O missionário*. São Paulo: Atica, 1987.

Skidmore, Thomas E. “Mapping the Amazon.” *Luso-Brazilian Review*, vol. 51 no. 2, 2014, pp. 200-202.

Tarde, Gabriel. *Monadologia e sociologia*. Tradução de T. S. Themudo. Petrópolis: Vozes, 2003.

Teófilo, Rodolfo. *O paroara (Scenas da vida cearense e amazônica)*. Ceará: Moderna a Vapor: 1899.

- Tocantins, Leandro. *Euclides da Cunha e o paraíso perdido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- Worster, Donald. "Appendix: Doing Environmental History." *The Ends of the Earth: Perspectives on Modern Environmental History*. Ed. Donald Worster. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- Vasconcelos, Carlos. *Deserdados: Romance da Amazônia*. Rio de Janeiro: L. Ribeiro, 1922.
- Venâncio Filho, Francisco. *Euclides da Cunha e seus amigos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- Viana, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- Viveiros de Castro, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- . *Metafísicas canibales: líneas de antropologia postestructural*. Buenos Aires: Katz, 2010.
- Ventura, Roberto. *Estilo tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- . *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Anexos

BEYOND FORDLÂNDIA MANUSCRITO

00:00:09—[ENTRY 1] Dercy Godinho (Boa Esperança Resident / Moradora da Comunidade Boa Esperança.

“A Amazônia é a última página ainda a escrever do Gênesis. Um metafísico imaginaria ali um descuido singular da natureza, que após construir em toda parte as infinitas modalidades dos aspectos naturais, se precipita na Amazônia para completar às pressas a sua tarefa. Ela se modifica, transforma os traços mais salientes e firmes, como se no quadro de suas palavras desmedidas andasse um pincel irrequieto e um sobre-humano artista incontentável. Mas entre as magias daqueles cenários vivos, há um ator agonizante: o homem.” (Euclides da Cunha, 25)

“The Amazon is the final page of Genesis yet to be written. A metaphysician would see in it a unique carelessness in Nature, who, after building her infinite arrangements of natural features, was in a rush in the case of the Amazon to finish her task. It changes, it transforms its most prominent and lasting features, as if a restless paintbrush and a hard-to-please, superhuman artist were at work on the canvas of its immense words. But within the magic of that living scenery, there is an actor who agonizes: The man.” (Euclides da Cunha, 25)

00:01:33—NARRATOR - DAVID HILDNER

Considered the Lost Eldorado since the 16th century, the Amazon has long attracted international greed. As a green empire and also a water domain, these majestic, and at the same time fragile ecosystems, are the scenes of an unequal struggle between explorers thirsting for unlimited economic wealth, and forest or river-dwelling-people, who use the natural resources in the same way as their ancestors.

Há muito considerada o Eldorado Perdido, desde o século XVI a Amazônia atrai a cobiça internacional. Império verde e também domínio das águas, esses ecossistemas imponentes e, ao mesmo tempo, frágeis são o cenário da luta desigual entre os exploradores sedentos por riquezas econômicas sem limites e os povos que vivem da floresta, que utilizam os recursos naturais de maneira tradicional como faziam os seus ancestrais.

The Amazon is a land of infinite beauty and natural charms. Besides the grandeur of the forest and its rivers, and the beauty of its flora and fauna, lies a fragile ecology easily destroyed by human insatiability.

A Amazônia é uma terra de beleza infinita e encanto natural. Além da grandeza da floresta e de seus rios, da beleza de sua flora e fauna, encontra-se uma ecologia frágil, facilmente destruída pela insaciabilidade humana.

This is the struggle between the excessive exploitation by economic capital and the defense undertaken by the peoples who live in what Alberto Rangel called “Green Hell.” But it was only in the last hundred years that the Amazon rainforest and its peoples began to suffer more intensely the devastating effects of economic exploitation.

Esse é o conflito entre a exploração exagerada feita pelo capital econômico e a defesa empreendida pelos povos que vivem nesse lugar chamado por Alberto Rangel de “Inferno Verde.” Mas somente nos últimos cem anos é que a floresta amazônica e seus habitantes começaram a sofrer mais intensamente os efeitos devastadores da exploração econômica.

00:03:27—NARRATOR - DAVID HILDNER

Since the 19th century, after the Civil War, the United States had witnessed the emergence of a new entrepreneurial class that struck it rich. Among these new titans of industry was Henry Ford, the inventor of the automotive assembly line.

Desde o século XIX, após a Guerra Civil, os Estados Unidos viram nascer novos empreendedores que tornaram-se milionários, entre os quais encontramos Henry Ford, principal dono da indústria automobilística, responsável pela criação da linha de montagem.

At his roots, however, Henry Ford was as much a farmer as industrialist. So, when he found it difficult to get rubber for his automobile industry, the idea of planting and producing his own rubber sounded attractive.

Contudo, Henry Ford era, em sua origem, muito mais um agricultor do que um industrial. Por isso, quando teve dificuldades de obter borracha para sua indústria automobilística, a ideia de plantar e produzir sua própria borracha lhe soou agradável e possível.

00:04:03—[ENTRY 2] Lúcio Flávio Pinto (Jornalista / Journalist)

Bom, o Ford queria ser perfeitamente integrado na produção dos automóveis, então queria ir do pneu à carroceria, então o raciocínio era o raciocínio que toda pessoa que se aproxima da Amazônia poderia ter. Se a seringueira é nativa da Amazônia, o melhor lugar para plantar a seringueira é a Amazônia.

Well, Ford wanted production of the automobile to be perfectly integrated. He wanted to produce everything from the tire to the bodywork. So his reasoning was one that anybody who came close to the Amazon would have: if the rubber tree is native to the Amazon, the best place to plant the rubber tree is the Amazon

00:04:29—[ENTRY 3] Hélcio Amaral (Historian / Historiador)

Quando ele decidiu vir para cá eles fizeram um cartel da borracha no sudeste asiático, os pneus dos carros do Ford custavam 30% (trinta por cento) do carro. E aí você se via obrigado a procurar uma solução para o problema dele, onde foi que ele veio se instalar? Na mesma região próxima do que diz a história, de onde foi tirada as sementes daquela árvore tão grande para levar para o Henry Wickham levar.

Once he had decided to come here, they made a rubber cartel in Southeast Asia. The tires of Ford's cars accounted for 30% of the car price. So, he was forced to look for a solution to his problem, and where did he install his company? As the story goes, in the same region close to where the seeds of that huge tree were collected, so Henry Wickham could take them away.

00:04:54—[ENTRY 4 English] Barbara Weinstein (Historian / Historiadora)

I think the first thing that inspired him was the desire to get rubber more cheaply, to have a reliable supply of relatively cheap rubber; even though the production of rubber was expanding rapidly, also the demand for rubber was going up, he always had a desire to control every aspect of production for his cars to have a vertically integrated economic empire.

Acho que a primeira coisa que inspirou ele foi o desejo de obter borracha de forma mais rentável, de ter uma fonte confiável de borracha relativamente barata. Mesmo que a produção da borracha estivesse crescendo rapidamente, e a demanda pela borracha também estivesse aumentando, ele sempre teve o desejo de controlar todos os aspectos da produção de seus carros, para ter um império econômico verticalmente integrado.

00:05:24—[ENTRY 5 English] Greg Grandin (Historian / Historiador)

Ford's advisors thought that they could have access and cultivate an independent source of latex. I mean they, by the 1920s, they, the Ford motor company controlled pretty much every other natural resource that went into making Ford cars. The only thing that they didn't have control over was latex and that was for the valves, the gaskets, and hoses, and obviously the tires. And it was specifically reacting to an attempt by the British and the Dutch, there was a failed attempt, it didn't work, but there was a fear that they would establish a cartel, a rubber cartel, and control the world prices of latex and Ford was trying to figure out a way around it. I suggest that there were other considerations. It was not so much conquer the Amazon; he was trying to conquer something much greater, something more wild: that was capitalism. He thought that he could impose some kind of rational order on capitalist production.

Os assessores do Ford pensavam que eles poderiam ter acesso à uma fonte independente de látex, quero dizer, nos anos 20, a companhia Ford controlava praticamente todos os outros recursos naturais envolvidos na fabricação de seus automóveis. A única coisa da qual eles ainda não tinham controle, era a borracha, que era usada nas válvulas, nos kits de gasolina, nas mangueiras e, obviamente, nos pneus. E, reagindo especificamente à uma tentativa dos ingleses e dos holandeses, houve uma tentativa mal sucedida, mas havia um medo deles estabelecerem um cartel, um cartel da borracha, e controlar os preços mundiais do látex e a companhia Ford estava tentando contornar a situação. Eu sugiro, entretanto, que haja outras considerações. Não era tanto conquistar a Amazônia; Ele estava tentando conquistar algo muito maior, algo mais selvagem: era o capitalismo. Ele pensou que poderia impor algum tipo de ordem racional sobre a produção capitalista.

00:06:28—VIDEO NARRATOR

/why are there company-owned iron mines, coal mines, and rubber plantations? Why a fleet of ships, fourteen locomotives, and over a thousand freight cars? It is to acquire the experience, and knowledge necessary to increase quality, and reduce costs through better methods. And this valuable information is free. The idea is to find more efficient, less wasteful ways to use nature to make men more free, the ideal is always to find means of spreading the results of scientific achievement more widely among mankind.../

/Por que sua empresa possuía minas de ferro, minas de carvão e plantação de seringueiras? Por que uma frota de navios, catorze locomotivas e mais de mil carros? É para adquirir a experiência e o conhecimento necessários para

aumentar a qualidade e reduzir os custos através de melhores métodos. E essa informação valiosa é gratuita. A idéia é encontrar maneiras mais eficientes e menos desperdiçadoras de usar a natureza para tornar os homens mais livres, o ideal é sempre encontrar meios de divulgar os resultados da conquista científica mais amplamente entre a humanidade... /

00:07:23—NARRATOR - DAVID HILDNER

Henry Ford wanted to transform the forest into a large plantation that could produce rubber on an industrial scale...

Henry Ford quis transformar a floresta numa grande plantação que pudesse produzir borracha numa escala industrial...

He began to realize his dream by destroying a huge expanse of forest in an area once known as "Boa Vista." There had never been a burn of such proportions ... The trees that could not be used were turned to ashes. Thus began the first extensive monoculture in the Amazon.

Ford começou seu sonho destruindo uma enorme extensão de floresta num lugar, antes conhecido como "Boa Vista." Nunca se tinha visto uma queimada de tão grandes proporções. (...) As árvores que não puderam ser aproveitadas na construção de Fordlândia, viraram cinzas. A Amazônia viu a implantação da primeira grande monocultura extensiva.

00:07:49—VIDEO NARRATION

/among the present day pioneers of the Amazon who are lighting the way for others to follow is Henry Ford/

/Henry Ford está entre os atuais pioneiros da Amazônia, que abrem o caminho para serem seguidos por outros/

00:07:55—[ENTRY 6] Luiz Ribeiro (Fordlândia High School Principal / Diretor Escolar em Fordlândia)

As pessoas colhiam látex, mas era de forma artesanal, mais na parte do Acre, na parte dessas comunidades ribeirinhas, mas para alguns utensílios que aprenderam com os indígenas, e ele veio derrubando tudo. 10.000 (dez mil) hectares, 5.000 (cinco mil) homens trabalhando... uma das maiores queimadas que a Amazônia já viu.

People used to collect latex, but by hand, mostly in the State of Acre, near these riverside communities; usually to craft some utensils that they learned about from the Indians. But they came tearing down everything; ten thousand hectares, five thousand men working... one of the biggest burns that the Amazon has ever seen.

00:08:23—[ENTRY 7] Delmas Brito (Fordlândia High School Teacher / Professor em Fordlândia)

Foi uma extensão muito grande aqui que até amedrontou as pessoas quando eles *botaram* fogo, que as pessoas que moravam do outro lado do rio sentiram a quentura chegar até lá, porque era muito fogo aqui nessa região.

The fire was huge here, even frightening the people when they started it. Even those who were across the river felt the heat, because there was a lot of fire in this region.

00:08:54—[ENTRY 8] Edir Jansen (Fordlândia Resident / Morador em Fordlândia)

Meu pai, quando entrou para cá, ele entrou como serrador, trabalhou em uma serraria com a madeira da Ford, depois de serralheiro ele passou para a oficina, aí tudo era governado pelos americanos mesmo, engenheiro, tudo *né*, aí foram pegando a experiência, aí ele chegou como mecânico aqui, daqui ele passava para a usina, trabalhava com a caldeira.

My father, when he came here, started as a lumber jack. He worked at a sawmill, with the wood of the company. After that he stepped up to the workshop, and there the Americans were in charge of everything, even the engineers. After getting experience, he arrived here as a mechanic. Then he was sent to the power plant to work with the boiler.

00:09:19—[ENTRY 9] Delmas Brito (Fordlândia High School Teacher / Professor em Fordlândia)

Essa é a vila dos trabalhadores, era *daqui para cá*, tinham aquelas casa maiores onde morava a *chefia* dos trabalhadores, brasileiros, mas tinha a vila americana que era só para os americanos morar. A baixa do jardim, que chamavam, que era um jardim lindo, e lá era o campo de golfe deles. Só eles participavam daquilo, e alguns dos chefes brasileiros, mas tinha essa divisão sim. This is the worker's village, from here to there. They used to have those big houses, where the bosses lived, the Brazilian ones. But there was the American village, where only Americans lived. Over there is what they used to call the *Baixa do Jardim*, which was a beautiful garden, and there used to be their golf course. Only they could play, but there was this division.

00:09:44—[ENTRY 10] Padre Sidney Canto (Historian/Historiador)

Borracha quase não foi muito o forte da companhia, a maior extração da companhia, as maiores exportações da companhia aqui de Fordlândia foi a exportação de madeira. A área de Fordlândia era uma área rica em madeira, madeiras que hoje você já raramente encontra, mas que existiam em abundância aqui. A serraria ela trabalhava, bem dizer, dia e noite. Algumas exportações eram feitas, inclusive, até sem o conhecimento do governo brasileiro.

Rubber wasn't the Ford company's biggest export. The greatest extraction of the company and its greatest export from Fordlândia was timber. Fordlândia's area was an area rich in timber, timber that nowadays is very difficult to find, but back then there was plenty here. The sawmill used to work day and night. Some exports were even made without the Brazilian government knowing.

00:10:20—[ENTRY 11] Raimundo Torres (Belterra Resident /Morador em Belterra)

E tinha uma locomotiva que ia para a mata buscar as toras de madeira, que vinha apitando “píiii.” Aí jogava as toras embaixo, e tinha uma serraria, e subia lá em cima, que quando descia lá, já era tudo serrado, tudo lixado, tudo resolvido.

And there used to be a locomotive that went into the woods to get the timber, it would come whistling “peeee.” Then, they'd drop the timber off at the sawmill and it would go up to the second floor. When it came down it would be all sawn, sanded, and ready to go.

00:10:47—[ENTRY 12] Edir Jansen (Fordlândia Resident/Morador em Fordlândia)

A madeira era tirada em prancha, em cima ela ia, movimentada. Todo tempo por cima, passava lá na carpintaria e de lá ela ia para a estufa, a casa de madeira. Mas era prancha para ir para os Estados Unidos.

The timber was cut into boards; up it would go on the sawmill belt. It would go through the carpentry, on to the kiln and the wood house. But these were boards to be sent to the United States.

00:11:01—[ENTRY 13] Delmas Brito (Fordlândia High School Teacher / Professor em Fordlândia)

E eles ainda conseguiram beneficiar muito a seringa aqui, que eles já mandavam as borrachas prontas. Aqui nesse galpão, os seringueiros iam e colocavam aqui, e daqui já saía os blocos de borracha que tinha a estufa ali em cima.

The Ford Company still managed to take advantage of the rubber here. They processed the

rubber to be ready to use. Here, in this shed, the rubber tappers used to bring the latex, and the blocks of rubber came out of here, as the kiln was up there.

00:11:38—[ENTRY 14] Raimundo Torres (Sabiá) (Belterra Resident /Morador em Belterra)

Mas isso não era só por causa da borracha não, por causa de minério também porque lá tinha... não... tem o morro do sapo, que lá era um cavado.

But this wasn't only because of the rubber, it was also because of the mining; because there was ... no, there is... *Morro do Sapo* (Toad's Hill), which was an extensive excavation.

00:11:30—[ENTRY 15] Delmas Brito (Fordlândia High School Teacher / Professor em Fordlândia)

O meu pai dizia que aqui tinha umas tubulações subterrâneas que jogava no navio quando encostava, e só ele sabia o que eles jogavam lá dentro, que os funcionários mesmo não viam. Você anda dentro dessas matas aqui ao redor da vila, você vê muitos *bueirão*, as coisas lacradas, que ninguém sabe o que tinha lá dentro, o que eles tiravam dali. Então eu acredito que além disso, eles tinham outros interesses, justamente o do minério.

My dad used to say that there were underground pipelines that connected to the ships when they docked, and only the managers knew what was thrown in there, and that the workers didn't even see it. Today, if you walk through these woods around the village, you see a lot of these manholes, things sealed up, no one knows what's inside, nobody knows what they took from here. So, I believe that besides this, they had other interests, specifically minerals.

00:11:58—[ENTRY 16] Jesus Paes Loureiro (Poet and Researcher of the Amazonia Culture / Poeta e pesquisador da Cultura Amazônica)

Essa primeira investida na Amazônia através de Fordlândia, já foi uma forma de conflito e de agressão à natureza e à forma dessa natureza ser fértil e produtiva na região, porque eles quiseram sistematizar o plantio.

This first advance on the Amazon, through Fordlândia, was already a form of conflict and aggression on nature, and the way nature could be fertile and productive in the region; because they wanted to systematize rubber tree cultivation.

00:12:27—[ENTRY 17] Hécio Amaral (Historian / Historiador)

Primeiro que ele veio *para cá* acreditando que ele podia transformar a Amazônia, fazer um mundo dele aqui na Amazônia.

Ford first came here expecting that he could transform the Amazon, to make a world of his own here in the Amazon.

00:12:37—VIDEO NARRATION

/the ford V8 model is a beautiful piece of machinery, in mechanics beauty means simplicity, here skilled workers repeatedly disassemble and assemble a standard Ford motor, to demonstrate its qualities of simplicity and accessibility. The average time required for them to complete the assembly of the V8 motor is less than 10 minutes. During this demonstration, many of the exclusive features of the ford v8 design become apparent. Spectators gain a better understanding of its remarkable performance, its records of long service. Simplicity of Ford V8 design is strikingly demonstrated by the fact, that a ford V8 motor can be, and is assembled, before your very eyes, in less than ten minutes/

/O Ford modelo V8 é um belo exemplar de máquina; em mecânica, beleza significa simplicidade. Seus registros qualificados desmontam repetidamente e montam um motor Ford padrão, que demonstrou qualidades de simplicidade e acessibilidade. O tempo médio necessário para que eles completem a montagem do motor V8 é inferior a 10 minutos. Durante essa demonstração, muitas das características exclusivas do projeto do Ford V8 são evidenciadas. Os espectadores ganham uma melhor compreensão de seu desempenho notável e seus registros de longevidade. A simplicidade do projeto do Ford V8 é notavelmente demonstrada pelo fato de um motor Ford V8 ser fácil de montar diante de você em menos de dez minutos /

00:13:31—NARRATOR - DAVID HILDNER

The birth of Fordlândia progressed with assembly-line efficiency. The little village of Boa Vista was a beautiful site: The shore mounted fifty feet above the clear river. The land rose as one progressed inland. The hills forested with towering, lovely trees—castanheira (or Brazil nut), Spanish cedar, uxy, and itauba. All were burned clear and bulldozed flat. In their place rose a modern suburb with rows of white, green-shuttered bungalows. The main street was paved and ran uphill. Residents collected well-water from spigots in front of their houses, while the American staff and a few Brazilian managers enjoyed running water inside. Screens were installed in the windows to keep out

mosquitoes. A modern hospital was staffed with tropical specialists and equipped to produce quinine. Schools for the children of workers and managers were staffed with teachers from Belém. There was a private club and pool in the “American village;” the caboclo workers had their own separate pool. The “Villa Brasiliena” boasted tailors, shops, bodegas, and a butcher. The smell of baked bread wafted from the bakery. Until the first tapping, scheduled for 1936, the sawmill would process and export hardwoods felled on the property. U.S. newspapers called the undertaking “The Miracle City of the Amazon.”

O nascimento da Fordlândia se processou com a eficiência de uma linha de montagem. A pequena vila de Boa Vista era um local bonito: a margem subia até 15 metros acima do rio de águas claras. O terreno ficava mais alto à medida que se avançava para o interior, e as elevações eram cobertas de árvores altíssimas e belas: castanheiras, cedros-rosa, uxis e itaúbas. Tudo foi queimado e terraplenado. Em seu lugar, surgiu um subúrbio moderno com fileiras de bangalôs brancos de persianas verdes. A rua principal era pavimentada e subia em direção à colina. Os moradores consumiam água de poço recolhida em torneiras em frente às suas casas, enquanto a equipe de trabalhadores americanos e uns poucos gerentes brasileiros desfrutavam de água corrente dentro de casa. Instalaram-se telas nas janelas para manter os mosquitos do lado de fora. Especialistas em doenças tropicais trabalhavam num hospital moderno, que era equipado pra produzir quinino. Professores de Belém davam aulas em escolas para os filhos dos trabalhadores e administradores. Havia um clube e uma piscina particulares na “Vila Americana;” os trabalhadores caboclos tinham uma piscina para eles. A “Vila Brasileira” possuía alfaiates, lojas, mercados e um açougue. O cheiro de pão assado exalava da padaria. Até a primeira sangria, programada para 1936, a serraria processou e exportou madeiras de lei da propriedade. Os jornais americanos a chamavam de “Cidade-milagre da Amazônia.”

00:15:06—NARRATOR - DAVID HILDNER

At first, it seemed Fordlândia would bring prosperity to the valley as advertised. Ford planned to run his empire by remote control. Everything was done by American standards, and Ford made the decisions from Dearborn, MI. However, Fordlândia was doomed before it began.

Inicialmente, parecia que a Fordlândia traria prosperidade ao vale conforme se alardeara. Ford planejava administrar seu império por controle remoto. Tudo era feito de acordo com os padrões americanos e Ford tomava as decisões em

Dearborn, Michigan. Contudo, a Fordlândia estava condenada antes de começar.

00:15:34—[ENTRY 18] Marcus Barros (Former IBAMA Director / Ex-diretor do IBAMA)

Olha, o Ford merece respeito pelo empreendedorismo dele, isso a gente tem que respeitar. Mas também não é à qualquer custo.

Look, Ford deserves respect for his entrepreneurship, this we have to respect. But this is not at any price

00:15:49—NARRATOR - DAVID HILDNER

Over three thousand Brazilians were hired to clear land, plant rubber seedlings, expand the physical plant, and run timber through the mill. In exchange for health care, housing, and wages; Ford expected his plantation workers to adjust to company-imposed routines.

Mais de 3 mil brasileiros foram contratados para limpar o terreno, plantar mudas de seringueira, expandir as instalações e processar a madeira na serraria. Em troca da assistência médica, moradia e salários, Ford esperava que os trabalhadores de sua plantação se ajustassem às rotinas impostas pela empresa.

00:16:08—[ENTRY 19] Joe Jackson (Writer / Escritor)

I think that his Achilles' heel was always that he could not empathize with the way people thought or lived, if they did so, in a way different than him. So, I think that was another huge failure on his part. That was a management failure on his part

Acho que o tendão de Aquiles sempre foi o fato de ele não conseguir identificar-se com a maneira das pessoas pensarem ou viverem, se elas fossem diferentes da dele. Acho que essa foi outra grande falha dele. Foi uma falha administrativa dele.

00:16:32—[ENTRY 20] Marcus Barros (Former IBAMA Director/Ex-diretor do IBAMA)

Chegar na Amazônia àquela altura e devastar para fazer um plantio extensivo de seringueiras quando a Ásia já se manifestava com sucesso no plantio do início do século passado, ele diz ali

“olha, é possível a gente derrubar a mata, queimar e plantar.”

To arrive in the Amazon at that time and devastate it to make an extensive plantation of rubber trees, when Asia had already shown success in planting at the beginning of the last century. He says “look, it is possible for us to tear down these woods, burn and then plant.”

00:16:57—[ENTRY 21] Greg Grandin (Historian/Historiador)

The seeds that generated the plantation rubber in South Asia and Southeast Asia came from Brazil, but you can take the seeds out and plant rubber outside, and the predators that the fungus, and the bugs, and the blight, which feed off of rubber aren't present, they're native to Brazil, so it's possible to have plantation, to basically grow rubber trees close to each other and not worry about the spread of diseases and blight. You can't do that in Brazil, because rubber is native to Brazil and so are the predators that feed off of rubber.

As sementes que geraram a plantação de borracha no Sul da Ásia e no Sudeste da Ásia vieram do Brasil, mas você pode pegar as sementes e plantar borracha no exterior, e os predadores, os fungos, os insetos, o mofo, que se alimentam da borracha, não estarão presentes, como as nativas no Brasil. Então é possível ter plantações, basicamente plantar seringueiras perto umas das outras sem se preocupar com o aparecimento de doenças e mofo. Você não pode fazer isso no Brasil, porque a borracha é nativa do Brasil, assim como são seus predadores.

00:17:34—NARRATOR - DAVID HILDNER

Ford made some serious judgmental and logistical errors, including the choice of terrain, and a lack of attention to both tropical nature, and the established culture of the Amazonian people.

Ford cometeu alguns erros logísticos e decisórios muito sérios, incluindo a escolha do terreno e a falta de atenção à natureza tropical, assim como à cultura arraigada dos habitantes da Amazônia.

00:17:47—[ENTRY 22] Joe Jackson (Writer / Escritor)

You know, when the jungle, before him, the individual rubber-tappers, they didn't grow trees, I mean, they would go to a place like this, you know, a swampy area like this, and they would wander through the forest and they would find rubber trees. They would basically work with the forest, whereas Henry Ford tried to control the forest, and that's where he failed.

Sabe, na selva, antes dele, os seringueiros não plantavam árvores, eles iam para um lugar como esse, uma area pantanosa como essa, e vagavam pela floresta até achar as seringueiras. Eles basicamente iam trabalhar com a floresta, ao passo que Henry Ford tentou controlar a floresta, e foi aí que ele falhou. Se você plantasse seringueiras de maneira que, depois de sete anos, as folhas começassem a se tocar, havia esse fungo que veio da floresta e matou todas as árvores. Ele não sabia disso, ninguém... havia pessoas em Santarém que sabiam disso e tentaram avisá-lo, mas ele não os escutou.

00:18:13—[ENTRY 23] Marcus Barros (Former IBAMA Director / Ex-Diretor do IBAMA)

Ainda bem que os fungos, da seringueira, são nossos amigos, diz um intérprete nosso daqui da Amazônia “o maior ecologista da Amazônia é o mosquito da malária,” é por isso que eles não vêm pela estrada, porque a malária é pesada, a malária destrói, a hepatite B destrói, então é preciso que a gente tenha um lado bem definido, mas o Ford disse “é possível, o futuro pode ser derrubar isso,” mas o futuro mostrou, *está aí*, Fordlândia, no zero.

Luckily the rubber tree fungi are our friends. An interpreter from the Amazon once said “The greatest ecologist of the Amazon jungle is the malaria mosquito,” and that’s why they didn’t come by the road, because malaria is heavy, malaria destroys, hepatitis B destroys. So, we need to have a clear picture of it. But Ford said “it is possible, the future is to tear this down,” but the future showed us, it’s over there, Fordlândia, abandoned.

00:18:51—KATE CAMPBELL “FORDLÂNDIA” SONG

/One day Henry Ford went down, built his very own new town, the only one for miles around in the middle of the Amazon,
A church, a school and a butcher shop. But they never got a single crop. The whole thing was a giant flop, from the day he thought it up, Fordlândia still standing there, In the jungle air, in the middle of nowhere. Some dreams die hard. Some notions are like the city of Fordlândia, like the city of Fordlândia /

00:19:56—NARRATOR - DAVID HILDNER

Capitalism is a good system for those who win, but totally unfair to those who lose, even if the losers are those who believe most in the system.

O capitalismo é um sistema bom para os que ganham, mas totalmente injusto para com os que perdem, mesmo sendo os perdedores os que mais acreditam no sistema.

In 1938, on a plateau closer to the city of Santarém called “beautiful land,” or Belterra, Ford sought to avoid the mistakes made in Fordlândia. Guided by the need to reduce costs, and increase profits, he failed once again to take into account the environmental, social and cultural diversity of the Amazon, and again applied a production system unfamiliar to the Amazon Caboclo.

Em 1938, sobre um planalto próximo à cidade de Santarém, chamado Belterra ou bela terra, Ford tentou evitar os erros cometidos em Fordlândia. Levado pela necessidade de reduzir custos e aumentar os lucros, ele errou mais uma vez ao não considerar a diversidade ambiental, social e cultural da Amazônia, e, novamente, aplicou um sistema familiar de produção ao caboclo amazônico.

A few years after the completion of Belterra, Ford did not see the hoped-for profits. He seriously considered giving up the rubber production project, and would have done so, if not for the outbreak of World War II in 1939, which brought a breath of fresh air to Ford's rubber plantations in the Amazon.

Alguns anos após a conclusão de Belterra, Ford não viu os lucros esperados. Ele considerou seriamente abandonar o projeto de produção de borracha e o teria feito se não fosse pela Segunda Guerra Mundial em 1939, que trouxe um alento aos seringais de Ford na Amazônia.

“Rubber soldiers” from the northeast of Brazil went throughout the jungle in search of latex. Some were sent to Belterra and Fordlândia in order to best utilize the latex production from Henry Ford’s plantations. But the invention of synthetic rubber using petrochemicals significantly reduced the cost of tire production and finally dealt the coup d’grâce to Henry Ford’s Amazonian odyssey.

Os “soldados da borracha” do nordeste do Brasil penetravam a floresta em busca do látex. Alguns foram enviados a Belterra e a Fordlândia a fim de se alcançar melhor proveito na produção de látex pelas plantações de Henry Ford. Mas a invenção da borracha sintética a partir de produtos petroquímicos reduziu significativamente o custo da produção de pneus e, por fim, deu o tiro de misericórdia na odisseia amazônica de Henry Ford.

00:21:29—[ENTRY 24] Lúcio Flávio Pinto (Jornalista / Journalist)

A borracha hoje ela é uma cocaína, para o bem e para o mal. A cocaína dá, para quem consome pouco, ou consome episodicamente, a sensação de poder, maravilha e tal, então todo mundo lamenta a Belle Époque da borracha, como se ela pudesse ter sobrevivido, mas por outro lado, a borracha anestesia a consciência, porque todas as vezes que a gente não quer enfrentar os problemas contemporâneos, a gente volta à borracha. O melhor prefeito foi da época da borracha, Antônio Lemos, o Teatro da Paz e o Teatro Amazonas só foram possíveis pela borracha. Nós estamos com dois ciclos que em termos de economia já geraram mais receita do que a borracha, que é o ciclo dos minérios e o ciclo da soja. Na época da borracha eram meia dúzia de barões da borracha que se beneficiavam, se você vai em todos os lugares que tem soja, os carrões que eles tem, as *casonas* que eles tem, tudo isso é o efeito suntuário de uma economia, que não vai significar nada, vai ficar tudo como hoje em Fordlândia, você não consegue nem conservar.

The rubber today is like cocaine, for good or for evil. For those who consume a little, or hardly ever consume, cocaine gives the sensation of power, wonder, etc. So, everybody regrets the *Belle Époque* of the rubber, as if it could have survived. But on the other hand, rubber numbs our awareness, because every time we don't want to face our current problems, we go back to rubber. The best mayor was the one at that time; Antonio Lemos. The Theater of Peace and the Amazonas Theater were only possible because of the rubber. We have two cycles, which, in economic terms, generated more revenue than the rubber cycle: the mining and soybean cycles. In the rubber era, there were half a dozen rubber barons that got rich. If you go to any of the places with soy today, the big cars that they have, the big houses they have, everything is the financial effect of an economy that won't mean anything in the future - it will all be like Fordlândia today, you won't be able to conserve it.

00:22:41—[ENTRY 25] Hélcio Amaral (Historian / Historiador)

Quando foi em 1910 que faliu a borracha por causa de que o Henry Wickham conseguiu levar e contrabandear as sementes para Inglaterra e de lá eles disseminaram nas plantações inglesas no sudeste asiático eles então faliram a Amazônia, foi um genocídio econômico, que durou muitos anos, a única coisa que tinha para fazer dinheiro na Amazônia, era o cacau, que ainda estava existindo nas várzeas. A Amazônia passou muita necessidade, aquela beleza que era Manaus, Belém do Pará, não tinham recurso nem para tratar daquelas belas construções que tinham lá, dos museus que tinham feito, dos teatros.

It was in 1910 that the rubber economy collapsed because Henry Wickham smuggled the seeds to England, and English plantations spread in Southeast Asia, breaking the Amazon economy. It

was an economic genocide that lasted many years. The only thing left in the Amazon to make money was cocoa, which still existed on the floodplains. The Amazon went through hard times, those beauties of Manaus and Belém didn't have money to maintain the beautiful constructions they had, the museums they'd made or the theaters.

00:23:34—[ENTRY 26] Carlos Correia (Writer and Poeta / Escritor and Poeta)

Eu fui entrevistar muitas pessoas, alguns que remanescentes do período, e tem neles um saudosismo, um ideal de que foi bom naquela época e não é mais, que para mim é o legado mais cruel que Fordlândia deixa, essa ilusão de que o sonho americano veio para cá, mas não ficou e espera-se a vida toda por esse sonho voltar.

I interviewed a lot of people, some of whom remain from that period. And they still have a nostalgic memory of it, an idea that it was good at the time, but isn't anymore. This is the cruelest legacy of Fordlândia, this illusion that the American dream came, but didn't stay, and they've been waiting their whole lives for it to return.

00:24:02—[ENTRY 27] Luis Magno Ribeiro (Fordlândia High School Principal/ Diretor Escola em Fordlândia)

Ficaram as casas, ficaram as coisas, mas as outras coisas não se aproveitaram. Porque são projetos que requer muito dinheiro e para a Amazônia os investimentos são muito poucos. Prova disso é que nos temos hoje várias empresas trabalhando, principalmente indústria madeireira que só leva, e da aquele emprego temporário, é um Ford da vida, e agora empresas como a Caiman explorando Gipsita e Calcário, que é uma cobrança intensiva, e a gente conscientizando nosso alunado que eles não estão deixando nada para nós, o que a Caiman está deixando? Qual o benefício? Simplesmente tem esses acordos políticos? O que eles tão deixando para a população... simplesmente um grande buraco? Só isso? Que vai ocasionar doenças como dengue, malária e outras coisas?

We still have the houses and some of the things, but the other things were of no use. These are projects that require a lot of money, and for the Amazon investments are very low. Proof of this is that today we have a lot of companies working here, mostly wood industries that only take away, giving that temporary job, just like Ford. And now companies like Caiman are exploring gypsum and limestone, which is intensive work, and we keep teaching our students that they're not leaving anything for us. What is Caiman leaving? What is the benefit? Only political agreements? What are they leaving for the population... just a big hole? Is that it, a big hole that will cause diseases like dengue, malaria and others?

00:24:56—[ENTRY 28] Joe Jackson (Writer / Escritor)

What Ford did in Fordlândia was very localized. I mean, it's big, but considering how big the Amazon is, it's small. I think more than any lasting environmental impact that it was the idea that you could mechanize the jungle or you could turn it into a money-producing machine. I think that was his lasting impact.

O que o Ford fez em Fordlândia foi muito localizado, quer dizer, embora grande, considerando as proporções da Amazônia, foi pequeno. Creio que mais que qualquer impacto ambiental remanescente foi a ideia de que se poderia mecanizar a floresta ou transformá-la em uma máquina de produzir dinheiro. Creio que esse foi o impacto duradouro.

00:25:23—[ENTRY 29] Carlos Correia (Writer and Poeta / Escritor and Poeta)

De alguma forma o pessoal da região ainda está olhando para lá para aquele passado, você imagina o que foi aquilo, aqueles ribeirinhos estava ali e de repente chega aquele poderio todo, *botando* abaixo a mata. Esse povo vê aquilo acontecer, luz elétrica, campo de golfe, sistema hidráulico, uma promessa de empregabilidade, mas aquilo tudo a partir do momento que não corresponde às expectativas do Ford, ele abandona aquilo com uma facilidade absurda. Com tudo que aconteceu, as pessoas ainda acham que foi bom e que o ideal era aquilo.

Somehow people here are still looking back to that past. You can imagine what that was, those riparians were there and suddenly all that mightiness arrived, tearing down the jungle. These people saw it happen, electricity, a golf course, hydraulic system, job promises. But all of that, as soon as it fails to meet Ford's expectations, he just abandons it all. With everything that happened, people still think that it was good, and that it was ideal.

00:26:01—[ENTRY 30] Father Edilberto Sena (Eco Warrior / Militante Ecológico)

Certamente que a chegada do Ford aqui foi um prenúncio, porque o Ford revelou, digamos assim, para o capital internacional, de que o inferno verde podia ser dominado.

For sure Ford's arrival here was an omen. Ford revealed, let's say, to the world, that the green hell could be tamed

00:26:12—[ENTRY 31] Greg Grandin (Historian / Historiador)

I was trying to avoid the easy identification of Ford, as the destroyer of the Amazon. Specially when you compare those nine horse-power tractors to, you know, the Mitsubishi's, and the things that are ripping up the Jungle today. I mean, Fordlândia really, was pastoral. Ford did have this vision of kind a nature and industry existing in harmony, and he also had a vision of, you know, it's very paternalistic, but, of industrial production that actually created wholesome sustaining communities. And at the same time, he's putting into place processes which make that wholesomeness impossible and unsustainable; which set up the relationship between production

and consumption, and drive wages down.

Eu estava tentando evitar a identificação de Ford como destruidor da Amazônia, especialmente quando se compara com aqueles tratores de nove cavalos de potência, sabe, os da Mitsubishi e as coisas que devastam a selva hoje. Quer dizer: Fordlândia era na verdade pastoril, Ford teve essa visão de natureza e indústria existindo em harmonia, e ele também teve uma visão muito paternalista, mas, de uma produção industrial que realmente criasse uma sustentabilidade nas comunidades e, ao mesmo tempo, pôs em ação processos que tornaram aquela grandiosidade impossível e insustentável, os quais estipularam a relação entre produção e consumo e diminuíram os salários

00:27:06—[ENTRY 32] Lúcio Flávio Pinto (Journalist / Jornalista)

Então nós não estamos vendo que o ciclo do minério, ciclo de todo o... indo desde o minério, até produtos semielaborados, que não pagam impostos por serem exportados, isso aí já tem mais de 30 anos, já gerou uma receita muito maior e já teve o efeito multiplicador fora incrível, que não volta para cá, aliás, volta, mas volta taxado e muito mais caro.

So, we're not seeing anything new with the mining cycle, from minerals to half-finished products, that don't pay exportation taxes. It's been going on for more than 30 years now. It's already generated much more revenue and had a massive multiplier effect abroad that doesn't come back here; actually, it does, but it comes back taxed and much more expensive

00:27:33—[ENTRY 33] Father Edilberto Sena (Eco Warrior / Militante Ecológico)

O modelo Ford ensina para nós que não se pode, quando se olha o planeta, que se olha a questão ambiental, não se pode tratar a Amazônia como se tratou o Mississipi, como se tratou outras áreas de exploração na Europa, secularmente, a Amazônia ela é um bioma sensível, então não se pode chegar aqui e derrubar a mata a vontade, isso fez o Ford, essa lição não foi aprendida, é repetida hoje pelo dendê, pelo eucalipto, e pela soja e isso cada vez mais a violência vai mexendo com o equilíbrio do planeta e atingindo as pessoas que aqui moram.

Ford's model teaches us that, when we look at the planet, when we look at the environment, you cannot treat the Amazon like you treated the Mississippi, like you treated other areas of exploitation in Europe. The Amazon is a fragile biome. So, you can't come here and tear down the woods any way you want. That is what Ford did. This lesson has not been learned, and is being repeated today by palm oil, by eucalyptus, and by the soy industries. And this aggression is interfering more and more in the balance of the planet, affecting all the people that live here.

00:28:16—[ENTRY 34] Luis Magno Ribeiro (Fordlândia High School Principal/ Diretor Escola em Fordlândia)

Às vezes as pessoas mais antigas, “Por que não tem peixe mais nessa situação?,” “Por que eu não encontro mais a caça X?,” “Por que eu não tenho mais árvores?,” Porque essa cultura do desmatamento, trazida de outras regiões, incentivadas por grandes projetos como projetos pecuaristas, levou com que hoje tivéssemos toda essa mudança climática, toda essa mudança de hábitos, e fez com que nossa Fordlândia hoje ficasse ainda naquela lenda, foi bom. Para quem? Quem gostou? O dono do projeto? Ou o Fordlandilandense? Quem é o Fordlandense afinal? O que significa para ele Fordlândia? Aí fica aquela incógnita, “Por que foi bom?,” para a empresa foi excelente, quando ele recuperou tudo, o patrimônio investido, todo o capital que ele investiu que ele recuperou, “isso aqui não serve mais para mim,” deixou “está aqui, fica,” ficou só aquele saudosismo. Foi bom, foi bom realmente, para ele, o que eu vou me aproveitar de um prédio desses? Que estrutura que eu tenho? Só tem uma estrutura histórica, estrutura turística, mas para o povo amazônico aqui, que nunca trabalhou em uma empresa, por que ele vai...?

Sometimes the elderly ask: “Why isn't there any more fish around?,” “Why can't I find animals to hunt?,” “Why don't we have more trees?” Because this culture of deforestation, brought from other regions, and encouraged by big projects, like cattle ranching projects, caused all this climate change we have today, all this change in habits, and made Fordlândia stay with that legend that it was good. For whom? Who liked it? The Project CEO? Or the Fordlândia residents? Who are they anyway? What does Fordlândia mean to them? And the question remains “For who was it good? Only nostalgia remained. It was good indeed, for him. What am I going to gain from a building like this? What structure do I have? There's only a historical structure, a tourist structure, but for the Amazon people here, who never worked in a company, what are they going to do...?”

00:29:25—NARRATION - DAVID HILDNER

As a German Journalist who visited Fordlândia once said: “Henry Ford has never yet seen one of his big plans fail, and If this one succeeds, if the machine, the tractor, can open a breach in the great green wall of the Amazon jungle, if Ford plants millions of rubber plants where there used to be nothing but jungle solitude; then the romantic history of rubber will have a great new chapter. A new and titanic fight between nature and modern man is beginning.”

Como um jornalista alemão que visitou Fordlândia uma vez disse: Henry Ford jamais havia experimentado um fracasso em seus negócios. Se Fordlândia desse certo, se a máquina, o trator, tivesse aberto uma brecha na grande barreira verde da floresta amazônica, se as plantações de milhões de seringueiras de Ford tivessem desalojado a solidão primitiva da selva, então, a história romântica da borracha teria um novo capítulo. Começava uma luta titânica entre a natureza e o homem moderno...

00:29:57—VIDEO NARRATION

/among the present day pioneers of the Amazon who are lighting the way for others to follow is Henry Ford/

/Henry Ford está entre os atuais pioneiros da Amazônia, que abrem o caminho para serem seguidos por outros/

00:30:05—NARRATION DAVID HILDNER

According to David L. Lewis, Henry Ford had grand plans for soy. In 1929, he established a laboratory in Dearborn, Michigan, to conduct research into the ways different plants might serve industrial uses, and in 1931 decided to focus his efforts on soy. By 1933, he had spent \$1.2 million, and Fortune magazine reported “he is as much interested in the soya bean as he is in the V8.”

Segundo David L. Lewis, Henry Ford tinha planos grandiosos para a soja. Em 1929, ele estabeleceu um laboratório em Dearborn, Michigan, para realizar pesquisas sobre como diversas plantas poderiam servir para fins industriais. Em 1931, ele decidiu concentrar esforços na soja. Até 1933, ele havia gastado 1,2 milhão de dólares e a revista Fortune disse que “ele tem tanto interesse na soja quanto no V8.”

00:30:37—VIDEO NARRATION

/one of the most interesting of these harvests, because it shows the trend, is soy. For every million cars produced, six hundred thousand bushels are used annually for the manufacture of enamels, and for plastics, electrical parts and similar parts/

Uma das mais interessantes dessas colheitas, porque mostra a tendência, é a soja. Para cada milhão de carros produzidos e seiscentos mil bushels são utilizadas anualmente para a fabricação de esmaltes e plásticos, peças elétricas e semelhantes /

00:30:53—NARRATION - DAVID HILDNER

Ford believed that soy plastics would be the material of the future, for car bodies, window frames, steering wheels, gearshift knobs, bathtubs, sinks, and

refrigerators. Although he never succeeded in mass-producing his “Soymobile,” Ford did create a solid prototype...

Ford cria que o plástico produzido com soja seria o material do futuro para carrocerias de automóveis, armações de janelas, volantes de direção, botões de mudança de marcha, pias e geladeiras. Embora nunca tenha conseguido produzir em massa seu “sojamóvel,” Ford, criou um protótipo de verdade...

00:31:16— VIDEO NARRATION

At his exposition, an industrialized barn shows how soybean grown on the farm may be processed for industrial purposes. An extensive display of early traction engines stands in front of the Ford barn. The barn contains machinery which converts soybeans into pumps in Ford’s car. Mr. Ford has long predicted a closer and mutually profitable union between farm and industry. This Ford part was made from soybeans processed in the industrialized barn.

Nessa exposição, um celeiro industrializado mostra como a soja produzida na fazenda pode ser processada com propósitos industriais. Há uma vasta exposição de máquinas de tração diante do celeiro da Ford. O celeiro contém máquinas que convertem os grãos de soja em bombas dos carros da Ford. O Sr. Ford previa a muito tempo uma união vantajosa entre a fazenda e a indústria. Essa peça da Ford era feita de grãos de soja processados no celeiro industrializado.

00:32:01—NARRATION - DAVID HILDNER

Today, a new picture is being painted using the same palette of destruction employed by the Ford Company in 1927. A point in favor of devastation has been scored in the battle between nature and culture, this time due to the soybean industry. This endeavor led by Cargill—the largest privately held corporation in the United States—follows the same path of devastation left by Ford.

Hoje, um novo quadro está sendo pintado, usando-se a mesma paleta de destruição empregada pela empresa Ford em 1927.

Um outro ponto a favor da devastação na batalha entre a natureza e cultura, está sendo marcado desta vez pela indústria da soja. Esse empreendimento capitaneado pela Cargill (a maior empresa privada dos Estados Unidos) segue os mesmos passos de devastação deixados pela Ford.

00:32:32—[ENTRY 35] Lúcio Flávio Pinto (Jornalista / Journalist)

O modelo Fordlândia está em aplicação, e o modelo da soja é novo. E quem inventou isso? É quem inventou a pólvora. Quando a pólvora foi inventada, ninguém pensava no uso bélico dela, mas uma vez inventada, o uso bélico se tornou impossível de ser evitado. Quando a Embrapa fez pesquisa com sementes de soja para clima úmido, ela inventou a pólvora, aí ninguém mais controla.

The soy model is a repetition of the Fordlândia model. Who invented it? It's like who invented gunpowder. When gunpowder was invented no one thought of its aggressive use; but once invented, its aggressive use became impossible to avoid. When the Brazilian Agriculture Research Corporation researched soybean seeds to be planted in humid climate, they invented gunpowder. After this nobody can control it anymore

00:33:15—NARRATION - DAVID HILDNER

Over a century ago, the Prussian naturalist Alexander von Humboldt, predicted that the Amazon was destined to become the “world’s granary.” Ironically, ninety years after Ford’s arrival in the Amazon, this prophecy once again found fertile ground in the mind of agrobusiness investors, and involves a multifaceted denial of the biodiversity of the Amazon region; an approach to ecology and economy that will rewrite the history of the rainforest, its people and its culture for decades to come...

Há mais de um século, o naturalista prussiano Alexander von Humboldt profetizou que a Amazônia estava destinada a se tornar o “celeiro do mundo.” Ironicamente, noventa anos depois da chegada da Ford ao Amazonas, essa profecia encontrou mais uma vez terreno fértil na mente dos investidores do agronegócio e provoca uma negação multifacetada da biodiversidade da região amazônica, uma abordagem da ecologia e da economia que reescreverá a história da floresta amazônica, dos seus habitantes e da sua cultura nas próximas décadas...

00:33:55—NARRATION - DAVID HILDNER

During the 2016-2017 harvest, Brazil exported 63.5 million tons of soybeans, ranking it first in the world followed by the United States, which exported 58.5

million tons. Brazil ranks first, but its success has been at the expense of the Amazon rainforest. While U.S. producers have run out of land, Brazil has millions of acres of Amazon jungle that still could be cleared.

Durante a colheita de 2016/2017, o Brasil exportou 63,5 milhões de toneladas de grãos de soja, sendo o maior exportador do mundo, seguido pelos Estados Unidos, que exportaram 58,5 milhões de toneladas. Brasil ocupa o primeiro lugar, mas o seu sucesso tem sido às custas da floresta amazônica. Enquanto os produtores dos Estados Unidos estão esgotando suas terras, o Brasil tem milhões de acres de selva amazônica que ainda podem ser desmatados.

00:34:24—[ENTRY 36] Father Edilberto Sena (Eco Warrior / Militante Ecológico)

Quando aconteceu o boom do preço da soja no mercado internacional, aí a expansão da soja veio subindo do sul para o norte, veio Rio Grande do Sul, Paraná, aí entrou no serrado de Goiás, Mato Grosso, e aí, já no início desse vender e faturar. O extrativismo da monocultura.

When soybean prices boomed in the international market, the expansion of soy spread from the Southern to Northern Brazil. It came from Rio Grande do Sul, Paraná, then entered Goiás, Mato Grosso; and at the beginning of this century, they needed to enter into the Amazon, because Brazil needed to sell and make money. This is monoculture extractivism.

00:34:24—[ENTRY 37] Romualdo Rech (Soybean Producer / Produtor de Soja)

Marcos Colón --- O senhor acha que esse desflorestamento é legal isso, é normal?

MC --- Do you think this deforestation is OK, that it's normal?

Romualdo Rech --- A soja?

RR --- The soy?

MC --- Você destruir a floresta para plantar soja, o senhor acha que isso é legal?

MC --- You destroy the forest to plant soy, do you think it's OK?

RR --- Deve de ser feito, tem que ter, atrás da soja, depois da soja vem o milho, vem muito feijão e outras coisas para ser plantado, então ninguém assuma isso, que é só soja, soja é dinheiro garantido, e vai circular *here*, vai pra fora, mas vai circular *here*.

RR --- It must be done, has to be done. After the soybeans, after the soybeans comes the corn, a lot of beans, and other things to be planted. So, nobody takes responsibility, that it's only soybeans. Soybeans are money guaranteed, and it will circulate here, the beans will go abroad, but the money will circulate here.

00:35:19—[ENTRY 38] Raimunda Souza (Belterra Rural Works Union /Sind. Rurais em Belterra)

MC—Que benefícios a soja trouxe? Se é que trouxe algum

MC—What benefits has soy brought? If it brought any.

— É por que, fico até com dificuldade de dizer os benefícios que ela trouxe.

It's just that... I have difficulty saying the benefits it has brought.

00:35:33—[ENTRY 39] Father Edilberto Sena (Eco Warrior / Militante Ecológico)

Esse porto da Cargill é uma vergonha para nós, é uma vergonha, símbolo de como nós somos submissos, até 2013 eles depositaram no cofre do município de Santarém, um milhão de reais, em 10 anos. Quando eu fiz a conta, um milhão impressiona, “um milhão de reais?!” mas divide por 10 anos, dá 100 mil por ano. Divide 100 mil por ano, por 12 meses e dá em torno de oito mil reais por mês. Esse foi o preço que Santarém tem pago até hoje para que uma empresa multinacional simplesmente escoe sua produção.

O estado do Pará incluído a soja, o ferro, todos os produtos primários que exporta e não paga imposto de exportação, segundo o próprio governador, deixou de arrecadar em torno de 30 bilhões de reais nesses anos, desde 1996 até hoje, quando começou a Lei Kandir.

This Cargill port is a shame for us. A shame, a symbol of our submission. Until 2013 they paid one million reais into the city's coffers, over ten years. When I made the calculations, one million reais is shocking, “one million reais?!” But divide it by ten years, you have a hundred thousand per year. Divide a hundred thousand per year, by twelve months, you have around eight thousand reais per month. That's the price Santarém has been paid until today for a multinational company to drain its production.

Pará state, including soy, iron, all the primary products that are exported but don't pay exportation taxes, according to the governor himself, they could have collected around 30 billion reais in these years, since 1996 when the Kandir law began.

00:36:32—[ENTRY 40] Jeso Carneiro (Jornalista / Journalist)

A a soja não paga imposto de importação, é livre, a Lei Kandir, a lei brasileira Kandir impossibilita, não permite que se faça uma taxaço de imposto sobre isso. O que a gente ganha? Absolutamente nada! Uma migalha apenas, uma ou duas pessoas que se aproveitam disso, e os grandes agroindustriais, e as pessoas que trabalham diretamente. Quantos empregos uma fazenda de soja de três mil hectares oferece?

The soy doesn't pay exportation taxes. It's free. The Kandir Law, Brazilian Kandir Law, doesn't allow tax on it. What do we gain from this? Absolutely nothing! Just a crumb, one or two people who gain from this, the big agrocompanies, and the people who work with it directly. How many jobs does a three thousand hectares soybean farm generate?

00:37:05 [ENTRY 41] Raimunda Souza (Belterra Rural Works Union /Sind. Rurais em Belterra)

O que fica aqui para o município, pra desenvolver uma política pública? Para vim trabalhar a agricultura familiar inclusive a questão de não trazer um benefício assim na questão de desenvolver o município, para desenvolver políticas públicas dentro do município.

What remains here for the city? To develop public policy in order to come to work on family farming? In addition, there is the question of not making a profit from developing the city, or developing public policies within the municipality.

00:37:27—[ENTRY 42] Barbara Weistein (Historian / Historiadora)

The point I particularly wanted to make is that the rubber boom, unlike more recent developments, didn't massively separate people from the means of production. And I think what has happened more recently is that people have been massively separated from the means of production. Not only do they no longer have access to it, but the people who now have access to it are using it in ways that are completely unengaged with the need to protect the rainforest, and to protect the region. So, I think it's both a loss to the people who have been the traditional inhabitants of the Amazon, and the new caretakers of the Amazon are in fact generally interested in making fast profits rather than any kind of sustainable development.

O que eu queria falar especificamente é que o *boom* da borracha, diferentemente dos desenvolvimentos mais recentes, não separou massivamente as pessoas dos meios de produção. E acho que o que aconteceu mais recentemente é que as pessoas foram massivamente separadas dos meios de produção. Elas não têm mais acesso a eles e as pessoas que agora têm acesso aos meios de produção estão agindo de maneira totalmente descomprometidas com a necessidade de se proteger a floresta tropical e de proteger a região. Por isso, acho que é uma perda para os habitantes tradicionais da Amazônia, assim como os novos cuidadores da Amazônia estão, em geral, mais interessados em obter lucros rápidos do que no desenvolvimento sustentável.

00:38:13—[ENTRY 43] Marcus Barros (Former IBAMA director / Ex-diretor do IBAMA)

Então esses ciclos, eu gosto muito dessa ideia de desenvolvimento a partir desses ciclos e da análise, eu quero dizer, destrutiva desses que a gente deve ter desses ciclos, porque desculpa o que eu vou dizer agora, mas eles são coitados interruptos. Eles estimulam e desaparecem, e deixam toda a miséria atrás. A borracha, nem a segunda guerra mundial nos ajudou, nem o Ford nos ajudou, quando a soja sair, eu tenho o maior pavor e medo, se a gente olhar só para a soja, e não olhar para a ciência produtora do saber e aí a gente tem que se precaver.

So these cycles, I enjoy the idea of development of these cycles and the analysis, I mean, the destructive analysis we have of these cycles because, sorry for what I'm about to say but, they

are coitus interruptus. They stimulate, and then disappear, leaving all the misery behind. The rubber, not even World War II helped us, not even Ford helped us. When the soy leaves, I'm really afraid, if we look only to soy, and don't look at the science of knowledge. We have to prepare ourselves.

00:39:01—[ENTRY 44] Jesus Paes Loureiro (Poet and Researcher of the Amazonia Culture / Poeta e pesquisador da Cultura Amazônica)

É um deserto plantado, a soja, e o plantio desse deserto é que vai gerar a devastação crescente que provém de alguns anos de uso da terra, que a soja provoca, então isso que eu chamo de deserto plantado é um paradoxo, trágico, um paradoxo trágico, porque não é uma coisa mais experimental, é algo que vem precedido por uma tecnologia, e por um capital muito vasto e por uma produção de uma ideologia e uma produção do imaginário brasileiro através da imprensa de que é uma coisa maravilhosa, de que é uma grande salvação nacional, de que ser o maior produtor do mundo, ou se puder ser o maior produtor do mundo isso é uma glória nacional diante de tantas coisas ruins que acontecem na questão de devastação de terra, pelos incêndios, inundações aqui e *acolá*, as questões políticas e econômicas. Então diante de todas essas crises, a soja seria uma espécie de... herói libertador, heroína libertadora de tudo isso.

It's a planted desert, soy. And the plantation of this desert is what will generate the growing devastation that comes from a few years of using the earth, which soybeans provoke. So, this that I call planted desert is a tragic paradox. Because it's not something more experimental, it's something that comes preceded by technology, and by vast amounts of capital, and by the production of an ideology and the production of the Brazilian imagination; through the press, that its a marvelous thing, that it's the great national salvation, being the biggest producer in the world. Or, if we could be the biggest producer in the world this is a national glory before all the terrible things that happen on the issue of devastation of the earth; through the fires, the floods here and there, the political and economic issues. So given all these crises, soy would be a kind of ... liberating hero, a heroine from all of this.

00:40:22—[ENTRY 45] Romoaldo Reich (Soybean Producer / Productor de Soja)

Romoaldo Reich—Eu te falo uma coisa curta e grossa, aqui precisava ter mais dois porto da Cargill, devia ter três, não um

RR --- I'll tell you something short and to the point, here needed to have two more the size of Cargill, there should be three, not one.

Marcos Colón - e qual benefício dele?

MC—And what's the benefit?

RR - Aí tu vai ter uma fábrica de óleo, aqui, aqui vai ter, frigorífico de tudo que é tipo, exportação, planta, mais venda. Uma andorinha só não faz verão não.

RR—Then you'd see an oil factory here. Here we'd have cold-storage industry, exportation, plants, more sales. One swallow does not a summer make.

00:40:54—[ENTRY 46] Lúcio Flávio Pinto - Jornalista/ Journalist

O pensamento da elite nacional sobre a Amazônia, que não é da Amazônia, que é sobre a Amazônia, é um pensamento que vem de fora para dentro e se impõe porque ele é mais organizado, porque ele é mais sofisticado, e porque que ele tem o poder político mesmo. Esse pensamento é que a Amazônia é uma fonte de cobiça estrangeira permanente. O estrangeiro é o principal inimigo da Amazônia. Para mim não, é o nacional. Os estrangeiros estão fazendo o que eles querem, mas o que eles querem é enclaves. Eles querem enclave da mineração, enclave da metalurgia, enclave da energia, que é o principal. Mas os brasileiros querem derrubar, a cultura brasileira é a cultura do desmatamento, se deixasse, o Brasil ia perder a madeira que deu nome ao país.

The idea the national elite have of the Amazon, an idea that is not from the Amazon but about the Amazon, is an idea that comes from outside, and is imposed because it's more organized, because it's more sophisticated, and because they have the political power. The idea is that the Amazon is permanently coveted abroad. Where the foreigners are the worst enemy of the Amazon. In my opinion it's not that. The problem is the local people. The foreigners are doing what they want, but they want enclaves, enclaves of mining, metallurgy, and mostly energy. But the Brazilians want to tear it down, they have the culture of deforestation. If we were allowed, Brazil would lose the wood that gave the country its name.

00:41:51—NARRATION - DAVID HILDNER

Starting in July 2006, and renewed indefinitely in May 2017, the Brazilian Soy Moratorium, the first voluntary zero-deforestation agreement in the tropics, agreed not to purchase soy grown on lands deforested in the Brazilian Amazon. A partir de julho de 2006 e renovado por prazo indefinido em maio de 2017, a Moratória da Soja, primeiro acordo brasileiro voluntário de desflorestamento zero nos trópicos, concordou em não comprar soja produzida nas terras desflorestadas da Amazônia brasileira.

However, soybean fields have expanded by one million hectares in the past decades in the Amazon biome, and direct conversion of forests to soy production have contributed to record rates of deforestation. Não obstante, os campos de soja expandiram-se em um milhão de hectares nas décadas passadas no bioma amazônico, e a conversão direta de florestas para a produção de soja contribuiu para taxas recordes de desflorestamento.

The property registration mechanisms required by the Brazilian Forest Code were not sufficient to prevent the advancement of soybean cultivation in the region. In the following years the record rates of deforestation achieved the worst levels in decades, proving that property registration alone does not safeguard forests.

O mecanismo de registro de propriedade exigido pelo Código Florestal não foi suficiente para evitar o avanço do cultivo de soja nessa área. Nos anos seguintes, as taxas recorde de desflorestamento alcançou os piores níveis em décadas, o que prova que o registro de propriedade sozinho não protege as florestas.

00:42:54—[ENTRY 47] Marcus Barros (Former IBAMA director / Ex-diretor do IBAMA)

Uma coisa é os funcionários do Ford serrando um tronco, hoje não existe mais isso. Amarram uma corrente em dois D8, e destrói áreas imensas. Pronto. E tem um poder de destruição muito maior, muito maior. A tecnologia serve para isso também, para destruir. O Brasil vai virar um buraco. Você conhece Carajás lá? olha, é chocante Carajás. O homem é deste tamaninho lá. A gente olha de determinado espaço, o homem é pequenininho, a gente quase não vê o homem no espaço que eles produziram. Violento, muito violento.

One thing is to have Ford's employees sawing a trunk, this doesn't exist anymore. Now, they attach a chain to two D8 tractors, and destroy enormous areas. Done. The power of destruction is a lot bigger. Technology is used for this too, to destroy. Brasil is becoming a big hole. Do you know about the Carajás mine? Look, Carajás is shocking. A man is this little size there. We look from a certain place, the man is this small, we barely see the man in the space they made. Violent, very violent.

00:43:43—[ENTRY 48] Lúcio Flávio Pinto (Jornalista/ Journalist)

Carajás está começando pela primeira vez na mineração de ferro que é a mais antiga mineração do homem, com um empreendimento tecnologicamente inovador, não usa-se mais caminhão. Por que se passou dos grandes caminhões de até 400 toneladas para esteiras? Não é um avanço tecnológico simplesmente pela ciência e tecnologia, é para incrementar a produção, para que o minério saia mais rapidamente, porque a sociedade não tem consciência do crime que isso representa, exaurir em 40 anos a mais rica jazida de minério de ferro do planeta. Então quanto mais rápido, por isso o trem é o maior trem de carga do mundo, sem precisar usar caminhão, esteira, diretamente para a classificação, diretamente para o peneiramento, diretamente para o trem, diretamente para o navio, quanto mais rápido, menos possibilidade há de resistência

nacional, então o estrangeiro, ele não é bondoso, ele não está aqui pelo benefício da população, mas ele não é tão nocivo quanto o nacional.

Carajás is starting iron mining for the first time. This is the oldest mining exploration by man, with a technologically innovative enterprise. They don't use trucks anymore. Why, instead of using 400 ton trucks did they start using conveyer belts? It is not a technological advance simply by science and technology; it is to increase production so that the minerals are transported faster. Society is not aware of the crime it represents, to exhaust the richest deposit of iron ore on the planet in just 40 years. So, the faster, the better. That's why the train is the largest freight train in the world. Without the need to use trucks, conveyer belts, directly to classification and sorting, transport directly to the train, directly to the ship. The faster it is, the lower the possibility of national resistance. So, the foreigner, he is not kind-hearted, he is not here for the benefit of the population, but he is not as harmful as the national.

00:44:50—[ENTRY 49] Romoaldo Reich (Soybean Producer / Produtor de Soja)

O senhor pegar um avião o que o senhor vai ver: só mato, só mato, só ver mato, mato não tem nada.

If you get on a plane, what are you going to see? Just jungle, just jungle; you only see jungle, there's nothing but useless jungle.

00:45:05—[ENTRY 50] Barbara Weinstein (Historian / Historiadora)

There are still lots of people who look at the Amazon and think—Oooh.. the Brazilians don't know how to get the most out of it. Or people from other parts of Brazil, not just foreigners, but lets say Paulistas, people from São Paulo, who look at the the Amazon, and say, oooh those locals don't know how to make a living out of the Amazon. We know how to make money out of this region. And what I think we've seen is that one effort after another to make big money out of the Amazon has run up against various problems and sometimes turned out to be mildly disastrous. So, I think there are lessons to be learned, but the question is whether anybody has learned them.

Ainda há muita gente que vê a Amazônia e pensa: Oh, os brasileiros não sabem como tirar proveito disso. Ou as pessoas de outras partes do Brasil, e não apenas os estrangeiros, digamos, os paulistas, pessoas de São Paulo, olham para a Amazônia e dizem: Oh, habitantes locais não sabem como ganhar a vida com a Amazônia. Nós sabemos como ganhar dinheiro nessa região. E o que acho que vimos é que com empreendimentos sucessivos visando ganhar muito dinheiro com a Amazônia têm encontrado vários problemas e, às vezes, se tornado um pouco desastrosos. Acho que há lições a serem aprendidas, mas a questão é se alguém as aprendeu.

00:45:43—[ENTRY 51] Greg Grandin (Historian / Historiador)

Well, I don't know if anything has been learned from it. I mean, people still talk about the Amazon in those terms, right? That's still the story that they like to tell, but the reality is that the terms have been flipped, right? It's not man's will now that seems vulnerable, and small, and defeated in the face of the enormity of the Amazon, it's the exact opposite, right? It's the Amazon that seems fragile and about to disappear. That story... even though people like to continue... people will still like to go watch Fitzcarraldo, and they will still like to read these stories about, you know, Colonel Fawcett sitting in the Amazon getting lost or, you know, the Amazon driving people crazy and defeating men's will. It's really quite the opposite, the Amazon is disappearing in the face of... in the face of... and you go back to Fordlândia. I mean these were just nine horse-power tractors that were rolling around in the mud trying to create a plantation. Now you have these tractors that are, you know, five hundred, six hundred, seven hundred horse-power they're just ripping up. They're not being defeated by the Amazon, it's quite the opposite.

Bem, eu não sei se alguma coisa foi aprendida com isso, quero dizer, as pessoas ainda falam sobre a Amazônia nesses termos, certo? Ainda é a história que eles gostam de contar, mas a realidade é que as condições mudaram, certo? Agora, não é a vontade dos homens que parece vulnerável, pequena e derrotada diante da enormidade da Amazônia; é exatamente o contrário, certo? É a Amazônia que parece frágil e prestes a desaparecer. Essa história... mesmo que as pessoas gostem de continuar... as pessoas ainda assistem Fitzcarraldo, e ainda gostariam de ler essas histórias sobre o coronel Fawcett se perdendo na Amazônia ou, a Amazônia levando pessoas à loucura e derrotando a vontade dos homens. É basicamente o contrário, a Amazônia é quem está desaparecendo por conta de... por conta de... se você voltar para Fordlândia, quero dizer, eram apenas tratores de nove cavalos de potência que estavam rodando na lama tentando criar uma plantação. Agora você tem esses tratores que são, sabe, quinhentos, seiscentos e setecentos cavalos de potência, eles estão derrubando, eles não estão sendo derrotados pela Amazônia, é exatamente o oposto

00:46:53—[ENTRY 52] Marcus Barros (Former IBAMA director / Ex-Diretor do IBAMA)

É difícil desestimular o Brasil quando o Brasil é o maior produtor e vence dos Estados Unidos, com toda a tecnologia. O plantio extensivo vence o dos Estados Unidos, e vence para exportação para a China, por exemplo, para porco comer soja, e o que ele faz? Eles não se contentam em ficar ali, na fronteira agrícola. O Ford já disse, olha o futuro, ele queria que o futuro fosse ali mesmo, mas as pragas da seringueira, não cabiam, a umidade relativa do ar, não contavam nas variáveis do Ford, e ele se frustrou como todo mundo conhece, a soja não, hoje com as pesquisas agropecuárias, por exemplo, da Embrapa, da ciência como um todo, nos fomos para a cabeça da produção, e aí a ganância do capital nunca vai ser o suficiente de parar no sul do Pará, e no norte do Mato Grosso. Há que derrubar a floresta, e a gente tem que fazer como a Pasionaria fez ao

resistir à Franco né, segurar as mão e dizer “¡No pasarán!” não tem outra alternativa, tem que ser com emoção, com amor de defesa, com toda a ciência. A ciência que nos fortalece, mas tem que haver cada vez mais mobilização, para dizer que a soja, a soja que se exporta para os porcos da China, não são a nossa libertação.

It is difficult to discourage Brazil when Brazil is the largest producer and beats the United States, with all their technology. The extensive acreage beats that of the United States, and beats it in exportation to China, for example, for pigs to eat soy. Then, what do they do? They are not satisfied to stay there, on the agricultural frontier. Ford used to say to look to the future. He wanted the future to be right there and then. But the rubber tree plagues and relative humidity weren't in Ford's plans, and he got frustrated, as everyone knows. The soy industry isn't like that. Today, with agricultural research, by Embrapa, for example, and science in general, we went to the head of production, but the greed for the capital means that it will never be enough to stop in South Pará, and in North Mato Grosso. They will knock down the forest, and we have to do as *La Pasionaria* did by resisting Franco, holding hands and saying “¡No pasarán!” there's no other way; it has to be done with emotion, with love of defense, with science. Science strengthens us, but there has to be more and more mobilization, to say that the soy, the soy exported to the pigs of China, is not our solution.

00:48:43—[ENTRY 53] Jesus Paes Loureiro (Poet and Researcher of the Amazonia Culture / Poeta e pesquisador da Cultura Amazônica)

Então essa produção do imaginário, por via da imprensa, da propaganda que agora se intensifica em benefício da soja, falando do que ela contribui o que ela representa, do que ela traz de dividendos e tudo mais, é impressionante. E ao mesmo tempo você está testemunhando uma das coisas mais impressionantes diante de tudo isso, que é a invasão da soja na Amazônia, ela tem sido mantida à sombra dos noticiários, tem sido mantida no silêncio de qualquer tipo de contestação ou de revelação sequer, quer dizer, não se tem uma ideia fotográfica, de reportagens de programas que mostrem essa entrada da soja, que ela é o avesso da vocação amazônica para o mundo. Na hora que ela desertifica, digamos, exterminando com a floresta e sua diversidade, na hora que ela interfere no regime das chuvas, na hora que ela interfere no assassinato dos rios, a soja não é apenas um cultivo de seringueiras como era feito da primeira vez, a soja é uma espécie de morte anunciada de uma região e uma, é uma revirada pelo seu avesso, mas pelo seu avesso negativo, porque você sai de um clima temperado para um clima que acentua o calor e a secura, você sai de uma região exemplar e mítica de floresta do mundo para a preparação de um deserto, o plantio de um deserto, a plantação de um deserto.

So, this product of the imagination, through the press, the propaganda that is being intensified to benefit soy is impressive. The soybean invasion of the Amazon, it has been kept in the shadows of the news, has been kept silent from any type of countercharge or disclosure. This soybean

invasion, that it is averse to the Amazonian ideal for the world. Because soy, when desertification comes, we say, exterminating the forest and its diversity. When it interferes in the rains, when it causes the assassination of the rivers, soy is not only a cultivation like the rubber plantations in the beginning, the soybean is a species of impending death to a region, and a turning inside out to the negative side. Because you leave an exemplary and mythical area of forest for the world, for the preparation of a desert, the planting of a desert.

00:50:25—[ENTRY 54] Lúcio Flávio Pinto (Jornalista / Journalist)

A Amazônia é incompatível com o capitalismo, exceto se a atividade produtiva for extremamente concentrada em termos espaciais. Quando o Euclides passou pela Amazônia 100 anos atrás, ele, na volta, depois de ter passado pelo rio Purus, Acre, pelos grandes tributários da margem direita do Amazonas ele voltou com uma frase que é lapidar, “A Amazônia é a página do gênesis que Deus não escreveu, deixou para o homem escrever,” essa deveria ser uma frase tão forte na Amazônia quanto “O Egito é um produto do Nilo,” então a sociedade brasileira não devia permitir que qualquer iniciativa, qualquer ofensiva sobre essa reserva biológica fosse feita na escala capitalista. Não quer dizer que somos contra o capitalismo, quer dizer que a escala industrial, a escala de produção em série, a escala para tornar rentável economicamente, ela agride a Amazônia. Então você vê que em meio século o homem destruiu mais florestas na Amazônia do que em qualquer outra região do planeta em todos os tempos. E a floresta é o bem do patrimônio da Amazônia mais nobre, mais importante, tanto pela sua forma mais rudimentar de manifestação econômica que é a madeira sólida, quanto pelo processo biológico. E o processo biológico é uma coisa que as pessoas não têm condições de perceber, e o Ford não percebeu, mas esse processo biológico, como o Euclides disse “É a página do gênesis ainda sendo escrita,” e ela está sendo escrita com garranchos, então não é uma página do gênesis, é uma destruição da última página do gênesis.

The Amazon is incompatible with capitalism, unless productive activity is extremely concentrated in spatial terms. When Euclides passed through the Amazon 100 years ago, on his return, after passing through the Purus River, Acre, by the great tributaries on the right bank of the Amazon, he returned with a sentence that is to be etched in stone, “The Amazon is the page of Genesis that God did not write, he left it for man to write.” In the Amazon this sentence should be as strong as “Egypt is a product of the Nile.” So, Brazilian society should not allow any initiative, any offensive against this biological reserve to be made on a capitalistic scale. This doesn’t mean that we are against capitalism, this means that the industrial scale, the scale of mass production, the scale to make it economically profitable, it hurts the Amazon. So, you see that in half a century man has destroyed more forests in the Amazon than in any other region of the planet throughout history. And the forest is the most noble asset in the Amazon’s heritage, both for its most rudimentary form of economic manifestation that is solid wood, and for the

biological process. And the biological process is something that people cannot perceive, and Ford did not notice. This biological process, as Euclides said "Is the page of Genesis still being written," but it's being written in scribble. So, it's not a page of Genesis, it's a destruction of the last page of Genesis.

00:52:27—NARRATION - DAVID HILDNER

The fact that the Amazon jungle survived Fordism, and other cycles of exploitation should not lead to complacency. In fact, the great question that soy production poses is whether man or the rainforest will survive...

O fato de a selva amazônica ter sobrevivido ao fordismo e outros ciclos de exploração não deve levar à complacência; na verdade, a grande questão que a produção de soja coloca é se o homem ou a floresta vai sobreviver ...

00:52:42—[ENTRY 55] Erik Jennings (Neurosurgeon and Pilot / Neurocirurgião and piloto)

Quando você começa a derrubar muito a floresta, que veio de início você tem aumento nos casos de leishmaniose, aumento nos casos de malária, acidentes com arvores, etc. Nesses modelos todos equivocados, que a monocultura é o principal delas, quem sofre mais é o homem,

When you start to tearing down the forest, what comes first is an increase in cases of leishmaniasis, in malaria cases, accidents with trees, etc. In these models, which are all wrong, monoculture being the most common, the people are the ones who suffer the most.

00:53:17—[ENTRY 56] Father Edilberto Sena (Eco warrior / Militante Ecológico)

O estado do Pará é o 4º maior produtor de produtos primários, que é o minério, carne, e agronegócio, que é soja. No entanto, ele é o 16º no IDH, no índice de desenvolvimento humano, significa que na Amazônia a riqueza sai, e a miséria continua no meio do povo. Poucas pessoas melhoram de vida aqui.

The state of Pará is the 4th biggest producer of raw materials, which are minerals, meat, and agrobusiness, which is soy. However, it's 16th on the HDI, the Human Development Index. This means that in the Amazon, the wealth leaves, while the misery remains among the people. Few people improve their lives here.

00:53:47—[ENTRY 57] Avelino Campos (Belterra Resident / Morador de Belterra)

Eu pelo menos não preciso de nenhum centavo de lá daquele movimento e algumas pessoas que tiver fiado, que acha que isso tá dando resultado, pra mim isso é prejuízo. Porque ninguém se

utiliza de nada deles daí. Da soja, não. Tem um plantador de soja que trás quatro trator, cada trator trabalha com duas pessoas, um ajudante e um funcionário, e só; e os outros ficam aí só olhando. Um câmpão a perder de vista. Quando está numa certa medida eles metem o trator novamente com dois funis, jogam veneno, pra que a soja amadureça rápido e os insetos afaste. Hoje você não acha mais um juriti mais neste mato, um pombinho daqueles. Desapareceram porque morreram envenenados...

I, for one, don't need one cent from that movement. And some people who have had to buy on credit, think that this is working; for me this is a loss. Because no one here uses anything produced by the soybean industry, from the soybean; nothing. There is a soybean farmer who has four tractors. Each tractor is operated by two people—a helper and an employee —, and that's it. The others just stand there staring. A huge piece of land that goes out of sight. At the right moment they turn on the tractor again with two funnels to throw poison, so that the soybean ripens fast, and the insects are eliminated. Today you don't find any *Juriti* in the jungle, not one of those pigeons. They disappeared because they died poisoned.

00:54:55—[ENTRY 58] José Nicanor (Eco Warrior / Militante Ecológico)

Se você vai observar aqui, você só vê as carretas passando, para lá, para cá, as máquinas, mas o povo não ganha de emprego daqui, o dinheiro que era tão falado que ia melhorar a qualidade de vida do povo daqui sumiu, não existe isso aqui, fica tudo para outras regiões, até porque o grão é levado in natura, não tem beneficiamento de nada aqui, o que ficou na verdade foi a devastação, o veneno, que hoje, se você for fazer uma pesquisa, tem muita gente que sofre com vários problemas de saúde proveniente desse veneno, inclusive o câncer, que se for fazer um levantamento daqui, principalmente daqui o limite norte da nossa região está alarmante a questão do câncer, principalmente nas pessoas que moram naquelas áreas mais próximas de onde acontece o plantio.

If you look around, you see the trucks passing by, here, there, the machines, but the people here can't get jobs. The money that was talked about, which would improve the quality of life, is gone, it doesn't exist here; it all goes elsewhere, mostly because the grains are taken *as raw material*; we have gained nothing here. What's left in fact was the devastation, the poison. If you do some research, there are a lot of people suffering from health problems, including cancer, due to this poison. If you gather data, mostly to the northern edge of our region, the rate of cancer is alarming, especially in people who live closest to the soy fields.

00:55:57—[ENTRY 59] Kalysta Borges, MD (Oncologist / Ancologista)

Todo agrotóxico ou todo agente tóxico quer ele da agroindustrial ou as vezes da própria natureza pode esta envolvido em alguma toxicidade dependendo da dose, do tempo de exposição e da resposta de cada indivíduo.

Every agrotxin, or every toxin agent, be it from agroindustry, or, at times, from nature itself may be involved in some toxicity, depending on the dose, the exposure time, and the response of each individual.

00:56:13—[ENTRY 60] Eliane Alves (Boa Esperança Resident - Moradora da Comunidade Boa Esperança)

Eles veem, eles falam assim, dão aquela desculpa dizendo que isso não é prejudicial, não faz mal. Mas como não faz mal se as pessoa que trabalham para eles usam mascaras, dentro de um carro todo fechado que é o que eles usam aí. Então, eu acredito que faz, pois quando os tratores de inseticida passam eu sinto ânsia vômito, dor de cabeça, fico muito mal e tenho que me trancar aqui e a casa não é adequada para não entrar o cheiro. Então fecha minha garganta e tenho problemas de alergia e nesses dias eu nem consigo conversa direito. E é bem ruim, pois é perto da casa e não tenho como evitar.

They come talking that way. They give that excuse saying that this isn't damaging, it doesn't do any harm. But how does it not do any harm if the people working for them use masks inside the closed cab that they use during spring. So, I believe it does cause harm, because when the insecticide tractors pass by I feel the need to vomit, headache. I feel awful and have to lock myself in here, but the house isn't enough to keep the smell out. So, my throat closes, and I have allergy problems, and on these days I can't even talk properly. It's terrible, because it's close to home and I can't avoid it.

00:56:51—[ENTRY 61] Kalysta Borges, MD (Oncologist / Ancologista)

E o agrotóxico não tem só influência naquele momento. As vezes agente pensa em intoxicações agudas que você consegue ter náuseas, vômitos aqueles você tem exposição em grande quantidade, não são apenas essas, as intoxicações crônicas as vezes agente se quer consegue fazer uma relação temporal com a exposição, mas ela vem acontecendo, e ela vem se acumulando e gradativamente os problemas vem acontecendo.

The agrotxin doesn't only have influence at that time. Sometimes we think of acute intoxications when you have nausea, vomiting, those when you have exposure to a high quantity. But is not only those, it's chronic intoxication, with which sometimes we can't even make a temporal relationship with exposure. But it has been happening, and it has been accumulating and gradually the problems start to occur.

00:57:21—[ENTRY 62] Erik Jennings, MD (Neurosurgeon and Pilot / Neurocirurgião e Piloto)

E hoje o que acontece na Amazonia, aqui onde tudo cresce e tudo floresce o clima quente e úmido. Esta aí, as pragas estão crescendo nas lavouras de soja, mas o índice de uso de agrotóxicos é enorme. Será que o Ford teria tido êxito naquele momento com essa quantidade de lixo químico que a gente tem. Talvez pudesse ter tido êxito, mas a consequência para a saúde humana estaria muito ameaçada, como está hoje. Ou seja, nós não aprendemos naquele época e essas ideias do Ford continua até hoje e acho que nós estamos e vamos aprender da pior forma possível. É com a doença dos nossos entes queridos, com os acidentes de transito acontecendo, com a pobreza da população, infelizmente acho que a gente não aprendeu.

And what happens in the Amazon today, here where everything grows and everything flowers, the climate is hot and humid. It's here, the pests are growing in the soy fields, but the use of agrottoxins is enormous. Would Ford have had success at that time with this amount of chemical waste that we have? Maybe he would have had success. But the consequences for human health would be a real threat, like it is today. In other words, we didn't learn at that time, and these ideas of Ford continue until today. I think that we are learning and we will learn the worst way possible. It is with the diseases of our loved ones, with the traffic accidents that are happening, with the poverty of the population. Unfortunately, I think that we haven't learned.

00:58:18—[ENTRY 63] Maria Ivanilda (Belterra Resident / Residente in Belterra)

For us the biggest impact was the various types of disease that started to appear after the arrival of soy in our region. Diseases like cancer that's already killed various women, among them there are men that have died as well; not to mention the pneumonia and other types of respiratory disease. Besides this, on the part of agriculture after the arrival of soy, the small producers couldn't exploit "white" crops anymore, which we know as beans, rice; because of the insecticide and agrottoxins thrown on the soybeans, and the pests that come to the small farmer who has no condition to maintain the fields, to work, and they don't want to work with this kind of poison.

00:59:15—[ENTRY 64] Kalysta Borges, MD (Oncologist / Ancologista)

Em termos epidemiológicos agente sabe que o Pará é hoje o maior produtor da região de norte ele triplicou a comercialização de agrotóxico no período de 2007 a 2013, com uma média de 9,5 mil toneladas no último ano, o que perfaz aí uma média de 0,7 casos de intoxicação por 100 mil habitantes por ano. É claro que a gente sabe que existe a chamada sub-notificação, porque quando a gente fala num país inteiro isso pode chegar as vezes pra cada um caso notificada, 50 sub-notificações quando agente multiplica esses números nos temos números exorbitante de intoxicações. Se a gente tem algo pra se fazer, particularmente, falando do uso inadvertido de agrotóxicos, de agentes químicos, se agente tem onde segurar, se a gente tem onde freiar essa

utilização, nos precisamos fazer essa intervenção ou a população vai pagar um preço muito caro daqui pra frente.

In epidemiological terms, we know that Pará is today the biggest producer in the North; it tripled the trade in agrottoxins in the period from 2007 to 2013, with an average of 9.5 thousand tons in the last year, which makes an average of 0.7 cases of intoxication per 100 thousand inhabitants per year. It is clear that we know that there is the so called sub-notification, because when we talk about the whole country, this can reach, at times, 50 sub-notifications for each notified case, and when we multiply these numbers, we have an exorbitant number of intoxications. If we have something to do, personally speaking about the ill advised use of agrottoxins, of chemical agents; if we have where to hold back, where to put a brake on this usage, we need to make this intervention. Or the population is going to pay a very high price from now on.

01:00:31—[ENTRY 65] Marcus Barros (Former IBAMA director / Ex-Diretor do IBAMA)

Eu estudei muito uma doença chamada Leishmaniose, e essa doença tem uma relação com o meio ambiente, direta, porque essa 3ª lei de Newton é onde se dá, se você chega cortando a floresta, o mosquito transmissor da leishmaniose, vem e faz uma úlcera desse tamanho, e faz desaparecer o seu nariz com uma úlcera só, então isso é uma resposta da natureza. Agora, eu não posso ser um cientista que olha só para controlar a leishmaniose, eu tenho que saber o que nós chamamos de mecanismo de produção da doença, como doenças sociais, tem que entender o mecanismo de produção, não entendendo isso, a gente fica enxugando gelo.

I studied a lot a disease called leishmaniasis. I studied this disease extensively, I went deeply into it, and this disease has a direct connection with the environment. Because it's like Newton's 3rd law. If you cut down the forest, the leishmaniasis carrying mosquito arrives and gives you an ulcer this big, it can make your nose disappear with one ulcer. So, this is nature's response. Now, I can't be a scientist who only looks to control leishmaniasis. I have to know what we call the production mechanism of the disease, like social diseases, we have to understand their production mechanism. If we don't understand this.

01:01:26—[ENTRY 66] Erik Jennings, MD (Neurosurgeon and Pilot / Neurocirurgião e Pilot)

É o único lugar do planeta onde nós estamos tendo que manejar e lidar com doenças próprias do interior da floresta, do ambiente nativo digamos assim, doenças da expansão da fronteira, onde a floresta está sendo derrubada, onde o homem está entrando nessa floresta, e nesse ambiente tem as intoxicações mercuriais, a violência, a malária, as doenças sexualmente transmissíveis e as doenças da cidade, de cidades grandes da Amazônia, como câncer, trauma, doença degenerativa, e varias outras doenças raras que estão aparecendo agora. Muitas delas em consequência às vezes de exposições químicas à agrotóxicos, à mercúrio, e um monte de coisa. E a desigualdade social

que causa o modelo. Então é o único lugar do planeta que você tem esses três cenários epidemiológicos, que a gente chama: doenças da floresta, doenças da expansão e doenças degenerativas, de câncer, etc. e cuidar disso tudo no mesmo ambiente, com 300 mil quilômetros de ambiente aquático, com áreas de difícil acesso, é muito complexo. E aí as pessoas não tem acesso, e acabam ficando muito mais doentes e muito mais desamparadas que qualquer outra região do planeta. A minha visão é que o homem amazônico, hoje ele está mais doente e mais ameaçado do que a própria floresta e que o clima por esses grandes projetos que não levam em consideração as nossas verdadeiras aptidões e nosso contexto biológico, cultural e social.

The Amazon is the only place on the planet where we have these three epidemiological scenarios that we call: forest diseases, expansion diseases, and degenerative diseases, like cancer, etc. Dealing with all this in the same environment, with 300 thousand kilometers of aquatic environment, with areas of difficult access, is very complex. And then people don't have access, get worse, and end up sicker and more helpless than any other region on the planet. In my view, it is the Amazonian man, today he is sicker and more threatened than the forest itself, and the climate, due to these big projects that don't take into consideration our true skills, and our biological, cultural, and social context.

01:02:22—[ENTRY 67] Marcus Barros (Former IBAMA director / Ex-Direto do IBAMA)

A soja, não permitamos que ela avance um centímetro pelo que restou da Amazônia, um centímetro, não compensa derrubar uma árvore a mais do que se derrubou para plantio de soja, contenha a soja onde ela está, não precisamos ser o primeiro do mundo, pelo espaço que ela tem, fique onde está, exporte a partir do que ela produz hoje, não avance sobre o resto da Amazônia, senão ela é o holocausto da Amazônia, ela está produzindo um genocídio na Amazônia, então vamos conter, e buscar contê-la, e buscar outras formas de desenvolvimento que não pelo plantio extensivo da soja.

Soy, let's not allow it to advance a centimeter on what's left of the Amazon! Not one centimeter! It doesn't make sense to tear down one more tree than has already been torn down for soybean planting. Contain the soybean where it is! We do not need to be the first in the world! For the space it has, stay where it is! Export from what it produces today, do not advance on the rest of the Amazon! Otherwise it'll be the holocaust of the Amazon. It is producing a genocide in the Amazon. So, let's contain it, and seek to contain, and look for other forms of development, not by the extensive planting of soybeans.

01:03:20—[ENTRY 68] Dercy Godinho (Boa Esperança Resident / Moradora da Comunidade Boa Esperança)

Nós estamos na vila de boa esperança do município de Santarém, parte do município de Santarém. e Boa Esperança era o polo da farinha de tapioca, 2003 eles foram chegando, os primeiros compradores das áreas, e as pessoas elas foram vendendo as terras. a gente nunca viu 30, 50 mil, se embelezou por aquele valor, e vendeu, muitos, quando chegaram ali na cabeça da serra, que eu costume dizer, o dinheiro não tinha mais, mas a terra já estava nas mãos dos plantadores, então com isso diminuiu tanto a produção da farinha de tapioca, quanto o ganho para as pessoas, que vinham em busca de trabalho aqui na vila, porque como um polo, como uma micro empresa, ela dava serviço para muita gente, muita gente, aqui que não era produtor da mandioca, ele prestava serviço, digamos, ela tinha a casa de farinha, ela tinha a roça, então ela dava trabalho pra mim e minha família, para a gente ganhar o sustento, porque a gente fazia o serviço de arrancar, de raspar, de lavar, de embolar, e ate de torrar a farinha, então era o nosso ganha pão, era assim que a gente ganhava aqui em Boa Esperança.

We are in the village of Boa Esperança in the city of Santarém, part of the municipality of Santarém. And Boa Esperança was a center for manioc flour production. In 2003 they came, the first buyers of the areas. The people started selling their land. We'd never seen R\$ 30, R\$ 50 thousand. We made ourselves feel like we were rich to get that value, and sold. Many, when they arrived there at the head of the mountains, as I always say, there was no money left. But the land was already in the hands of the soybeans planters. So, with this the production of manioc flour diminished greatly, as did the earnings of the people who came in search of work here in the village. Many of the villagers, not engaged in producing manioc flour rendered services. I mean, it had a flour house, it had the farms, so it gave work to me and my family, for us to earn a living, because we did the jobs of pulling up, shaving, washing, mixing, and even toasting the flour. So, it was our bread and butter, that was how we got paid here in Boa Esperança.

01:05:10—[ENTRY 69] Cacique Emanuel (Munduruku Tribe Chief / Chefe da Tribo Munduruku)

Eu sou cacique aqui da aldeia, aqui é o território do planalto Santareno, a gente é do povo Mundurucu, nós somos quatro aldeias dentro do território, e a Cargill, para nós ela não trouxe benefício nenhum.

O agronegócio ele só traz para nós a discriminação, o preconceito, o racismo, a prostituição, a droga e o desemprego, é isso que o governo gera, os grandes empreendimentos geram para nós aqui, dentro do nosso território. Nós sobrevivemos da roça, que é a nossa farinha, a nossa macaxeira, a nossa banana, o nosso piquiá, a nossa castanha, o nosso uxi, e hoje ninguém tem mais isso. Será que até a roça que hoje a gente faz a gente não consegue mais fazer a farinha, porque aquela mandioca, ela fica azulada aqui, do veneno. É você fazer uma farinha, e for comer

aquela farinha, a gente ta matando nossos filhos e a nossa família.

I'm the chief here in the village. Here is the territory of the Santareno plateau. We are from the Munduruku people, we have four villages within the territory, and Cargill, didn't bring any benefits to us.

Agrobusiness only brings us discrimination, prejudice, racism, prostitution, drugs, and unemployment. This is what the government generates, what these great ventures generate for us here, in our own territory. We lived off the small farms, which is our flour, our cassava, our bananas, our *piquiá*, our nuts, our *uxi*; and today nobody has this anymore. Will it be that even the land where we work today, we won't be able to make flour anymore? Because the manioc, it's going blue here, from the poison. And you make some flour, and go to eat that flour; we are killing our children and our families.

01:06:51—[ENTRY 70] Dercy Godinho (Boa Esperança Resident / Moradora da Comunidade Boa Esperança)

O que eu espero? É que tenha um freio, porque os nossos igarapés estão sendo acabados, vão sendo soterrados, a gente já não ve mais uma arvor. Daqui a alguns anos, se nós não plantarmos em nossos quintais, nossos netos, nossos filhos, essa geração aqui que está se criando, ela vai conhecer a laranjeira apenas de nome. As árvores nobres que nós tínhamos aqui na região, elas vão ser conhecidas apenas por nome, porque a espécie em si não existe mais. Porque a nossa floresta, os nossos igarapés, as pessoas, não interessa para o capital, o que interessa é o lucro.

What do I hope for? That there is a pause, because our streams are being destroyed, they're being buried, we don't see a grove of trees anymore. In a few years, if we don't plant in our backyards, our grandchildren, our children, this generation here that's being raised, they will only know the name of the orange tree. The noble trees that we had here in the region, they will be known only by name, because the species itself won't exist anymore. Because our forest, our streams, the people, are of no interest to the capital, what is of interest, is profit.

01:07:45—[ENTRY 71] Cacique Emanuel (Munduruku Tribe Chief / Chefe da Tribo Munduruku)

A minha mensagem é dizer não à todos os grandes empreendimentos, e que essa nova geração, ela tenha uma sobrevivência mais digna, porque se hoje nós estamos vivendo isso, como é que vai ser a convivência dessa nova geração que está vindo? Como é que vai ser a vivência desse povo, quando as lideranças mais velhas se forem? Daqui a cinco anos, se vocês voltarem aqui, será que nós ainda existiremos aqui? Ninguém sabe. Será que ainda vai ter alguma coisa para a gente comer? Porque para nós sim a floresta viva, os nossos igarapés, os nossos peixes, os nossos rios, a nossa cultura, nós sobrevivemos dela, mas para isso nós precisamos dessa floresta viva, de

pé, porque a nossa cultura não é a destruição, a nossa cultura é a sobrevivência da floresta. Nós sem floresta, nós vivemos tristes, nós vivemos devastados, porque o nosso papel não é nós vivermos sem floresta.

My message is to say, “no” to all the big enterprises. And that this new generation, has a more dignified survival. Because if we are living this today, how is the new generation that’s coming going to survive? How is the life of the people going to be, when the elders are gone? In five years, if you come back here, will we still be here? Nobody knows! Will there still be anything for us to eat? Because for us the forest lives, our streams, our fish, our rivers, our culture, we live off it. But for this we need the forest alive, standing tall; because our culture is not one of destruction, our culture is the survival of the forest. Without the forest we live sad, we live devastated, because our role is not to live without the forest.

01:09:36—[ENTRY 72] Dercy Godinho (Boa Esperança Resident / Moradora da Comunidade Boa Esperança)

Do ventre da terra, o grito que vem da Amazônia, do ventre da terra, o grito que vem da Amazônia, tá na opção pelos pobres, tá na defesa da vida, é pela água, é pela terra, ta na missão assumida. Tá na opção pelos pobres, tá na defesa da vida, é pela água, é pela terra, ta na missão assumida. Do ventre da terra, o grito que vem da Amazônia.

From the womb of the Earth, the scream that comes from the Amazon/ From the womb of the Earth, the scream that comes from the Amazon/ It's in choosing the poor, it's in the defense of life/ It's for the water, it's for the Earth, it's in the mission we've taken on. / It's in choosing the poor, it's in the defense of life/ It's for the water, it's for the Earth, it's in the mission we've taken on. / From the womb of the Earth, the scream that comes from the Amazon.

01:10:39—NARRATION - DAVID HILDNER

Even though Cargill failed to meet the government's requirements relating to an environmental impact study, its terminal in Santarém began operations in 2003. Despite being declared illegal by the Brazilian courts multiple times, the terminal opened, allowing soybeans to get to market more efficiently than before, while destroying human and non-human aspects of the environment.

Mesmo que a Cargill não tenha cumprido os requisitos do governo em relação a um estudo de impacto ambiental, seu terminal em Santarém começou a operar em 2003. A despeito de ter sido declarado ilegal pelos tribunais brasileiros diversas vezes, o terminal foi aberto, permitindo que a soja chegue ao mercado de maneira mais eficiente do que antes ao passo que destrói aspectos humanos e não humanos do meio ambiente.

Current and projected soy production is leaving a trail of deforestation incompatible with the survival of the Amazonian biome. With a current total of 77 thousand hectares deforested in Santarém alone, the prospect is that in two years this number will reach 120 thousand hectares, and in five years it is projected to reach 550 thousand. In its new endeavor to expand agrobusiness in the region, a private company for port construction in Santarém, known as EMBRAPS, wants to build a new terminal in the Maicá Lake area. If approved, the region will experience an unprecedented social and environmental disruption both to nature and to the inhabitants who live and make their living from the lake.

A produção de soja atual e projetada está deixando como subproduto um rasto de desmatamento incompatível com a sobrevivência do bioma amazônico. Com um total de 77 mil hectares desflorestados somente em Santarém, a perspectiva é que, em dois anos, esse número chegue aos 120 mil hectares e, em cinco anos, esse número deve alcançar os 550 mil hectares. Nesse novo esforço para expandir o agronegócio na região, a empresa privada Embraps (Empresa Brasileira de Portos de Santarém) quer construir um novo terminal na área do Lago Maicá. Se for aprovado, a região experimentará uma ruptura social e ambiental sem precedentes, afetando tanto a natureza como os habitantes da área, que tiram seu sustento do lago.

NOTAS

¹ “O conceito teórico de *arquivo* contribui para desvelar esta arbitrariedade dos agrupamentos ao apontar que seu significado não se restringe a acervo, não se confunde com massa documental, com quantidade ou volume de títulos ou com uma coleção infinita de objetos diversos. Ao contrário, consiste principalmente, no jogo das regras que determinam em um campo intelectual determinado ou numa dada contingência histórica, o surgimento e o desaparecimento de argumentos. Tais argumentos, uma vez articulados, compõem um esquema interpretativo tornado hegemônico pelos poderosos mecanismos de instâncias de consagração de museus e sociedades científicas desde finais do século XVIII. São eles que garantem a sua permanência, a sua ilusão de eficácia e ao mesmo tempo sua existência paradoxal” (Alfredo Wagner Berno de Almeida, *Antropologia dos Arquivos da Amazônia*, 9).

² A grafia *Natureza&Cultura* adotada na tese é um modo de uniformizar a minha interpretação da relação *Natureza&Cultura*. É, também, uma forma pela qual arguimos, em nossa leitura, que os escritos de Euclides da Cunha e de Mário de Andrade não contemplam oposição ou separação entre *Natureza&Cultura*, quando no máximo tensão. Entendemos que *Natureza é Cultura*. *Cultura é Natureza*. Portanto, consideramos que “*Natureza e Cultura*,” grafadas em separado, caracteriza uma posição de oposição e um contraponto de subalternidade da natureza em função da ação antrópica e cultural do homem.

³ O empreendimento da Companhia *Ford* Industrial do Brasil, para a extração do látex, ocupou a área de 14.568 km² no município de Aveiro, às margens do rio Tapajós, concedida a Henry Ford, em 30 de setembro de 1927, pelo governador Dionísio Bentes, com a anuência da Assembleia Legislativa do Pará.

⁴ A justaposição dos estudos da ecocrítica e da crítica pós-colonial são analisados na edição de Elizabeth DeLoughrey e George B. Handley em *Postcolonial Ecologies: Literatures of the Environment*, onde os campos de análises se fundem para examinar história e natureza, dentro de um diálogo mais amplo e dinâmico que leva em conta os modos pelos quais o modelo colonial impactou e destruiu biomas e povos.

⁵ A ideia de que a história não deve encerrar-se no estudo dos acontecimentos, mas tornar-se capaz de revelar as estruturas de longa duração que subjazem, de certa forma inconscientemente, aos acontecimentos, é de Fernand Braudel e influenciou toda uma geração de historiadores da chamada história nova. Marshall Sahlins, seguindo nesta direção no campo antropológico, destaca as dimensões sincrônicas da estrutura de longa duração como uma força estruturante de longo alcance, e a conjuntura como espaço estruturado onde se atualizam e se arriscam à mudança os significados oferecidos pela estrutura de longa duração. Para este autor, “os sentidos que as pessoas atribuem a seus projetos partem das compreensões preexistentes da ordem cultural.” Mas, ao mesmo tempo, Sahlins considera que “as circunstâncias contingentes da ação não se conformam com os sentidos que lhe são atribuídos por grupos específicos; sabe-se que os homens criativamente repensam seus esquemas convencionais. É nesses termos que a cultura é alterada historicamente na ação” (Sahlins, 1990:7).

⁶ O século XVIII recepciona uma transformação significativa no modo de percepção do mundo natural. Refere-se ao fenômeno das novas sensibilidades, estudado por Keith Thomas em *Man and the Natural World: Changing Attitudes in England, 1500-1800* (1983), como uma percepção cultural que surge em conexão ao ambiente social do século XVIII e que pode ser considerado parte das raízes do interesse contemporâneo pela natureza. Semelhante procedimento cultural de valorização da natureza ratifica-se com o alvoreço do movimento romântico europeu do século XIX e na concepção de uma escola que chega aos nossos dias. Essas sensibilidades germinam ao passo que se revelam os impactos de dismantelos ambientais e da vida urbana, em detrimento da revolução industrial. As novas sensibilidades são caracterizadas em oposição aos princípios de consolidação e domínio da natureza por agentes humanos que elucubram no contexto social imediatamente anterior dos séculos XVI e XVII, momento chave de expansão de uma ordem burguesa e mercantil.

⁷ *Ethos*: conjunto de características de um povo ou grupo que o diferencia dos outros. A pesquisa do professor Gláucio Campos Gomes de Matos *Ethos e figurações na hinterlândia amazônica* (2015), a partir da leitura de Norbeth Elias, ilumina outras percepções do etnoconhecimento e das práticas socioculturais da Amazônia.

⁸ A Amazônia, povos e comunidades indígenas, culturas americanas autóctones, antes generalizados como povos primitivos, são ressignificados no pensamento de Lévi-Strauss, na imaginação científica e no registro do trabalho de campo apresentado em *Tristes Trópicos* e *Raça e História*. A Amazônia e seus povos, o OUTRO MUNDO mais distante da civilização conhecida, ganham nova inteligibilidade e passam a se constituir em sujeitos do conhecimento científico em novo estatuto ontológico. De lugar da barbárie e da simplificação brutal da configuração etnocêntrica de suas populações, o pensamento antropológico de Lévi-Strauss abre novas chaves compreensivas da humanidade ao demonstrar a complexidade do pensamento selvagem e das narrativas míticas ameríndias como nexos fundamentais do pensamento e das interações humanas entre si, entre humanos e não humanos, e com o meio ambiente produzido nas relações Natureza&Cultura.

⁹ “As coisas são infinitamente mais complexas; trata-se, entre a cultura e a natureza, de uma troca de similitudes por diferenças que se situam tanto entre os animais, de um lado, e entre os homens, de outro, quanto entre os animais e os homens. As diferenças entre os animais, que o homem pode extrair da natureza e levar em conta de cultura (seja descrevendo-as sob a forma de oposições e de contrastes, conceitualizando-as, portanto, seja separando partes concretas, mas não percíveis: penas, bicos, dentes—o que constitui igualmente uma “abstração”), são assumidas como emblemas por grupos de homens, a fim de desnaturalizar suas próprias semelhanças” (124).

¹⁰ Latour explica que: “The hypothesis of this essay is that the word ‘modern’ designates two sets of entirely different practices which must remain distinct if they are to remain effective, but have recently begun to be confused. The first set of practices, by ‘translation’, creates mixtures between entirely new types of beings, hybrids of nature and culture. The second, by ‘purification’, creates two entirely distinct ontological zones: that of human beings on the one hand; that of nonhumans on the other. Without the first set, the practices of purification would be fruitless or pointless. Without the second, the work of translation would be slowed down, limited, or even ruled out” (23).

¹¹ Latour explica que constituição com C maiúsculo faz referência àquela que define os humanos e não humanos, suas propriedades e suas relações, suas competências e seus relacionamentos (21). No processo de separação de as ambas práticas: “tradução”—misturas entre híbridos de Natureza&Cultura—ou “purificação”—duas zonas antológicas distintas, a dos humanos e a dos não humanos—nelas, reside o maior contrassenso dos modernos.

¹² Euclides da Cunha cobriu o conflito de Canudos na função de correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*, onde permaneceu um total de 16 dias, ao passo que o conflito se estendeu por quase um ano, entre 1896 e 1897, deixando um saldo de aproximadamente cinco mil soldados mortos, e a cidade, com cerca de vinte e cinco mil habitantes, dizimada.

¹³ Trópico úmido: considero aquilo que caracteriza a fisiografia da Amazônia (seu clima, ambiente, homem e meio). Situa-se entre a geografia física e humana como sugere Leandro Tocantins em *Vida, cultura e ação* (1969). Se reporta a uma floresta e uma hidrografia particular, distinta do semiárido, pois nem todo trópico é úmido.

¹⁴ Gilberto Freyre, consideraro herdeiro da geração de 1870 e do modelo de prosa euclidiano (leia-se, *Os sertões*) *par excellence*, não somente pelo uso que faz dos contrastes e oposições binárias, parece fazer uso diferente de tais oposições. Ao nosso ver, o autor busca mitigar tais oposições ou pelo menos suavizá-las, enfraquecê-las, vislumbrando caminhos alternativos de assimilação, adaptação e relacionamento. Por exemplo, os títulos de sua trilogia “*Casa Grande e Senzala*,” “*Sobrados e Mucambos*” e “*Ordem e Progresso*” sugerem essa possibilidade.

¹⁵ Gilberto Freyre, em passagens sobre a avaliação de Euclides, revela a si próprio com as qualidades cientista e escritor, e a identidade de ambos com o conhecimento do Brasil: “[Euclides] fortalecido pelo traquejo científico, enriquecido pela cultura sociológica, aguçado pela especialização geográfica. (...) Euclides da Cunha esplende de tropicalismo; arde de brasileirismo. É dionisiaco e até exuberante no seu modo de interpretar-se e de interpretar o Brasil aos olhos de outros brasileiros e aos olhos de estrangeiros voltados para o Brasil.”

¹⁶ O Estado de S. Paulo, 4/11/1898. Resenha do livro de Manoel Tapajós, *Fronteira Sul do Amazonas—Questões de Limites*. Rio de Janeiro: Typographia L'Etoile du Sud, 1898.

¹⁷ A esse procedimento paulatino de contato com a floresta denomino *olhar lento*. Abordaremos a categoria analítica no capítulo final.

¹⁸ Compreender a relevância da ecocrítica para estudos brasileiros depende, em certa medida, de tomar em conta sua própria história disciplinar. Ecocrítica é uma área relativamente nova de estudos acadêmicos—o termo foi estabelecido apenas em 1978—, mas suas origens carregam profundidades históricas que remontam até mesmo as antiguidades de Aristóteles, Platão e Virgílio. A ecocrítica passou a ter reconhecimento institucional como disciplina acadêmica em 1992 com a fundação da Associação para o Estudo da Literatura e Meio Ambiente (Association for the Study of Literature and Environment), organização que realiza uma conferência anual e que tem mais de 1.300 membros. Em 1993, formou-se a Fundação de Estudos Interdisciplinares de Literatura e Meio Ambiente (Interdisciplinary Studies in Literature and Environment), uma revista *peer-reviewed* que, a partir de 2009, é publicada trimestralmente pela Oxford University Press. Uma série de outros artigos em revistas, monografias e antologias, para não mencionar os cursos universitários em ecocrítica e novos programas de graduação em estudos ambientais, atestam ainda mais para o impacto acadêmico dessa disciplina nos Estados Unidos, Reino Unido e, bem recentemente, na América Latina.

¹⁹ As narrativas ficcionais escritas sobre o território amazônico desde o final do século XIX possuem como elemento estrutural do tecido narrativo a paisagem (a fauna e a flora), as comunidades tradicionais e os índios. São esses aspectos que hoje nos levam a dizer que existe uma “literatura amazônica.” A floresta e todos os seus componentes (humanos e não humanos) constituem o traço mínimo que sustenta semelhante afirmação. Como exemplo dos romances e contos que constituem essa tradição podemos citar *Simá* (1857), de Lourenço da Silva Amazonas; *Cenas da vida amazônica* (1886), de José Veríssimo; *O missionário* (1888), de Inglês de Souza; *Inferno verde* (1908), de Alberto Rangel; *A margem da história* (1909), de Euclides da Cunha; *Deserdados* (1921), Carlos de Vasconcelos; *A Amazônia misteriosa* (1925), Gastão Cruls; *Macunaima* (1928), de Mário de Andrade; *A selva* (1930), de Ferreira de Castro; *A Amazônia que ninguém sabe* (1934), de Abguar Bastos; e *Chove nos campos de cachoeira* (1941), de Dalcídio Jurandir.

²⁰ A discussão apresentada vem do diálogo que mantive com a professora Telê Ancona Lopez durante meu período de investigação no Instituto de Estudos Brasileiros, IEB no verão de 2017.

²¹ Filmes como *Macunaima* (1969), de Joaquim Pedro de Andrade; *Aguirre, A cólera dos deuses* (1973) e *Fitzcarraldo* (1982), de Werner Herzog; *Iracema, uma transa amazônica* (1974), de Jorge Bodanski e Orlando Senna; *Bye bye Brasil* (1979), de Cacá Diegues; *The Emerald Forest* (1985), de John Boorman; *Brincando nos campos do senhor* (1991) de Hector Babenco, *O cineasta na selva* (1996), de Aurélio Michelis; juntamente com *Embrace of the Serpent* (2015), de Ciro Guerra, perfazem um material relevante à nossa investigação, uma vez que essas produções abordam o espaço amazônico a partir de preocupações sociais e enfoques ecológicos.

²² *O turista aprendiz*, diário que aqui nos dedicamos a rastrear seus procedimentos escriturais—cuja criação se estende de 1927 a 1945 (interrompida pela morte do autor, em 25 de fevereiro)—compreende a criação literária em um projeto que explora um gênero de fronteira, neste caso o diário de viagem, e se materializa nos manuscritos e registros feitos pelo modernista paulistano durante sua viagem ao Norte e Nordeste, com ênfase na Amazônia, entre maio e agosto de 1927, assim como no decorrer de sua visita ao Nordeste, entre novembro de 1928 a fevereiro de 1929. O diário, embora tenha tido uma constituição fragmentária, ao fundir a crônica do cotidiano individual que lhe é inerente e a narrativa de viagem à carta, ao conto, à crônica jornalista, à reportagem, convalida a modernidade no projeto andradiano para além dos limites de sua época e deixa valiosas pistas de interpretação da Amazônia e do Brasil contemporâneo.

²³ Mário de Andrade se dispõe a dialogar com o movimento de retorno à natureza, desta vez examinando a coletânea *Les livres de la Nature*, publicadas em Paris pela Livraria Stock, em 1928, sob a direção editorial de Jacques Delamain, famoso naturalista autor de importante obra *Pourquoi les oiseaux chantent*. É importante destacar nesta obra examinada pelo autor de *Macunaíma*, como seu diretor editorial assinala a inserção de renomados naturalistas aqui considerados como amantes da natureza, tal é o empenho destes em capturar aspectos da vida natural e registrá-los com a paixão de dedicação absoluta a que se aplicam à pesquisa pela observação dos seres vivos.

²⁴ M. Cavalcanti Proença, *Roteiro de Macunaíma* (1955); Haroldo de Campos, *A Morfologia de Macunaíma* (1973); Telê Porto Ancona Lopez, *Macunaíma: a margem e o texto* (1974); Mário Chamie, *Intertexto: escrita rapsódica – ensaios de leitura produtora* (1975); Gilda de Mello e Souza, *O tupi e o alauide* (1979); Eneida Maria de Sousa, *A pedra mágica do discurso* (1999); Raul Antelo, *Na ilha de Marapatá* (1986); Marcos Antônio de Moraes, *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira* (2001); Lélia Coelho Frota, *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade* (2002) estão entre aqueles se debruçaram sobre a obra do autor paulistano.

²⁵ O que está em jogo nesse processo? 1) um reposicionamento da inteligência brasileira; 2) uma política cultural para o Brasil; 3) um novo espaço para os intelectuais e os agentes da cultura nacional; 4) uma ideia de Brasil que passa por uma crença de que a cultura brasileira poderia articular uma especificidade que seria tematizada nos conteúdos específicos, próprios, identitários, que iriam constituir novos padrões estéticos para a música, a pintura, a literatura e o espaço nacional. Portanto, um projeto nacional para uma sociedade em mudança exigia articulações dentro e fora das estruturas políticas. Daí que mesmo no encargo de pensar a cultura em uma conjuntura específica, é na dimensão artística que a coesão social induzida por rupturas realiza a síntese da formação da imaginação sobre a sociedade brasileira. Silviano Santiago no ensaio “Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil,” discorre sobre a árdua tarefa dos jovens modernistas na “procura cotidiana duma interpretação do Brasil” que, segundo ele, passa por “conhecer melhor os conterrâneos e contemporâneos desprovidos de escrita e de conhecimento livresco, mas não desprovidos de fala e de saber.” O autor defende que para se poder pensar num outro e diferente Brasil, deveria haver um casamento harmonioso entre o popular e o erudito. E ele afirma que seus coetâneos regionais “eram providos de falar, saber, e sensualidade. Era preciso saber ouvi-los e vê-los” (15). Santiago, no mesmo ensaio citado afirma que “Para os modernistas [...] sentir passa a ser tão importante quanto pensar. Observar o outro é tão importante quanto ler. Conversar é tão importante quanto refletir” (15). Sua observação é acertada, pois é justamente o que Mário de Andrade faz ao desbravar o Norte e o Nordeste: vê e ouve o País.

²⁶ A noção de “actância” é recuperada por Bruno Latour (1998) da perspectiva ética e religiosa de Baruch de Espinoza (1632-1677)—filósofo contemporâneo de René Descartes (1596-1650) e de Leibniz (1646-1716). A “actância” é a capacidade de agir, ou potência de ação de atores. Os termos “actância” e “agência” são sinônimos.

²⁷ Elizabeth DeLoughrey e George B. Handley comentam em *Postcolonial Ecologies: Literatures of the Environment*, que “Certainly postcolonial ecology must engage the complexity of global environmental knowledges, traditions, and histories in a way that moves far beyond the discourses of modernization theory on the one hand, which relegates the global south to a space of natural poverty; and the discourse of colonial exploitation on the other, which relegates the global south to a place without agency, bereft of complicity or resistance. Our conviction that dominant ecocritical methodologies that make universalist claims (from the unmarked Anglophone viewpoint of the United States) must address colonial legacies and postcolonial contexts is in concert with critics who have cautioned against turning to indigenous and postcolonial ecologies to simply provide moral, spiritual, or financial redemption for the capitalist metropole” (19). Os autores acrescentam que “Nixon has argued that the vast body of postcolonial theorists from Homi Bhabha to Glissant foreground hybridity and cross-cultural exchange as constitutive of history and literary discourse, whereas mainstream American ecocritics often emphasize a desire for a primordial natural purity in the wilderness, a retreat from the social and environmental pollution of modernity” (23).

²⁸ Entre as preocupações ambientais articuladas por Rob Nixon destaca-se as categorias de “slow violence” (2), “the environmentalism of the poor” (4) and “the environmental writer-activist” (5). Slow violence explica uma “violence that occurs gradually and out of sight, a violence of delayed destruction that is dispersed across time and space, an attritional violence that is typically not viewed as violence at all.” Na segunda categoria, Nixon define sua preocupação “for it is those people lacking resources who are the principal casualties of slow violence. Their unseen poverty is compounded by the invisibility of the slow violence that permeates so many of their lives.” E por fim o que Rob Nixon chama de “the environmental writer-activist,” que segundo ele informa “not just literary but more broadly rhetorical and visual challenges posed by slow violence.” E ele mesmo conclui, “I place particular emphasis on combative writers who have deployed their imaginative agility and worldly ardor to help amplify the media-marginalized causes of the environmentally dispossessed.”

²⁹ Nixon nos apresenta um trio de inspiradores e o modo como o itinerário do comprometimento deles com a integridade do intelectual em sua reflexão no mundo o comoveu e convenceu. Trata-se da indicação de como Edward Said, Rachel Carson e Ramachandra Guha—respectivamente um professor de literatura, uma escritora de ciência e um sociólogo—refinaram sua interpretação da relação Natureza&Cultura. Nixon assinala que todos os três exemplificam um ideal do intelectual público como alguém sem medo de abrir canais de investigação em um ângulo de pensamento *mainstream*; os três se posicionam criticamente diante de expectativas disciplinares profissionais convencionais; todos se apresentam dispostos a enfrentar hostilidade; todos têm demonstrado uma paixão comunicativa que responde a diversos públicos, de fato uma paixão que tem ajudado a moldar audiências, e em consequência, acrescento, uma paixão mobilizadora em sua pedagogia de convencimento.

³⁰ Durval Muniz de Albuquerque Junior, em seu livro *A invenção do Nordeste e outras artes*, define que: “A visibilidade e a dizibilidade das regiões Norte e Nordeste, como de qualquer espaço, são compostas também de redutos da imaginação, a que se atribuem realidade. Compõem-se de fatos que, uma vez vistos, escutados, contados e lidos, são fixados, repetem-se, impõem-se como verdade, tomam consistência, criam “raízes.” São fatos, personagens, imagens, textos, que se tornam arquetípicos, mitológicos, que parecem boiar para além ou aquém da história, que, no entanto, possuem uma positividade, ao se encarnarem em práticas, em instituições, em subjetividades sociais. São imagens, enunciados, temas e “preconceitos” necessariamente agenciados pelo autor, pelo pintor, pelo músico ou pelo cineasta que querem tornar verossímil sua narrativa ou obra de arte. São regularidades discursivas que se cristalizaram como características expressivas, típicas, essenciais da região” (192).

³¹ Eduardo Tulio Baggio afirma que o “Cinema-Verdade tem em Jean Rouch seu fundador e, mais do que isso, seu idealizador. Rouch era engenheiro, doutor em letras, etnógrafo e explorador. Ligado ao centro de estudos de antropologia do Museu do Homem de Paris, já filmava suas viagens de exploração etnográfica desde a década de 40. Sob a influência do Cinema Direto e, principalmente, utilizando-se dos recém-criados aparelhos de captação de som direto Nagra e de câmeras leves, Rouch filma em 1960, com a colaboração do sociólogo Edgar Morin, *Chronique d' un Été*. Esse filme mostra o comportamento e as opiniões dos moradores de Paris e inaugura o Cinema Verdade” (169).

³² Embora nosso avô nunca tenha visitado fisicamente a Amazônia, como muitos outros brasileiros, conheceu a região literariamente; sua coleção de livros o denuncia. Isso não o impediu de observar interações complexas entre o ambiente e a intervenção humana violenta na região. Sua sensibilidade de sulista experimentalista as consequências das mudanças climáticas no sudeste do Brasil, que, segundo ele, eram resultados da violência humana na floresta amazônica.

³³ Para Nixon, o escritor que domina a compreensão dos fenômenos e dos processos que o cercam pode ver e ler os signos da violência lenta e desvendar-lhes os sentidos para aqueles que são privados dessa habilidade interpretativa. O intelectual pode dar voz àqueles que, enfraquecidos e destituídos de sua cidadania, não podem fazer-se ouvir nem têm canais de expressão de seu sofrimento e angústias. Como indivíduos ou segmento social, esses sujeitos do conhecimento são dirigentes, divulgadores que dão visibilidade aos problemas da comunidade em nível transnacional, como tradutores da linguagem e dos efeitos da violência lenta. Tornam-se, portanto, essenciais na apreensão e difusão das manifestações da violência invisível ou encoberta—porque praticada sob o invólucro de vários tipos de isolamento natural, cultural ou político.

³⁴ Regina Maria A. Fonseca Gadelha em “Conquista e ocupação da Amazônia: a fronteira Norte do Brasil,” citando Capistrano de Abreu, ressalta “a importância das bandeiras que partiam dos vários pontos da costa do Brasil, conquistando o território da hinterlândia: primeiro as bandeiras dos paulistas, que trilhando, desde o planalto vicentino, o caminho conhecido do piabirú tupi, ligaram o Paraná ao Paraguai, ampliando progressivamente as suas viagens até o sul do Mato Grosso, de onde atingiam os limites do território espanhol dos moxo e chiquito (Bolívia), subindo até o rio Guaporé. Desde a segunda metade do século XVII, penetravam o Madeira, o Tapajós e o Araguaia-Tocantins, estabelecendo ligações com o vale do Amazonas” (68).

³⁵ Joaquim Francisco de Carvalho, no artigo “O valor da Amazônia,” aponta que “o processo de recomposição natural da floresta é desequilibrado sob a sinergia negativa entre a agricultura e a pecuária, de um lado, e o ecossistema, do outro. Caso seja desmatada uma área superior a 25%, a floresta original se transformará em savana. A parte brasileira da floresta amazônica tem pouco mais de 3 milhões de km². Entre 1991 e 2000, a área desmatada para a agricultura, a pecuária e a extração de madeiras cresceu de 415 mil para 587 mil km². De 2000 até 2017 desmataram-se, por ano, em média, 3.000 km². Nesse ritmo, falta pouco para que o ecossistema amazônico passe de floresta tropical a savana e, depois, a deserto.”

³⁶ Mário de Andrade foi fotógrafo, etnógrafo, antropólogo e intérprete da região amazônica de que era visitante. O autor de *Macumaima* descreve sua viagem de estudo ao Norte e Nordeste do Brasil, evitando falar desses lugares do ponto de vista estrangeiro de um “sulista.” Ele se colocou na posição de aprendiz, tentando conhecer as comunidades da Amazônia e sua natureza com o interesse de registrar para preservar. Em *O turista aprendiz*, o autor pensa na nação como um encontro de diferentes épocas, lugares, imagens e vozes. Eu venho para a Amazônia com uma atitude semelhante, para apreciar e vê-la lentamente.

³⁷ Entre agosto de 2017 e julho de 2018 a taxa preliminar de aumento do desmatamento na Amazônia Legal registrada pelo Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES), foi de 13,7% do bioma, em relação ao registrado no período anterior. A área de desmatamento chegou a 7.900km². O desmatamento observado em 2018 corresponde a uma redução de 72% em relação à área registrada em 2004, ano em que foi iniciado pelo Governo Federal, o Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal (PPCDAm) e 60% da meta prevista na Política Nacional sobre Mudança do Clima. Nos estados do Pará, Mato Grosso, Rondônia e Amazonas foram registrados os valores mais elevados de desmatamento. O mapeamento utilizou imagens do satélite para registrar e quantificar as áreas desmatadas maiores do que 6,25 hectares. Foi considerado desmatamento a remoção completa da cobertura florestal primária por corte raso, independentemente da futura utilização dessas áreas. Fonte: ministérios do Meio Ambiente (MMA) e da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) – 23/11/2018. <http://www.mma.gov.br/informma/item/15259-governo-federal-divulga-taxa-de-desmatamento-na-amaz%C3%B4nia.html>

³⁸ MATOPIBA é a sigla de uma região econômica brasileira que abrange o complexo do cerrado nos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia (regiões Norte e Nordeste). Sua extensão territorial é de 73.173.485 hectares, em 337 municípios.

³⁹ O slogan veiculado pela TV Globo, parte do conglomerado de mídia *Grupo Globo de Comunicação*, difundido em campanhas nacionais de apoio ao agronegócio.

⁴⁰ Tim Ingold em *The Perception of the Environment* explica que: “Perception is not the achievement of a mind in a body, but of the organism as a whole in its environment, and is tantamount to the organism’s own exploratory movement through the world. If mind is anywhere, then it is not ‘inside the head’ rather than ‘out there’ in the world” (3). Em um momento posterior, Ingold aclara que encontrar um caminho em uma paisagem é menos uma questão de leitura de mapa do que de memória: “To perceive the landscape is to carry out an act of remembrance, and remembering is not so much a matter of calling up an internal image, stored in the mind, as of engaging perceptually with an environment that is itself pregnant with the past” (189).

⁴¹ Para Latour, os modernos, para que compreendam a si mesmos, precisam levar mais a sério o trabalho desses intermediários ou híbridos. É necessário dar o estatuto de sujeito aos híbridos e perceber como a natureza está intrinsecamente ligada à construção da sociedade (47). Dessa forma, deixaríamos de historicizar apenas o homem e passaríamos a incluir a história das coisas naturais (81), levando em conta tanto os humanos quanto os não humanos e a maneira como eles estão interligados na construção do coletivo ocidental e de outros coletivos. Por último, Latour advoga que Natureza&Cultura não sejam vistas como termos explicativos, mas sim como aquilo que agencia uma explicação conjunta (80). Sua antropologia simétrica estabelece o princípio de que tanto a natureza quanto a sociedade precisam ser explicadas, e que essa explicação, segundo Latour, parte do centro, dos quase-objetos, ou melhor, dos híbridos de humanos e não humanos.

⁴² Maguari é uma das 25 comunidades pertencentes à Floresta Nacional de Tapajós (Flona), uma Unidade de Conservação Federal, localizada às margens do rio Tapajós. A Flona Tapajós possui uma área de 549.066 hectares, com mais de 160 quilômetros de praias. Em toda a área da Flona, há uma grande diversidade de paisagens: rios, lagos, terras alagadas, terra firme, colinas, planaltos, mata, campos, açazais, etc. Possui cerca de cinco mil habitantes tradicionais, entre todas as comunidades à margem do rio, populações com suas próprias tradições culturais.

⁴³ Visando ao campo da ação, os textos pragmáticos se orientam para além de si mesmos. A recepção de tais textos implica, portanto, a passagem para uma disposição de ação de complexidade crescente. O texto pragmático, por assim dizer, deve ser esgotado. Nisso, em cada momento da recepção, a figura recepcional, até então processada, se converte em condição para a seguinte, com vista a um horizonte de ação, que cada vez mais se especifica e condensa. O texto pragmático é centrífugo e esse seu caráter se acentua quanto mais imediata seja sua intenção pragmática (Stieler, 130).

⁴⁴ Mário de Andrade opõe-se à ideia de caráter ao fazer uso do termo entidade e não identidade. Entidade é uma representação coletiva mais profunda que não pode ser excludente. Entidade remete-nos a um *ethos*, ou seja, aquilo com que os grupos humanos se auto significam e também aquilo que compreendem que são em relação aos outros. Entidade não depende do Estado ou de uma organização política. Trata-se de uma estrutura duradoura, ainda que se individualize em cada um de nós, e segue sendo uma estrutura da sociedade.